



LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.
LISBOA — COIMBRA — FARO

Sala 2
Est. 1
Tab 7
N.º 25

INV.-N

3466

Jamaica

RESUMO HISTORICO

ACERCA DA .

ANTIGA INDIA PORTUGUEZA





RESUMO HISTORICO

Á CERCA DA

ANTIGA INDIA PORTUGUEZA

Acompanhado de algumas reflexões concernentes ao que ainda possuímos

NA

Asia, Oceania, China e Africa

COM UM APPENDICE

POR

SEBASTIÃO JOSÉ PEDROSO



LISBOA
TYPOGRAPHIA CASTRO IRMÃO

31 Rua da Cruz de Pau 33

1884



2277

2277

RC
MUCR
94
PED



ADVERTENCIA E CONVITE

Ao compor e escrever este meu *Resumo historico ácerca da antiga India portugueza*, ou dos feitos que os portuguezes praticaram no Oriente, comprehendendo-se tambem debaixo d'essa denominação a Oceania e a China, foi o meu intento apresentar, em breve quadro, os principaes factos das respectivas descobertas e conquistas, a começar pelo Cabo da Boa Esperança, decorridos durante um longo periodo, e expurgados quanto possivel de exagerações por um lado e por outro de disfarces, seguindo a Gaspar Corrêa, que por muitos motivos tenho por um auctor verdadeiro e consciencioso.

Parece-me que essa qualidade compensa bem o pouco limado do estylo das suas *Lendas da India*, em cuja circumstancia possa alguém reparar. Entes infalliveis e perfeitos em tudo não os ha cá n'este mundo; mas se effectivamente uns falham mais do' que outros, segue-se que alguma preferencia se ha de dar.

Embora sejam somenos os meus dotes, o certo é existir comtudo em mim desenvolvido o sentimento do razoavel e do justo, de que tenho dado provas, e designada-

mente as dei por muitos annos no exercicio de cargos publicos, chegando a sacrificar-me e a soffrer acerbos desgostos pela fiel execução de taes principios; por consequencia tambem agora repugnando-me ver que pôde ser desvairada com adulações fallazes e com patranhas a mocidade estudiosa, a escolar sobre tudo, á qual certamente mais mal fará a adulteração de factos (venha d'onde vier), do que a deslindeza ou o desprimor do estylo, com quanto este por nenhuma fórma se deva desprezar. Com o que deixo dito creio dar alguma garantia do modo conveniente e serio como julgo proceder n'esta minha obra.

Tambem desde já advirto, que prefiro apontar dúvidas, onde as tenha, a encobrir ou calar o que me conste.

Sob este aspecto é que poderá ter maior valor intrinseco a minha obra, sobresaindo ou singularisando-se os successos mais duvidosos que indico. Principalmente quanto a dois ou tres d'esses relevem-me os sabios da audacia de os expor á sua consideração; e em especial dedico á nossa mocidade estudiosa este meu trabalho, que não será de todo inutil, nem indigno das suas attenções, segundo penso.

Referirei agora, por ser indispensavel esta declaração, um facto assaz estranho que me aconteceu, andando-se a tratar sobre a admissão da minha obra para as escolas; e vem a ser, que perdi repentinamente a sympathia de um membro influente d'uma corporação consultada, do mesmo que tão entusiasmado se me mostrou antes, *ao ponto de me felicitar pelo seu acabamento*. O ensejo melhor para a publicar pelo que respeita á confrontação que fazia, e ainda faço das *Lendas da India* de Gaspar Corrêa, com os *Lusiadas* de Luiz de Camões, ha muito que tinha passado, um dos inconvenientes que tive, *apesar de se me reconhecer como importante e feita pela primeira vez essa confrontação*, promettendo-se tambem *um arrolamento d'esta e outras obras*, mas que nunca se fez, por occasião das festas do Centenario de Camões... Mandaram-me apontar depois

umas irregularidades no meu dizer, sem se metter em conta o que eram erros typographicos... Finalmente a edição da minha obra estava perdida... Tinham decorrido n'essa contestação surda, n'essa lucta á calada, nada menos que tres annos... E não havia já a esperar uma saída airoza por meio de tal expediente... Mas tambem tive culpa em me confiar demasiado em alguém, descuidando-me n'isto por mais de uma fôrma, para me dar a outros cuidados. Comtudo não desisti de fazer esta nova edição, como se vê, e não obstante a maior despesa á minha custa, realisadas algumas ampliações, e feitos outros melhoramentos.

D'esta vez o meu *Resumo historico* e um *Appendice* saem mais revistos, assim como em partes se acham ambos escriptos mais livremente, ao mesmo tempo emendando-se anteriores descuidos meus, e não menores erros typographicos e descuidos de revisão da outra edição. Se fui um dos descuidados, por isso tambem lhe soffri as consequencias; não o pagou mais ninguem; mas ao menos resultam aquellas enumeradas vantagens, não sendo tudo transtornos, situação esta com que já me satisfaço e me conformo.

Solto dos embaraços que o retinham e prendiam, resurge emfim o meu pobre *Resumo* d'entre as torturas porque passou, desde a primeira impressão até áquelle consulta a que alludi, ao cabo de um comprido triennio, e de mais algum tempo preciso para se concluir esta edição! Mas que mal tinha eu feito áquelle senhor, que tão facilmente passou a antipathisar comigo e com a minha obra? Não gostaria por ultimo d'algumas observações que fiz, nem da citação d'uma carta do duque d'Avila e de Bolama, e ainda menos gostaria (fragil questão de gostos!) do meu *Appendice*, e d'um ou outro meu reparo... Era melhor porém que o dissesse antes... Pois não teve razão... O que fez foi provar-me mais que eu é que a tenho, mantendo por isso o que escrevi, e até mais accrescentado.

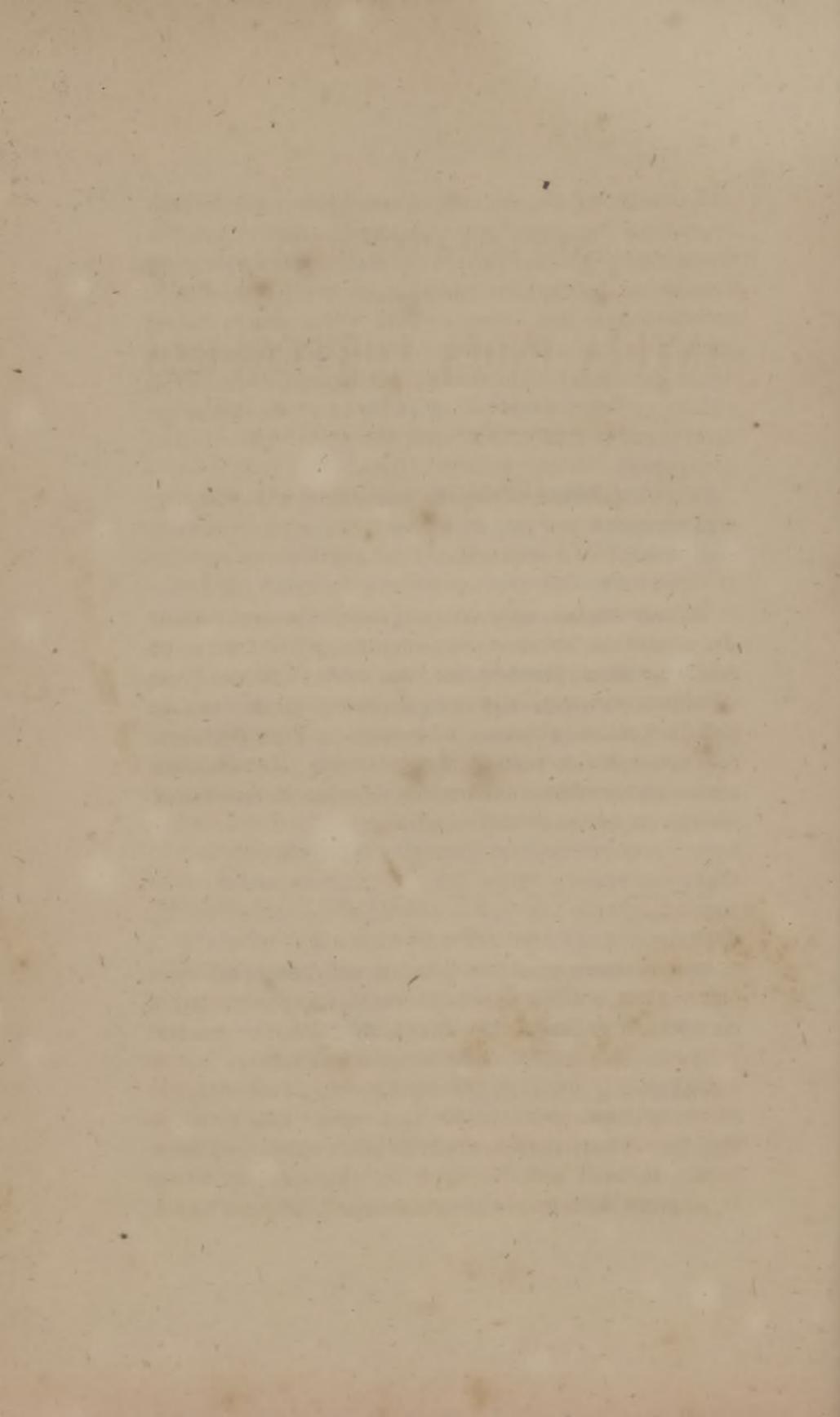
Pequenas divagações todos as tõem, e sempre foram per-

mittidas d'alguma maneira. Maiores tambem se encontram em auctores conspicuos. Um bello quadro do nosso antigo poderio no Oriente inseriu-o o padre Antonio Vieira na sua notavel *Arte de furtar, Theatro de verdades, etc.*, onde nunca eu pensava achar tal coisa. Diogo de Couto, escrevendo brevemente, como elle proprio diz, a vida de D. Paulo de Lima Pereira, que esforçadamente militou na India já depois do anno da 1558, e afinal veiu a naufragar na Costa d'Africa Oriental e a morrer entre cafres, aproveita-se d'esta circumstancia para apresentar na sua *Chronica* uma tirada topographica, relativamente extensa, com referencia a alguns estados da Cafraria. Acabo de ler n'um ultimo publicado volume da famosa *Historia da guerra civil em Portugal*, do respeitavel octogenario Simão José da Luz Soriano, felizmente ainda vivo, uma desenvolvida e bem feita descripção da cidade do Porto, que lhe toma um grande espaço do seu livro, aliás destinado mais especialmente a outros assumptos. Que muito, pois, que eu tambem ás vezes divague um pouco?! Basta-me agora pôr sómente esses tres exemplos de mestres, dois antigos e um recentissimo. Exemplos d'estes não faltam; são innumeraveis por toda a parte. Juntamente o espirito tira partido de certas divagações ou digressões, distrahindo-se de longe a longe, e volvendo mais fresco e diligente a proseguir na sua anterior tarefa.

Empreguei toda a possivel diligencia em colligir datas e nomes de individuos, o que não pouco interessa a esta minha resumida *Historia*, debaixo do ponto de vista em que a encarei, e o que tambem pratiquei para os curiosos verem, não despresando os nomes que pude saber de uns nossos mais pequenos antigos portuguezes, participantes em aventureosas lides no Oriente, para só mencionar os de uns grandes, como outros fizeram, o que poderão verificar alguns de seus descendentes, que ainda existam, a quem mais particularmente isso convenha; escrevendo mesmo al-

gumas palavras em separado relativamente a uns forasteiros que os ajudaram, e de que digo os nomes ou appellidos, com o que mais essas novidades apresento; como igualmente submetto a juizos imparciaes e intendidos a apreciação que faço, quanto a quem caiba a honra da descoberta da Australia, coisa que tem andado controvertida, e em que ainda se questiona, investigando ácerca d'este e d'outros factos duvidosos, segundo os meios que se me depararam, e conforme o comportam os limites de que posso dispor.

Este meu *Resumo historico* ainda representa e significa uma promessa, porque, se for aceito, essa occorrença facilitará bastante a apresentação do meu *Mosaico*, outro livro que tenho em mente publicar, cuja minuta ha muito se acha prompta, contendo variadissimos artigos, muitos d'elles sobre principios e outros assumptos de interesse geral. Aos somenos tambem acontece caber distincção, como vi ha pouco succeder a um simples tenente da marinha dos Estados Unidos da America, festejado em Paris pelos seus serviços de ida ao polo do norte. O peor para mim é que n'este meu mister nem chegarei a graduação semelhante, ficando em soldado raso, mas no emtanto soldado leal e firme, e encanecido honradamente nos trabalhos da vida... Creio que assim o posso dizer... De resto, n'esta minha obra se acharão interessantes noticias que se encontram dispersas por differentes obras; e principalmante convido os nossos jovens escolares, e outra mocidade estudiosa, a que a vejam e a leiam reflectidamente, não por quem sou, mas pelas questões e variedades instructivas que encerra.





RESUMO HISTORICO

Á CERCA DA

ANTIGA INDIA PORTUGUEZA

Acompanhado de algumas reflexões concernentes ao que ainda possuímos

Na Asia, Oceania, China e Africa

COM UM APPENDICE

Em que exponho os principaes e mais curiosos successos das navegações, descobertas e conquistas, feitas pelos portuguezes na India, partindo pelo Cabo da Boa Esperança, com declaração de varias armadas que para lá foram; e em que pela confrontação do poema dos Lusíadas de Luiz de Camões, com as Lendas da India de Gaspar Corrêa, juntamente pretendo mostrar a sua conformidade e harmonia, exceptuando em dois ou tres casos mais salientes.

(Os *Lusíadas* e as *Lendas da India*, esta ultima obra em 8 grandes volumes, com estampas.)

Bom é consignar aqui em primeiro logar, ainda que muito ligeiramente, referindo-me a observações e esclarecimentos da «*Noticia preliminar das Lendas da India*, escripta pelo benemerito academico e meu antigo amigo Rodrigo José de Lima Felner», o qual dirigiu a publicação da referida obra por encargo que para isso teve da Academia Real das Sciencias, que Gaspar Corrêa, sendo de pouca idade, embarcou para a India no anno de 1512, na companhia do fidalgo D. Jorge de Mello Pereira, o qual no mez de março d'aquelle

anno partiu de Lisboa capitaneando uma armada de onze naus e um navio mais pequeno, com destino a Cochim, onde com ella chegou a 20 de agosto, menos a nau de Francisco Nogueira, que se perdeu entre as ilhas de Ancoja, tendo a armada tocado em Gôa. Esse fidalgo, despachado por el-rei D. Manuel para capitão de Cananor, foi mettido na posse d'essa capitania, em setembro seguinte, pelo famoso Affonso d'Albuquerque.

As *Lendas* tratam dos successos relativos á nossa India nos primeiros cincoenta e tres annos, a contar desde a partida para o descobrimento; e parece que Gaspar Corrêa ainda trabalhava no aperfeiçoamento das mesmas *Lendas* no anno de 1561.

Elle foi amanuense ou escrivão do illustre governador Affonso d'Albuquerque, sem se eximir quando era preciso aos trabalhos e perigos da guerra. Havia dezeseis annos que se tinha descoberto a India, quando elle lá chegou; viu grande parte dos factos que relata; sobre outros consultou memorias e diversos documentos que estavam em poder de mouros e de gentios; e dos mais escreveu ou na presença de outros documentos, ou por differentes informações que teve, reputadas fidedignas.

Á semelhança do nosso maior historiador¹ que, para a introdução á sua *Historia de Portugal*, se soccorreu de chronicas e memorias de godos e de arabes, o nosso Gaspar Corrêa foi de proposito a Cananor, e a outras partes, para examinar memorias e colher outras noticias, entendendo-se a esse fim com mouros e gentios capazes, ajudando-se de tão valiosos meios de observação e estudo, para com taes elementos enriquecer a sua obra.

Só por isto se vê quanto ella deve ser interessante, á parte o estylo d'esse auctor, ou a maneira de se expressar, segundo o seu uso e a epoca em que viveu.

¹ Alexandre Herculano na introdução á sua *Historia de Portugal*.

O manuscripto das *Lendas*, já difficil de decifrar em muitos logares, foi encontrado na Torre do Tombo, e, como disse, louvavelmente mandado publicar pela Academia Real das Sciencias, entre os annos de 1858 a 1866, em oito grandes volumes separados, auxiliada essa publicação, quanto á despeza, pelo governo.

Eram originaes os volumes do manuscripto de Gaspar Corrêa, menos o primeiro, que estava por copia. Quasi trezentos annos depois de escriptas as *Lendas*, é que pôde fazer-se a sua publicação pela imprensa. . . Estiveram esquecidas ou retidas d'essa fôrma por tanto tempo! e ainda devemos congratular-nos, por se não ter de todo sumido ou perdido tão valiosa obra.

O meu amigo Felner attribue o mais grave obstaculo que retardasse a dita publicação á mingua de recursos pecuniarios. Eu vou por outro caminho. Quem sabe se isso proviria, principalmente, de influencias de outra epoca, por Garpar Corrêa se expressar ás vezes com grande liberdade e desassombro, dizendo grandes verdades, supprimidas ou desfiguradas n'outras historias?

Concordo com algumas das reflexões philosophicas da *Noticia preliminar*, e não ha dúvida que se devem evitar rigores excessivos, sendo para lamentar os que se realisassem no tempo das descobertas e conquistas dos portuguezes na India.

Em regra, assim deve ser; o ponto porém é que fossem absolutamente indispensaveis ou inevitaveis os rigores, differencando-os dos rancorosos e desnecessarios, só para satisfação de indoles crueis, ou para apagar a sêde maldita de vinganças.

Mas em geral quanto differentes foram os motores dos heroes que na India illustraram o nome lusitano!

Sobre tudo o amor da patria e da gloria os impelliu; e, mau grado de seus detractores, ou dos illudidos, nunca se poderão esquecer, e menos eliminar da historia, grandiosos feitos que o provam.

Pelos arabes musulmanos, e por outros sectarios do Alcorão, profusamente espalhados por todo o Oriente, dominada a inerte raça indiana, por elles que (seja dito francamente) até em remotos tempos se haviam ousadamente installado aqui na nossa bella Peninsula, representando uma civilisação mais forte do que a d'aquelles; dispondo de muito maiores recursos do que os das fracas e miseras raças indigenas d'essas partes da India; estando senhores absolutos das individualidades, do terreno, da força, do commercio, das riquezas, era por fim necessario um immenso esforço n'outros emprehendedores estranhos para atacarem e deslocarem todos esses grandes obstaculos.

E se isto positivamente assim é, como não augmentam de proporções assombrosas, e quasi incriveis, taes estorvos, attendendo-se a que, além d'aquellas vantagens de que gosavam os mouros na India, accrescia o apoio do então florescente imperio ottomano, mandando pelo mar Roxo, de conta propria, ou de accordo com o Egypto, em suas galés, os aguerridos rumes, contra os novos emprehendedores lusitanos, inflammao do esses bellicosos barbaros, e outros, em prejuizo da nossa gente, do que serão eternas testemunhas o porto e a enseada de Dio e as costas circumvisinhas?!

Pois, por assim dizer, alguns pequenos destacamentos de homens d'armas portuguezes, em relação ás enormes multidões que os acommettiam, obraram o prodigio!... Os lusitanos, vencendo na India, ao mesmo tempo que subjugavam os dominadores mahometanos de varias raças n'essas partes orientaes, venciam conjunctamente os turcos e os egypcios colligados... Oh! isso foi grandioso, foi de um innegavel heroismo!

O emporio do riquissimo commercio indiano, que se fazia pelo estreito de Meca ou do mar Vermelho, e por intermedio do Egypto e da Turquia, o emporio de Veneza, por uma evolução rara, passou a ser substituido pelo de

Lisboa, tudo isto obra dos valentes êmprehendedores portuguezes. E viram-se então curvar todas as nações admiradas e respeitosas ante o pendão lusitano e depender d'este emporio, que mais tarde, como consequencia de erros e incurias, havia de fatalmente ceder á Inglaterra o seu predominio.

Da lucta collossal que os nossos sustentaram, e em que com tanta galhardia triumpharam de mouros, turcos, rumes, arabes e outros, no Oriente, surgiram o engrandecimento de Portugal, a ampliação do christianismo, os mais largos conhecimentos geographicos, e um vastissimo commercio, por cujo influxo se formaram as bases das mais ricas e nobres casas de Portugal, de que ainda existem representantes, e outras casas abastadas, tendo tambem sido escola militar de mar e terra e grande auxiliar de diversas artes e officios.

Bem empregados esforços e resultados, embora algumas sombras que momentaneamente lhes empanassem os brilhos!

Na Asia, assim como na Africa, emularam os portuguezes em feitos grandes e gloriosos, tendo sempre em ambas as partes por mais temiveis inimigos os mouros, pelo que não se pôde dizer, conforme parece terem alguns querido insinuar, que só fosse para elles escola militar a Africa, de algum modo desfazendo nas difficuldades e nos perigos corridos na Asia, devendo-se porém confessar que uma coisa predispoz para a outra.

Em concorrência com os feitos de Alcacêr-Seguer, Arzila, Tanger, Ceuta e Azamor, em Africa, aponto as tomadas de Ormuz e Malaca por Affonso de Albuquerque na India, e mais os combates de Duarte Pacheco Pereira nas terras e nos rios de Cochim, a tomada de Bintão por Pedro Mascarenhas, e a das obras fortificadas de Coge Sofar, no arraial mourisco em frente da nossa fortaleza em Dio, e levantamento do grande cerco d'essa mesma fortaleza no tempo

de D. João de Castro na mesma India. Sem fallar agora aqui de acções navaes, tambem podem considerar-se batalhas notaveis em terra os combates feridos na cidade de Mombaça por Tristão da Cunha e Affonso de Albuquerque, nas terras de fóra de Gôa por Antonio da Silveira e D. João Pereira, em Ugentana e na defesa de Malaca, atacada pelos ferozes achens, por D. Estevão da Gama, em Coulete e Calecut, por D. Henrique de Menezes, nas ilhas Molucas, na Óceania, contra as forças reunidas de tres reis, por Antonio de Sousa Galvão, e por outros, n'outras partes, cujos combates foram dados relativamente por poucos contra muitos, tomando-se á escala posições fortes, e praticando-se um sem numero de outras memoraveis gentilezas. De accordo, se a referencia á escola d'África foi pela precedencia no exercicio das armas, habilitando para alguns as jogarem com vantagem na India, e n'outras partes, mas assim mesmo taes houve, que, andando bem na Africa, nada fizeram de geito na India, sendo um d'estes, por exemplo, o governador D. Duarte de Menezes, por variar de procedimento, como veremos, apesar do que outros querem dizer. As dedicações, e naturaes aptidões, em muitos dos nossos antigos apprehendedores, é que fizeram ali obrar prodigios.

Gaspar Corrêa é o mais antigo historiador da India, pisando as terras do Oriente uns tres lustros antes do chronista Fernão Lopes de Castanheda.

No seguimento d'este meu trabalho terei ainda de fazer algumas referencias á indicada *Noticia preliminar* do meu amigo Felner, sentindo não poder elle já ver o que digo n'esta publicação, por haver fallecido dias antes d'aquelle em que ultimei a competente minuta.

Era um perfeito homem de bem, lhano e sisudo, e de reconhecido prestimo.

PRIMEIRAS TENTATIVAS

REINADO DE D. JOÃO II

Pedro da Covilhã e Gonçalo de Pavia

Annos de 1484 a 1487

Escrevo «Pavia» conforme Gaspar Corrêa, o qual dá a esse individuo origem estrangeira, e não «Paiva» como alguns escrevem.

Previno tambem que ao Gonçalo outros chamam Affonso, o que declaro para não deixar de ir notando as discordancias.

Por mais singular que a alguém pareça a narração de Gaspar Corrêa, ácerca do seguinte caso estranho, descurodo, ou pouco sabido, relativo a um rei ou senhor de Benim, elle nos declara da maneira a mais positiva e explicita, que no reinado de D. João II, e anno de 1484, veiu a Portugal, e fez-se christão, com varios dos seus, um cafre rei de Benim, na costa d'Africa, que contou muita coisa da India e de outras partes, dizendo que havia o rei Preste João da Abyssinia, que era christão, e muito rico, o que suggeriu a idéa de se mandarem á descoberta da India e das terras do Preste João um Pedro da Covilhã e um Gonçalo de Pavia, moços de estribeira d'el-rei D. João II, para averiguarem o que de certo haveria a tal respeito, dando-se a ambos algumas pedras preciosas, para com o producto da

sua venda irem fazendo os seus gastos, e a cada um d'elles uma medalha de latão, com o seguinte distico, em diversas linguas — EL-REI D. JOÃO DE PORTUGAL, IRMÃO DOS REIS CHRISTÃOS — para lá por fóra mostrarem, e se acreditarem como creaturas de el-rei de Portugal.

O caso de não ser o rei de Benim que veio, mas um seu embaixador, é relatado por outros auctores, e n'um estrangeiro¹ li, que morreu lá de doença João Affonso de Aveiro, que estava disposto a trazer no seu navio o embaixador e os de sua comitiva.

A partida dos referidos dois aventureiros Pedro da Covilhã e Gonçalo de Pavia faz-se ter sido em 1487.

E o mais é que effectivamente Gaspar Corrêa, com referencia áquelle acontecimento do rei de Benim e a D. João II, falla com tal segurança que até accrescenta estas palavras: «... como em sua chronica deue ser recontado» como se dissesse deve ser bem expresso, ou confirmado.

Ao contrario do que pareceu ao fallecido meu amigo Felner, na sua *Noticia preliminar*, permitta-se-me observar que não julgo que sem toda a certeza se possa taxar de romanesco esse tão positivo dizer d'aquelle auctor, em quem o mesmo meu amigo, todavia, reconheceu a devida seriedade e outros predicados, merecedores de serem tidos em boa conta, nem tambem que se deva formar desfavoravel juizo com respeito a mais algumas de suas asserções, que, sendo no fundo exactas, possam discrepar n'uma ou n'outra circumstancia.

Seguiram para Italia os ditos dois exploradores lusitanos, Pedro da Covilhã e Gonçalo de Pavia, e d'ahi para a Turquia. Em Meca separaram-se. O segundo, de origem castelhana, é natural de uma das ilhas Canarias, foi ter á India, e morreu em Ormuz, sem nada communicar para Portugal, como melhor direi ao diante; o primeiro foi pelo

¹ Major, *Vida do Infante D. Henrique, Colonias da Africa e da Asia.*

Egypto, até chegar ás terras do Preste João, «que se correspondia com Roma», segundo nos diz Gaspar Corrêa. Chegou á còrte do mesmo Preste, por quem foi bem tratado, o qual porém não consentiu em deixal-o sair, e só lhe prometeu que, por intermedio de Roma, mandaria noticias a Portugal. Tudo isto é no sentido referido por Gaspar Corrêa.

O Preste João, ou o Negus, que alguém tem querido fazer passar por um individuo supposto ou mysterioso, existia effectivamente e era considerado como imperador da Abyssinia, na alta Ethiopia, e ver-se-ha que outros portuguezes estiveram com elle, como tambem darei mais esclarecimentos a seu respeito.

Luiz de Camões allude áquillo no seu poema dos *Lusíadas*, do seguinte modo:

«Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram
Onde já foi Parthénope enterrada;
Nápoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes subjugada,
Pela illustrar, no fim de tantos annos,
Co'o senhorio de inclytos hispanos.»

E depois remata, dizendo:

«Lá morreram, enfim, e lá ficaram,
Que á desejada patria não tornaram.»

Tome-se mentalmente nota d'isto por causa do que ainda terei de observar sobre este objecto.

Por outro lado Gaspar Corrêa faz-nos conhecidas algumas particularidades interessantes de um *Janinfante*, ou João Infante, dizendo que D. João II fez partir este habil aventureiro com quatro caravelas, para ir por Benim, correndo pela costa d'Africa, o qual navegando por ali, tanto andou até que a costa foi voltando para o mar, achando os ventos

contrarios, e porfiando em voltas, ora para a terra ora para o mar, com grandes temporaes, e tão grandes mares «*que lhe xomyão os navios*», pelo que regressou passados alguns mezes, sem chegar a descobrir o Cabo da Boa Esperança, pedindo navios maiores, e dizendo «*que se leuára navios altos, que fóra muyto ávante, por que quando tornaua a ver a terra achaua terras que nom tinha visto, etc.*» E andando-se na diligencia de se construirem outros navios, á vontade de João Infante, este adoeceu e morreu.

El-rei, como prova da muita confiança que elle lhe merecia, havia-lhe dito: «*Vós manday fazer os navios á vossa vontade, e tornareys a descobrir este Cabo da tam bõa esperança que me days . . . e fez pagar os nauegantes que coele forão, aos quaes pôs grandê defesa que nom sayessem fóra do Reyno, porque auião de yr com Janinfante em outra armada, que auia de tornar a mandar a descobrir o Cabo da Bõa Esperança, que coas caravellas nom poderão descobrir*», etc.

Repare-se . . . «que o havia de tornar a mandar ao descobrimento do Cabo», o que era a prova mais cabal de distincção e de ter absoluta confiança n'elle.

Admira-me não terem fallado n'isto os auctores modernos, que tenho lido, collocando Gaspar Corrêa a João Infante em logar eminente, e como sendo o primeiro em relação áquella empresa.

Cumpre não obstante aqui advertir, que o geral é dizerem os auctores que foi Bartholomeu Dias quem descobriu o Cabo,¹ indo por chefe de uma expedição de tres navios, em 1486, elle n'um, e por capitães dos outros dois seu irmão Pedro Dias, e Lopo ou Pedro Infante, fallando-se até em João Infante, mas parece que este era já fallecido, havendo dúvida, como se vê, quanto ao verdadeiro nome do capitão do ultimo navio.

Nota mais que na passagem da *Lenda* de João Infante,

¹ Pedralvares tambem o diz n'um seu manuscripto.

logo no principio do primeiro livro da obra de Gaspar Corrêa, se guarda o mais completo silencio a respeito de Bartholomeu Dias. Naturalmente falta ali alguma coisa, e talvez a omissão provenha do copista, visto, como já disse, ser copia o primeiro livro das *Lendas*, em que apenas se falla de Bartholomeu Dias quando se trata da armada de Pedro Alvares Cabral, depois da descoberta da India por Vasco da Gama, sendo o dito Dias simplesmente capitão de uma das respectivas naus.

Não sejam taxados de leves miudezas estes meus reparos, por quanto envolvem questão delicada e de interesse para a historia, não sendo indifferente o conhecer-se até que ponto bem mereceram Bartholomeu Dias e João Infante, ou o grau de merecimento que a cada um possa tocar.

Que o preferido por D. João II para ir á famosa descoberta do Cabo da Boa Esperança, e das terras orientaes ou á India, era João Infante, attestam-n'o o encargo referido d'aquella primeira expedição, e a ordem formal d'el-rei para elle tornar outra vez, assim que estivessem promptos os novos navios mais altos, como tambem a affirmação de Gaspar Corrêa, dizendo, em summa, n'uns seus itens: «que João Infante tinha as boas graças d'el-rei, que era habil navegador, dando a entender que muito confiava n'elle, e que por isso o havia escolhido e nomeado», etc.

O que tambem me surprehende, n'este assumpto do descobrimento do Cabo por Bartholomeu Dias, é o que escreve um moderno auctor estrangeiro,¹ que em varios logares se consulta com proveito.

Diz assim: «O seu piloto (o de Vasco da Gama) Pedro d'Alemquer, que esteve com Bartholomeu Dias no primeiro descobrimento, não soube dar-lhe noticia do Cabo, porque n'aquella viagem navegaram para o sul, muito afastados da terra, e na viagem de volta passaram por ali de noite. Além

¹ Major.

d'isto o mau tempo, que Bartholomeu Dias encontrou nas proximidades do Cabo, obstou a que fizesse as observações que teriam ajudado Vasco da Gama a determinar a distancia da ponta do sul. Comtudo Pedro d'Alemquer calculava-a aproximadamente em coisa de 30 leguas.»

Conforme o mesmo auctor, Vasco da Gama, na ida, achava-se n'uma enseada áquem do Cabo, e pretendia saber de Pedro d'Alemquer a que distancia ainda estaria da ponta do sul do Cabo.

Ora, tudo aquillo é um tanto vago e incerto, e se se juntar a isso outro dito do mesmo auctor, como associando Vasco da Gama na diligencia da descoberta do Cabo ou do complemento d'ella, ao mesmo passo que se lê em Gaspar Corrêa o que já se viu, isto é, em poucas palavras «que se não fallecesse João Infante teria este de ir outra vez em demanda do Cabo», tudo isto, digo, deixa perplexo o meu espirito, inclinando-me a crer que para a apotheose de Bartholomeu Dias falta alguma coisa.

Principalmente depois do que li no alludido auctor estrangeiro, pareceu-me mais pequeno Bartholomeu Dias, e ainda maior Vasco da Gama do que antes se me representava, apesar do dito auctor ser um dos que nomeiam Bartholomeu Dias por descobridor.

O mesmo piloto Pedro d'Alemquer não se me afigura tão digno de louvor, como pareceu a um nosso muito notavel escriptor contemporaneo,¹ que muito o elogiou.

Exponho as minhas impressões como as sinto, e onde não vejo bem claro procuro entender e esclarecer-me, comparando entre si as differentes narrativas de alguns auctores.

Estou persuadido que houve transtorno no logar apontado do dito primeiro livro das *Lendas*, por copia, onde está a *Lenda* de João Infante, ou salto do copista, ficando deficiente e pouco perceptivel tal passagem.

¹ Pinheiro Chagas, n'um seu livro de *Historia*.

Mas que haveria n'esse logar do original? Creio que nem eu nem ninguem hoje o poderá dizer, se aquelle original se sumiu de todo, ou foi destruido, como se acredita.

Diversos auctores referem que foi no regresso da expedição de 1486, tendo-se estado no Ilheu da Cruz, e descobrindo João Infante (que parece que era o Lopo ou o Pedro) um rio, a que se poz o nome de «Infante» que Bartholomeu passou, já em 1487, pelo Cabo das Tormentas, bem como que na ida o transpoz, sem o saber, correndo ao largo com uma tempestade que lhe deu.

Confessando achar confusa e como mutilada a passagem da *Lenda* de João Infante, por Gaspar Corrêa, que, a meu ver, devia estar ampliada, ou ser seguida de algumas palavras ácerca de Bartholomeu Dias, como descobridor do Cabo, comtudo persuado-me poder dizer já: 1.º que na armada de tres navios, com a qual se diz que Bartholomeu Dias descobriu ou passou o Cabo, havia de ter ido Lopo ou Pedro e não João Infante, por parecer que já era fallecido, em vista do que diz Gaspar Corrêa; 2.º que João Infante, se não tivesse morrido tão cedo, teria de ir á empresa de Bartholomeu Dias para descobrir o Cabo, n'uma segunda viagem, indo até porventura ao apprehendimento depois commettido a Vasco da Gama, visto o grande credito de que goçava perante D. João II e a muita estima que este lhe tinha.

Levam-me a este resultado os significativos dados, postos por mim antecedentemente, extrahidos das noticias de alguns auctores e combinados entre si.

Achei n'uma obra d'um escriptor moderno,¹ que foi Pedro Infante quem saltou no rio d'esse appellido, vindo a ser o descobridor, como eu suppunha, a não ser o Lopo, e pela razão de Gaspar Corrêa me dizer que já era morto o João Infante, o que vem a concordar com a declaração

¹ *Viagens á China*, por Carlos Caldeira.

de Gaspar Corrêa, pelo que tem isto maior valor, mas diz também aquelle primeiro auctor, que ia juntamente na expedição o João Infante, n'este ponto parecendo haver engano.

E no entanto ainda porei o teor de parte de uma nota exarada n'um documento genealogico de que um amigo me deu obsequiosa informação. •

«... João Infante, que se creou em casa do Infante D. Henrique, era chamado o do Infante, o que lhe ficou como appellido, e este mesmo nome foi posto ao rio que elle primeiro avistou em Africa, na altura de 24 graus, indo por capitão de um navio com os dois irmãos Bartholomeu e Pedro Dias, na occasião de descobrirem o Cabo Tormentoso, ou da Boa Esperança.»

Isto parece desfazer o que eu havia architectado, quanto á descoberta do rio, mas como quem lançou aquella nota seguiu em parte a alguns auctores, apesar do que outros dizem, deixo por isso como estava o que eu tinha escripto; é porém sobremodo preciosa a nota quanto á noticia do appellido Infante, e bem merecedora de ser aqui mencionada essa circumstancia.

Continuo a observar, que mal se pôde conciliar o dito d'essa descoberta do Cabo, então, com a sabida declaração de Gaspar Corrêa, de que João Infante estava para ir outra vez a esse descobrimento em novos navios, quando adoeceu e morreu.

D. João II tinha motivos para confiar em João Infante, estimado do sabio infante D. Henrique e educado em sua casa. Era o infante D. Henrique o 3.º filho de D. João I, militou com distincção em Africa, devendo-se-lhe a iniciativa na descoberta da ilha da Madeira, das ilhas dos Açores, e de 370 leguas desde o Cabo Bojador até Serra Leôa, na Costa d'África occidental. Foi instituidor de uma escola nautica em Sagres, no Algarve, e morreu em Lagos em 1460. A este, ao pae, e aos mais seus filhos, pôde-se bem

chamar uma familia de heroes. Ao diante darei a este respeito mais alguma noticia, segundo os meus apontamentos.

Em quanto não percebidas ou não confirmadas, todas as opiniões se podem ter por singularés, sem se poderem chamar inexactas. Quantas vezes se tem roubado a gloria a quem ella caberia, ou impedido de a alcançar? e não era simplesmente com a descoberta d'um rio que João Infante a alcançava.

João Infante morreu depressa e inesperadamente, sem estarem promptos os novos navios para proseguir na sua transcendente incumbencia. Quem sabe se até o perderia a amisade que D. João II lhe tinha pelo bom conceito que d'elle formava?

Não desejo que me tenham por temerario; não obstante, é-me licito manifestar os meus reparos e as minhas dúvidas, e hei de fazel-o sempre que o julgue necessario.

É, não o nego, ponto assente por varios auctores, que foi descoberto o Cabo da Boa Esperança por Bartholomeu Dias, de 1486 para 1487, indo com seu irmão Pedro, e representando-se ser João, ou Lopo, ou Pedro Infante, quem n'essa mesma occasião descobriu um rio, e primeiro saltou na sua margem, em acto de posse, voltando para traz a expedição, composta de tres navios, de que eram capitães Bartholomeu e Pedro Dias, e um dos ditos Infantes (creio que era o Pedro), a instancias das tripulações dos mesmos navios, com medo de um mar de «cerrações e trevas, em que andavam.»

Da obra do talentoso escriptor contemporaneo, a que já me referi,¹ copio aquellas ultimas palavras, o qual, quanto ao auxilio á expedição, prefere decididamente o piloto Pedro d'Alemquer, que ia com Bartholomeu Dias, a cujo piloto tece taes encomios que até lhe concede «a maior gloria!!!»

Não deixa de ser ponderoso e grave este incidente.

¹ Pinheiro Chagas.

Assim por um dos seus mesmos panegyristas fica por fim reduzido a bem pouco o merito de Bartholomeu Dias. É como se se collocasse alto um idolo para depois ter o prazer de o derribar d'essa eminencia.

É o que se me representa á imaginação, sem com isto querer de modo algum depreciar os raros dotes litterarios d'esse auctor nem fazer-lhe a minima offensa.

Expuz a hesitação que ha até em se fixar qual dos tres, João, Lopo, ou Pedro Infante, e mais propriamente, a meu ver, qual dos dois ultimos foi por capitão de um dos navios da segunda expedição ao Cabo da Boa Esperança e descobriu um rio, tanta é a difficuldade que quasi sempre acompanha o exame de factos de epochas remotas, e o que tenho dito e ponderado foi por não deixar sem alguma analyse este assumpto, limitando-se a *Noticia preliminar das Lendas da India* a estranhar que Gaspar Corrêa attribua toda a honra da primeira expedição a João Infante.

Pena fôï que o fallecido meu amigo Felner não se desenvolvesse mais, declarando o fundamento que tinha para o estranhar, e que não tocasse n'outras dúvidas.

Esta crença na descoberta do Cabo da Boa Esperança por Bartholomeu Dias, limpa de toda e qualquer sombra que lhe diminua o brilho, está tão radicada nos espiritõs, que parecerá talvez uma louca ousadia haver quem lhe discuta alguma particularidade; como porém da analyse e discussão das coisas é que costuma romper a luz, todos poderão ver até que ponto é justificada alguma objecção da minha parte, comparando os auctores que li e consultei. Não pôde haver erro no livro primeiro de Gaspar Corrêa, por ser copia? Pôde, facilmente. E tambem pôde ter-se feito desaparecer o original, por conter circumstancias importantes, que conviesse sequestrar ao conhecimento do publico; e peço para que se attenda que não é só a esse respeito que encontro embaraços, e emitto as minhas dúvidas. Talvez que fosse Bartholomeu Dias o primeiro descobridor

do Cabo ou o primeiro chefe de expedição portugueza que o transpoz, sendo todavia completada a descoberta pelos outros que immediatamente lhe succederam, á ida, segundo uns, á volta, conforme outros, porque de ambas as fôrmas se conta que foi visto de Vasco da Gama e de seus companheiros, como melhor direi no seguinte capitulo relativo a este grande capitão.

No anno de 1495 falleceu D. João II em Alvor, no Algarve, aos quarenta annos de idade, alguns dando-o envenenado, ou por acaso, bebendo agua de uma fonte, ou por causa da repressão de graves desordens em que se achou implicado o duque de Vizeu, a quem teve de punir de morte, estando em Setubal, por conspirar contra a sua existencia.

Para D. João II não correram os tempos muito placidamente, como se sabe.

Foi acclamado, mais feliz, el-rei D. Manuel.

Ia começar epoca mais brilhante. Alguns modernos, desvirtuando-a, nem querem que em tal se falle

Realmente entristece!... mas já agora ávante, visto que fiz tenção de proseguir.



Partida da 1.^a armada de Vasco da Gama

(A 25 de março de 1497)

REINADO DE D. MANUEL

Vasco da Gama, descobridor da India

Anno de 1497

O largo intervallo de dez annos, decorridos desde a preconizada descoberta do Cabo da Boa Esperança por Bartholomeu Dias, sem se haver realisado expedição alguma ao Oriente, pôde explicar-se pela doença de D. João II, e pelas dissensões que se tinham desenvolvido entre elle e os fidalgos, e traziam os animos apprehensivos e preoccupados, accrescendo um certo estado de desalento em que se ficou por occasião da sua morte, apesar de haver quem attribua essa demora «à espera de noticias de Pedro da Covilhã e de Gonçalo de Paviã» o que me não parece tão provavel, em attenção ao que disse e a uns motivos que mais adiante hei de manifestar, tendo el-rei D. Manuel outras razões que o excitaram, além de que salta aos olhos que era espaço de mais para tal espera.

Depois el-rei D. Manuel, não só por seu desejo como influidido pelo judeu, seu astronomico, Abrahão Ben Samuel Zacuth, que residia em Beja, mandou apromptar os novos navios, para n'elles se ir ao descobrimento da India, que eram tres, dos quaes deu a capitania mór a Vasco da Gama, acompanhando-o seu irmão mais velho, Paulo.

Teve logar então o bello episodio de Vasco da Gama pro-
por a el-rei «*que antes leuasse a bandeira do comando seu
irmão mays velho, yndo ele como subalterno*» no que D. Ma-
nuel o louvou por esse acto «de obediencia», e para o ou-
tro navio foi por capitão Nicolau Coelho, grande amigo dos
dois Gamas.

Os navios denominavam-se S. Raphael, S. Gabriel, e
S. Miguel. No primeiro ia Vasco da Gama, no segundo Paulo
da Gama, e no terceiro Nicolau Coelho.

N'isto mesmo se encontram divergencias, dizendo outros
que eram duas naus e dois navios mais pequenos, sendo
um d'estes uma caravela e o outro um «pinque» e que uma
d'estas embarcações tinha por nome Berrio, indo n'uma
d'ellas Pedro Nunes, famulo de Vasco da Gama.

Depois de ouvirem missa, em dia de Nossa Senhora de
Março de 1497, segundo a devoção, isto é, a 25 d'esse
mez, logo se embarcaram todos os da aventureosa expedi-
ção, e deram á vela, saindo pela barra de Lisboa, via de
Cabo Verde.

Vejamos, sobre esta saída, o modo engenhoso como se
exprime Camões, no poema dos *Lusiadas*:

«Estava n'este tempo o eterno lume
No animal Neméo, truculento;
E o mundo, que com tempo se consume,
Na sexta idade andava enfermo e lento;
N'ella vé, como tinha por costume,
Cursos do sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.»

E ácerca da ida por Cabo Verde, diz assim:

«Passámos o limite aonde chega
O sol, que para o norte os carros guia,
Onde jazem os povos a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.

Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Senagá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinário o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo Verde.»

Foram pois seguindo os nossos navegantes na sua viagem.

Andaram em repetidos bordos na altura do Cabo da Boa Esperança, debaixo de densos nevoeiros e de tormentas, sem o poderem montar, mas Vasco da Gama sempre insistindo, com denodada decisão, e briosamente!

Foi sem dúvida com a mira n'um d'esses bordos, e como que impressionado do mau tempo que elles tiveram, que a Camões se antolhou a grandiosa visão do «Adamastor» ameaçando lá da nuvem carregada, conformê o seu poema dos *Lusiadas*, visto que n'essa primeira viagem de ida, por se terem mettido muito pelo mar dentro, não viram o Cabo. Acharam-se além d'elle d'uma noite para um dia, no fim de um extensissimo bordo que fizeram, durante bastantes dias, para o dobrar, segundo bem claro e miudamente nos diz Gaspar Corrêa. Comtudo dizem outros auctores que foi visto d'esses navegantes, accrescentando que o passaram em pleno dia, a 22 de novembro, e até dizendo algum que foi em bom ensejo. E no poema dos *Lusiadas* exprime-se Camões da seguinte maneira:

«Já Phlegon e Pyrões vinham tirando,
Co'os outros dois o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando
Em que foi convertido o grão gigante.»

.....

E a «terra alta» que se lhes ia mostrando, era um modo de expressar allusivo ao Cabo; mas reservo-me para tornar a fallar n'isto n'outro lugar.

A maior parte da gente das tripulações dos navios chegou a estar desanimadissima, e quiz revoltar-se para fazer



regressar a Portugal os navios, estando-se então em novembro do dito anno.

Vasco da Gama, posto á prova, mostrou n'essa difficil occasião quem era, sendo superior á occorrença. Em tão embaraçada e perigosa conjunctura pôde disfarçadamente prender no seu navio o mestre, o piloto, e alguns dos marinheiros; fêl-os carregar de ferros, e «*mandou deytar ao mar os instrumentos nauticos, ou coysas da arte de nauegar*», resolução sobremaneira notavel e extraordinaria, fallando aos mais de fôrma a não terem já esperanza no mestre, e no piloto em ferros, nem nas taes «*coysas da arte de nauegar*», não podendo por isso arribar e voltar contra a vontade d'elle capitão mór, o que fez socegar a tripulação do seu navio, e, sabido isto das tripulações dos outros dois navios, egualmente não tiveram remedio senão apaziguar-se, continuando todos a viagem.

O piloto do navio de Vasco da Gama era o já conhecido Pedro d'Alemquer, indo em outros dois os pilotos João de Coimbra, e Pedro Escobar.

Do Cabo a dentro, e andando sempre ao correr da costa, encontraram enseadas e rios. Entraram n'um d'elles e saíram (crê-se que era o Inhambane) onde acharam «gente bestial», que não entenderam. Dias depois a necessidade os obrigou a virar de rumo, entrando n'outro rio, por que os navios iam quasi de todo alagados, com agua aberta, e instantemente precisados de concerto, havendo de mais a mais com os trabalhos morrido parte das tripulações. N'esse rio (que vinha a ser o Quilimane) Vasco da Gama, a pedido do irmão, soltou os presos do porão, e isto era em janeiro de 1498.

Queremaram e concertaram dois dos navios, e foi desmanchado o S. Miguel, por incapaz, aproveitando-se-lhe alguns objectos, sendo transferido Nicolau Coelho para o navio do capitão mór.

Como se vê, continúa-se a não se fallar em caravela, na obra de Gaspar Corrêa, dando-se só á expedição tres na-

vios, parecendo reduzidos a dois pelo sobredito desmancho do S. Miguel, mas talvez fosse de transporte de generos e munições o de Pedro Nunes, famulo de Vasco da Gama.

Vieram do interior d'esse rio, em que os nossos navegantes estiveram, alguns selvagens indigenas com fructas e aves, gente mansa, e por outra gente tratavel de uns barquinhos, que entravam e saiam, obtiveram algumas noticias. Foi n'essa paragem que começaram a adoecer de escorbuto as tripulações, de que alguns homens morreram.

Vasco da Gama demorou-se ali o tempo necessario para o mencionado concerto, e para outros arranjos, mandando assentar n'uma piçarra, á entrada d'aquelle rio, um padrão de pedra, com o seguinte leitreiro—DO SENHORIO DE PORTUGAL, REINO DE CHRISTÃOS.

Agora, com o devido respeito, vou dar a palavra ao insigne Luiz de Camões:

«Aqui de limos, cascas, e de ostrinhos,
 Nojosa criação das agoas fundas,
 Alimpamos as naus, que dos caminhos,
 Longos do mar, vem sordidas e immundas.
 Dos hospedes, que tinhamos visinhos,
 Com mostras apaziveis e jucundas,
 Houvemos sempre o usado mantimento,
 Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foi da esperança grande e immensa,
 Que n'esta terra havemos, limpa e pura
 A alegria; mas logo a recompensa
 A Rhamnusia com nova desventura.
 Assim no céo sereno se dispensa;
 Com esta condição pesada e dura
 Nascemos; o pesar terá firmeza;
 Mas o bem logo muda a natureza.

E foi, que de doença crua e feia,
 A mais que eu nunca vi, desamparam
 Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
 Os ossos para sempre sepultaram.

Quem haverá que sem o vêr o creia?
 Que tão disformemente ali lhe incharam
 As gengivas na bocca, que crescia
 A carne, e juntamente apodrecia.»

Vasco da Gama passou depois ao lado de uns parceis de Sofala, em março, e communicou com um mouro negociante, que encontrou e ia n'um zambuco de cafres, o qual lhe deu alguma noticia da India.

Tinha posto ao rio em que esteve o nome de «rio dos bons signaes» a que Gaspar Corrêa tambem chama «rio da misericordia» (o Quilimane), por os portuguezes terem n'elle achado abrigo salvador, indo os navios já quasi inteiramente perdidos, como desconjuntados, e com muita agua aberta. Tiveram noticia, pelo indicado mouro, de não estarem longe de Moçambique, para onde viraram, em busca de piloto que os encaminhasse para a desejada India.

Foram navegando acompanhados do referido zambuco, e do já mencionado mouro, chamado Davane, homem de porte decente, o qual declarou ser uma especie de corrector d'outro rico musulmano de Cambaya, e que por isso estava no caso de poder dar informação aos portuguezes, até que effectivamente avistaram Moçambique e entraram n'esse porto.

Um auctor declara,¹ que logo ali tiveram algumas noticias do Preste João «que se dizia estar muito para o interior.»

O Xequê que governava em Moçambique quiz armar traição aos lusitanos, como tambem estava de má fé outra gente da terra. Observados differentes enganos saíram de lá, sem poderem fazer aguada, mas não sem primeiro bombardearem a povoação e pôrem em fugida alguma gente que com

¹ Obra de um anonymo portuguez, *Historia das descobertas e conquistas na Africa, Asia e America.*

azagayas lhes andava fazendo negaças pela praia. Um mouro velho intrigava com o Xequê.

N'essa mesma conformidade, uma parte do que a tal respeito diz Camões, e para se confrontar uma coisa com outra, é o seguinte:

«E se inda não ficarem d'este geito
Destruídos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil que te contente;
Manda-lhe dar piloto; que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos;
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palavras acabou
O mouro, nos taes casos sabio e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou
Agradecendo-lhe muito o tal conselho;
E logo n'esse instante concertou
Para a guerra o belligero aparelho,
Para que ao portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

Mas os mouros, que andavam pela praia,
Por lhes defender a agoa desejada,
Um de escudo abraçado e de azagaya,
Outro de arco encurvado e seta hervada,
Esperam que a guerreira gente sáia,
Outros muitos já postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhes faça,
Põem uns poucos diante por negaça.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria;
A plumbea pélla mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assobia.
O coração dos mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhes resfria;
Já foge o escondido, de medroso,
E morre o descoberto, aventureiro.»

São tão apropriadas e bem escriptas essas oitavas, que parece mesmo estar-se vendo e presenceando o conflicto com os mouros.

Em Moçambique deixou Vasco da Gama um degradado chamado João Machado, que veio a comportar-se bem e prestou bons serviços a Portugal. Foi uma verdadeira reabilitação d'este homem o que a seu respeito se conta.

Chegaram os viajantes lusitanos ao porto de Quilôa, no qual por falta de vento não poderam entrar, e por fortuna sua, porque o piloto mouro, que tinham levado de Moçambique, em vez de guial-os directamente queria fazel-os ali naufragar.

É isto o assumpto da seguinte oitava do poema dos *Lusiadas*; diz Camões:

«Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a Deusa em Cithera celebrada,
Vendo como deixava a certa rota
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente d'ella tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
D'onde o falso piloto a leva e*guia.»

Por tanto continuaram a sua viagem para Mombaça e tambem n'esse porto escaparam, como por milagre, do engano urdido para darem n'um penedo, traição que lhes mandou armar o rei d'essa cidade, tendo-os primeiro entretido e enganado, fazendo com fingimentos e artificios crer a dois homens que Vasco da Gama mandou a terra que havia christãos n'essa terra.

É a este proposito que vem no poema de Camões o seguinte:

«Tornam da terra os mouros co'o recado
Do rei, para que entrassem, e comsigo
Os dois que o capitão tinha mandado,
A quem se o rei mostrou sincero amigo;

E sendo o portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro do salso rio entrar queria.

Na terra cautamente aparelhavam
Armas e munições, que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
N'elles ousadamente se subissem;
E n'esta traição determinavam
Que os de Luso de todo destruissem,
E que incautos pagassem, d'este geito,
O mal que em Moçambique tinha feito.

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a maura gente espanta,
Como se vissem horrída batalha;
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem n'esta pressa quem lhes valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

Assim, fogem os mouros; e o piloto
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agoa amara;
Mas, por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e cara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto d'ella amaina.»

Esta expressão «Qualquer das outras...» parece indicar que iam mais de dois navios, quando já se viu que parecia terem ficado reduzidos a este numero. Até onde me for possível irei notando os prós e os contras. Póde porém harmonisar-se esta differença adoptando-se a outra declaração de serem quatro, e não tres, as embarcações d'esta expedição, sendo uma um pequeno transporte, em que ia Pedro Nunes, da casa de Vasco da Gama.

Sobre isto dou afinal o que diz um auctor especialista, n'esta particularidade das armadas que de Lisboa se expediram para a India.¹

«Vasco da Gama, primeiro descobridor, levou quatro navios, a saber:

S. Miguel, capitaina (capitânea), piloto Pedro d'Alemquer.

S. Rafael, capitão Paulo da Gama, piloto João de Coimbra. Berrio, capitão Nicolau Coelho, piloto Pedro Escobar, (Escobar).

Uma nau, capitão Gonçalo Nunes, criado de Vasco da Gama, com mantimento.»

Ainda ha discrepancias, como se observa, pela troca de um dos navios, e no nome do capitão Nunes, estando aqui Gonçalo e n'outra parte Pedro.

No fim de abril os lusitanos aportaram a Melinde, em cuja cidade foram recebidos com festejos e alegrias. De accordo com o bom rei melindano foi Vasco da Gama fazer pôr n'um outeiro á esquerda do porto, por memoria, uma columna ou marco de pedra, com o distico, em letras douradas
— REY MANUEL.

Depois de os nossos felizmente receberem todas as demonstrações de sympathia e contentamento do rei e gente da terra, em quanto ali permaneceram, bem differente do que antes tinham experimentado n'outros sitios, partiram para Calecut, em julho, levando d'esta vez de Melinde verdadeiros e leaes pilotos.

A esse acontecimento, a que se pôde chamar—a festa triumphal da descoberta dos lusitanos—pelo modo lisongeiro como foram recebidos e festejados em Melinde, correspondem no poema de Camões as bellas oitavas que abaixo transcrevo, de perfeita conformidade com a respectiva *Lenda*

¹ Figueiredo Falcão, *Livro de toda a fazenda e real patrimonio de Portugal, India e ilhas adjacentes.*

da obra do meu presado auctor Gaspar Corrêa, e são como se segue:

«Quando chegava a frota áquella parte
Onde o reino Meliude já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o santo dia,
Treme a bandeira, vóa o estandarte;
A côr purpurea ao longe apparecia,
Soam os atambores e pandeiros,
E assim entravam ledos e guerreiros.

O rei, que já sabia da nobreza
Que tanto os portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto présa
Quanto a gente fortissima merece;
E com verdadeiro animo e pureza,
Que os feitos generosos ennobrece,
Lhes manda rogar muito que saissem,
Para que do seu reino se servissem.

São offercimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas;
Manda-lhes mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas, cevadas,
Com as fructas que então na terra havia;
E a vontade á dativa excedia.

Já no batel entrou do capitão
O rei, que nos seus braços o levava;
Elle, co'a cortezia, que a razão
(Por ser rei) requeria, lhe fallava.
C'umas mostras de espanto e admiração
O mouró o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe á India vinha.»

Omitto, para não ser extenso de mais na citação, o resto da descripção do ceremonial dos festejos, que vem no poema dos *Lusiadas*, festas em que não faltaram instrumentos mu-

sicaes, danças, fogos de artificio, e outros divertimentos publicos, finalmente advertindo Camões, com muito chiste, que o rei de Melinde estava já prevenido a favor dos portuguezes pelo que em sonhos lhe tinha dito Cyllênio, indo essa prestante divindade pagã acompanhada da fama, serviço que d'essa vez foi feito aos lusitanos a rogo de Venus, que lhes era affeiçãoada, completando-se por meio d'esta ficção poetica a explicação de que realmente carecia o texto.

Toda esta passagem é de certo muito garrida e bonita; e Camões interpretou excellentemente a occasião, e rematou com finura.

Passados vinte dias, e seguindo o seu rumo, avistaram os nossos navegadores na costa da India o monte Dhely, pertencente ao reino de Cananor, dizendo-nos Gaspar Corrêa que o nome d'esse celebre monte procede dos ratos que por ali havia, tantos que nunca d'elle se pôde fazer povoação, assim como que houve em Cananor um adivinho que tinha prophetisado que viria uma gente branca, de um reino de muito longe, que conquistaria toda a India.

Chegaram a Calecut, que então era a cidade principal da costa do Malabar e residencia do Samorim, o maior potentado do Malabar, tendo os nossos ancorado proximo, a 20 de maio de 1498, termo d'esta bem extraordinaria primeira viagem de ida.

Um mouro, que por incumbencia dos de terra foi a bordo para enganar os lusitanos, mudou repentinamente de intenção; contou tudo ao Gama, e muito em particular lhe offereceu toda a protecção que lhe podesse dar; depois voltou a terra para prevenir o rei ácerca da chegada dos portuguezes. Com este mouro mandou Vasco da Gama para terra o degradado João Martins para lá ficar ou ir por outras terras, e a todô o tempo servir de algum proveito aos portuguezes, podendo ser; e levava mais alguns degradados para ir assim deixando nos portos em que entrava, conforme lhe parecia.

Os ricos mouros de Calecut peitaram o gozil, ou vedor da fazenda, para ser contra os christãos que em seus navios estavam n'esse porto.

Convém não deixar de advertir, desde já, que sob a denominação de mouros na India se comprehendiam os arabes, e em geral todas as mais castas que seguiam o islamismo, ou seita religiosa de Mafoma.

Conheceu Vasco da Gama o melindre da sua posição, e a necessidade de se arriscar a ir fallar ao poderoso rei barbaro, que já sabia ser de ruins manhas. Offereceu-se e instou com seu irmão e com Nicolau Coelho, apesar do grande perigo que corria, para que o deixassem saltar em terra e ir como embaixador, levando um valioso presente ao rei. Assim foi, não sem repugnancia d'aquelles dois seus companheiros de viagem e intimos amigos. Fallou com o rei, deu-lhe o presente, á noite ficou n'um mesquinho sitio, para onde já se lhe tinha permitido desembarcar fazendas, como se fosse feitoria, e ali por troca se começou a fazer algum nogocio, recebendo Vasco da Gama algumas especiarias.

Foi presenteado no outro dia pelo rei de Calecut.

Mas depois o Catual, grande valido junto do rei, comprado pelos mouros, perseguiu o Gama e os que o acompanharam, não os deixando fallar ao rei nem ir para bordo, tendo todos estado em risco de ser assassinados, e muito lhes custou voltarem para as naus, além de que em terra foi roubada a maior parte das fazendas que de bordo para lá se tinham enviado. Estiveram todos, desarmados, mettidos n'uma prisão fóra de Calecut, fazendo-se-lhes muitos insultos e violencias, e elles sempre muito humildes e calados, porque, bem advertido e informado um d'elles, João de Setubal, disse aos mais *«que lhes comprya todo soffrer e nada fallar, sómente fazerem-se ignorantes que nom sentyão o que lhes fazyão.»*

Partiram emfim d'esse porto inimigo e perigoso a 29 de agosto, com algumas especiarias, pouca quantidade, mas

podendo por essa fôrma vir a certificar-se em Lisboa o importantissimo facto do descobrimento da India pelos portuguezes.

Não era só em Cananor que tinha apparecido um celebre adivinho, ou aruspice, d'estes havia-os em toda a Índia, mais ou menos espertos, e em especial pela costa do Malabar, e alguns d'esses ladinos espertalhões exercitaram em Calecut a sua arte contra os portuguezes, concorrendo com as suas intrigas para o mau tratamento feito pelo Samorim de Calecut a Vasco da Gama e aos seus fieis companheiros, no que estava de accordo o já indicado Catual, de maneira que (digo-o aqui de relance) é sempre assim e em toda a parte.—O homem legal e bom explorado pelo falsario e doloso.—Pelo lado moral, circumstancias felizes poderão com o tempo vir a modificar a intensidade d'este mal, no entanto a vigilancia é um remedio a applicar-se-lhe, e nunca será de mais a attenção que se lhe preste.

Aquella perseguição aos portuguezes, ou o mau tratamento que soffreram em Calecut, deu logar á tirada constante das seguintes oitavas do poema de Camões, bem harmonicas e adequadas ao assumpto.

Eil-as :

«Entretanto, os aruspices famosos,
Na falsa opinião que em sacrificios
Antevêem sempre os casos duvidosos,
Por signaes diabolicos e indicios,
Mandados do Rei proprio, e estudiosos,
Exercitavam a arte, e seus officios,
Sobre esta vinda d'esta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

Signal lhes mostra o démo, verdadeiro,
De como a nova gente lhes seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente, e de valia;

Vae-se espantado o attonito agoureiro
 Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
 Os signaes temerosos, que alcançara,
 Nas entranhas das victimas que olhara.»

E com referencia ao rei e ao seu valido Catual diz Camões :

«Juntamente a cobiça do proveito,
 Que espera do contracto lusitano,
 O faz obedecer, e ter respeito
 Co'o Capitão, e não c'o mauro engano.
 Emfim, ao Gama manda, que direito
 Ás naus se vá, e, seguro d'algum damno,
 Possa á terra mandar qualquer fazenda,
 Que pela especiaria troque e venda.

Que mande da fazenda, em fim, lhe manda,
 Que nos reinos gangeticos falleça,
 Se alguma traz idonea, lá da banda
 D'onde a terra acaba e o mar começa.
 Já da real presença, veneranda,
 Se parte o Capitão, para onde peça
 Ao Catual, que d'elle tinha cargo,
 Embarcação, que a sua está de largo.

Embarcação que o leve ás naus lhe pede,
 Mas o mau regedor, que novos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças, e embaraços:
 Com elle parte ao caes, porque o arrede,
 Longe quanto puder, dos regios paços,
 Onde, sem que seu rei tenha noticia,
 Faça o que lhe ensinar sua malicia.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
 Vendivel, que trazia, para terra,
 Para que de vagar a troque e venda,
 Que quem não quer commercio busca guerra.
 Posto que os maus propositos entenda
 O Gama, que o damnado peito encerra,
 Consente, porque sabe, por verdade,
 Que compra co'a fazenda a liberdade.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
 A agasalhou o infame Catual,
 Com ella ficam Alvaro e Diogo
 Que a podessem vender pelo que val.
 Se mais que obrigação, que mando e rogo,
 No peito vil, o premio pôde e val,
 Bem o mostra o gentio a quem o entenda,
 Pois o Gama soltou pela fazenda.»

Insensivelmente ia proseguindo n'esta citação de Luiz de Camões tão natural e expressiva. N'isto fica dito o bastante; mas devo ainda mencionar aqui outro incidente.

Esse vulto do mouro que á chegada de Vasco da Gama foi a bordo, é sympathico, e como tal nol-o apresenta Gaspar Corrêa. No poema de Camões tem o correlativo, que é o — Monçaide —. É bem que egualmente aqui figure o que d'elle refere Camões. Ambos os auctores affirmam o caso, mas só Camões dá ao mouro aquelle nome. Em compensação, só Gaspar Corrêa nos diz que foram pagos com ingratidão os serviços prestados por esse homem, alludindo, creio eu, ao que mais tarde com elle se passaria em Portugal, para onde fosse.

Por occasião do desembarque do mensageiro lusitano em Calecut diz-se no poema dos *Lusiadas* o seguinte:

«Entre a gente que a vél-o concorria,
 Se chega um mahometa, que nascido
 Fôra na região da Barbaria,
 Lá onde foi Antheu obedecido:
 Ou pela visinhança já teria
 O reino lusitano conhecido,
 Ou foi já assignalado de seu ferro;
 Fortuna o trouxe a tão longo desterro.»

E ácerca da navegação e do que o mensageiro lhe contava diz-nos Camões mais o que se segue:

«Espantado ficou da grão viagem
 O mouro, que Monçaide se chamava

Ouvindo as oppressões que na passagem
 Do mar o lusitano lhe contava;
 Mas vendo, enfim, que a força da mensagem
 Só para o rei da terra relevava,
 Lhe diz, que estava fóra da cidade,
 Mas de caminho pouca quantidade.

E que, em tanto que a nova lhe chegasse
 Da sua estranha vinda, se queria,
 Na sua pobre casa repousasse,
 E do manjar da terra comeria;
 E, depois que se um pouco recreasse,
 Com elle para a armada tornaria,
 Que alegria não pôde ser tamanha
 Que achar gente visinha em terra estranha.»

Tinham-se finalmente devassado aquelles mares ignotos e longiquos, descobrindo-se caminho para a India, e esta ficando tambem descoberta, d'onde iam jorrar para Portugal riquezas sem conto, a par da justa fama da sua gente, enchendo-se de jubilo os portuguezes, e dos sonhos dourados, com que d'antes se tinham entretido alguns animos patrioticos e varonis, passando-se ao puro factó, á esplendida realidade. Longo tempo foi isso brazão de Portugal, invejado de outras nações, e foram de tal transcendencia as descobertas e conquistas feitas que ainda hoje o que d'ellas nos resta na Africa e na India, Oceania e China, nos é uma garantia de poder e consideração perante as principaes côrtes da Europa, e talvez um ultimo e mais precioso recurso de que teremos de nos valer, ou com que possâmos argumentar para a conservação da nossa nacionalidade, n'um praso mais ou menos afastado.

Seja como for, não concebo a existencia de Portugal sem as suas colonias e possessões ultramarinas, mesmo reduzidas como se acham, mais um motivo para se olhar por ellas e se melhorarem, o que juntamente poderia servir de resposta não só aos da idéa da alienação ou venda, para

ocorrer a gastos do presente sem verdadeiro descompromettimento do futuro, mas tambem a outros... que digo eu?... a outros de alguma theoria phantastica, e a uns que até inculcam por bom o triste expediente da inercia e do abandono, o que afinal é nada menos do que um crime de lesa-nação.

Manes dos nossos benemeritos antepassados estremecei!

Volto ao assumpto anterior em que ia proseguindo.

Já de regresso á patria, em novembro de 1498, aportou Vasco da Gama a Cananor, para visitar o rei da terra e com elle «*assentar paz e trato.*»

O rei mandou construir uma ponte, ou caes de madeira, que entrava pelo mar, e ali n'uma barraca tratou com o Gama, a quem mandou dar no dia immediato uma sua carta, em folha de oiro, para el-rei de Portugal.

Partiu d'essa cidade da costa do Malabar a 20 d'aquelle mez, e foi arribado á ilha de Anchediva ou Angediva por falta de vento favoravel, e á espera de melhor monção. Vasco da Gama e os mais estiveram quasi a ser miseravelmente surprehendidos por uns piratas, porém, avisados a tempo, colheram ás mãos o velho commandante dos piratas, que tinha ido espreital-os n'uma fustinha, e em seguida foram os nossos de noite dar cabo dos companheiros do velho e destruir as fustas em que elles estavam, á entrada de um rio, denominado Cintacorá, pertencente ao grão «*Sabayo*», partindo d'ali para Melinde, e levando no porão o velho pirata, o qual veio a fazer-se christão em Portugal, e foi posto em liberdade, que era só talvez o que elle levava em mira.

Vasco da Gama chegou a Melinde a 8 de janeiro de 1499.

Agradeceu muito ao rei melindano o havel-o tratado tão leal e amigavelmente, dando-lhe pilotos fieis, e encaminhando-o com verdade para o seu destino, pelo que trazia da

India signaes certos para Portugal. Vasco da Gama e os mais lusitanos foram ali muito bem accomodados. Deu-lhes o rei da terra outros pilotos para os acompanharem até onde quizessem, e fez-lhes na despedida todos os obsequios, dando ricos presentes já para o Gama, já para el-rei e para a rainha de Portugal, e partiram d'esse porto a 20 do mesmo mez de janeiro.

Venturosos os homens se se realisassem com esta lealdade as suas reciprocas correspondencias de valimento e auxilio, e se fossem mais frequentes n'esses beneficios... Ainda veremos mencionadas finezas maiores do rei de Cochim, e acções de mais acrisolada fidelidade d'elle e de afamados portuguezes... Por largo espaço muitos d'esses nossos antepassados venceram, usando, a par da força, da justiça e da verdade, e se o que havia de excepções se foi com o tempo tornando mais geral tambem por isso mesmo não tardou o castigo da decadencia... Que grandes exemplos de virtudes heroicas nos legaram antigos portuguezes!

Encontro que os capitães recommendaram aos pilotos, que tomassem boa nota de tudo o que vissem n'esta viagem, o que tambem assim o fez um clerigo chamado João Figueira, dizendo-nos Gaspar Corrêa: *«do que este clerigo escreveu depois se fzyzerão muitos treslados, de que eu vy os pedaços de hum d'elles em poder de Affonso d'Albuquerque entre huns papés velhos.»* Digo que muitas noticias d'estas se terão perdido ou estarão ainda ineditas, ao que accresco e observo que aquella recommendação prova contra a négligencia de escrever, de que são geralmente accusados os nossos descobridores da India, e é o primeiro desmentido pelo menos ao exagero de tal accusação.

Os pilotos de Melinde acompanharam Vasco da Gama até Lisboa, e voltaram para a India na armada de Pedro Alvares Cabral, de que em seguida irei fallar.

Sobre este fausto regresso de Vasco da Gama á patria

cabe agora pôr n'este logar as seguintes tocantes palavras de Camões, no seu poema :

«Apartadas assim da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta austrina da esperança boa;
Levando alegres novas e resposta
Da praia oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos:

O prazer de chegar á patria cara,
A seus penates caros e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceus e gentes;
Vir a lograr o premio que ganhara
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle é vaso estreito.»

N'esse regresso a Lisboa passaram á vista do Cabo da Boa Esperança com bom tempo e sem novidade.

Surgiram no porto de Angra, na ilha Terceira, no fim de agosto do mesmo anno de 1499, trazendo gente enferma, de que alguma morreu em terra, onde tambem falleceu o honrado e brioso capitão Paulo da Gama, ou que tinha pouco antes morrido a bordo, segundo outros referem, e ali se fizeram nas naus os concertos de que precisavam.

Chegaram por ultimo a Lisboa os illustres navegadores lusitanos e descobridores da India, a 18 de setembro do referido anno, acompanhados de outros navios da ilha que quizeram ir.

O navio de Nicolau Coelho, apartando-se, chegou a Lisboa com a antecedencia de alguns dias; mas quem primeiramente deu a noticia a el-rei foi um Arthur Rodrigues, chegado em quatro dias da ilha Terceira n'uma caravella, pelo que se lhe deram boas alviçaras.

El-rei D. Manuel estava em Cintra, e dizendo-se-lhe que havia voltado da India Vasco da Gama, porém que lhe adoeceu muita gente e falleceu alguma, incluindo seu irmão Paulo, faz honra a esse rei o seguinte seu dito: «*Folgára muyto que Vasco da Gama chegára ante mym com seu in-teyro praser, por me a mym nom tirar nada do meu que agora tenho*», e fez mercê ao mensageiro que lhe dava a noticia da volta de Vasco da Gama.

O velho pirata em que fallei, que veio preso no porão, fez-se christão, como disse, e foi chamado Gaspar da Gama, por ter sido padrinho do seu baptismo D. Vasco da Gama «*que o Dom lhe foy dado por el-rey despois que ele chegou da India, pera sy e pera os seus descendentes, com outras mercês*», tendo tambem sido agraciado n'essa occasião Nicolau Coelho.

Desde que Vasco da Gama partiu de Lisboa até ao dia em que n'ella entrou, de volta da India, mediaram trinta e dois mezes.

De ora em diante vou tratá-lo por «Dom», que era o que então se dava em Portugal a homens de uma tal qual importancia, por especial mercê. . . Que differença entre o que era e o que actualmente se usa, com relação a tratamentos, e a mercês honorificas por serviços!

Podia alargar esta observação, mas desisto d'essa desagradavel tarefa.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de Pedro Alvares Cabral

Anno de 1500

De dez naus grossas e tres navios mais pequenos se compunha a armada da India em que foi n'esse anno por capitão mór Pedro Alvares Cabral, levando a bordo «gente luzida de guerra», e saiu a barra de Lisboa a 25 de março, sendo commandante da nau capitanea Simão de Miranda de Azevedo, e capitães das outras naus Sancho de Toar (ou Tovar), Braz Mattoso, Vasco de Athayde, Nuno Leitão da Cunha, Simão de Pina, Nicolau Coelho, Pedro de Figueiró, Bartholomeu Dias, e Diogo Dias, e dos tres navios mais pequenos Luiz Pires, Gaspar de Lemos, e André Gonçalves.

O auctor a que chamei especialista na descripção d'este genero de armadas traz de menos dois nomes do que os que aponta Gaspar Corrêa, além de differenças entre alguns dos outros nomes de capitães. Quanto aos nomes dos navios ha falta total em ambos os auctores, necessariamente por alguma impossibilidade que tiveram de os achar.

Assim mesmo ácerca d'esta armada avançou mais Gaspar Corrêa. Os nomes dos capitães, segundo o outro auctor alludido, são os seguintes:

Sancho de Tovar, Ayres Gomes da Silva, Nicolau Coelho, Bartholomeu Dias, Pedro Dias, Gaspar de Lemos, Simão de Miranda, Pedro de Athayde, Nuno Leitão, Luiz Pires, e Simão de Pina.

Era feitor da armada e da carga Ayres Corrêa, levando os dois escrivães Gonçalo Gil Barbosa e Diogo de Azevedo.

Logo em principio da viagem se perdeu a nau de Pedro de Figueiró, sossobrada por um pé de vento, e não foi mais vista.

Pedro Alvares Cabral, tendo-se desviado do seu rumo com o mau tempo, descobriu casualmente o Brasil, mandando d'ali com a noticia a Portugal o navio de André Gonçalves. O mesmo Cabral poz áquella terra o nome de Santa Cruz por havel-a descoberto a 3 de maio, dia de Santa Cruz.

E por isso diz Camões no poema dos *Lusiadas*:

«De Santa Cruz o nome lhe poreis;
 Descubril-a-ha a primeira vossa frota;
 Ao longo d'esta costa, que tereis,
 Irá buscando a parte mais remota.»

.....

O ultimo verso é já allusivo ao celebre Fernão de Magalhães, de que tratarei.

Entre alguns estrangeiros, nossos émulos, dão-se ás vezes casos imprevistos e exquisitos.

Ahi vae um com que topei ultimamente.

O auctor de um amplo e pomposo mappa das colonias européas (1853) singularisa-se de um modo muito excepcional pela novidade que ali apresenta, ácerca do hoje imperio do Brasil. Marca resolutamente como descobridor d'esse paiz Vincent Pinçon, cujo nome nos é estranho e desconhecido n'aquella qualidade.

Todos viram o numero dos navios e os nomes dos capitães da armada de Pedro Alvares Cabral, no meio dos quaes se não encontra outro navio, nem indica alguém com o ap-

pelido de Pinçon... E se fosse só isto que nos fazem, ou que dizem!

Vi contado n'outra parte que um tal «Pinçon» tinha passado pouco antes por um ponto da costa da America que depois se denominou Cabo de Santo Agostinho; mas o facto admittido por authenticico é o que reza a *Lenda* de Pedro Alvares Cabral, e o referido mappa contém outras irregularidades, ou confusões, não se podendo confiar n'elle inteiramentê.

Aquelle appellido estrangeiro, escripto de duas diversas maneiras, julgo por fim pertencer a um individuo que andou com Christovão Colombo n'algumas viagens, antes d'este partir para o descobrimento da America, além do rio das Amazonas, e se chamava Vicente Yannez Pinzon, e apresento o seguinte, que vem n'um *Resumo da Historia do Brasil*:¹ «... O conhecimento da existencia da Costa do Brasil se deve a Pedro Alvares Cabral... O hespanhol Vicente Yannez Pinzon só visitou os locaes visinhos á foz do Amazonas; esta expedição foi sem effeito, em quanto Cabral tornou a sua util á patria...»

Na epoca da descoberta as nações ou tribus mais importantes do Brasil, entre as que por ali existiam, eram as dos tupinambas, tupinaes e tupininquins. Foram estes ultimos que acolheram Cabral e o ajudaram a principio. Os tupinambas eram os mais energicos, todos porém egualmente mansos, não os maltratando.

Para nós os portuguezes é sempre particularmente interessante tudo o que se refere ao Brasil, hoje independente e um grande povo civilizado, ao qual nos unem sympathias como de irmãos para irmãos pela linguagem, e nos prendem outras relações politicas, litterarias e commerciaes, de grande alcance.

Recordando-o aqui de passagem, causa tambem satisfa-

¹ Obra de Bellegarde.

ção considerar como se operou depressa nos descendentes d'aquellas primeiras raças, aliás pacificas e intelligentes, o seu adiantamento, facto que faz honra tanto áquelles como aos seus antigos dominadores portuguezes, até chegarem á sua emancipação.

Não se faça crer pois, em termos absolutos e insistentes, a incapacidade de Portugal para a administração de suas colonias. À parte as intrigas, e todos os descuidos e vicios introduzidos desde ha muito, o grande golpe para nós foi o dos sessenta annos da usurpação dos Filippes de Hespanha... D'ahi veiu o maior mal. A pretexto de guerrearem contra Hespanha, até uns que se diziam nossos amigos nos foram então despojando de varias das nossas melhores colonias da Asia, da Africa e da America, que nunca mais nos restituiram!... A tal usurpação Filippina teve de mais a mais esse terrivel effeito, e foi quando mais decaimos do nosso poder... Ainda hei de tornar a referir-me a isto.

Vejâmos o que se passava com a armada do capitão mór Cabral.

No rumo para o Cabo da Boa Esperança outro pé de vento, ou tufão, fez sossobrar mais tres naus e um dos outros navios, de que eram capitães Bartholomeu Dias (este só n'esta triste situação o vejo mencionado na obra de Gaspar Corrêa), Simão de Pina, Vasco de Athayde, e Gaspar de Lemos, passando as outras embarcações o Cabo sem ser visto de bordo, como aconteceu da outra vez, na ida, a D. Vasco da Gama, segundo Gaspar Corrêa, e antes d'aquelle ao mesmo Bartholomeu Dias, de companhia com seu irmão Pedro, e João ou Lopo, ou Pedro Infante, de viagem pelo referido Cabo da Boa Esperança, conforme se diz, e já dei-xei apontado.

Foram-se reunindo aquellas restantes embarcações até que chegaram a Moçambique, menos ainda a nau de Diogo Dias, que passou ao lado de uma ilha a que se poz o nome de ilha de S. Lourenço, por se ter avistado em seu dia.

Esta nau foi depois a Barborá, para a banda de umas terras do Preste João. Ahi foi a sua tripulação atacada á traição pelos naturaes e esteve a ponto de ser tomada. D'ahi, retrocedendo, foi parar a Cabo Verde com muito pouca gente, e n'um estado miseravel.

Ácerca da armada de Cabral e das ultimas tres naus e um navio pequeno sossobrados na altura do Cabo da Boa Esperança, morrendo então Bartholomeu Dias, diz-nos Camões, no seu poema, o seguinte:

«E na primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo
Que seja mor o damno que o perigo.»

E mais adiante:

«Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança;
E não se acabará só n'isto o damno
De vossa pertinace confiança.»

A primeira armada de que falla Camões, já depois de descoberta a India, foi essa, e a vingança contra quem descobriu o Cabo parece ser allusão a Bartholomeu Dias pelo sossobro da sua nau.

Noto porém que nenhum dos auctores, Camões, Gaspar Corrêa, e mais outro, dos que li, lhe profere o nome, e que d'esses tres só Camões faz a allusão referida.

Este Bartholomeu Dias, que tão infeliz foi n'esta sua viagem, parece que tinha tirado bom resultado em terra, estando chefe do posto militar e commercial de S. Jorge da Costa da Mina, em Africa, serviço sedentario e rendoso que lhe promoveram e alcançaram os seus amigos de Lisboa, em vista de embaraço que encontrassem para o collocar na expedição do grande D. Vasco da Gama, pois foi por esse tempo, em que este se aventurava aos graves traba-

lhos e perigos da descoberta a que se propunha, que aquelle esteve na sobredita commissão na Costa da Mina, segundo se deprehende de uma passagem historica que tive occasião de ver e examinar.

Modernamente, no anno de 1878, foi presa e captivada alguma gente n'um presidio que por ali temos chamado de S. João Baptista d'Ajudá, por ordem do rei de Dahomé, fazendo-se outros prejuizos n'uma povoação nossa d'essa mesma costa, insulto que não devia passar sem o devido correctivo, sendo certo que se tomaram algumas providencias, e foi pelo mesmo rei de Dahomé mandada soltar aquella gente prisioneira; porém mau signal é o desacato e arrojio dos negros, e já se atreve o gentio de tal rei a offender os portuguezes, que ha tanto tempo eram ali estimados e respeitados. Depois d'isso já occorreram perturbações n'aquellas paragens, a que não tem sido de todo estranhas umas certas intrigas.

Os francezes e os inglezes espreitam-nos, e do desleixo e incuria que houver da nossa parte necessariamente não deixarão de procurar tirar proveito. Ainda podemos reprimir e castigar outras aggressões semelhantes; cumpre no entanto desenvolver para esse fim os nossos meios e a nossa actividade, e o melhor ainda será prevenir, procurando evitar motivos de descontentamento.

O nosso forte ou presidio de S. João Baptista d'Ajudá fica ao centro da grande povoação de Gregué, sendo (como diz um nosso escriptor compilador contemporaneo¹) o que resta a Portugal das suas bellas conquistas entre o Cabo das Tres Pontas até ao Cabo de Lopo Gonçalves, onde se vêem ainda os tres fortes de S. Jorge da Mina, de Cabo Corso, e de Achem, fundados pelos portuguezes, e que pertencem presentemente a outras nações!

O forte de S. João Baptista d'Ajudá é muito mais mo-

¹ Lobo de Bulhões, *Colonias portuguezas*.

derno do que o de S. Jorge da Mina, e foi fundado em 1680.

Os navios da armada de Cabral, que escaparam, chegados a Moçambique, em numero de seis (a nau capitanea, as outras quatro, e um dos navios pequenos, de que eram capitães Sancho de Toar, Braz Mattoso, Nuno Leitão da Cunha, Nicolau Coelho, e Luiz Pires, commandando a primeira nau o mesmo Cabral), depois de ali se assentar paz, partiram para Melinde, a cujo porto chegaram, e onde foram bem recebidos os portuguezes, saindo de lá a 17 de agosto do dito anno de 1500.

Foram a Cananor, terra que estava de paz com os lusitanos, como já se viu.

O Samorim de Calecut, especie de imperador, a quem eram inferiores os mais reis do Malabar, como grande traidor, rodeado de falsarios, enviou a Cabral um mensageiro para o sondar, pelo motivo da desintelligencia que tinha havido entre elle e D. Vasco da Gama, a cujo respeito o mensageiro trazia desculpas.

Cabral deixou contractada a paz em Cananor, bem como estabelecida ali a feitoria para o commercio, ou troca de fazendas do reino por outras fazendas e especiarias, e chegando a Calecut assentou feitoria na praia para negocio, começando logo os enredos do malvado Catual, o que promoveu um reboição para tirar de bordo os refens que aos de terra se tinham exigido, achando-se entre esses refens um sobrinho d'elle; mas a desordem d'essa vez socegou.

Na feitoria estava-se fazendo negocio pela maneira já indicada, e das especiarias que se recebiam em troca de fazendas nossas a que mais abundava era a pimenta. O peso da terra era o «Bar» correspondente a 2 quintaes e 18 arrateis do nosso antigo peso.

Os mouros, senhores de todo o commercio, é que tinham mais odio aos portuguezes, os mouros de fóra ou ambulantes ainda mais do que os de terra.

Pelas intrigas e peitas dos mahometanos, de concerto com o já bem conhecido Catual do Samorim de Calecut e com este mesmo, que mostrava ser de mau character, cubiçoso, ladrão e traidor, houve levantamento, em que foram mortos o feitor Ayres Corrêa e os mais portuguezes da feitoria, menos os que, feridos, puderam fugir para bordo de uns bateis e os que se esconderam em terra.

Em consequencia d'esse attentado Cabral incendiou no porto algumas embarcações mouriscas, isto no fim do mesmo anno de 1500, resolvendo-se a partir para Cochim, de que lhe deram muito boas noticias, para o effeito de se completar lá a carregação dos navios, pois que já alguma carga tinham recebido.

Chegando a Cochim os lusitanos o rei d'esse paiz e seus Caymaes, grandes senhores de terras, *«nobres como se se dissesse condes»* decidiram dar carga de pimenta e outras especiarias, tendo sobre tudo muita pimenta, que vinha de uma terra do interior em que as arvores se creavam, e d'onde a conduziam pelos rios n'uns barcos denominados *«tones»* e era d'ali mesmo a que se mandava buscar para Calecut.

Desembarcaram os portuguezes todos os doentes e feridos, por ordem do proprio bom rei de Cochim, que humanamente os agasalhou, seguindo-se a isto o contractar-se paz, haver carregamento para os navios, e estabelecer-se solidamente em Cochim uma feitoria.

Os portuguezes feridos foram pelos indios curados, dentro em pouco tempo, só com o seguinte remedio: *«azeite de côco quente, com alguns pingos de sumo de limão.»*

A rainha de Coulão (era este outro reino além de Cochim) mandou offerecer ao capitão mór Cabral pimenta em abundancia, que possuia em seu reino, o que elle lhe agradeceu para outra occasião, porque a esse tempo havia carga para todos os seus navios.

O rei de Cochim fez grandes presentes a el-rei e á rai-

nha de Portugal, a que juntou a sua carta em folha de oiro, como se usava. Tal era a bisarra pratica oriental, mas parece que esses preciosos documentos das aureas cartas de diferentes potentados indianos com quem os portuguezes trataram n'esses tempos, não como miseros *chatins*, segundo alguns maldizentes lhes tem chamado, porém galhardamente e n'um intuito elevado, conforme mostrarei, se perderam ou sumiram todos, nenhuma d'essas cartas existindo já nos nossos archivros... É triste ter de referir isto!

Ver-se-ha no decurso d'este meu *Resumo historico*, apesar da sua abreviação, quaes foram os portuguezes que mais se distinguiram por suas heroicas e honradas acções pelas terras do Oriente durante um longo periodo, como tambem outros que não corresponderam ao que d'elles se devia esperar, morrendo muitos dos nossos nos variados conflictos, de cujos nomes mencionarei os de que tiver conhecimento.

Regressaram para Portugal carregadas algumas naus e uma embarcação mais pequena da capitania mór de Pedro Alvares Cabral, tocaram em Cananor e passaram por Melinde, onde os nossos não poderam aportar, isto pelo fim de dezembro ainda de 1500. E tinha ficado em guerra o rei de Calecut com o rei de Cochim, por odio de este ter dado auxilio aos lusitanos, e inveja do carregamento das naus, em proveito alheio; mas o rei de Cochim não desistia da amisade dos portuguezes, sem lhe abater o animo o mal que lhe podia fazer o Samorim de Calecut, de maus instinctos, e muito mais poderoso do que elle.

Cabral tocou em Moçambique, tendo mandado descobrir Sofalla, em cujo porto não havia nem na ida nem na volta tocado D. Vasco da Gama, passando na ida por ali com muito receio de uns parceiros ou baixos, e de noite, segundo refere e confirma o muito noticioso auctor Gaspar Corrêa.

No transito para Moçambique encalhou n'uma restinga e

perdeu-se a nau de Sancho de Toar, e foi este o incumbido de ir na naveta de Luiz Pires á descoberta de Sofalla, o que effectuou, deixando paz assente com o rei d'essa terra.

Querem alguns que Sofalla fosse a antiga «Ophir» d'onde Salomão recebia grandes porções de oiro; pretendem outros, talvez com mais fundamento, que era da Serra de Fura,¹ no territorio da Zambezia, provincia de Moçambique, que elle se extrahia com esse destino. O que isto mostra é que foram afamadas as minas d'esse precioso metal de uma e de outra parte, com quanto não haja certeza no mais.

Dando um temporal nos navios separaram-se, indo primeiro ter a Lisboa, já em 1501, a nau capitanea, e seguidamente as outras embarcações, que eram sómente, além d'aquella, as de Braz Mattoso, Nicolau Coelho, e Nuno Leitão, e por fim a naveta que tinha ido a Sofalla.

Grande destroço de embarcações teve a armada de bastantes velas, com que de Lisboa havia saído Pedrô Alvares Cabral, como se vê, perdendo-se juntamente não poucas vidas.

Veiu para o reino nos navios do mesmo Cabral um «Nayre», de raça militar privilegiada na India, o qual se quiz fazer christão, a quem se chamou Manuel, sendo padrinhos do baptismo D. Vasco da Gama e o dito Cabral, e, por sua morte, foi enterrado decentemente na sé de Evora.

¹ Pedroso Gamito, no seu livro *O Muata Cazembe*.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de João da Nova

Anno de 1501

Compunha-se esta armada sómente de duas naus do estado e outras duas de armadores, sendo capitão mór d'ellas João da Novoa (ou da Nova), e as naus eram a sua e as de Francisco de Novaes, Fernão Pacheco, e o florentino Micer Vinete, feitor de mercadores. Em a nau do capitão mór iam Alvaro de Braga e Diogo Barbosa, o primeiro para feitor e o segúndo para escrivão de Sofalla, com alguns homens, e regimento do que se havia de tratar. Gaspar Corrêa não diz os nomes d'esses navios.

No outro auctor alludido,¹ vem os nomes dos capitães do seguinte modo: João da Nova mór, Diogo Barbosa, Francisco de Novaes, e Fernão Vimet (ou Vinete), florentino.

Ambos os auctores omittem os nomes dos navios, e não concordam no nome de um dos capitães, parecendo que houve engano em chamar capitão ao Diogo Barbosa, só se o foi interino e n'algum impedimento.

Tinha aquella armada saído a barra de Lisboa, com destino á India, em 1 de março do dito anno.

¹ Figueiredo Falcão.

João, da Nova foi á costa do Brasil, de lá ao Cabo da Boa Esperança, d'onde se dirigiu a Moçambique, depois a Melinde, a Quilôa e a Batalalá. De noite no porto d'essa ultima povoação uns piratas mataram alguns portuguezes, que estavam n'um batel com fazendas para negocio, roubando-lh'as e levando-lhes algum dinheiro, mas foram apanhados e presos, e immediatamente pelo capitão mór João da Nova mandados enforcar no cimo d'um outeiro, como exemplo, e para que todos bem os vissem,

D'ali partiram os portuguezes no rumo de Cananor, tomando no trajecto duas naus mourisecas de Calecut, a cujo porto não chegaram a ir os nossos. E estando sabedores da traição que o Samorim e seus sequazes praticaram contra os portuguezes da feitoria que lá tivemos, ficou a gente da armada á espera de uns zambucos grandes, que se aproximavam, de mouros d'aquelle porto de Calecut, com um Nayre na frente de um d'elles, o qual disse que trazia especiarias; e estando essas embarcações já perto, e atravessadas, descarregaram os nossos a artilheria com tanta força e certeza que lhes destroçaram os zambucos, os quaes tomaram com as especiarias, em paga dos roubos e das mortes que houve no anno antecedente na sobredita nossa feitoria.

Continuaram a viagem para Cochim, em cujo amigo porto carregaram; partiram para Melinde a 12 de dezembro do referido anno, e tocaram em Cananor, tendo-os esperado no mar d'essa costa algumas embarcações de guerra de Calecut, com as quaes travaram combate, ficando destroçados os inimigos.

João da Nova deixou em Cananor setenta e tantos homens d'armas, e por capitão d'elles Ruy de Mendanha, que depois se distinguiu na India, para o que podessem ser precisos, até vir no seguinte anno a armada do reino, como se aquillo fosse uma grande força! Mas os nossos eram homens resolutos e destemidos, e tambem em mais alguma coisa se fiariam.

Este João da Nova consta que pertencia a uma familia nobre da Galliza, e n'outro lugar me referirei a elle e a outros estrangeiros que andaram com os portuguezes na descoberta e conquista das terras da India.

Soube-se que os de Calecut tinham feito algum damno em Cochim, mas só pela borda dos rios, andando em embarcações, e por vingança do acolhimento que lá continuavam a ter os lusitanos, guardando-se-lhes leal e fielmente a feitoria.

Recebeu João da Nova em Melinde abundantes refrescos; regressou para Lisboa; tocaram as naus na ilha Terceira, onde constou que havia partido D. Vasco da Gama para a India com grande armada, para castigar os de Calecut, pelo mal que se fez á gente de Pedro Alvares Cabral.

Tinham passado os navios do mesmo capitão môr João da Nova o Cabo da Boa Esperança, de volta, sem novidade, e por fim chegaram a Lisboa em agosto de 1502 todos os quatro navios juntos, com a felicidade de nenhum ter tido o menor desastre.



REINADO DE D. MANUEL

Armada de D. Vasco da Gama

Anno de 1502

Segunda vez se dirige á India o grande D. Vasco da Gama por capitão mór d'armada com a importante incumbencia de punir o traidor, mas poderoso, Samorim de Calecut.

Em a nau capitanea S. Jeronymo-ia por commandante Vicente Sodré, sendo os mais capitães, a saber: na Leonarda D. Luiz Coutinho, na Leitôa Fernão d'Atoughuia, na Batecabello Gil Fernandes de Sousa, na S. Paulo Alvaro d'Athayde, e na S. Miguel Gil Mattoso. Estas seis naus eram as maiores. Das mais pequenas, para ficarem na India, sendo preciso, era uma a Bretôa em que ia Francisco Marrecos, indo nas outras, a saber: na S. Raphael Diogo Fernandes Corrêa para feitor de Cochim, na Vera Cruz Ruy da Cunha, e na Santa Helena Pedro Affonso d'Aguiar; e nas caravelas iam os seguintes: na Santa Martha João Rodrigues Badarças, na Fradeza João Lopes Perestrello, na Salta-na-Palha Antonio Vaz, na Estrella Antonio Fernandes, e na Garrida Pedro Raphael; e levava a armada umas oitocentas pessoas escolhidas, comprehendendo-se n'essa gente d'armas muitos fidalgos.

A 25 de março de 1502, á tarde, tinha saído essa armada a barra de Lisboa.

Dois grandes temporaes lhe espalharam as embarcações, pelo que foram algumas ter directamente a Moçambique, perdendo-se uma sobre um parcel em Sofalla, e reunindo-se em Moçambique as mais da armada, segundo o regimento, passado algum tempo. Ali mandou D. Vasco da Gama armar em poucos dias uma caravela nova, cuja madeira levava lavrada e prompta de tudo, a que poz o nome de «Pomposa», e de que fez capitão João Serrão.

Até aqui é o que diz Gaspar Corrêa. Ha porém grande differença para o que refere o outro alludido auctor.¹ Este, juntando a outra armada de Estevão da Gama, de que fallo em separado, diz que eram os seguintes capitães:

D. Vasco mór, Pedro Affonso d'Aguiar, D. Luiz Coutinho, Francisco da Cunha, João Lopes Perestrello, Gil Matoso, Antonio do Campo, Ruy de Castanbada, Luiz Fernandes, Diogo Pires, Vicente Sodré (tio de D. Vasco), Pedro de Athayde, João Rodrigues Badarcos (ou Badarças), Braz Sodré, Pedro Raphael, Estevão da Gama (primo de D. Vasco), Thomaz de Carmona, Lopo Mendes de Vasconcellos, Lopo Dias, e João de Buena Gracia.

Cotejando, acham-se grandes differenças de nomes, havendo a favor de Gaspar Corrêa a circumstancia de especificar os nomes das naus e outras embarcações, (menos só das cinco da armada de Estevão da Gama), o que o outro auctor parece não ter podido fazer, concluindo que Gaspar Corrêa teve sobre isto á sua disposição mais esclarecimentos.

Diz a *Lenda* que o capitão mór deixou em Moçambique por feitor Gonçalo Baixo com dez homens de seu serviço, a negocio de fazendas, e para o mais que cumprisse; ora dez homens de serviço para ali entre gente dubia, e pouco

¹ Figueiredo Falcão.

segura, já era um postosinho commercial e de guarda menos máu, á falta de outro melhor! mas eram assim os nossos — arriscavam-se, serviam, e raras vezes ou quasi nunca hesitavam na execução dos mais arduos projectos.

D. Vasco da Gama partiu em direitura a Quilôa, e fez tributario o rei d'essa cidade a el-rei de Portugal. Dirigiu-se a Melinde onde foi festejado, e em Onor e Batalalá castigou alguns piratas, destruindo-lhes embarcações grandes e pequenas, matando-lhes muita gente, e obrigando o rei de Batalalá a pedir-lhe paz.

Tambem no porto de Marabia os nossos destruíram naus de Calecut, distinguindo-se então, combatendo valentemente, o capitão Francisco Marrecos, e outros.

D. Vasco da Gama tinha-se encontrado, á chegada a Melinde, com a armada saida de Lisboa dois mezes depois d'elle, da qual era capitão mór seu primo Estevão da Gama, sendo os mais capitães da mesma armada em suas naus Vasco Fernandes Tinoco, Ruy Lourenço Ravasco, Diogo Fernandes Peteira, e João Fernandes de Mello, levando a bordo o outro capitão Antonio de Saldanha, para andar com navios no estreito de Meca, e todos juntos foram indo por algum tempo.

A indicada relação da armada do primo de D. Vasco dispensa-me de aqui lhe abrir titulo, fazendo assim uma excepção, da mesma fôrma que praticou Gaspar Corrêa. Este, como já disse, não declara os nomes das naus d'essa armada.

D. Vasco da Gama foi a Cananor, destruindo antes de lá chegar uma nau de mouros do rebelde porto de Calecut. Tratou com o amigo rei de Cananor, e no entanto andava na costa a armada portugueza. Partiu depois a fazer activa guerra ao Samorim de Calecut. Com effeito incendiou no seu porto muitas embarcações, e matou-lhe alguma gente, pouca em proporção, porque a mais d'ella tinha fugido para terra.

E que menos havia de fazer aos de Calecut, contendendo com aquelles irreconciliaveis e duros inimigos, como se verá que os d'ali o foram tenazmente, e mais do que outros?

Deixando irritado e exasperado o Samorim de Calecut por aquella affronta feita mesmo no seu porto, mas sendo n'essa sua cidade que foram traçoicamente mortos ou feridos quasi todos os portuguezes da feitoria, teve D. Vasco de ir a Cochim.

Antes da armada chegar ao porto d'essa cidade de Cochim foi mandado Vicente Sodré a castigar um rico musulmano, saído de Cananor com duas naus carregadas sem pagar ao rei da terra (nosso amigo e alliado) os seus direitos. Foi ainda encontrado o mouro junto ao porto e compellido ao pagamento dos direitos, levando alguma correcção corporal, pelo seu provocante e insolente comportamento, não se estando em ensejo de branduras ou de aguas mornas, como diriam os nossos animosos e viris antepassados, e ainda muito ditoso foi esse mouro em não perder a vida.

Em Cochim (feliz contraposição a outros procederes adversos), feitas grandes festas pela vinda da armada do capitão mór e descobridor da India D. Vasco da Gama, firmou-se ajuste sobre os preços de compras e vendas de especiarias e fazendas, a aprazimento de ambas as partes interessadas, bem como se tratou da carga das naus, certificando o rei de Cochim que para esse effeito não faltariam as especiarias.

Novamente mandou mensagem a rainha de Coulão, para com ella se entabolar negocio, á semelhança do que se fazia com o seu visinho rei de Cochim, pois tinha lá abundancia de pimenta. De accordo com o mesmo rei de Cochim, com quem se deviam ter todas as attensões, foram carregar a Coulão duas naus portuguezas, ficando egualmente contractada a paz com aquella rainha. Foram por capitães d'essas naus Francisco Marrecos e Diogo Fernandes Peteira,

levando por feitor João de Sá Pereira. Observo que d'este mesmo nome era o octogenario particular meu amigo, já fallecido, que exerceu o logar de secretario do Tribunal do Commercio de Lisboa, talvez descendente d'aquelle, como penso... Estimo podê-lo aqui deixar notado.

Um Nayre brahamane, reconhecido por espião de Calecut, foi rigorosamente castigado em Cochim.

Saindo carregadas as naus para o reino, e na viagem de volta para Cananor, um dos portos da escala a seguir, encontraram-se os lusitanos com uma armada mourisca de Calecut, que atacaram e destroçaram.

De onze naus grossas e outras somenos, e n'outra parte de dez, leiu na respectiva *Lenda* da obra de Gaspar Corrêa que se compunha a armada portugueza, parecendo-me serem dez, não só porque tantos são os capitães mencionados pelo mesmo auctor, mas porque foram dez as naus que entraram juntas no porto de Lisboa, não me constando que se desgarrasse nem perdesse no regresso nenhuma. O fallecido meu amigo Felner não disse nada a esse respeito, deixando de corrigir n'esse logar algum erro de imprensa, como na obra de Gaspar Corrêa se encontram outros, e em todas as obras mais ou menos. Eram capitães d'essa armada D. Luiz Coutinho, D. Alvaro de Athayde, Pedro Affonso de Aguiar, Gil Fernaudes de Sousa, Alvaro de Sousa, Gil Mattoso, Vasco Fernandes Tinoco, Ruy Lourenço Ravasco, Diogo Fernandes Peteira, e Pedro de Mendonça.

Porque as naus eram das que tinham vindo do reino anteriormente não é preciso aqui repetir-lhes os nomes. Nos dos capitães ha algumas differenças, certamente procedidas de outras tantas substituições ou trocas.

Accrescentarei, quanto á dita armada destroçada, que foram pelos nossos incendiados muitos zambucos e fustas dos mouros, distinguindo-se no combate, entre outros, os capitães de navios Vicente Sodré, e Pedro Raphael (que com outros iam acompanhando D. Vasco da Gama), e Ruy

Lourenço Ravasco, e Vasco Fernandes Tinoco; e que os mouros traziam mais de cem embarcações, sendo entre ellas umas vinte naus grossas e muitas fustas e zambucos grandes, que o mais eram embarcações miudas.

D. Vasco deixou alguns navios menores na costa de Cochim, e por seu capitão mór Vicente Sodré, para ficar fazendo presas, acossando os mouros inimigos «e principalmente para acudir a Cochim, sendo necessario» na ausencia de D. Vasco da Gama, ficando com esses navios e na feitoria de Cochim apenas uns duzentos homens de armas portuguezes. Depois D. Vasco da Gama navegou para Portugal, tendo-o Vicente Sodré com outros acompanhado na viagem até ao Monte Dhely.

Alguns censuram D. Vasco por ter deixado tão pequena força para defender Cochim e para os mais serviços, mas reconhecer-se-ha que o peor de tudo foi o mau comportamento d'aquelle capitão do mar da India, Vicente Sodré, sim valente, mas descuidado e ingrato para com o bom rei de Cochim, o que podia ter tido mais desastrosas consequencias para Portugal do que aquellas que houve, porém que dentro em pouco tempo foram remediadas, como veremos.

D. Vasco tocou em Melinde, não entrou em Moçambique, passou na altura da ilha Terceira, onde tamdem não pôde aportar, entrando finalmente pela barra de Lisboa com dez navios carregados de muitos valores, deixando feitos na India grandes serviços e o nome portuguez altamente respeitado.

Foi por esse tempo *«que el-rey D. Manuel lhe concedeo as ancorages da India, e o fez almyrante do seu mar pera sempre, sendo as ancorages pera os seus morgados, fazendo-o hum dos principays homens do seu reyno»*.

Não se pense que me esqueço das confrontações e citações do poema dos *Lusíadas* de Camões. Ha naturalmente intervallos e interrupções. Não tardará melhor ensejo, e

mais oportunidade terei para esse fim em tratando das *Lendas* dos vice-reis e dos governadores.

Com Vicente Sodré, 1.º capitão do mar da India, tinham ficado seu irmão Braz na naveta de Ruy da Cunha, Diogo Fernandes Corrêa n'outra naveta, e em outra João Fernandes de Mello, e Pedro de Athayde; e com tres caravelas João Rodrigues Badarças, Antonio Vaz, e Antonio Fernandes Roxo, levando a bordo todas essas embarcações cento e tantos homens d'armas.

Andando Vicente Sodré a cruzar com os seus navios entre Batalalá e Cananor, como capitão do mar, fez diferentes ricas presas de fustas e zambucos carregados de mercadorias de mouros, e apresentando-se na costa de Calecut impedia por ali o commercio por mar, atacando quantos musulmanos e naturaes d'aquelle inimigo reino encontrava, o que lhes produzia immenso damno e sobresalto, e comtudo o Samorim e os da sua facção, sem se emendarem do errado procedimento que tinham para com os portuguezes, tramavam incessantemente contra o bom rei de Cochim e se aprestavam para irem estragar-lhe as suas terras, o que era o mesmo do que offender e provocar os lusitanos existentes n'essas paragens, ou assim se devia entender.

Até ahi foi bem o dito capitão, mas succederam n'essa epoca serias desavenças, e uns desconcertos lamentaveis, entre o rei de Cochim e o proprio Vicente Sodré.

Foi este com tres navios e cinco caravelas, em occasião inoportuna, fazer uma diversão a Cambaya, onde conseguiu todavia apresiar varios navios de mercadores mouros, e sobre a costa de Dio tambem apresou grandes naus que se dirigiam para Meca, nas quaes achou abundancia de pimenta e muitas drogas e fazendas finas.

Já em março de 1503, e não satisfeito ainda com aquella diversão, contraria ao regimento que D. Vasco da Gama lhe tinha deixado, em que lhe recommendava o mais vi-

gilante auxilio ao rei de Cochim e o defendel-o a todo o transe do Samorim de Calecut, de accordo com a pequena força portugueza de terra, partiu para o estreito de Meca, levando tres navios e tres caravelas, faltando assim ao seu dever, e imprudentemente deixando o mesmo rei de Cochim exposto a uma lueta desigual com o poderoso Samorim, que se preparava para o hostilisar, sendo de todo o ponto manifesta a desintelligencia que existia entre esse capitão do mar e o rei de Cochim, e cada vez mais para temer os seus resultados.

Atacado o rei de Cochim em suas terras por forças muito maiores do seu inimigo, e não querendo atraiçoar nem entregar os portuguezes que lá tinha, briosamente resolveu resistir e defender-se, como fez por algum tempo, porém um terrivel revez, em que perdeu muita gente, inclusivé alguns seus proximos parentes, o obrigou a abandonar a sua cidade de Cochim e a refugiar-se na ilha de Vaipim, na qual o Samorim não ousou entrar, por ser considerada uma coisa veneranda essa ilha, denominando-a os malabares «Ilha Santa.»

Cochim e suas dependencias entram no numero d'aquellas de nossas antigas possessões ultramarinas de que os inglezes se assenhoriaram, e de que estão tirando bom proveito, explorando-as em todos os sentidos.

É para notar que se faz «ser por ali que estiveram e se descobriram as sepulturas de nossos primeiros pais.» Os geologos e naturalistas, como se sabe, dizem effectivamente presumir-se que a primeira apparição da especie humana foi na Asia central, não longe das ridentes margens do rio Euphrates. Tem interesse a menção d'isto, a par d'aquella tradição remotissima no Oriente, pela analogia que se estabelece entre essas reaes ou suppostas occorrencias, lendo eu n'um auctor que no tempo do vice-rei D. Francisco de Almeida, de que adiante fallarei, ainda seu filho D. Lourenço pôde lá descobrir vestigios das ditas sepulturas, o

que simplesmente registro e exponho aqui sem espanto, e só por curiosidade.

Mas (continuando no que antes vinha dizendo) foi aquelle grande revez sómente contra os de Cochim? Identificados com elles, e em especial com o seu rei, em interesses importantes, os portuguezes, não se viram de subito com o commercio ali interrompido, e correndo mil perigos pessoases? Mais um outro revez, e quaes poderiam ser então as consequencias? Que planearia a immensidade dos inimigos dos portuguezes na India vendo não só a pequenissima força que ficou, mas essa mesma dividida em dois grupos discordes, um correndo a sorte do rei refugiado e o outro em aventuras ao estreito de Meca?

E a maior culpa de Vicente Sodré foi ser a causa principal de tão perigosa dissensão.

Claro está que se não mudasse depressa esse estado de coisas, se mal se estava, muito peor seria para Portugal.

Parece que por castigo de antes ir ao estreito de Meca, faltando a compromissos graves, e com a ambição de só fazer presas, do que a socorrer o rei de Cochim, tão amigo dos portuguezes, perdeu Vicente Sodré nas ilhas de Curia-Muria, na costa da Arabia, com dois navios a propria vida, morrendo elle e seu irmão Braz com alguns outros por effeito de uma enorme borrasca que deu ali de repente.

O seu immediato Pedro de Athayde conseguiu no fim de grandes perigos e trabalhos aportar a Cananor, salvando-se com dois navios e algumas embarcações miudas, em que iam uns cem homens.

Pedro de Athayde, para fazer alguma coisa, foi com um navio e quatro caravelas correndo pela costa de Calecut, e saindo d'esse porto uma rica nau de mouros de Meca a apresou, voltando com ella para Cananor, e repartindo o producto da presa com o rei d'essa cidade, sem contudo

tratar de ir em auxilio do rei de Cochim e de procurar desafrontal-o de algum modo dos inimigos que invadiram o seu reino, acção essa na verdade reprehensivel, e como para coroar todo o mais anterior procedimento.

Em topando aberrações d'estas, ou coisas parecidas, não deixarei de as expor, seja qual for o desgosto que isso me cause, não só por ir assim com os factos como por entender que no historiar não se deve proceder de outra fôrma. Melhor seria se podesse sempre tecer elogios ou fazer bonitos ramalhetes, se com effeito os soubesse fazer, mas apresentar sempre factos agradaveis é que não pôde ser.

REINADO DE D. MANUEL

Armada dos Albuquerque

Anno de 1503

Foram n'essa armada e n'esse mesmo anno para a Índia, a saber: Affonso de Albuquerque, com bandeira, e com elle Vicente de Albuquerque, seu sobrinho, e Duarte Pacheco Pereira; e Francisco de Albuquerque, com bandeira, e com elle Nicolau Coelho, e Fernão Martins de Almada, este para ir andar de armada no Cabo Guardafú; sendo portanto dois capitães môres de seis naus, cada um capitão mór governando em tres.

No outro auctor alludido¹ encontram-se as seguintes divergencias: Em logar de Vicente de Albuquerque põe Fernão Martins de Almada, e em logar d'este Pedro Vaz da Veiga; e diz que foi em outra nau o capitão Pedro de Athayde.

Ambos os auctores não referem os nomes das embarcações d'esta armada, ou das duas secções em que se dividia.

O mesmo auctor alludido diz que foi n'esse anno outra armada de tres naus para andar no mar Rôxo, levando por capitão mór Antonio Saldanha, de que mais adiante fallo,

¹ Figueiredo Falcão.

tendo só a notar o dar elle a um dos capitães o appellido de «Pereira» e Gaspar Corrêa o de «Peteira», chamando-lhe este sempre assim todas as vezes que o nomeia.

Tambem não poderam dizer esses auctores os nomes das naus d'estas tres pequenas armadas.

Conforme o auctor especialista alludido são os nomes dos capitães os seguintes :

Affonso de Albuquerque mór, Fernão Martins de Almada, Duarte Pacheco Pereira; Francisco de Albuquerque mór, Pedro Vaz da Veiga, Nicolau Coelho; Antonio de Saldanha mór, Ruy Lourenço Ravasco, e Diogo Fernandes Pereira.

Era já fim de setembro e não chegavam a Cananor as naus de viagem de Portugal, pelo que se estava ali com muito pesar. Appareceram por fim; e o primeiro capitão que lá chegou com o seu navio foi o dito Francisco de Albuquerque, o qual partiu logo com mais seis caravelas a soccorrer o rei de Cochim.

Fez grande mortandade na gente do Samorim de Calecut, combatendo por terra e pelo rio até que foi collocar em Cochim o seu rei, com grandes festas e contentamentos. E vendo-o alegre e satisfeito pediu-lhe para deixar fazer um forte á entrada da barra, o que elle permittiu, e andando-se n'isto chegou Affonso de Albuquerque com a sua gente. Pouco depois, este extraordinario e bravo capitão, que tanto se havia de illustrar na India, o destemido Duarte Pacheco, e o tambem valoroso Francisco de Albuquerque, com todos os seus companheiros d'armas reunidos, caíram com furia sobre o grosso da gente do Samorim, fazendo por ultimo fugir tudo o que escapou á morte, e ficando completamente evacuado de inimigos o terreno, n'uma certa extensão, desafrontando-se por este modo o rei de Cochim.

Assim se remediou portanto, e com grande felicidade, o mal que Vicente Sodré tinha causado.

No tempo das primeiras descobertas e conquistas no

Oriente foram de immenso valor para os lusitanos a alliança e a amisade do rei de Cochim, e isso não foi só pelo motivo das especiarias para a carregação das naus. Houve uma força moral que d'ali se derivou, e que lhes aproveitava, aos olhos de muitos gentios malabares. Se o Samorim de Calecut era considerado como o maior dos reis de toda a costa do Malabar, o rei de Cochim reunia em si o supremo sacerdocio, sendo o chefe da seita brahmanica n'aquellas paragens, ou como o primeiro d'entre os seus brahmanes. Declarar-se amigo dos portuguezes tal personagem, repartindo com elles do seu prestigio, era como sublimar-os perante todo o Malabar, o que juntamente não podia passar desaperecebido por outras muitas partes da India. O Samorim bem o via. A principio não cessou de o afagar para induzil-o a seguir outro caminho, e são curiosos os seus amiudados recados ou mensagens ao rei de Cochim, no que não faltavam conselhos interesseiros. Quando viu que nada conseguia é que rompeu. Talvez que essa especialissima circumstancia que me lembrou apontar, e a que ainda não vi attribuir a importancia que aqui lhe dou, concorresse não pouco para afrouxar o ardor guerreiro de muitos dos contrarios, quero dizer, que talvez aos portuguezes muito mais custasse a principio o seu avanço na transcendente empresa em que se achavam empenhados, se não fosse aquelle feliz caso, e mesmo que sem isto nem podessem proseguir n'ella com probabilidade de bom exito.

Portugal nunca devia consentir em deixar-se alienar a tão singular possessão indiana de Cochim, ainda que a compensasse, dando em troca alguma cousa aos inglezes. Vejo ter sido Cochim a base mais solida em que primeiro se apoiaram os lusitanos para conquistarem a sua futura grandeza no Oriente, e que foi o afamado circo das gloriosas proezas do grande Pacheco, de que tornarei a fallar n'outro logar. Na minha firme crença ou justa fascinação, sempre

lastimarei aquella perda. Cochim merecia de nós selecção particularissima, por muitos titulos. As nações, como os individuos, que se presam, têm deveres Moraes a cumprir. Mas devo passar agora a outro assumpto.

Novos manejos poz em acção o malevolo rei de Calecut para obstar á fortuna do rei de Cochim, devida á continuação da grande procura de drogas e especiarias para a carregação das naus do reino, e pela protecção que lhe davam os portuguezes.

Occorreram por esse tempo alguns combates parciaes, nos rios de Cochim com tones de Calecut, ficando destrôgadas taes embarcações, e passando para Cochim os bateis carregados de especiarias vindas do interior pelos rios e esteiros.

Rebentou de novo a guerra com o Samorim.

Foram carregar a Coulão duas das nossas naus. Affonso de Albuquerque estabelece ali feitoria.

Duarte Pacheco Pereira fica por capitão do mar da India, deixando-se-lhe apenas seis caravellas e um navio maior com as tripulações e os respectivos homens d'armas, estes sendo poucos mais de cem!

Partiram então para o reino sete embarcações carregadas, fazendo escala por Cananor, e no entanto ia Duarte Pacheco fazendo varias presas maritimas pela costa de Cambaya a mouros e seus auxiliares, tornando-se o terror d'elles, pois tinha partido para ali com os seus navios, mas fazendo pouca detença, recolhendo com boas presas, e procurando sempre fazer o maior mal possivel aos de Calecut, que nunca quizeram commerciar pacificamente com os portuguezes, e só cogitavam, com os mais inimigos, no modo de os lançar fóra da India.

Convém não perder isto de lembrança, o que prende com outras observações que ainda hei de fazer, pela ordem em que tomei os meus apontamentos em separado, discordando de quem só vê rigores no procedimento dos portu-

guezes d'esse tempo, sem attender á epoca e a outras varias circumstancias e particularidades.

Em maio do dito anno de 1503 partiu Antonio de Saldanha por capitão mór de tres navios para cruzar no estreito de Meca, commandando elle um dos navios e sendo capitães dos outros Diogo Fernandes Peteira e Ruy Lourenço Ravasco, e foi n'essa viagem que elle, desembarcando perto do Cabo da Boa Esperança, acertou com agua doce n'um sitio, que se ficou chamando «Aguada do Saldanha».

Passadas algumas aventuras de pouco interesse, com o mau tempo separados uns dos outros esses navios, entraram já em março de 1504 no estreito de Meca, onde aquelle capitão mór pouco fez, regressando d'ali para invernar.

Como n'esse tempo visse o rei de Calecut queimados os mouros de um zambuco que foi ter á costa, destruido em brava peleja por Duarte Pacheco, quiz mandar fazer o mesmo a dez portuguezes da feitoria que lá tinham ficado em Calecut, porém as circumstancias eram diversas, e afortunadamente o dissuadiu d'isso um irmão, melhor pessoa.

Pedro Rafael conseguiu vir a tirar de Calecut seu irmão feitor e os companheiros, que todos estiveram em risco de ser assassinados, como tambem os filhos do antigo feitor morto Ayres Corrêa, que um mouro amigo teve muito tempo escondidos.

Segundo noticias de guerra dadas a Duarte Pacheco preparou-se este, como pôde, com a pouca gente que tinha, para defender Cochim dos ataques da gente de Calecut, quer por terra quer por mar.

Achava-se Duarte Pacheco com muita falta de gente d'armas, como succedeu no tempo de Vicente Sodré, para poder arrostar com o poder do Samorim. Suppruiu porém a coragem e a boa vontade, differençando-se do já sabido procedimento que teve o outro, e decididamente dedicando-se á mencionada defesa.

Por essa occasião atacados no mar por forças superiores

os capitães Antonio do Campo e João Lopes Perestrello desbaratam os mouros atacantes. Ao mesmo tempo os nossos assaltavam pelos esteiros e rio de Cochim mouros e gentios da facção do Samorim de Calecut, distinguindo-se dos nossos Ruy de Mendanha, Lopo Cabral, João d'Araujo, Pedro Fernandes Botelho, Pedro Alvarenga, Diogo de Castro, e outros. Depois d'estes outros foram conduzidos aos logares dos combates pelo proprio capitão mór Duarte Pacheco.

N'uma sortida pelo rio de Cochim, pois os assaltos repetiam-se, Lizuarte Pacheco e Diogo Feio com poucos dos seus destruíram ao inimigo vinte e um paraós, e em tres tomados, depois de concertados, se metteram por capitães com a sua gente Alvaro Borralho, João de Freitas, e Pedro Alvarenga, que como bons cavalleiros fizeram proezas pelo rio, saltando também em terra. Por outro lado Duarte Pacheco com varios capitães de embarcações menores e de mais gente d'armas, dando n'umas ilhotas junto a Cranganor por entre rios, as destroem fazendo grande mal á gente d'essas terras, dizendo Gaspar Corrêa (tal era o ardor da peleja) «*que deyxarão por aly tudo feyto em carvão*», obrigando a fugir d'essas ilhotas a gente de Calecut que por lá andava, e isto todavia não era mais do que uma introdução á estupenda scena que ia seguir-se.

Houve depois em todo o inverno uma serie de victorias por terra e em dois passos ou vaus de um rio de Cochim contra todo o poder do rei de Calecut, colligado com outros reis indios e com mouros e gentios de diferentes terras, alcançadas essas victorias com inexcedivel coragem e ardis de varias especies pelo grande Pacheco com poucos dos seus, e até quasi que ia dando cabo do proprio Samorim de Calecut n'um andor, onde um tiro lhe matou um pagem que levava ao lado, sendo mais especiaes theatros d'essas luctas heroicas, pelas terras de Cochim, os passos Cambalão e outro n'um rio, por cujas partes as forças re-

unidas do potentado indiano e de seus alliados mais porfiaram em entrar por vezes, e lhes destruiu na costa e dentro do rio de Cochim paraós e immensa gente, entre esses paraós, havendo alguma embarcação mais forte em que uns renegados estrangeiros (para me servir das expressões de Gaspar Corrêa) tinham montado certa machina artilhada e incendiaria de sua invenção, para com ella atacarem e queimarem as fustas em que Pacheco e os seus combatiam no rio de Cochim, os lusitanos fazendo por ultimo fugir o Samorim e todos os que o acompanhavam. . . A imaginação confunde-se com tal prodigio, e só essas façanhas do sempre grande Pacheco e dos seus companheiros eram bastantes para formar uma preciosa epopeia!

Ora, aos ditos renegados estrangeiros e a alguns chefes mouros com os de sua seita foi devida a maior força da aggressão, indo os indios e os gentios para ali arrastados, por assim dizer, pela corrente da mourisma, por isso e pelo mais que já observei, sendo menos para temer a multidão dos mesmos gentios e indios; mas eram tão poucos os portuguezes, mesmo em relação áquelles seus primeiros contrarios, que sempre fica patente o prodigio, e todos os que se lhes apresentaram e aproximaram foram ali batidos e desbaratados n'uns poucos de recontros seguidos, com espanto de todo o Malabar e das mais terras da India onde a noticia chegou.

Em proporção da pequena força dos portuguezes ainda foram muito poucos os mortos e os feridos que tiveram, e dos primeiros o de maior vulto foi João Serrão, escapando como por milagre os outros destemidos capitães e cavalleiros, cujos nomes já deixei mencionados, com o seu capitão mór á frente.

Portuguezes n'essa prodigiosa e memoravel defeza eram apenas cento e tantos, ajudados de alguns Nayres malabares por terra!!!

Veja-se agora com que nobre energia se expressa a tal

respeito no poema dos *Lusiadas* o immortal Camões, outro heroe lusitano infeliz, por quanto é sabido o mau pago que tiveram este e o grão Pacheco.

Eis as correspondentes oitavas do indicado poema :

«Chamará o Samorim mais gente nova ;
Virão reis de Bipur, e de Tanor,
Das serras de Narsinga, que alta prova
Estarão promettendo a seu senhor :
Fará que todo o Nayre emfim se mova,
Que entre Calecut jaz e Cananor,
D'ambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, gentios pela terra.

E todos outra vez desbaratando,
Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
A grande multidão, que irá matando,
A todo o Malabar terá admirado.
Commetterá outra vez, não dilatando
O gentio os combates apressado,
Injuriando os seus, fazendo votos
Em vão aos deuses vãos, surdos e immotos.

Já não defenderá sómente os passos,
Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas ;
Acceso de ira o cão, não vendo lassos,
Aquelles que as cidades fazem razas,
Fará que os seus de vida pouco escassos,
Commettam o Pacheco, que tem azas,
Por dois passos n'um tempo ; mas, voando
D'um n'outro, tudo irá desbaratando.

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforce e anime ;
Mas um tiro, que com zonida vòã,
De sangue o tingirá no andor sublime ;
Já não verá remedio, ou manha bõã,
Nem força, que o Pacheco muito estime,
Inventará traigões, e vãos venenos,
Mas sempre (Deus querendo) fará menos.

Pela agua levará serras de fogo
 Para abraçar-lhe quanta Armada tenha,
 Mas a militar arte e engenho logo
 Fará ser vã a braveza com que venha;
 Nenhum claro varão no marcio jogo,
 Que nas azas da fama se sustenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma,
 E perdôe-me a illustre Grecia ou Roma.

Porque tantas batalhas sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas e artes inventadas,
 Tantos cães não imbelles profligados,
 Ou parecerão fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes côros, invocados,
 Descerão a ajudal-o, e lhe darão
 Esforço, força, ardil, e coração!»

É o mais que se póde dizer, e ao ler tão bella apreciação poetica feita pelo nosso entusiasta e grande epico Luiz de Camões, quem não sentirá ainda uma commoção profunda? quem poderá ficar frio e indifferente?

E expandia-se em sons harmoniosos essa alma tambem forte e patriotica, esse portuguez de lei, que igualmente soube brandir a espada na Africa, e a quem depois na Asia alguns seus inimigos concidadãos vexaram e perseguiram por indisposições pessoaes, por baixas vinganças, e finalmente por uma triste fatalidade que o acompanhava.

Mais tarde deixaram-n'o morrer em Lisboa á mingua e no mais completo abandono e esquecimento!

Ultimamente porém levantaram-lhe em Lisboa uma estatu.....

E o melhor é deixar que o juizo do leitor preencha o vacuo d'esta reticencia.

Diz-nos Gaspar Corrêa que nos combates pelos rios e esteiros do interior, e nos passos ou vaus do rio de Cochim se distiguiram sob as ordens do grão Pacheco, Diogo Pires, Pedro Raphael, João Rodriguês Badarças, Ruy de Men-

danha, João de Negreiros, Antonio Fernandes Roxo, Lizuarte Pacheco, João Franco, Antonio Figueira, Gonçalo Arraes, Cid de Sousa, Fernão Juzarte, Duarte Ferreira, João de Aguiar, Diogo de Castro, Alvaro Botelho, Lopo Cabral, João de Araujo, João Lopes Perestrello, Ruy de Araujo, e Alvaro Raphael, além de outros já nomeados, e em summa distinctos foram todos os portuguezes que em tantos perigos e em tal desigualdade numerica, então combateram e triumpharam com tanto primor.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de Lopo Soares d'Albergaria

Anno de 1504

Em 25 de março d'esse anno saiu a barra de Lisboa a armada de Lopo Soares d'Albergaria com destino á India, compondo-se de nove naus grossas e quatro navetas, levando-o a elle por capitão mór, e sendo os outros capitães a saber: Pedro de Mendonça, Leonel Coutinho, Tristão da Silva, Lopo Mendes de Vasconcellos, Lopo de Abreu da Ilha, Filippe de Castro, Pedro Affonso de Aguiar, Vasco da Silveira, e Manuel Telles Barreto, estes todos das naus grossas para carga. O dito Pedro de Mendonça ia commandando a nau capitanea, e iam nas navetas Affonso Lopes da Costa, Vasco Carvalho, Christovão de Tavora, e Simão de Alcaçova, que deviam ficar na India, se não houvesse carregamento para os seus navios.

Gaspar Corrêa não diz os nomes das naus nem das mais embarcações d'essa armada.

O outro auctor alludido ¹ diz que eram doze naus e duas caravellas, o que vem a ser mais do que diz Gaspar Corrêa, e os nomes dos capitães refere-os pelo modo seguinte: Lopo Soares mór, Pedro de Mendonça, Manuel Telles

¹ Figueiredo Falcão.

Barreto, Affonso Lopes da Costa, Tristão da Silva, Vasco de Carvalho, Pedro Diniz de Setubal, Leonel Coutinho, Lopo Mendes de Vasconcellos, Pedro Affonso de Aguiar, Philippe de Castro, Vasco da Silva, Lopo de Abreu, e o capitão da nau de Lopo Soares (sem nome).

Mesmo contando com este ultimo parece faltar um. Ha differenças na qualidade e no numero das embarcações, e n'alguns dos nomes dos capitães.

Ambos os auctores não poderam dizer os nomes das embarcações d'esta grande armada.

Fazendo a mesma armada a sua navegação foi ter á costa do Brasil, e voltou no rumo do Cabo da Boa Esperança, porém na altura d'este Cabo deu-lhe um temporal, que apartou os navios. A nau de Lopo Mendes abriu muita agua, e com grande custo foi ter a Melinde. As mais aportaram a Cananor com o capitão mór, e pouco depois partiram para Cochim.

O rei de Calecut, com a formidavel lição que lhe deu o grão Pacheco nas terras e nos rios de Cochim e de Cranganor, amou, e tinha-se retirado para um pagode, dizendo que não queria reinar mais, mas veio logo a sair, como rei, por conselho de mahometanos tão bons como elle, e com a falsa sinceridade de que usava, mandou pedir paz ao capitão mór Lopo Soares.

Este foi lá para requisitar uns estrangeiros, que na anterior guerra com o Pacheco pretenderam fazer-lhe muito damno com o seu invento da machina de um castello artilhado e incendiario de atacar pelo rio de Cochim, e de que já fallei (dizia-se que eram italianos esses estrangeiros), e não lh'os querendo o Samorim entregar soffreu que aquelle mandasse descarregar sobre a cidade de Calecut todos os tiros de artilheria da armada, com que muito a arruinou, regressando depois a Cochim.

Havia em Coulão abundancia de pimenta, e foram carregar a esse porto cinco de nossas naus, de que eram ca-

pitães Affonso Lopes da Costa, Pedro de Mendonça, Simão d'Alcaçova, Leonel Coutinho, e Lopo d'Abreu.

Desbaratou o capitão mór em Cranganor e Tramapatão naus e outras embarcações menores de Calecut, e com as suas já carregadas foi a Cananor despedir-se do rei da terra, seguindo d'ali para Portugal.

No feito de Cranganor, que foi dentro do rio onde os nossos procuraram o inimigo, distinguiram-se um João Serrão, Pedro Affonso de Aguiar, Antonio de Saldanha, Ruy Lourenço Ravasco, Tristão da Silva, Filippe de Castro, Manuel Telles de Vasconcellos, Vasco da Silveira, Christovão de Tavora, Manuel Telles Barreto, e Vasco Carvalho, commandando embarcações, e tanto ali como em Tramapatão foi renhida a peleja e houve muitos feridos dos nossos, porém só uns oito homens mortos.

Quanto a esse capitão João Serrão, que vem entre os que se distinguiram, fica-se percebendo que era individuo differente do outro que se diz ter morrido na guerra de Duarte Pacheco em defeza do passo Cambalão, no rio de Cochim, que deixei indicado, e talvez mais moço do que elle mas do mesmo nome.

Em Paliporto, junto á barra de Cranganor, deu-se por esse tempo outro combate com cinco naus de mouros, ficando estes vencidos e desbaratados.

Ficava novamente guerra com o Samorim, e em geral com os mouros traficantes de fóra, continuando a fazer-se-lhes ricas presas no mar e nos portos, sempre pelos nossos atacados com denodo, no que raras vezes falhava a fortuna, isso em quanto o mau tempo não obrigava os portuguezes a invernaem, recolhendo-se aos portos.

Grandes riquezas nas naus de Meca, e n'outras embarcações, se tomaram. Um quinto era separado com applicação ao cofre da fazenda da India, e os outros quatro quintos eram divididos por todos os apresadores, sem exceptuar os capitães móres.

Acabei de fallar das primeiras tentativas, e dos capitães e armadas que houve entre os annos de 1484 a 1504, descobrindo-se n'essa epoca o Cabo da Boa Esperança e varias terras, agora aponto as series dos vice-reis e governadores, e de capitães e armadas que se seguiram até 1550, para em novos capitulos tratar d'estas especies, segundo o que pude apurar, e pela ordem d'essas mesmas series, n'esse grande intervallo realisando-se outras muito importantes e vastas descobertas e conquistas no Oriente, de que resumidamente irei dando tambem alguma noticia.

Vice-reis e governadores, e outros capitães e armadas,
desde 1505 a 1550

D. Francisco de Almeida, vice-rei e 1.º governador (com armada).

Armada de Pedro de Anhaya.

- » de Tristão da Cunha.
- » de capitães, sem capitão mór.
- » de Jorge de Aguiar.

Affonso de Albuquerque, 2.º governador. *

Armada de Gonçalo de Sequeira.

- » de D. Garcia de Noronha.
- » de D. Jorge de Mello Pereira.
- » de João de Sousa Lima.
- » de Christovão de Brito.

Lopo Soares de Albergaria, 3.º governador (com armada).

Armada de João da Silveira.

- » de Antonio de Saldanha.

Diogo Lopes de Sequeira, 4.º governador (com armada).

Armada de capitães, sem capitão mór.

- » de capitães, sem capitão mór.

D. Duarte de Menezes, 5.º governador (com armada).

Armada de capitães, sem capitão mór.

Armada de Diogo da Silveira.

D. Vasco da Gama, 2.^o vice-rei, e 6.^o governador (com armada).

D. Henrique de Menezes, 7.^o governador, e o 1.^o feito por carta de successão. *

Armada de Philippe de Castro.

Pedro Mascarenhas, 8.^o governador. *

Armada de capitães, sem capitão mór.

» de Manuel de Lacerda.

Lopo Vaz de Sampaio, 9.^o governador. *

Nuno da Cunha, 10.^o governador (com armada).

Armada de Diogo da Silveira.

» de capitães, sem capitão mór.

» de Martim Affonso de Sousa.

» de Fernão Peres de Andrade.

» de Jorge Cabral.

» de capitães, sem capitão mór.

D. Garcia de Noronha, 3.^o vice-rei, e 11.^o governador (com armada).

Armada de Pedro Lopes de Sousa.

D. Estevão da Gama, 12.^o governador. *

Armada de Francisco de Sousa Tavares.

» de capitães, sem capitão mór.

Martim Affonso de Sousa, 13.^o governador (com armada).

Armada de capitães, sem capitão mór.

» de Diogo da Silveira.

» de Fernão Peres de Andrade.

D. João de Castro, 14.^o governador (com armada).

Armada de Lourenço Pires de Tavora.

» de capitães, sem capitão mór.

Garcia de Sá, 15.^o governador. *

Armada de capitães, sem capitão mór.

Jorge Cabral, 16.º governador. *

Armada de capitães, sem capitão mór.

D. Affonso de Noronha, 4.º vice-rei, e 17.º governador
(com armada).

Os marcados com «asterisco» estavam na Índia, quando foram nomeados para o governo d'ella por cartas de successão.

Segue-se o breve exame de cada uma das referidas especialidades.

REINADO DE D. MANUEL

D. Francisco de Almeida, 1.º vice-rei e 1.º governador da India

Anno de 1505

A armada em que elle foi para a India era composta de oito naus grossas para carga, seis navetas, e egual numero de caravelas latinas, levando madeira lavrada e acertada para levantar na India duas galés e um bergantim «*e que coas nossas embarcações de guerra que lá se achassem prefizessem trynta velas, e mays, se mays comprisse, com que se senhoreasse o mar*», havendo-se, além d'isso, embarcado varios artistas e petrechos de guerra.

O commando da nau capitanea deu-o el-rei a D. Fernão d'Eça. Iam a saber: D. Lourenço de Brito para capitão de Cananor, D. Alvaro de Noronha para capitão de Cochim, Pedro Ferreira para capitão de Quilôa, Manuel Pessanha para capitão de Angediva; e eram capitães de fóra, que haviam de voltar nas naus para o reino, Fernão Soares, Antão Gonçalves, Diogo Corrêa, e Ruy Freire. Vasco Gomes de Abreu foi para andar de armada no Cabo Guardafú, e João da Nova para egualmente andar cruzando com armada entre o Cabo Comorim e as ilhas de Maldiva «*com hum Alvará secreto pera, se quizesse, ser capitão d'armada da costa da India*» sobre o que teve contendias com

o vice-rei (parece que de Lisboa ia arranjadinho esse pomo de discordia, por algum motivo secreto, como secreto era o tal alvará); Lopo de Goes Henriques, Sebastião de Sousa, Lopo Sanches, e Diogo Serrão, eram das navetas, e das caravelas Philippe Rodrigues, Lopo Chanoca, Gonçalo de Paiva ou Pavia, Antão Vaz, Lucas da Fonseca, e João Homem.

Constando da obra de Gaspar Corrêa que esse Gonçalo podia ser o mesmo que foi mandado por D. João II e que andou na India até que morreu em Ormuz, pede a coherencia que continue a appellidá-lo «Pavia» e não «Paiva», apesar de o ver também assim designado, não tendo reparado em tal contradicção o fallecido meu amigo Felner, e não direi só isto, mas também que o mais provavel era já aquelle ter morrido em Ormuz, e então n'isto anda erro e troca de nomes, sendo um o «Gonçalo» e o outro o «Afonso» e talvez que como este ultimo se deva com effeito chamar ao que logo em principio se chama Gonçalo na obra de Gaspar Corrêa, por algum erro typographico ou de copista.

O outro auctor alludido¹ dá áquella armada mais embarcações, e também differe muito no numero e nos nomes dos capitães, dizendo que são os seguintes:

D. Francisco de Almeida mór e vice-rei, Vasco de Abreu, João da Nova, Francisco de Anhaya, Pedro Este, Pedro Barreto, D. Fernão d'Eça, Ruy Freire, Diogo Corrêa, Lopo Sanches, Lopo de Deus (capitão e piloto), Antonio Gonçalves, Gonçalo Vaz de Goes, Lucas da Fonseca, João Homem, Pedro de Anhaya, Manuel Fernandes, Fernão Soares, Sebastião de Sousa, Pedro Ferreira Fogaça, Philippe Rodrigues, João Serrão, Fernão Bernardes, Gonçalo de Paiva (ou Pavia), Lopo Chanoca, Antonio Vaz, João Leite de Santarem, e João Queiroz.

E nomeia o mesmo auctor as seguintes naus, apenas, a

¹ Figueiredo Falcão.

saber: Bom Jesus, S. Gabriel, Flôr do Mar, S. João, Espírito Santo, Sant'Iago, Galega, e nada mais.

Convém porém advertir que faz parte d'essa grande armada a de Pedro de Anhaya, de que adiante abro título em separado, pelo motivo que direi e como se verá.

Na armada do vice-rei ia tudo com grande ostentação acompanhado elle de diversos fidalgos e de seu filho unico, D. Lourenço, esperançoso mancebo.

A armada tinha saido de foz em fóra de Lisboa a 25 de março de 1505, e das suas embarcações não achei declarados os nomes por Gaspar Corrêa.

Foi á vista das ilhas Canarias. Teve calmarias na costa de Guiné. Abriu a nau de Pedro Ferreira, e submergiu-se. A naveta de Lopo Sanches varou na costa, e tambem se perdeu.

Tocou a armada em Quilôa, e não querendo o rei da terra pagar «as parias» (tributo especial) saltou em terra gente d'armas, fugindo o rei e os moradores. Não obstante, um principal da cidade veio render homenagem, ao qual o vice-rei prudentemente fez regente, na menoridade de um menino filho do defuncto rei, a quem havia usurpado o logar o que tinha fugido, e mandou ali fazer fortaleza *«pera bem senhorear a costa, pera o trato das roupas»*, isto é, das fazendas finas de Sofalla, a que d'aquella fôrma se chamava, e tambem para invernaem as naus do reino *«que nom fossem além»*.

Estava-se a 13 de agosto quando todos partiram para Mombaça.

Ahi egualmente fugindo o rei, e apresentando resistencia os mouros, deu-se combate, e foi tomada a cidade por armas, porém tornando-se a receber em paz o rei da terra houve a formalidade de ceder-lhe o vice-rei D. Francisco de Almeida a cidade, e o fez tributario a el-rei de Portugal, com a condição de se começar lá, sem demora, a construção de uma fortaleza nossa.

Tinha sido porfiado e tenaz o combate com os mouros que dominavam n'essa cidade. Dos terraços das casas os mouros causavam muito mal aos nossos. Encostaram-se-lhes escadas, e o primeiro que levantou uma e subiu, seguido de outros, foi João Negrão, mestre da nau do vice-rei, e por ultimo encontraram os lusitanos um valioso despojo, de que se utilisaram quanto puderam.

Distinguiram-se n'este feito o João Negrão, João Homem «*com hua espada de ambalas mãos*», Lourenço de Brito, Manuel Pessanha, Arthur de Brito, Amador de Sousa, Fernão de Castro, Fernão Ferreira, D. Lourenço de Almeida (o filho do vice-rei), Sebastião de Sousa, D. Fernão d'Eça, Christovão de Figueiró, Fernão de Sousa, Fernão Peres, Pedro de Albuquerque, Fernão Soares, Vasco Gomes de Abreu, João da Nova, Diogo Corrêa, Philippe Rodrigues, D. Alvaro de Noronha, Ruy Freire, Lopo Chanoca, Gonçalo de Paiva, aliás de Pavia, Antonio Vaz, Lucas da Fonseca, e outros fidalgos e cavalleiros, entrando em combate uns mil e trezentos homens portuguezes.

Como appareceu então entre essa gente ida de Portugal um Gonçalo de Paiva ou de Pavia confesso que o não sei ao certo, só se esse Paiva era outro que não o que designo por Pavia, pela razão que já dei, ou era o Affonso, andando trocado o nome, conforme tambem já disse, e é o mais provavel. Podia omittir estas pequenas coisas, que para mim o não são, mas fiz tenção de o não praticar, e hei de cumpril-o quanto puder.

É para que alguns vejam que não se vae tão facilmente como se deseja n'umas investigações, quando primeiro que tudo se quer ser narrador consciencioso.

N'esse feito de Mombaça foram mortos mais de trinta homens lusitanos e feridos muitos de frechadas, de que tambem alguns d'estes vieram a morrer, havendo ferimentos de frechas envenenadas, como succedeu com D. Fernão d'Eça, Tristão de Menezes, e Diogo Furtado de Mendonça,

illustres aventureiros «*que nom ião a soldo, mas só pera ganhar honra*».

Talvez tambem não seja vão e inutil o dizer n'este logar que estando afflicto o vice-rei com o estado de mais alguns feridos de taes frechas peçonhentas, foram-lhe buscar um captivo mouro de Quilôa, o qual disse «*que nas ferydas de frechas de peçonha mettessem mechas de toucinho, que mataua aquella peçonha, o que assy se prouou e achou ser verdade*».

Ácerca da virtude medicinal do toucinho já me tinha contado um dia o meu bom amigo Nicolau João Franzini, official da secretaria da marinha, que applicando-se logo em fricções no sitio mordido por bichos venenosos, como lacráus, licranços, e mesmo viboras, conforme elle experimentou no tempo das suas caçadas, se tirava o melhor resultado. Quanto a mim, só pude até agora fazer a experiencia no sitio mordido pela véspe, desapparecendo immediatamente o incommodo. Estimarei que d'esta noticia alguem venha a tirar algum proveito, e com este intuito seja-me desculpada esta pequena divagação do meu assumpto.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de Pedro de Anhaya

Anno de 1505

Em maio d'aquelle anno tinha ido de Lisboa por capitão mór n'uma nau Pedro de Anhaya, ou de Nhaya, com mais cinco navios menores, para dois d'estes andarem na costa de Melinde no trato das roupas ou fazendas de Sofalla, sob o commando de seu filho Francisco, e eram os outros capitães de navios Pedro Barreto de Magalhães, Pedro Cam, que ia para feitor, João Leite, e João Queiroz. No caminho morreu Pedro Cam, a quem substituiu Manuel Fernandes Meirelles; João Leite, fisingando da prôa do seu navio um peixe, caiu ao mar e morreu, sendo nomeado em seu lugar João Vaz de Almada.

Um mez depois partiram Pedro Quaresma e Cid Barbudo, que invernaram em Quilôa. Diz-me isto Gaspar Correia, isto simplesmente.

Já disse que aquella primeira frota vem considerada pelo outro auctor alludido¹ como fazendo parte da armada do vice-rei D. Francisco de Almeida, não concordando todos os nomes dos respectivos capitães.

Chegou Pedro de Anhaya a Sofalla, incumbido de fazer

¹ Figueiredo Falcão.

começar a edificação de uma nossa fortaleza n'essa cidade, cuja fortaleza se acabou de construir em 1506, debaixo de incommodos e perigos, por causa dos ataques dos cafres, que a principio se oppozeram, portando-se por essa occasião com valor notavel o referido Anhaya e a sua gente.

Ao contrario do que pratiquei com a armada de Estevão da Gama, primo de D. Vasco da Gama, achei que devia abrir titulo especial ácerca da armada de Pedro de Anhaya, cuja menção está misturada com outras coisas nas *Lendas* da obra de Gaspar Corrêa, mas não vi especificados os nomes dos navios.

O vice-rei tocou em Angediva; partiu d'ahi com toda a sua armada para Cananor, onde achou mensageiro do rei de Bisnegá para assentar paz e amisade. Foi então que tratou para se fazer fortaleza em Cananor.

No porto de Onor incendiou naus de mouros de Calecut. Vindo os mouros de Dabul guerrear Angediva mandou-lhe o vice-rei soccorro por seu filho, retirando-se os mouros.

O Samorim de Calecut, de combinação com os principaes musulmanos da India, apromptou uma grande armada, com a qual atacou o vice-rei. Este derrotou os inimigos, queimando-lhes, afundando-lhes, ou apresando-lhes muitas embarcações e matando-lhes muita gente.

Tinha na armada oito naus, de que eram capitães D. Alvaro de Noronha, Lourenço de Brito, D. Lourenço de Almeida, Fernão Soares, Diogo Corrêa, Filippe Rodrigues de Mello, Ruy Freire, e Sebastião de Sousa; e das navetas Diogo Serrão, João da Nova, Vasco Gomes de Abreu, Manuel Telles de Vasconcellos, Ruy de Mendanha, Duarte Ferreira, Lopo Cabral, e Alvaro Botelho; e das caravelas Cid de Sousa, Lopo Chanoca, Gonçalo de Paiva, aliás de Pavia, Antonio Vaz, Lucas da Fonseca, João Vaz de Almada, e André da Silveira; n'uma galé ia João Serrão, e Filippe Rodrigues n'um bergantim, levando ao todo dois mil homens, contando com os mareantes.



Por traição dos mouros foram assassinados em Couião o feitor Antonio de Sá e os mais portuguezes que lá estavam na feitoria.

Em relação áquelle encontro com a frota do rei de Calecut conta-se que até os mouros se espantaram de ver que o vice-rei, com tão poucas velas que levava, sem esperar que o atacassem, fosse para elles, que traziam quatrocentas velas, em que entravam naus e muitos zambucos e fustas grandes; e o caso realmente não era para menos.

Diz Gaspar Corrêa que se praticaram então «acções de primor», principalmente nos abalroamentos. Assim D. Lourenço d'Almeida e os de sua companhia tomaram a nau capitanea dos mouros, que tinha seiscentos homens de peleja, havendo renhidos e duros choques, e da mesma fôrma succedeu com outras embarcações, que não preciso especialisar. Foi tal o desbarate da armada de Calecut que as embarcações escapadas da refrega fugiram a bom fugir, sendo ainda pela noite dentro perseguidas por algumas das nossas.

N'aquella brava abordagem da nau capitanea dos mouros o primeiro que saltou dentro d'essa nau foi D. Lourenço d'Almeida, seguindo-se João Homem, Filippe Rodrigues, Fernão Peres de Andrade, Vicente Pereira e outros, distinguindo-se juntamente João Serrano, ou João Serrão, e Simão Peres de Andrade, Lizuarte de Mello, D. João Pereira, e Leoniz de Castro, estes pelejando com espadas grandes, de ambas as mãos.

Depois D. Lourenço d'Almeida tambem foi fazer grande estrago nas embarcações dos mouros no porto de Couião e destruição n'aquelles, em desforra das mortes do feitor e dos mais homens da nossa feitoria ali, sendo conniventes esses mouros com outros que se haviam evadido por mar. D. Lourenço foi acompanhado n'esse feito de Couião pelos capitães Manuel Telles, Ruy de Mendanha, Lopo Cabral, Pedro Raphael, João Homem, e Alvaro Botelho.

É mister ainda completar a noticia resumida da anterior grande batalha naval dada pelo vice-rei, dizendo que houve feridos dos portuguezes mais de duzentos homens e mortos setenta e tantos.

Exercido em Coução aquelle castigo pelo bravo D. Lourenço d'Almeida, porque enfim a aleivosia nunca é mal punida, assentou-se de novo paz com a rainha de Coução, em cujo porto se mandaram d'essa vez carregar de especiarias tres naus portuguezas, carregando mais sete em Cochim, e todas regressaram para Lisboa.

João da Nova, Gonçalo Gomes de Abreu, e Pedro Fernandes Tinoco, vindos do reino, apresentaram, excepcionalmente, «novas provisões d'el-rei, que os fazia um tanto independentes». Os dois primeiros tornaram para Portugal, com licença, e o ultimo com as explicações do vice-rei houve por bem socegar.

Percebe-se que o illustre vice-rei não esteve pelas taes forjadas «provisões secretas» ou ardis inventados por alguem de Lisboa, em detrimento e menoscabo da sua posição e auctoridade.

São muitas vezes os causadores de semelhantes desregramentos os que em todos os tempos mais assiduos se mostram na manutenção do que elles chamam «prestigio auctoritario», em quanto lhes não convém infringir a sua magica e elastica regra, como eu mesmo tive diferentes occasiões de o observar durante a minha carreira publica, dando-se até comigo um tal acontecimento, que me fez envolver n'um conflicto grave, de que fui feito victima, em expiação a uns deuses terrestres ou frageis idolos, perante os quaes não devia nem quiz curvar-me. E para contrapor aos que pretenderam amesquinhar-me, assim como em esclarecimento para os que me não conheçam, vou juntar o teor de um documento, valioso pelo que deixa ver, e mais importante ainda pelo grau e seriedade de quem o escreveu e m'o endereçou e remetteu pelo correio.

Desculpe-se-me esta manifestação pessoal, mas tenho necessidade de a fazer.

Tratava-se de uma reparação, a que eu tinha direito, pelo motivo d'aquella occorrença.

Eis o conteúdo do documento:

«...sr.—O logar em que v. me falla não está vago, nem ha idéa alguma de que esteja para vagar. Quando isso aconteça ha de ser provido em conselho de ministros, como acaba de acontecer com um emprego analogo. O negocio não seria pois tão simples como pareceu a v.

«Em todo o caso esteja certo de que farei o que puder para o obsequiar, porque sou com muita consideração e estima.—Lisboa 21 de julho de 1875.—De v. amigo, etc. *Marquez d'Avila e de Bolama.*»

Devo ser grato á memoria d'esse homem d'estado e patentear aqui o meu reconhecimento por aquelle signal de consideração para comigo dado por um tão distincto personagem, depois duque do mesmo titulo, em quem sempre confiei, e ao qual dei repetidas provas de lealdade e firmeza, e de dedicação pelo serviço publico, em beneficio do meu paiz.

Mas ha uma coisa para mim singularissima. Posso dizer que ao conflicto a que alludi se juntou o compromettimento pelo facto de me ter opposto a certa indemnisação a uma pessoa, por um imaginario direito de posse de uma das ilhas de um grupo a que tambem pertence a de «Bolama». Assim este nome faz-me reflectir n'um caso de consequencias bem inesperadas e penosas para mim, de que me estou recordando...O caso é que falleceu o duque, e o meu negocio ficou por decidir. Estranho destino, magia incomprehensivel!

Ha coisas que sem eu ser fatalista realmente me parecem fadadas.

Na epoca de que primeiro ia fallando succedeu vir Manuel Telles de Vasconcellos, capitão do mar da India, de

cruzar na costa de Dabul, de volta para Cochim, e encontrar-se na paragem de Monte Formoso com tres grandes naus de mouros de Meca, fazendo estas embarcações muita resistencia, não cedendo os mouros á intimação para se renderem, pelo que foram atacados e vencidos, usando-se de bastante rigor com duas d'essas naus, as quaes os portuguezes incendiaram, morrendo a maior parte da sua gente. Salvou-se porém a outra nau em que iam mulheres e creanças, dando-se a seu bordo o seguinte caso. Dois facinorosos ou fanaticos musulmanos, escapados a nado de uma das naus incendiadas, penetrando n'aquella nau, foram achados a degolar mulheres e creanças, ao que acudiu primeiro Cid de Sousa, que matou os dois mouros. Aproveitaram-se os nossos da pimenta e das drogas que poderam tirar, e o referido Manuel Telles de Vasconcellos mandou a nau salva para o porto de Cananor, com carta ao rei d'essa cidade, desculpando-se do mal que fez ás outras naus, chamando elle «soberbas» a todas tres «e que nom quizerão amaynar», poupando as mulheres e creanças, «que o mal nom merecyão» e dizendo ao predito rei «que fyzesse delas o que quizesse, bem como da nao em que yão».

Ainda no meio d'aquella lamentavel severidade não transpirará d'esse acontecimento o antigo cavalheirismo portuguez, cástigando-se com mão pesada e firme as arrogancias e sobrancerias do inimigo, e poupando-se e salvando-se as fracas e innocentes mulheres e creanças?

Não basta dizer que houve na India taes e taes rigores excessivos, ou meramente excessos de rigor, na generalidade, é necessario conhecer as suas causas e origens verdadeiras, para se não cair na repetição do inconveniente de declamações a que se possa dar com razão o nome de vagas ou infundadas, não querendo dizer com isto que não se praticassem excessos indesculpaveis algumas vezes.

Vindo os mouros de Dabul atacar a povoação de Ange-diva é soccorrida por D. Lourenço d'Almeida.

Por encomenda d'el-rei de Portugal para a rainha sua esposa mandou o vice-rei comprar á rainha de Couião dois maravilhosos rubis que possuia, «*por corenta myl cruzados em mercadorias, a contento dela, e fazendo hũa obrigação de que nunca em seu porto consentyria náos, nem mouros de Calecut*».

Essa transacção dos rubis faz honra ao nome portuguez, porque mostra que não se abusava, realisando-se tão avultada compra sem fazer violencia nem roubo, tanto mais que se tratava com uma debil rainha indiana, na inteira dependencia dos portuguezes.

É com um prazer sincero que registro e commemoro successos de uma certa moralidade, e vou citando nomes de quem dava logar a elles, como tambem dos que mais se distinguiram louvavelmente por outras fôrmas, illustrando-se a si e levantando muito alto o nome portuguez.

Pelas costas do mar, pelas enseadas, e pelos rios da India não se deixavam andar socegados os mouros e os gentios que os ajudassem, assaltando-os continuamente as nossas embarcações de guerra, e sobre tudo atacando os mouros traficantes, e os rebeldes de Calecut e de suas dependencias, estacionados por aquellas paragens, ou que navegassem e passassem pelo mar e pelos rios com mercadorias, assim como os mouros e gentios de muitas outras embarcações que se occupavam só em roubos ou na pirataria, o que era uma temivel praga na India.

D. Lourenço d'Almeida, encarregado com outros de taes diligencias, isto ainda no anno de 1506, tendo de ir ás ilhas de Maldiva, passou por ellas com a força da corrente das aguas, e foi aportar á ilha de Ceylão, o que deu motivo a «*fazer o seu rey tributario ao de Portugal em a carga de canella de hũa náó cadano e dois alyfantes*», de que o rei escreveu, segundo o costume, a sua carta em folha de oiro, por sua propria vontade, e sem guerra nem o menor constrangimento.

Com a permissão do rei da ilha deixou D. Lourenço posto ali sobre uma ponta de terra que estava na bahia um padrão, por memoria, com as armas d'el-rei D. Manuel.

Se doze annos depois desembarcou lá o governador Lopo Soares de Albergaria «como tratando de algum tributo e vassalagem» haja cuidado; e convem não confundir isso com o outro successo, como me parece que já o vi confundido n'alguma publicação, o que julguei dever declarar e prevenir aqui.

Eram muitas as denominadas ilhas Maldivas, algumas pequenas e inhabitadas, divididas por muitos canaes, alguns tão estreitos e cheios de obstaculos que era difficil e perigosa por ali a navegação.

Foi percorrida a costa occidental da grande ilha de S. Lourenço (Madagascar), em 1506, por Ruy Pereira Coutinho, e a costa oriental, no anno seguinte, por Fernão Lopes, em seus navios; comtudo, parece-me que o descobridor d'essa ilha foi Diogo Dias, em 1500, o qual lhe passou ao lado no seu navio, corrido com uma tormenta, e lhe poz aquelle nome, por se ter avistado em dia de S. Lourenço, como já referi, e o diz Gaspar Corrêa, outro auctor considerando descobridores ou exploradores das sobreditas costas, occidental e oriental, aquelles dois primeiros nomeados individuos.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de Tristão da Cunha

Anno de 1506

Tristão da Cunha foi n'esse anno para a India por capitão mór de oito naus de carga, e eram os mais capitães a saber :

Alvaro Telles Barreto, Job Queimado, João Gomes de Abreu da Ilha, Leonel Coutinho, João Rodrigues Pereira, Ruy Mendes das Portas da Cruz, e Tristão Alvares.

Em uma nau grande devia ir Affonso de Albuquerque á conquista de Ormuz levando comsigo os quatro capitães Manuel Telles, Affonso Lopes da Costa, Francisco de Tavora, e Antonio do Campo, com seus navios.

O outro auctor alludido¹ dá á armada mais duas naus, sendo as naus e os capitães os seguintes:

Tristão da Cunha mór na nau Santiago, Alvaro Telles (Barreto?) na Graça, Affonso de Albuquerque na Cirne, Manuel Telles na Rei pequeno, Francisco de Tavora na Rei grande, Affonso Lopes da Costa na S. Jorge Taforèa, Antonio do Campo na Espirito Santo, mais as naus Conceição, Botafogo, e S. Gabriel. Diz que os nomes dos capitães d'estas tres naus estavam gastos nos livros da casa da India.

¹ Figueiredo Falcão.

Accrescenta o mesmo auctor os seguintes nomes de capitães que tambem foram n'esse anno com as suas embarcações, entrando no numero d'elles os tres de que se não pôde ler os nomes nos livros da casa da India, a saber: Leonel Coutinho, João Queimado, João Gomes de Abreu, João da Veiga, Ruy Dias Pereira, Ruy Pereira Coutinho, Alvaro Fernandes de Alvito, Tristão Alvares, e Tristão Rodrigues.

Ha pois todas essas differenças, que se podem ver e apreciar.

Havia peste em Lisboa em grande força. El-rei estava em Abrantes. A armada só pôde apromptar-se e partir para a India em 18 de abril do dito anno. Em domingo de Paschoella d'esse mesmo infausto anno foi em Lisboa o morticínio dos ehamados christãos novos.

Então, filho do excitamento de dois frades e do deploravel fanatismo da epoca, houve pör tres dias esse cruel desbaste, calculado em mais de duas mil victimas, e além d'isso morriam da peste n'essa mesma cidade tresentas a quatrocentas pessoas por dia!

Desviemos a attenção e a idéa de tão negras e sinistras desventuras que occoriam, a par das glorias portuguezas, sendo bem certo não haver n'este mundo perfeição absoluta nem gosto completo.

Com um temporal extraviaram-se alguns dos navios da armada de Tristão da Cunha e foram ter a differentes portos da India. O capitão mór e alguns dos outros capitães aportaram a Moçambique, d'onde partiram e passaram á vista da ilha de S. Lourenço. Affonso de Albuquerque ficou em Moçambique a fim de tratar de arranjos para ir a Ormuz.

Antes d'isso haviam-se perdido na costa duas naus, uma de João Rodrigues Pereira e outra de Ruy Mendes, dando n'uns bancos de coral, isto já na entrada de 1507.

No mesmo anno de 1506 ficaram effectivamente desco-

bertas por D. Lourenço de Almeida ás ilhas Maldivas na sua passagem para Ceylão, como atraz fica dito.

Tambem ainda n'esse anno de 1506 o vice-rei mandou partir com diversos destinos, a saber: seu filho D. Lourenço em um bom navio, de que era capitão Lopo Cabral; em outro Manuel Telles e Gonçalo de Paiva ou Pavia; Pedro Rafael com caravellas; André da Silveira em uma galé; e André Gallo em um bergantim, saindo de Cochim no primeiro de agosto; e logo se ficou apromptando o capitão Rodrigo Rebello com outras embarcações para andar na costa, e «*que sempre quando passasse per Calecut fizesse visitação á Cidade com os tiros grossos, e no mar the fizesse todo o mal que podesse*».

Tristão da Cunha, que tinha voltado para Moçambique, tornou a partir d'ali em companhia de Affonso de Albuquerque, achando-se incumbido o primeiro de fazer construir uma fortaleza em Socotorá depois de conquistada essa cidade, porém antes n'essa viagem elle e Affonso de Albuquerque foram a Ancoja, cidade pela primeira vez visitada dos lusitanos, por causa de uns aggravos que os mouros d'essa povoação tinham feito ao rei de Melinde, de cuja cidade de Ancoja fugiram os habitantes á chegada dos portuguezes, os quaes lhes destruíram a cidade, fazendo constar aos de Mombaça que o mesmo lhes fariam se continuassem a prejudicar o amigo rei de Melinde, como haviam praticado com os de Ancoja; e nada mais natural existindo alliança dos portuguezes com o dito rei de Melinde.

Mas isto pouco foi em comparação do que tambem por essa occasião lhes succedeu na cidade de Brava, e passo a referir.

Como de dentro se respondesse com ameaças ao mensageiro que se enviou desembarcaram ali os nossos, achando grande resistencia nos muitos mouros que lá existiam, bem prevenidos e armados. Houve pelas ruas um terrivel combate, disputando-se o terreno palmo a palmo, até que os

nossos triumpharam, e fizeram fugir os mouros para fóra da cidade, a qual foi dada a saque por todo o dia até á noite, e largando-se fogo a essa povoação recolheram os feridos, tornando os portuguezes a embarcar para irem a Socotorá.

Dos lusitanos foram mortos na cidade de Brava mais de quarenta homens, sendo muitos os feridos de frechadas.

O capitão mór Tristão da Cunha foi ferido de uma frechada n'uma perna, e depois de curado pediu a Affonso de Albuquerque «*que por mercé o fizesse cavalleyro onde lhe tirarão o seu sangue*» o que Albuquerque fez com suas honras e ceremonias, como era de uso, e assim o praticou tambem com um interessante rapaz, filho do mesmo Cunha, ainda muito moço, mas já ousado e resoluto. Outros fidalgos foram no sitio d'aquelle aspero combate feitos cavalleiros, por quanto a contenda esteve ali muito arriscada.

Por esta maneira se explica facilmente porque se usou de tamanho rigor com essa cidade e seus habitantes.

Encontrei alterada um tanto a ordem do acontecimento em relação aos que ha pouco mencionei, e vae assim por ir com a nota que tinha extrahido da respectiva *Lenda* de Gaspar Corrêa, bastando a indicação de ter precedido á partida para Socotorá, empenhando-se então Tristão da Cunha n'essas investidas.

Os que mais se distinguiram n'aquelle feito, além dos Cunhas pae e filho e do Albuquerque, foram os capitães desembarcados João Queimado, Leonel Coutinho, João Gomes, João Rodrigues Pereira, Ruy Mendes das Portas da Cruz, Pedro Barreto, André Dias, Manuel Telles Barreto, Affonso Lopes de Castro, Francisco de Tavora, Antonio do Campo, D. Affonso de Noronha, seu irmão D. Antonio, e outros.

A essa mesma façanha e aos pãrseos de Ormuz se allude no poema dos *Lusiadas*, do seguinte modo:

«Mas ah! que luz tamanha, que abrir sinto,
 Dizia a nympha, e a voz alevantava,
 Lá no mar de Melinde, em sangne tinto,
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
 Pelo Cunha tambem, que nunca extincto
 Será seu nome em todo o mar que lava
 As llhas do austro, e praias, que se chamam
 De S. Lourenço, e em todo o sul se afamam.»

Esta luz é do fogo, e das luzentes
 Armas, com que o Albuquerque irá amansando
 De Ormuz os páseos, por seu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroso e brando.
 Ali verão as setas estridentes
 Reciprocarse, as pontas no ar virando
 Contra quem as tirou, que Deus'peleja
 Por quem estende a fé da madre Igreja.»

Na sua caravela andou João Pinheiro salvando e arrecadando fazendas das duas naus perdidas n'esse tempo, das quaes eram capitães João Rodrigues Pereira e Ruy Mendes.

Partindo Tristão da Cunha para Socotorá e chegando a esse porto tomou aos mouros um forte que já lá havia, pondo-lhe guarnição; despediu-se d'elle Affonso de Albuquerque para ir a Ormuz, e Tristão da Cunha partiu com as naus de carga para Cochim.

N'aquella tomada do forte de Socotorá, onde tambem se encontrou grande resistencia nos mouros que o defendiam, distinguiram-se os seguintes: o cavalleiro mulato D. João Pereira, Nuno Vaz de Castello Branco, Francisco de Tavora, Affonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, Antonio Nogueira, Francisco Pantoja, Fernão de Abreu, Affonso de Albuquerque, e outros; e o dito capitão Castello Branco, D. Antonio de Noronha, João da Nova, Henrique Jacomo, Jorge da Horta, Diniz Fernandes, Antonio de Figueiredo, e outros, que haviam entrado e ficado fechados pelos mouros n'um sitio, onde os tinham já quasi mortos ás pedradas, foram a custo salvos arrombando uma porta com ma-

chados e um vaivem, por onde entrou um troço de valentes, a quem os outros deveram a vida.

Ficou por capitão d'essa fortaleza de Socotorá D. Affonso de Noronha, o qual depois, saindo d'ali, veiu a naufragar com um temporal e morreu afogado, sendo n'essa occasião para ali nomeado feitor Pedro Fernandes de Liz, e alcaide mór Henrique Jacomo.

Entretanto D. Lourenço de Almeida, filho do vice-rei, estando com o capitão de Cananor, Lourenço de Brito, este louvou a bravura d'aquelle, mas pediu-lhe que o deixasse só com os seus defender-se das traições dos mahometanos, visto ali receiar-se guerra. Com quanto isto fosse honroso e nobre n'esse capitão e sem desdoiro para D. Lourenço, veja-se como este tambem lhe respondeu nobremente, erguendo-se primeiro respeitoso com o gorro na mão, e abraçando o Brito. Disse-lhe, pois: «*Senhor: Todala honra que tenho vossa mercê ma deu agora, em louvar meus feytos; polo que em quanto viuer lhe serey em muyta obrigação por tanta mercê como me aquy fez, e se errey no que faley mo leue em conta, porque cobicey ganhar honra á sombra da vossa bandeyra, e nom farey senom o que me vossa mercê mandar sobolo mandado do Vyso Rey, meu Senhor e pay*».

Que modestia no filho de um vice-rei, que podia servir de exemplo a mancebos!

Ainda no verão de 1507 tiveram immenso trabalho Tristão da Cunha e a sua gente, tanto no mar da costa de Cochim como no da costa de Melinde, atacando e reprimindo os mouros de diversas localidades; e n'esse tempo alguns de taes inimigos promoveram desordens em Cananor, havendo ali rei novo por ter fallecido o antigo, que era amigo dos portuguezes, e por consentimento d'esse novo rei os mouros guerrearam em Cananor os lusitanos, em todo o inverno. Todavia aportou ali a armada d'aquelle capitão mór, e pouco depois foi lá o proprio vice-rei, pelo que se dissipou toda a opposição, fugindo os mouros compromettidos;

e o vice-rei, dissimulando com o rei novo, mandou construir em Cananor uma solida fortaleza, para cujo fim deixou lá gente e outros arranjos necessarios.

Entre os mouros de Cananor andava um castelhano muito endiabrado. «*Mas (diz Gaspar Corrêa) muytos portuguezes fazyão façanhas por se avantajarem do castelhano, em que Fernão de Brito, e Lopo Cabreira, e Ruy de Mendanha, e um Lopo da Cunha, Pedro de Freitas, João Temudo, Antonio de Figueiró, João de Coimbra, e outros homens escolhidos, fzyzerão honrados feytos*».

Tristão da Cunha, na classe dos capitães môres (que para mais elle era) foi uma gloria, e era homem politico e habil. Esteve para ir governar a India, e por causa de uma doença de olhos, de que em breve melhorou, é que foi em seu lugar D. Francisco de Almeida. O mesmo Tristão da Cunha foi mais tarde, em 1514, n'uma embaixada extraordinaria a Roma a offerecer ao papa Leão X um rico presente d'el-rei de Portugal «*dos primeiros fruytos colhidos da India*». Os fructos eram valiosas preciosidades, e o fim era obter auctorisação para cobrar subsidios da clerezia, a qual correu logo com cento e cincoenta mil cruzados, a titulo de donativo.

Chama-se áquillo saber semear para colher.

Tristão da Cunha seguiu outra vez para Cochim com as suas naus para as carregar, havendo pouco antes saído de allí o mesmo vice-rei, que depois voltou, deixando seu filho D. Lourenço andar por fóra com alguns navios; e elle semelhantemente occupado n'estas investidas, todavia necessarias, foi depois incendiar a armada mourisca de Panâne entretanto que não expedia para o reino as naus carregadas.

A sobredita armada era do incorregivel adversario rei de Calecut. Estava dentro de um rio onde os nossos foram atacal-a, e os de uma das margens do mesmo rio se defenderam com tenacidade por traz de uma tranqueira alta, mas por ultimo fugiram por terra, com perda de muita gente.

Tambem muitos dos nossos ficaram feridos de frechadas e alguns mortos, entrando no numero dos feridos D. Lourenço de Almeida e o joven Nuno da Cunha, estes porém feridos levemente.

Além de outros que se distinguiram foram os primeiros que subiram a uma tranqueira «heroicamente defendendo-se sósinhos por algum tempo, já da parte de dentro» tres Pedros, a saber: Pedro Barreto, Pedro Rebello e Pedro Cam.

Foi ali que se passou a scena delicada e commovente de Tristão da Cunha apresentar a D. Lourenço de Almeida o seu filho Nuno, de doze para treze annos de idade, com as suas pequenas armas, com que tinha já pelejado na costa, dizendo-lhe: «*Senhor: aly naquellas mesquitas vos está guardada bõa merenda, de que ninguem leuará melhor quinão que vós, polo que vos peço por mercé que me crysmeis este filho com a vossa espada, porque de tal padrinho lhe fique esforço pera ganhar honra, e yr após vós, que á vossa sombra ganhará muyta honra*». D. Lourenço, tirando a sua espada, o fez cavalleiro, dizendo: «*Senhor Tristão da Cunha: sabe Deos que a minha espada neste dia nom tinha ganhada nenhũa honra, mas agora fica com muyta, que a minha espada a ganhou em tocar em vosso filho, tam honrado cavalleyro, em que fiquo tam obrigado*».

Este joven Nuno da Cunha veio a ser um dos melhores governadores da India.

As fallas d'aquelles primeiros dois não tem pretensões a discursos, mas brilham pela singeleza varonil e pelo fino sentimento do mais nobre cavalheirismo, que deixam transparecer.

Fez-se em Cochim a seguinte reforma no modo de pesar. Liquidou-se que o «Bar» pesava 3 quintaes, e 30 arrateis do peso velho, e do peso novo 2 quintaes, 3 arrobas, e 10 arrateis, e por esta alteração do novo peso ficou sendo o custo do quintal de pimenta 4\$015 1/2 réis justamente, preço fixo.

Achei-me em difficuldade e perplexo quanto ao nome de Pedro Cam, um dos tres que primeiramente subiram á tranqueira inimiga no rio de Panãne, como disse, de certo sendo differente do outro que ia na armada de Pedro de Anhaya em 1505 e morreu na viagem, quero dizer, que é possível que este fosse «o mais novo» e o outro «o mais velho».

Foi n'aquella occasião que estando retirado á parte muito despeitado o D. Lourenço, filho do vice-rei, este lhe mandou dizer: «*Como andava assi preguiçoso?*— ao que lhe respondeu: «*Senhor, n'esta tranqueira me ganharão a dyanteira Pedro Barreto, e Pedro Rebello, e Pedro Cam, que lhes custou muyto de seu sangue. Lá são dentro; nom sey se som mortos, se viuos*». E depois quiz soccorrel-os, a tempo em que porém já estavam salvos.

Francisco d'Atouguia, Diogo Peres, Pedro Cam, Gonçalo de Paiva ou Pavia, e Christovão de Figueiredo, queimaram naus de mouros n'esse tempo, pelejando juntamente com a sua gente no rio de Panãne, no que morreram trinta e dois lusitanos, sem se dizerem os nomes, como succede outras vezes, sendo os feridos mais de cem, e dos mouros ficando mais de quatrocentos mortos e feridos.

Acabando de citar acções heroicas dos nossos, sinto de ter de referir agora um procedimento execrando e iniquo.

No tempo do honrado e valoroso capitão Lourenço de Brito, saindo do porto de Cananor uma nau mourisca, despachada, e com o seu passaporte legal, atacou-a ao mar d'essa costa no seu navio Gonçalo Vaz de Goes, tomou-a, e sem attender a nada, despresando deveres e rogativas, commetteu taes atrocidades, que sabidas em Cananor pozeram tudo em alvoroço, causando com isso graves embaraços a Lourenço de Brito, tanto mais que ia e foi sacrificado na nau mourisca o filho de um poderoso mouro de Cananor.

Como lastimosa excepção é que se deve considerar tão repugnante facto, não negando que por desregrada ambi-

ção, ou por malevolencia, alguns outros que taes factos se praticassem na India, a que alguns auctores alludam.

Estando D. Lourenço de Almeida dentro do rio de Chaul chegou uma almadia d'onde desembarcou um brahamane, e lhe foi dar «dois cachos de uvas» de presente, mas chamando-o de parte lhe disse, que aquillo era pretexto para o avisar de que o mouro capitão de Dio Melique Yaz tinha escripto a alguns amigos a dar-lhes parte de que os «rumes» haviam chegado a essa cidade.

Os rumes eram guerreiros atrevidos, que da Turquia ou do Egypto se expediam em armadas pelo estreito do mar Vermelho contra os lusitanos, e que tambem andavam por outras partes ao serviço das armas por mar e por terra, em partidas mais ou menos numerosas.

Estava-se em abril do mencionado anno de 1507.

Faltando as rendas ao rei de Misy, no Cayro, em consequencia de estar tomado pelos portuguezes o commercio da India, promptificou de combinação com muitos mercadores musulmanos grande frota de naus e galês de rumes, para com mais armada e gente do Samorim de Calecut e do rei de Cambaya serem lançados fóra da India os lusitanos.

Bem accentuada estava por tanto a lucta entre christãos e sectarios de Mafoma, vindo os primeiros supplantal-os, sim em seu proprio beneficio e do commercio, mas juntamente em proveito geral de Portugal, e procurando trocar o dominio mourisco por outro mais suave para os indigenas, porque devia concorrer para a introducção e propagação do christianismo, estendendo-o por aquellas vastissimas terras do Oriente, e isto tambem era de interesse geral e de um immenso alcance; e se veiu a abusar-se dos justos principios do christianismo aberração seria essa muito para estranhar.

A missão d'aquelles nossos maiores foi digna e honrosa e riquissima de acções gloriosas. As faltas ou excepções

não destroem a regra. Verdadeiramente a guerra era aos mahometanos e não aos naturaes gentios ou indios.

O lugar de reunião dos mais perigosos descontentes na India, e inimigos dos portuguezes, era então em Dio, cidade obediente ao rei de Cambaya.

Havia effectivamente sido exacta a noticia dada a D. Lourenço de Almeida pelo brahamane, e não tardou que viessem os rumes atacar aquelle dentro do rio de Chaul, tomando-lhes logo D. Lourenço, na primeira refrega, duas galés e uma nau, matando-lhes alguma gente, e afogando-se outra na fugida.

Victorioso D. Lourenço ia pelo rio abaixo para combater o proprio chefe musulmano Melique Yaz, que se achava com reforço na barra, quando por infelicidade se lhe atravessou a nau n'uma estacada, onde foi envolvido por forças muito superiores, e após heroica resistencia e defeza foi morto por uma bala de artilheria, á frente de varios dos seus, algum dos quaes lançou escondidamente n'agua o seu cadaver, que nunca foi visto, por mais que os rumes o procurassem em seguida e outras pessoas depois d'isso.

O vice-rei quando lhe noticiaram a morte de seu filho dada pelos rumes, misturados com os de outras procedencias, disse muito enxuto: «*Quem o frangão comeo, ha de comer o gallo ou pagal-o*». O gallo era elle, e por fim os outros bem o pagaram, como se verá.

Foram mortos com D. Lourenço os destemidos João Vaz de Almada, André da Silveira, Manuel Telles Barreto, Ruy de Mendanha, João Serrão, Gonçalo de Goes, Gonçalo Mendes, e outros, e captivos Cid Barbudo, Tristão de Gá, Lopo Cabral, Duarte de Sequeira, Sebastião de Figueiredo, Alvaro Botelho, Alvaro Raphael, Gonçalo Mendes, Fernão de Castro, Duarte Borges, e outros homens de nome, que os captivos foram por todos vinte e quatro.

O doloroso acontecimento da morte de D. Lourenço, não por ser com o filho do vice-rei, mas por ser elle um man-

cebo esforçadíssimo e de bons sentimentos, um verdadeiro heroe, de que havia muito a esperar, vem commemorado por Luiz de Camões no poema dos *Lusiadas*, pela maneira seguinte:

.....

«Depois na costa da India, andando cheia
De lenhos inimigos e artificios,
Contra os lusos, com velas e com remos,
O mancebo Lourenço fará extremos.

Mas de Deus a escondida providencia,
Que elle só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia,
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão que com vida se não saia
As armadas do Egypto e de Cambaya.

Com toda u'a coxa fóra que em pedaços
Lhe leva um cego tiro, que passára,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficára;
Até que outro pelouro quebra os laços
Com que co'a alma o corpo se liára;
Ella solta voou da prisão fóra,
Onde subito se acha vencedora.»

E referindo-se já á vingança que o pae exerceria prosegue Camões na seguinte bella oitava:

«Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena;
Que eu oiço retumbar a grão tormenta
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A cambaycos crueis, e mamelucos.»

Quasi que era escusado obseryar, que por Gaspar Corrêa não fallar senão de um tiro de artilheria que prostrou o valente D. Lourenço de Almeida, não exclue isso que elle já estivesse ferido n'uma coxa, sendo depois attingido por outro tiro mais decisivo, como se deprehende do dito de Camões, antes isto se pôde harmonisar assim com o que diz Gaspar Corrêa.

REINADO DE D. MANUEL

Armada sem capitão-mór

Anno de 1507

Chegou tarde a Cochim n'esse anno uma nau desgarrada, vinda do reino, da qual era capitão Fernão Soares, por onde se soube que haviam partido de lá para a India capitánias separadas, sem capitão mór, a saber: D. Jorge de Mello Pereira capitão de Henrique Nunes de Leão, Philippe de Castro capitão de seu irmão Jorge; e o dito Fernão Soares capitão de Ruy da Cunha, e de Gonçalo Carneiro, isto é, uns tantos nos seus navios servindo sob as ordens dos respectivos capitães mais graduados, segundo se deduz da exposição de Gaspar Corrêa, a quem procuro acompanhar de perto na sua interessantissima obra das *Lendas da India*, mesmo quando se me torne menos perceptivel, por qualquer descuido ou d'elle ou de quem copiasse, lê-se, ou imprimisse o seu autographo.

Algum motivo teve Garpar Corrêa para não mencionar os nomes d'aquelles navios, nomes que effectivamente não pude notar nos meus extractos ou apontamentos.

O outro auctor alludido¹ diz que n'esse anno foram quinze

¹ Figueiredo Falcão.

embarcações, o que é muito mais do que vem na respectiva *Lenda* da obra de Gaspar Corrêa. Vou pôr os nomes de capitães e os de algumas das naus, de que trata esse outro auctor, a saber:

O capitão Jorge de Castro na nau Conceição, Jorge de Mello na Belem, Henrique Nunes na Santo Antonio, Ruy Gonçalves de Valladares na S. Simão, e Ruy da Cunha na S. Gabriel.

Outros capitães, a saber:

Filippe de Castro, Gonçalo Carneiro, Vasco Gomes de Abreu, Pedro Lourenço, Martim Coelho, Fernão Soares, João Collaço, Lopo Cabral, João Chanoca, e Diogo de Mello.

Assim mesmo não pôde declarar a maior parte dos nomes das embarcações; mas deve ter havido grande desordem nos livros e documentos compulsados para dar em resultado as tantas e tão grandes divergencias que se encontram, no que talvez houvesse ás vezes troca de alguns nomes.

Advirto o constar que este mesmo alludido auctor ora compulsava os livros da casa da India, ora os das chronicas de alguns reis, e que entre taes livros nem sempre havia conformidade quanto ao objecto «Armadas», devendo aliás havel-a, sem eu ter achado declarados os motivos.

Pela referida nau de Fernão Soares se soube que iam despachados de Portugal varios individuos para diferentes cargos e commissões, conforme tudo se verificou, e egualmente que se mandavam construir mais fortalezas, e estabelecer novas feitorias.

Houve-se ao mesmo tempo noticia de ser mandado regressar ao reino o vice-rei, visto findar o triennio do seu governo, ficando governador da India Affonso de Albuquerque.

Começou no mesmo anno de 1507 a guerra de Ormuz, apresando Affonso de Albuquerque algumas embarcações no seu porto, e indo fazer destroço nos logares de Calaya-

te, Curyate, e Mascate, distinguindo-se por essa occasião Jorge Barreto, Affonso Lopes da Costa, Francisco de Tavora, e outros.

Desavindo-se João da Nova foi por Affonso de Albuquerque mandado prender, cuja desintelligencia durou pouco, sendo solto aquelle.

Antes de Affonso de Albuquerque ir a Ormuz tinha asentado no caminho «em paz e tributo» o logar de Soar, e destruido o de Orfação.

Por esses logares havia da peor gente da India, e por causa de uma diabolica seita terei ainda de me referir pelo menos aos tres primeiros e ao de Surrate. Tambem alludirei a outras terras por onde essa seita mais se estendia.

Na anterior empresa, nos ditos dois logares de Soar e Orfação, figuraram e prestaram bons serviços os capitães Affonso Lopes da Costa, Francisco de Tavora, D. Antonio de Noronha, Jorge Barreto de Castro, Ayres de Sousa Chichorro, Duarte de Sousa, João da Nova, Manuel Telles, e Antonio do Campo.

Á chegada de Affonso de Albuquerque á costa de Ormuz, e proximo do seu porto, succedeu que tendo saído de dentro d'elle varias naus mouriscas deram n'ellás os nossos, do commando do mesmo Albuquerque, em grande peleja, de sorte que as venceram, incendiando e destruindo algumas.

Dos nossos houve mortos e feridos n'esse muito renhido combate, dos primeiros mais de quarenta homens e mais de cem dos segundos; e já se vê que estes encontros não eram ás vezes simples escaramuças, mas batalhas navaes de uma certa gravidade, sustentadas pelos nossos com pericia e muita coragem.

Na guerra na costa de Ormuz succedeu o seguinte: Do batel do capitão-mór, «*tinha cargo Duarte de Sousa com trinta homens honrados*». Atirando com um camello ás terras mouriscas despedaçou logo sete ou oito. Jorge Furtado, João da Nova, Affonso Lopes da Costa, e Ayres da Silveira,

em outros bateis, com os seus homens, não ficaram somenos. Mais de cincoenta embarcações dos mouros foram então desfeitas. Seguiram-se por ali outras empresas maritimas semelhantes em que sempre ficaram victoriosos os portuguezes.

Refere-nos Gaspar Corrêa, que a cidade de Ormuz era antigamente de uma opulencia admiravel. Ahi se encontravam mercadorias de todo o mundo. Era de tanto trafico que a sua alfandega rendia por anno mais de quinhentos mil xerafins (aproximadamente mais de cento e cincoenta contos de réis). Havia rua com mercadores que tinham separado em pannos vermelhos aljofar para vender cujo valor excedia a cem mil cruzados, e outras muitas grandezas por outras ruas e mercados.

O capitão-mór Affonso d'Albuquerque em seguida ao desbarate que fez no mar e porto de Ormuz guerreou e bombardeou com igual energia essa terra, conseguindo por fim conquistal-a, obrigando o seu rei a acceitar paz como se queria, e ficando elle tributario a el-rei de Portugal em quinze mil xerafins, e compellido a pagar os gastos da nossa armada e outras despezas. Affonso de Albuquerque effeituou a sua entrada triumphal na cidade á frente da sua gente de armas em que iam muitos fidalgos «com grande apparatus e luzimento», sendo essa victoria que alcançou, ou conquista realisada, um dos bons e estremados triumphos obtidos na Índia, de que resultavam incalculaveis vantagens. Uma d'ellas, quanto ao commercio, era estar-se por esse lado em mais immediato contacto com a Persia, havendo entre esta e Ormuz um continuado trafico de mui valiosos generos e ricas mercadorias.

Destinava-se o dito tributo annual de quinze mil xerafins para pagar ao capitão e á mais gente de armas da fortaleza que os lusitanos ahi erigissem e á força de mar, o que tudo ficou pactuado «*antre El Rey de Portugal, Senhor dos mares da India, e o Rey mouro Safardim*».

Portugal (note-se), Portugal era então considerado, e com razão «Senhor dos mares da India» porque não temia competidor e dominava n'elles pelo seu poder e justo prestigio!

Quanto a não temer a competencia de ninguem n'essa epoca ainda hei de dizer adiante mais alguma cousa, segundo o que tenho marcado nos meus apontamentos.

Os mercadores de Ormuz deram n'aquella occasião ricos presentes, consistindo em peças de oiro, pedras preciosas, e cem mil xerafins, para que o capitão mór lhes não mandasse destruir as suas naus carregadas que estavam n'esse porto, procedendo Affonso de Albuquerque á distribuição geral, a saber: do dinheiro foram sessenta mil xerafins para todos os capitães, e quarenta mil para os subalternos e gente miuda.

Os capitães depositaram nas mãos do feitor Pedro Vaz da Horta os cem mil xerafins, em quanto não teve logar aquella distribuição.

Em 1508 pelo motivo de quatro homens de Affonso de Albuquerque fugirem para terra, que o rei mouro não queria entregar, tornou por castigo a guerrear Ormuz, porém essa hostilidade durou pouco.

Estando á carga as naus que invernaram do anno anterior chegaram outras do reino, e vão adiante mencionadas, a tempo que o vice-rei se apercebia para ir procurar os rumes.

Fiel ao meu proposito de citar nomes de antigos portuguezes benemeritos por memoria, e para que ainda ao presente n'elles se revejam e espelhem alguns seus descendentes, ou outros portuguezes, direi que nas guerras do capitão mór Affonso de Albuquerque, e sob a sua direcção, além dos bravos que já referi, haviam-se distinguido Antonio do Campo, Diniz Fernandes de Mello, João Rodrigues Pereira, Jorge da Silveira, Fernão Soares, Fernão Feio, Duarte de Sousa, Braz da Silva, Simão Velho, Jayme Teixeira,

Francisco de Mello, Nuno Vaz de Castello Branco, como capitães, e outros.

Por ordem do mesmo capitão mór foram o capitão Nicolau de Andrade e o seu immediato D. Antonio de Noronha com a sua gente de armas castigar o logar de Calayate, entrando n'esse conflicto alguns dos supramencionados portuguezes, e Martim Coelho de Sousa, Ayres de Sousa, Pedro de Alpoim, Lizuarte de Freitas, Antonio Vogado, Lourenço da Silva, e João Teixeira, honrados cavalleiros, que n'isso tiveram muito trabalho, achando reforçados os mouros da terra com artilheria e muita gente armada.

Tambem houve um recontro renhido e sanguinolento na ilha de Lara, que não devia deixar de referir.

Foi necessario ir ahi fazer aguada de uns poços, e accorrendo ao sitio mouros e párses, ou persas, em grande numero, obstando á aguada, custou aos lusitanos a victoria muitos homens feridos e alguns mortos.

Os que mais se distinguiram n'essa defesa dos nossos foram Diogo de Mello, e Martim Coelho, como tambem os seguintes capitães de embarcações, desembarcados «que todos ficaram feridos»: Gaspar Machado, Diogo Guisado, Antonio de Sá, Bartholomeu Pereira, João Coelho, Antonio de Liz, Gonçalo Queimado, Francisco de Tavora, Francisco de Mello, Jorge da Silveira, Duarte de Sousa, Affonso da Costa, Sebastião de Miranda, Lizuarte Freire, Nicolau de Andrade, Antonio Fragoso, João Teixeira, Antonio Vogado, Diniz Fernandes de Mello, Diogo Camacho, Antonio da Silva, Christovão de Magalhães, Christovão de Azevedo, e Vicente Freire.

Acabei de mencionar um Antonio de Sá, tendo já indicado outro, feitor em Coufão, morto ali pelos mouros. Talvez fossem dois do mesmo nome, sendo um «o velho» e o outro «o novo». É o mais que posso aventar a este respeito.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de Jorge d'Aguiar

Anno de 1508

Foi elle n'esse anno para a India como capitão mór de armada, o qual ia na nau S. João, em que devia regressar a Portugal o vice-rei D. Francisco da Almeida, indo Vasco Carvalho, armador, em a nau Carvalha, Ruy da Cunha na Gallega, João Rodrigues Pereira na Botafogo, Alvaro Barreto na Santa Martha, Tristão da Silva na Magdalena, Gonçalo Mendes Sacoto na Ribalta, Francisco Pereira Pestana na Leonarda, para captião de Quilôa, e Pedro Ferreira para capitão de Socotorá, todas essas naus grossas para carga. E ia o capitão Jorge de Aguiar para andar de armada no cabo Guardafu todo o tempo que Affonso de Albuquerque governasse, visto ser este quem devia succeder ao vice-rei no governo da India, conforme já indiquei, indo mais Duarte de Lemos, sobrinho de referido Aguiar por capitão de quatro navios pequenos, a saber: elle no Santa Cruz, Diogo Corrêa no Rosario, Gaspar Cam no India, e Fernão de Athouguia no Santo Antonio, para com os mesmos ir a Ormuz a fim de se encorporar na armada de Affonso de Albuquerque; e além da patente de governador que el-rei mandava a este, em todas as vias, ordenavam-se outras substituições de individuos.

Diz o outro auctor alludido,¹ que n'esse anno foram seis naus e mais em duas armadas dez caravelas, pela fórma seguinte:

Jorge de Aguiar mór na nau S. João, Francisco Pereira na Leonarda, Jorge Rodrigues Pereira na Botafogo, Alvaro Barreto na Santa Martha, Alvaro da Silveira na Rozario, e Duarte de Lemos na Santa Cruz.

Outros capitães a saber:

Diogo Lopes de Sequeira mór, Gonçalo de Sousa, Diogo Corrêa, Gonçalo Carvalho, Gonçalo Mendes de Brito, Jeronymo Teixeira, João Nunes, Pedro Corrêa, João Collaço, e Tristão da Silva.

Como se vê, cada um dos auctores declara os nomes de algumas embarcações, e cada um dos mesmos tambem deixa de declarar os nomes de outras. Quanto ao numero de todas ellas diversificam muito, e ponho tudo para se observar as differenças e se formar juizo.

Em novembro despachou o vice-rei as naus carregadas para Portugal, dirigindo a el-rei uma notabilíssima carta com data de 20 d'esse mez, dando parte da morte do filho e relatando varias outras coisas importantes que tinha feito, bem como queixando-se vivamente da falsidade do seu secretario, que quiz compromettel-o com el-rei. Com a paixão pela morte do filho dizia em tal carta esse energico homem, em referencia aos rumes... *«que se esses cães estauão em parte onde se lhes podesse chegar nom ficarya deles quem leuasse nouas á sua terra»*.

Não deixarei de pôr aqui, mas com desprazer, o nome do secretario desleal, de quem o vice-rei tanto se queixa; parece que se chamava Gaspar Pereira, e que tomou odio ao vice-rei por lhe não ter querido assignar um alvará de concessão de uma capitania, que ousou apresentar-lhe feito, sem seu consentimento, a favor de um individuo.

¹ Figueiredo Falcão.

Gaspar Corrèa exhibe-nos na sua intrega toda a dita carta, que é um relatorio longo e bem escripto, e tenho pesar de pela sua grande extensão não poder transcrever aqui esse curiosissimo documento, que só por si dá a medida do que era aquelle habil, corajoso, e veneravel homem.

Partiu elle emfim para Dio com a sua armada. Por um ponto de honra, ia a encontrar-se com os matadores de seu filho unico, os atrevidos rumes. No caminho destroçou a cidade de Dabul, e preparou-se para ir atacar os rumes, que soube estarem em Dio, e que eu já disse se moviam por impulso e influencia do Grão Turco, com os mais auxiliares, não só do Egypto mas de diversas partes da India, o que porém de novo recorde para ir fixando e fazendo sentir uns embaraços e perigos com que os portuezes tiveram de lutar.

Em Dabul foi coadjuvado o vice-rei pelos capitães João da Nova, que ia na nau do mesmo vice-rei, D. Jorge de Mello, Nuno Vaz Pereira, Pedro Barreto, Garcia de Sousa, e Francisco de Tavora, todos em naus; e em navios mais pequenos Antonio do Campo, D. Antonio de Noronha, Manuel Telles, Martim Coelho, Pedro Cam, Philippe Rodrigues, Payo Rodrigues de Sousa, Diogo Pires de Miranda, Alvaro Pessanha, Lizuarte Pacheco, e Luiz de Brito.

Diz-nos Gaspar Corrèa, que d'ali mandou o vice-rei um captivo negro com uma carta para o chefe mouro Melique Yaz de Dio, prevenindo-o, em fórma de repto, por lhe terem morto o filho, de que ia ataca-lo, e foi isso uma acção de primor d'aquelle nobre character!

No 1.º de fevereiro de 1509 chegou a armada do vice-rei á vista de Dio. No dia 3 deu memoravel e assombrosa batalha junto á barra d'essa cidade. Desbaratou tudo completamente. Apresou uma das armadas inimigas. Melique Yaz humilhou-se-lhe e submetteu-se-lhe. Sem fallar das embarcações tomadas aos inimigos, metteram-se-lhes no fundo muitas. O vice-rei fez quanto lhe aprouve, e assentou paz

como entendeu, tendo combatido juntamente com os mais portuguezes desde o meio dia até á noite, peito a peito, afinal, e havendo terríveis abordagens, e lances tão temerarios e destemidos «*que andauão como fóra de sy, por antre os pelourões, o fogo, as setas, e o fumo, sem lhes importar coas suas vidas*».

Creio que se concebe perfeitamente como todos aquelles heroes, pois que todos o foram, se desenvolveram em frente das forças maritimas de uns poucos de potentados inimigos colligados!

O que não posso perceber e não pude descortinar é porque razão, n'esse momento decisivo, não ficou decidido o poderem os nossos fazer fortaleza em Dio «tendo o vice-rei praticado quanto lhe aprouve e ajustado a paz como entendeu» decisão que cortaria embarços e conflictos que a este respeito surgiram e por largo espaço duraram, isto é, até ao governo de Nuno da Cunha, e sendo muito recomendada, pelo menos ostensivamente, e reputada de urgente necessidade a construcção da sobredita fortaleza, mas talvez que não fosse tão reconhecida essa urgencia como depois o foi, ou que se houvessem recebido de Lisboa algumas instrucções secretas impeditivas, coisa parecida com o que sobre semelhante objecto succedeu em tempo do governador Nuno da Cunha, como se verá em seu logar. Por muito tempo pareceu andar mysterio quanto á erecção d'essa fortaleza, ou jogo de interesses desencontrados.

N'aquella grande batalha naval õs feridos dos nossos foram mais de tresentos e os mortos mais de cem, entrando no numero d'estes ultimos Payo Rodrigues de Sousa, capitão de uma galé, e o cavalleiro Alvaro Pessanha.

Nos contrarios fez grande destroço a artilheria, e d'elles morreram afogados muitos rumes, mouros, e outros.

D. Francisco de Almeida, para iñteira desforra, mandou queimar todas as galés, naus, e demais embarcações que escaparam da armada dos rumes e foram tomadas «*fiquando*

só hũa não deles, que nunca se queymasse nem desfizesse, porque a vissem os mercadores que viessem de Meca».

Era homem d'esta rija tempera!

E mal de quem se não resentir de offensas, porque tambem não será susceptível de reconhecer beneficios, aforismo que não exclue a prudencia, muito boa, sempre que se possa conciliar nos actos da vida.

Pelas seguintes oitavas do poema dos *Lusiadas* se vê como o insigne Camões dá fê d'aquelle grande acontecimento, entoando-o a sua musa patriotica e bellicosa, conforme o assumpto requeria.

Diz assim:

«Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos;
A nobre ira lhe vinha promettendo
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naus; sentil-o-ha o Nillo;
Podel-o-ha o Indo ver, e o Gange ouviu-o.

Qual o toiro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'um carvalho, ou alta faia,
E, o ar ferindo, as forças exprimenta;
Tal, antes que no seio de Cambaya
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas;
A de Melique Yaz, acautellada
Co'os pelouros que tu Vulcanô espalhas,
Fará ír ver o fundo e frio assento,
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
 A furia esperará dos vingadores,
 Verá braços e pernas ir nadando,
 Sem corpos, pelo mar, de seus senhores;
 Raios de fogo irão representando,
 No cego ardor, os bravos domadores;
 Quanto ali sentirão olhos e ouvidos
 É fumo, ferro, flammás, e alaridos.»

Que vigor de expressão que em tudo isto ostenta Camões! E nem se esqueceu de aproveitar o caso da entrada em Dabul, para figurar que o vice-rei foi lá afiar a espada e experimental-a, para ir guerrear em Dio.

Em maio do dito anno de 1509 appareceram ao mar quatro navios do reino, sabendo-se que iam a seu bordo Diogo Lopes de Sequeira, Jeronymo Teixeira, Diogo Monteiro, e Gonçalo de Sousa, capitães, para verem se podiam descobrir por miudo a ilha de S. Lourenço, e para observarem se havia cravo e algumas drogas e especiarias que embarcassem e com que regressassem a Portugal.

No grande feito da batalha naval de Dio entraram varios capitães de que já são bastante sabidos os nomes, distinguindo-se tambem com elles outros briosos homens de armas portuguezes de mar e terra. Por tanto não repetirei agora aqui nomes conhecidos, além de ignorar como os outros se chamavam.

Entre Affonso de Albuquerque, já munido da sua patente de governador, como em outra parte declarei, e o vice-rei suscitou-se alguma desintelligencia, por este ultimo lhe retardar um tanto a posse do governo, retirando-se aquelle depois para Cananor, em quanto o vice-rei não partiu para o reino.

Póde-se no entanto desculpar o vice-rei d'essa excepcional omissão, attendendo ao justo empenho com que andava de preparar os meios para dar a grande batalha em Dio, de que acabei de fallar, e na qual esmagou os seus adversarios, servindo a patria e vingando a morte do seu unico filho.

Alguns referem-se a um excessivo rigor com que tratou Affonso de Albuquerque, mas supponho haver exageração, e mesmo pôde ser inexacto. O que é certo é ter havido em ambos impaciências, o vice-rei querendo ainda mandar pelo sobredito ponderoso motivo, chegando a dar a voz de preso a Affonso de Albuquerque, e este irritando-se visto o jus que tinha a ser empossado no seu lugar, o que em regra ninguém lhe nega nem creio que jámais se lhe negasse. E por fim parece que abrandou Affonso de Albuquerque, e reconheceu o fundo de razão que tinha o vice-rei. Em apoio d'isto, e porque o assumpto o merece, passo a transcrever a seguinte tirada da obra de Gaspar Corrêa:

«O visorey, com muyta mansidão e bom rostro, porque no requerimento (dê Affonso de Albuquerque) auia protestos e pedia estromentos, chamou Antonio de Sintra, sacretario, e lhe disse: «Day ao senhor Afonso de Alboquerque quantos estromentos e papês vos pedir, e muyto bem concertados, porque lhe muyto cumprem, e mais lhe passay huma prouisão pera o Feitor Gaspar Pereira, que de meu vencimento tire hum ano, e lho pague, porque este tempo que agora siruo he da sua gouernança, que elle ha de vencer, e eu nom». Então disse a Afonso de Alboquerque: «Senhor, eu cuidey que vinheys tão cansado dos trábalhos que ouesseyes por muyto maior logo entender n'estes da gouernança, que eu hey que são os maiores que pôde ter huma boa alma n'este mundo que temer a Deos, e folgasseys ficar descansado até eu tornar, porque este trabalho tenho nas mãos por eu ser pay do filho morto, polo que Vossa Mercê deue auer por bem nom me tirar a esperança com que vou, da vingança, que espero em Nosso Senhor que me dará, nom olhando meus pecados, por sua grande mysericordia. E séde vós o juiz, se o caso fora vosso, se mo déreys, estando neste ponto em que estou, que nysto acabando meus dias sayrei do purgatorio deste mundo; e se a Nosso Senhor aprouer por sua mysericordia que torne com vencimento destes meus imigos, folgay de me deixar gozar deste pequeno

prazer que posso ter nestes tristes dias que viver. Vossa governança na mão a tendes; eu sómente fiquo por ospede até tornar; e nom he necessario apontar que tenho acabado meu tempo, porque com a morte de meu filho acabou meu contentamento. Muyto, senhor, vos peço por mercê que nysto nom aja mais debates, porque se o bem olhardes achareys por mym tantas rezões, que folgareys de o fazer; e nom deys entendimento, nem orelhas, a quem depois dirá de vós como agora fazem de mym. Assy, Senhor, que em tudo o que pedis, e protestaes, o concedo e otorgo, que tudo he vosso. Vasse Vossa Mercê a Cochym, que também lá nom faltará em que trabalhar; despache suas cousas pera o Reyno, porque amanhã por nóite quera deitar estas náos daquy, e se mandardes que mais aguardem far-se-ha o que mandardes». Lourenço de Brito Capitão de Cananor, era presente á pratica; e disse a Afonso de Albuquerque: «Senhor, melhor he Cananor para folgar, e querer aquy ficar será grande mercê, e eu hiria ver que cousa som estes Rumes: Respondeu: «Senhor, eu nom escolho, nem tomo nada, somente faço o que manda Sua Alteza». Com o que se despedirão amigos e contentes, porque Afonso cayo na rezão, que era cousa muy desarezoada pedir ao Visorey taes cousas, e se arrependeo muyto de o ter feito por máos induzimentos, e offerceo ao Visorey muyto dinheiro, de que lhe elle deo muytos agardecimentos, dizendo que tudo tinha o que lhe compria. E Afonso de Albuquerque neste dia despachou suas cousas pera o Reyno, e se partio pera Cochym, que no caminho se ouvera de perder com muyta agoa que a nau fazia».

Mas é verdade que depois ainda se indispozeram ambos, accusando-se de excessos mutuamente, por mexericos e intrigas, que sempre ha entre os homens, até que Affonso de Albuquerque foi para Cananor, e o vice-rei deu o referido combate naval em frente de Dio, em seguida partindo para Portugal.

REINADO DE D. MANUEL

Affonso d'Albuquerque 2.º governador da India

Anno de 1509

De posse do governo da India Affonso de Albuquerque partiu para Portugal D. Francisco de Almeida a 11 de outubro d'aquelle anno, succedendo-lhe na viagem a infelicidade de ser morto pelos cafres na «Aguada do Saldanha» no Cabo da Boa Esperança, por occasião de uma desordem, originada por um marinheiro querer furtar vaccas, tendo D. Francisco de Almeida saltado em terra com alguns dos seus, unicamente para apressar o abastecimento de agua para os navios.

É curioso o que vi na obra de Gaspar Corrêa, observando-se que estando já ferido D. Francisco de Almeida e pegando n'elle um dos nossos homens para o salvar, quem o acabou de perder foi o levar vestido um formoso colete escarlata bordado, não descançando um cafre de o perseguir em quanto o não matou para lhe tirar o colete, sendo bem certo que de pequenas coisas podem surgir outras maiores.

Sobre tal desgraça, e quando no poema dos *Lusiadas* está o Adamastor vaticinando os desastres que o Cabo das Tormentas havia de causar ás armadas dos lusitanos, diz Camões o seguinte:

«E do primeiro illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar nos ceus,
 Serei eterna e nova sepultura,
 Por juizos incognitos de Deus.
 Aquí porá da Turca Armada dura,
 Os soberbos e prosperos trophéus.
 Comigo de seus damnos o ameaça
 A destruida Quilôa com Mombaça.»

«Primeiro illustre» (como se escreveu) parece querer dizer, que foi o primeiro vice-rei ou governador que passou á India depois de D. Vasco da Gama e que se illustrou por suas acções. «Porá ali os trophéus», julgo ser allusão aos que ganhou em Dio sobre rumes, turcos, arabes, egypticos, etc.

E depois diz Camões:

«Mas, ah! que d'esta prospera victoria,
 Com que depois virá ao patrio Tejo,
 Quasi lhe roubará a famosa gloria
 Um successo que triste e negro vejo!
 O Cabo Tormentorio, que a memoria
 Co'os ossos guardará, não terá pejo
 De tirar d'este mundo aquelle esp'rito
 Que não tiraram toda a India e Egypto.

Ali cafres selvagens poderão
 O que destros imigos não poderam,
 E rudes páus tostados sós farão
 O que arcos e pelouros não fizeram.
 Occultos os juizos de Deos são!
 As gentes vans, que não os entenderam,
 Chamam-lhes fado máu, fortuna escura,
 Sendo só providencia de Deos, pura.»

Sou fraco interprete, mas sempre direi mais que me parece que se referia Camões a ficar por aquella fórma livre D. Francisco de Almeida dos males da grande intriga que

se lhe urdia em Lisboa, e em que adiante ainda hei de tocar... Era a tal «providencia» em que elle fallava.

Pouco antes do vice-rei partir de Cochim para Portugal occórreu um facto desastroso que não devo calar, e que só agora narro na altura em que d'elle tomei nota nos meus apontamentos, pois prefiro seguir a sua ordem.

Tinha chegado a Cochim grande armada de quinze embarcações de carga, em que vinha por capitão mór um D. Fernão Coutinho, official militar de patente superior um tanto arrebatado e jactancioso, a quem tratavam por Marechal, sobrinho de Affonso de Albuquerque, não me dizendo Gaspar Corrêa os nomes d'aquellas embarcações. Os seus capitães e de mais tres naus que se lhes aggregaram eram D. Luiz Coutinho, Braz Teixeira, Sebastião de Sousa, Manuel Telles, Manuel Pessanha, Pedro Affonso de Aguiar, Gomes Freire, Francisco de Sousa Mancyas, Jorge da Cunha, Francisco de Sá, Vasco da Silveira, Diogo Corrêa, Rodrigo Rebello, Antonio do Campo, Francisco Corvinel, Francisco Marrecos, e Jorge Lopes Bixorda, indo como armadores os quatro ultimos.

O outro auctor alludido¹ diz que n'esse anno foi por capitão mór D. Fernão, marechal, e levou oito naus; que foram mais sete embarcações; e que os capitães d'essas naus, que parece serem nove, e não oito, eram os seguintes:

O marechal capitão-mór na nau Nazareth, Francisco Marrecos na S. Francisco, Jorge da Cunha na Magdalena, Braz Teixeira na Ferrôa, Ruy Freire na Garça, Leonel Coutinho na Flôr da rosa, Marco Allemão na Santa Clara, Luiz Coutinho na Santo Antonio, e Fernão Chamorro, dizendo que não se alcançou o nome da sua nau.

Com esta nau é que eu digo que parece serem nove.

¹ Figueiredo Falcão.

E mais os seguintes nomes de capitães que também foram n'aquelle anno, a saber:

Pedro Affonso de Aguiar, Alvaro Fernandes, Francisco de Sousa Mancyas, Rodrigo Rebello de Castello Branco, e Sebastião de Sousa de Elvas.

Não diz os nomes das suas embarcações.

À dita armada de D. Fernão Coutinho reuniram-se, além das referidas tres naus, outras embarcações de guerra disponiveis na Índia, e com toda essa força foram Affonso de Albuquerque e esse seu sobrinho, com outros capitães e muita gente de armas, dar sobre Calecut, fazendo lá muita destruição, chegando até a tomar-se as ricas portas do «Sarâmê» ou casa de campo do Samorim e a lançar-se fogo a essa especie de mirante, mas foram mortos na retirada, e depois de terem a principio saído victoriosos, o mesmo sobrinho de Affonso de Albuquerque e outros de sua companhia, ficando muitos feridos, em que entraram varios fidalgos e o proprio governador, revez terrivel, de que teve toda a culpa aquelle seu sobrinho, por voltar atraz, quasi só, passado o primeiro vencimento, por motivo de futil vaidade, contra o parecer de seu tio, que com outros foi obrigado o segui-o para ver se o salvava.

Tão casual foi o successo e pelo erro e allucinação do dito militar, o qual com desdem se sorria da gente da terra, a quem chamava «cabras fugidiças» e não victoria formal dos de Calecut, com quanto fossem bem sensiveis as perdas dos portuguezes, que Affonso de Albuquerque esteve então dois dias no porto d'essa cidade despachando as coisas precisas, sem ser incommodado por ninguem, até que partiu para Cochim e lá chegou, e não obstante estar com feridas abertas mandou logo dar muita pressa ao concerto da armada para passar ao estreito de Meca, e ir abrasar as galés turquescas ou egypcias no Toro e em Suez, segundo o que lhe recommendava el-rei D. Manuel.

N'aquelle revez morreram os valentes cavalleiros Vasco

da Silveira, Leonel Coutinho, Manuel Pessanha, Jorge da Cunha, Francisco de Miranda, Pedro Fernandes Tinoco, Francisco Coutinho, Gomes Freire, Fernão Brandão, e outros homens de nome, pois chegaram a setenta os que d'estes morreram, avaliando-se ao todo a perda dos portugueses n'essa occasião em trezentos mortos e mais de quatrocentos feridos, tudo por effeito da precipitação de um fatuo e vaidoso!!!

Bem sei que não faltou quem o elogiasse como sendo grande coisa, isso porém não obstava a que eu dissesse o que escrevi, com fundamento na respectiva *Lenda* da obra de Gaspar Corrêa.

Afonso de Albuquerque, já ferido, teria sido apanhado e morto pelos inimigos se não fosse a dedicação verdadeiramente heroica dos capitães D. Antonio de Noronha e Diogo Fernandes de Beja e da sua gente, contendo os contrarios em quanto aquelle era transportado para a praia, e levado para bordo de uma embarcação.

Foi a 10 de janeiro de 1510 que se despacharam para o reino as naus carregadas que para esse fim tinham chegado no anno antecedente, e das quaes eram capitães Francisco de Sousa Maneyas, José Lopes Bixorda, Francisco Corvinel, armadores, Gomes Freire (o que morreu em combate), Francisco de Sá, e Sebastião de Sousa, perdendo-se nos baixos de Paduá, defronte das ilhas de Maldiva, as naus de Sebastião de Sousa, e Francisco de Sá, de que comtudo se salvaram algumas mercadorias.

Entende-se que em logar de Gomes Freire foi para o reino outro, que o substituiu, cujo nome não achei declarado por Gaspar Corrêa.

Teve muito trabalho n'aquelle naufragio Fernão de Magalhães, de quem hei de fallar, o qual foi muito ferido no malogrado combate de Calecut. Era elle um nobre cavalleiro, e tinha feito bons e arriscados serviços, de que por insidia ou vil intriga veiu a negar-se-lhe o galardão... Depois com-

pletarei este esclarecimento. Havemos de ver como isso foi, no que me aparto do que geralmente se ajuiza, e até mesmo do que escreveu Luiz de Camões.

Para não se lhe fazer mal a Goa o Sabayo mandou offerecer por um embaixador o rio de Cintacorá com todas as suas terras adjacentes, que rendiam por anno cem mil pardaos de oiro, dando cincoenta mil para os gastos da armada «*e que depois farya outras amisades*», mas o governador não desistia do seu projecto, instigado por um mouro do seu partido.

Na entrada de fevereiro do dito anno partiu de Cochim com uma armada de vinte velas grossas, um bergantim e mais embarcações miudas, passando á vista de Calecut. Foi a Cananor, e ao passar por Onor saiu-lhe ao encontro o alludido amigo mouro Timoja, com quem esteve conferenciando por largo espaço, excitando-o aquelle a que fosse a Goa, terra de grande trato de mercadorias, posto que damnificada então por o Sabayo andar ausente com guerras no Balagaté, e por fim Affonso de Albuquerque, virando para lá a armada, entrou felizmente a barra de Goa.

Entregou-se-lhe a cidade, e foi recebido com honras e muita paz, á excepção unicamente de algum fogo que a principio se trocou á entrada do rio com uns fortes guardados por gente estrangeira, mas tudo o mais correu ás mil maravilhas.

Desembarcaram em boa ordem, e com apparatus, isto em 1 de março.

O governador chegou a cunhar ali moedas novas de oiro, prata, e cobre «*as primeyras cruzados, que valião quatrocentos e oytenta reys, as segundas de corenta reys, e de metade, e as terceyras de dois reys, e da quarta parte!*»

O Hydalcão, que era filho do Sabayo, rei do Balagaté e senhor de grandes terras fóra de Goa, andava em guerra com os senhores do reino de Décan, seus visinhos, cuja empresa então suspendeu, obrigando-o as circumstancias a

vir assentar arraial defronte de Banesterim, fazendo-o então os nossos recuar de uma serra, porém em seguida cresceu a gente inimiga, que a seu turno fez retroceder a do governador para dentro de Goa, e por fim nem lá se pôde conservar contra o grande poder do Hyalcão, e no entanto o governador e os mais lusitanos estiveram ali com trabalhos e com fomes invernando nas embarcações dentro do rio, não podendo seguir viagem por effeito do mau tempo.

Na proximidade da sua forçada saída do porto da cidade de Goa, porque os portuguezes não tiveram remedio senão sair a todo o transe, é que succedeu que por causa de um Ruy Dias da armada fallar a uma moira desamparada, que Affonso de Albuquerque tinha por dó e caridade recolhido em casa «*o mandou procurar polo seu Meyrinho em hũa náó, e enforcar com presteza em hum palanco, ajudado de sete homens que pera ysso o acompanharão*», no que de certo foi severo de mais e com razão ia havendo um grave alvoroço a bordo da armada entre os capitães dos navios, segundo nos informa Gaspar Corrêa.

Não se contentar em castigal-o por outra fôrma, tendo-o preso, ou mandando-o deportado por algum tempo para alguma parte, é bem singular e extraordinario, e não lhe conheço outro factó mais inglorio e exorbitante do que este.

Em referencia a esse caso lê-se no poema dos *Lusíadas* o que se segue:

«Mas em tempo, em que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sazão, e o logar, fazem cruzas
Nos soldados, a tudo obédientes,
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e insolentes,
Dar extremo supplicio, pela culpa
Que a fraca humanidade, e amor desculpa.»

Vê-se por conseguinte que isso repugnou também a Camões é que assim o estigmatiza.

Finalmente Affonso de Albuquerque viu-se forçado a sair da cidade e porto de Goa, perdendo na retirada mais de vinte homens mortos e havendo maior número de feridos, assim como todos se viram em perigo ao sairem a barra e na viagem com o muito mau tempo que tiveram.

N'essa perigosa demora no rio e violenta retirada muito trabalharam e se distinguiram principalmente D. Antonio de Noronha, D. João de Lima, Fernão Peres de Andrade, Garcia de Sousa, Simão de Andrade, Ayres da Silva, D. Jeronymo de Lima, Manuel da Cunha, Fernão Gomes de Lemos, Bernardino Freire, Vasco Fernandes Coutinho, Jorge da Silveira, Nuno Vaz de Castello Branco, Manuel de Lacerda, Manoel Peçanha, Luiz Preto, e Paio Rodrigues de Sousa. Todos estes ficaram feridos quando no caes cobriram a retirada e o embarque da mais gente nossa.

Saiu a armada e foi ter a Angediva e de lá a Cananor, onde se conservou até chegar do reino a nova armada.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de Gonçalo de Sequeira

Anno de 1510

Por capitão mór de sete naus de carga foi de Lisboa para a India n'esse anno Gonçalo de Sequeira com habeis capitães e boa gente de armas, sendo os capitães, a saber: Lourenço Moreno para feitor de Cochim, João d'Aveiro piloto mór, para voltar ao reino, e ia com elle por capitão Lopo Vaz de Sampaio, Jorge Nunes de Leão, Vasco Fernandes Coutinho, Lourenço Lopes, e Manuel da Cunha. Foi áparte um João Serrão por capitão mór de tres navios para andar cruzando no estreito de Meca, sendo os outros capitães Payo de Sousa e Gaspar Cam.

Após Gonçalo de Sequeira partiu Diogo Mendes de Vasconcellos com alguns navios para Malaca, assim como Diogo de Sequeira para ir a essa mesma cidade assentar paz e tirar captivos, e isto com poderes separados do governador da India(!), indo tambem os navios de armadores «contractados com a rainha» de que os capitães eram Balthazar da Silva, Pedro Quaresma, e Diniz Cerniche, feitor de armadores.

Continúa a achar-se alternadamente interrompida a noticia dos nomes de navios, e d'esta vez tambem não encon-

trei os nomes dos navios que acabei de dizer, nem dos da anterior armada.

Refere o outro alludido auctor¹ que n'esse anno foram em tres armadas quatorze naus e outras embarcações a saber:

Gonçalo de Sequeira mór na nau S. Bartholomeu Botafogo, João d'Aveiro na S. Sebastião, e Jorge Nunes de Leão na Santa Anna de Enxobregas (Xabregas).

E mais os capitães, e outras naus e embarcações, das quaes diz não alcançou os nomes, a saber:

Diogo Mendes de Vasconcellos, Braz da Silva, Jeronymo Sernige (ou Cerniche?), Diogo Lobo de Alvalade, Lourenço Moreno, Payo de Sousa, Pedro Quaresma, Manuel da Cunha, Lourenço Lopes, e João Serrano (ou João Serrão). Anteriormente já está este ultimo nome.

Em referencia ao que diz Gaspar Corrêa vê-se que ha grandes differenças no numero das embarcações e nos nomes de alguns dos capitães d'estas, trazendo mais nomes o outro auctor alludido.

Outro João Serrão achei ha pouco, segundo se viu, depois do que foi morto com D. Lourenço de Almeida em Chaul, e talvez esses dois Serrões tivessem o mesmo nome de João e fossem parentes.

D'aquella vez havia muitos navios das capitánias môres de Gonçalo de Sequeira e Diogo Mendes de Vasconcellos, mas parece que tambem alguma embrulhada, considerando não só nos ditos especiaes poderes em separado, offensivos da disciplina, sem attenção ao governaador, como no negociosinho da rãinha «contractadora».

Não obstante mostrou-se Affonso de Albuquerque prazenteiro com a chegada de tanta gente para a retomada de Goa, que era por esse tempo o seu maior cuidado e empenho, a cuja cidade elle chamava «*mãy de todala India, por*

¹ Figueiredo Falcão.

assy estar no mêo dêla, que seria cabeça de todolo poderio da India», mas soffreu logo opposição de alguns dos recém-chegados, particularmente, como era de esperar, do capitão que trazia podêres separados, e pôr consequencia teve de mandar prender no castello Pedro Quaresma por haver dito que não obedeceria senão a Diogo Mendes, que assim lh'o ordenava el-rei no seu regimento, ou alguma boa alma (digo eu) que lh'o embutiu para fins.

Eis a prova de não ter errado quando fallei em «embruilhada» e sobre uns certos negocios é o que mais ha em todos os tempos.

Que differença agora quanto ao nosso afamado «poderio na India», a custo existindo a cabeça (Goa), mas com muitos dos mais membros mutilados e ameaçadas ainda de outros desmembramentos as nossas possessões da Asia, e o peor é juntamente correndo risco algumas d' Africa!

Foi encontrado n'aquella epoca em Suaquem um João Gomes, que de Socotorá foi ao Preste João da Abyssinia e que caminhava para o Cayro, dizendo que havia de trabalhar para passar a Veneza e d'ahi a Lisboa, tal era n'esse curioso, que por fim era um clérigo, o ardor da novidade, ou o desejo de prestar algum serviço, ao mesmo tempo augmentando a esphera dos seus conhecimentos.

Preparou-se Affonso de Albuquerque para ir de novo sobre Goa e agora ponho o que disse a seu respeito Luiz de Camões no seu poema quanto á tomada d'essa cidade. Parecerá deslocado, ou fôra de proposito, porém ver-se-ha que não é:

«Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar, que esforço e arte
Vencerão a fortuna e o proprio Marte.»

Partiu novamente para Goa levando uma forte armada, de que eram capitães D. João de Lima, seu irmão D. Jeronymo, Manuel de Lacerda, Fernão Peres de Andrade, seu irmão Simão, Diogo Fernandes de Beja, Manuel da Cunha, Duarte de Mello, Francisco de Tavora, Vasco Fernandes Coutinho, Garcia de Sousa, Gaspar Cam, Lopo Vaz de Sampaio, Ayres da Silva, Diniz Fernandes de Mello, João Serrão, e Diogo Mendes de Vasconcellos, em as suas naus, além dos capitães Pedro Quaresma, Balthasar da Silva, Vinete Cerniche, Antonio Raposo, Simão Martins, Gaspar de Paiva, Francisco Pantoja, Sebastião de Miranda, Affonso Pessoa, Jorge Martins de Leão, e Francisco Pereira, em outras embarcações, que pôr todas foram vinte e oito velas, em que iam mil e setecentos homens portuguezes, incluindo muitos fidalgos e illustres cavalleiros, e foï esta armada ao seu destino em outubro do referido anno de 1510.

Antes de passar adiante convem observar que pela oitava ou nona vez se encontra na obra de Gaspar Corrêa o João Serrão, nome magico, por cinco ou seis vezes annunciando ora o vivo ora o morto, podendo ter havido na familia essas repetições de nome, assim como d'antes as havia do nome de Maria, n'uma mesma familia, se é que não houve alguns erros de minuta, ou de imprensa, quanto ao nome a que me estou referindo.

Entraram pela segunda vez os lusitanos no rio de Goa em 24 do immediato mez de novembro, ao domingo, vespera do dia de Santa Catharina. Desembarcaram no dia seguinte em ordem de ataque aos arrabaldes, como os atacaram, fugindo para dentro da cidade indigenas e estrangeiros, que foram juntar-se aos da cidade. Depois d'isso travou-se a grande luta.

O primeiro que ousou entrar, subindo pela haste de uma lança, foi o destemido Fradique Fernandes. Deu-lhe João do Cartaxo um guião, e poz-se a gritar: «Portugal, Portu-

gal! Victoria, Senhora Santa Catharina!» Subiram corajosamente por esse lado outros portuguezes, levando estes na sua frente um João Pereira. Em fim, por outras partes se escalava e era entrada a cidade, em que se achou dura resistencia nos muitos mouros e turcos ou rumes que lá havia, tendo todos os nossos de combater mui rijamente.

Para dar mais idéa do enthusiasmo e da bravura com que se combateu, transcreverei a passagem seguinte: *«Acodirão os mouros a pelejar... os mouros largando a porta, que ficava com muyta pedra, os nossos puzerão tantas forças que a abriram hum pouquo, com que hum homem pôde entrar, que foy o primeyro hum João Corces, homem canario que logo foy morto, e os nossos com as lanças e com as mãos forão empuxando algumas pedras, e com grandes forças que os nossos puzerão as portas derão mais lugar, e entrou hum Gonçalo de Bulhões, com outros, que se acuparão a tirar algumas pedras, com que a porta abriu, com que entrou Diniz Fernandes no terreiro, com Ayres da Silva, e Lopo Vaz de Sampayo, e Pero de Ornellas, e logo outros que fizerão corpo, que se meterão ás lançadas com os mouros, com que o Fradique Fernandes e João Pereira, e outros que estavam no muro com suas lanças, decerão ao terreiro a pelejar, ao que Manuel de Lacerda, com outros fidalgos, se meteo a tirar a pedra da porta, que de todo ficou aberta, e entrou a gente».*

Terminada a arriscada empresa d'essa nova tomada de Goa foi o governador com a sua gente alojar-se nos vastos aposentos do Sabayo, onde o mesmo governador gastou o resto do dia *«a fazer cavalleyros»*. Em seguimento foi a sua principal occupação fortificar a cidade, e tomar outras providencias para firmar e conservar esta conquista, e joia tão preciosa da India.

A esta retomada de Goa se refere Camões, da maneira seguinte:

«Eis sobre ella torna, e vae rompendo
 Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
 Abrindo com a espada o espesso e horrendo
 Esquadrão de gentios e de mouros;
 Irão soldados inclytos fazendo
 Mais que leões famelicos e touros,
 Na luz que sempre celebrada, e dina,
 Será da egypcia Santa Catharina.»

Affonso de Albuquerque despachou um embaixador do rei de Narsinga. Dispóz convenientemente as coisas na cidade de Goa, em cujo porto deixou armada. Ordenou o necessario para conservar a paz em Ormuz. Só pôde partir para o estreito de Meca no principio de fevereiro de 1511. Arribou porém na viagem, e por deliberação em conselho deu-se preferencia á conquista de Malaca, outro grande commettimento.

Ha de se concordar (penso eu) que para taes empreendimentos, disposições, e successos, de Affonso de Albuquerque, e de outros portuguezes, á semelhança d'esse grande homem, sempre haviam de ser precisos mais alguns talentos, valor e resolução, do que para se ser simples «*chatim*» ... E já vamos ver como esse capitão, que tambem era bom politico e habil administrador, procedeu ácerca de Malaca.

Na sua ausencia esteve em aperto a cidade de Goa e em risco de perder-se, apoderando-se das terras circumferentes o maior capitão do Hydaleão acompanhado de muita gente, mas nunca pôde reaver Goa, bizarramente defendida pelos lusitanos.

Por uma traição que um mouro do rei de Pacem fez a Diogo Lopes de Sequeira mandou Affonso de Albuquerque mensagem áquelle rei para lhe entregar o tal mouro, o qual fugiu, e estiveram ali demoradas algumas embarcações nossas e no porto de Pedir, para intimidar-os reis d'essas terras.

Nas guerras de Goa distinguiram-se por diferentes vezes Luiz Fernandes, Duarte de Mello, João Coelho, Pedro Preto, Lourenço Prego, Fernão de Pedrogão, Ayres Dias, Antonio Ferreira, e Alvaro Godinho, bravos cavalleiros, uns como capitães de embarcações, e outros por terra; assim como Manuel da Cunha, Gonçalo Travassos, Hercules de Andrade, Sancho Tavares, Pedro de Madureira, e muitos mais, de que alguns morreram e outros foram feridos.

Em especial n'aquella segunda tomada de Goa distinguiram-se entre outros, e além de Fradique Fernandes, e João do Cartaxo, todos os capitães a principio nomeados, e D. João de Lima, Manuel de Lacerda, o cavalleiro mulato João Pereira, valente homem, que julgo ser o que no começo mencionei só com o nome de João Pereira, que depois fosse feito cavalleiro, Gaspar Cam, Diogo Pires de Miranda, João Serrão, Diogo Fernandes de Beja, Lopo Vaz de Sampaio, Diogo Mendes de Vasconcellos, Ayres da Silva, e Nuno Vaz de Castello Branco.

Dos inimigos morreram mais de quatro mil homens pela maior parte afogados no rio, sendo muitos d'elles mouros e turcos ou rumes.

Mortos dos portuguezes foram pouco mais de trinta, sendo os principaes D. Jeronymo de Lima, Alvaro Pessanha, Simão Martins Henriques, Luiz Preto, Pedro de Ornellas, João Martins de Leão, Duarte Ferreira, Filippe Rodrigues de Mello, Gonçalo de Castro, Pedro d'Affonseca, e mais alguns que depois morreram dos ferimentos; e os feridos passaram de duzentos.

Foi aquella uma jornada gloriosa para as armas de Portugal; mas á custa de grandes esforços e perigos, e de alguns bem dolorosos sacrificios.

Os mouros por esse tempo entraram devastando as nossas terras fóra de Goa. O governador mandou Gaspar de Paiva, Antonio de Mattos, Affonso Pessoa, Martin Guedes, e Vasco Fernandes Coutinho, cujos capitães se unias com

cento e cincoenta homens foram encontral-os no passo de Naruhá, d'ondè os fizeram retirar com perda de muitos mortos e feridos d'elles, só então morrendo um dos nossos; mas depois os portuguezes vieram a soffrer n'essas mesmas terras fóra de Goa, em què morreram os cavalleiros Fernão de Pêdrogão, Pedro de Freitas, e Sancho Tavares, além de outros feridos, atacados os nossos por um atrevido capitão mouro, chamado Pulatecão que trazia muita gente.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de D. Garcia de Noronha

Anno de 1511

Sob a capitania mór de D. Garcia de Noronha foram n'esse anno para a India seis naus de carga de que Gaspar Corrêa não declara os nomes, levando por capitães Christovão de Brito, Pedro Mascarenhas, Manuel de Castro, Jorge de Brito, e D. Ayres da Gama, commandando a capitanea o mesmo D. Garcia. Um das d'essas naus passaram primeiro á India. Houve tal que foi logo a Moçambique, outras por causa dos despropositos de D. Garcia, que queria saber mais do que os pilotos, ficaram á ré do Cabo da Boa Esperança, retrocedendo para Portugal, e mais tarde foram á ilha de S. Thomé e tornaram a encaminhar-se para a India, com muitos trabalhos e doenças a bordo, até que finalmente chegaram a Moçambique no principio de febreiro de 1512.

No outro auctor alludido¹ vem o nome de todas essas naus e dos capitães, a saber: D. Garcia mór na nau Nossa Senhora d'Ajuda, Ayres da Gama na Piedade, Manuel de Castro Alcoforado na S. Pedro, Pedro Mascare-

¹ Figueiredo Falcão.

nhas na Santa Eufemia, Christovão de Brito na Santa Maria de Belem, e Jorge de Brito na Santa Maria da Luz.

Por esta fôrma se completa a noticia com os nomes das naus e se diz mais um appellido de um dos capitães.

Partindo o governador para o estreito de Malaca fez durante a viagem varias presas de «juncos», que eram embarcações grandes d'aquellas paragens. Um junco resistiu mais, sabendo-se depois que conduzia um filho do rei de Pedir, que tambem ia para Malaca.

O governador chegou ao porto d'essa cidade no meiado do mez de julho de 1511. Entregou-se-lhe a muito custo uns portuguezes que ali se achavam captivos, mas continuando os enganos e ardis do rei accommetteu a cidade em dia de S. Lourenço e lhe matou alguma gente. Descançou algum tempo. Tornou a ataca-la, á escala vista, «e a conquistou coa mor riqueza, que nunca se tomou n'estas partes, nem tomará», formaes palavras de Gaspar Corrêa, e na orthographia antiga, em que eu irei dando por curiosidade mais alguns excerptos.

Houve grande resistencia junto a uma mesquita, mandando o governador que Fernão Gomes de Lemos fosse com o seu esquadrão ajudar D. João de Lima, que tinha já doze ou quinze homens mortos e muitos feridos, acrescentando Gaspar Corrêa: «*Chegando o socorro, que todos tomarão nouo esforço, derão Santyago nos mouros ás lançadas; e porque o feyto era de verdade, os fidalgos por ganhar honra se auantajauão huns aos outros, a saber: Fernão Gomes, D. João de Lima, Simão de Andrade, Ayres da Silva, Fernão Peres, Vasco Fernandes Coutinho, Ruy de Brito Patalim, Antão Nogueira, João Pereira, e Diniz Fernandes, que tomarão a dianteyra, que nom cabião mais pola rua. Nom houue mouros que os aguardasse. . .*» N'este ultimo esforço que se fez foram mortos Gonçalo d'Almeida, Antonio da Costa, e Alvaro Botelho, ficando varios outros feridos.

Descobriu-se n'um subterraneo das casas do rei muita riqueza, a saber: uma tripeça em que a rainha comia avaliada a pedraria d'ella em tresentos mil cruzados, quatro leões de oiro «vãos» (ou ôcos) dentro dos quaes se mettiam perfumes e sobre que estava posta a cama do rei, com os olhos, lingua, dentes, e unhas de pedraria, cada um avaliado em cincoenta mil cruzados, e isto com perolas, aljófar, e muitas coisas de oiro, valia tudo cerca de um milhão.

Durou o saque na cidade até noite fechada, *«que os homens venderão aos mercadores da terra, com que aquelles ficarão riquos, nom falando senom em tres e quatro myl cruzados, e os capitães em vinte e trinta myl cruzados em dinheiro, afóra muytos objectos riquos que leuarão para os seus nauios»*.

Por isto ser notavel aqui o deixo assim exposto e explicado, e no outro dia mandou Affonso de Albuquerque apregoar pela cidade que cada um recolhesse o seu e não tocasse em mais nada, coarctando e limitando por esta maneira aquelle direito, mas triste direito da guerra, que se concede em excepçionaes circumstancias.

Na tomada da cidade foram mortos dós nossos vinte e oito, os mais d'elles de frechas envenenadas, e feridos mais de sessenta, de que depois alguns morreram. Entre os mortos achavam-se os cavalleiros Gonçalo de Almeida, Antonio da Costa, e Alvaro Botelho, como disse. No numero dos feridos, contavam-se os cavalleiros e capitães distinctos D. João de Lima, Fernão Gomes, Vasco Fernandes Coutinho, Ayres da Silva, Simão Peres de Andrade, Francisco de Tavora, Antão Nogueira, João Pereira, Fernão Peres de Andrade, e Diniz Fernandes de Mello.

Se muito custou a tomada de Malaca, com os seus agueridos mouros, mamelucos, e outros que a defendiam, com os seus crisis, e as suas setas envenenadas, tambem não custou pouco a fazer-se-lhe a fortaleza, e a conserval-a n'um

estado respeitavel, a despeito das falsidades que se armavam aos portuguezes.

Pelo que respeita a esta tomada de Malaca, e ao seu illustre conquistador, encontra-se no poema de Camões o seguinte :

«Nem tu menos fugir poderás d'este,
 Posto que rica, e posto que assentada
 Lá no gremio da aurora, onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada!
 As setas venenosas que fizeste,
 Ós crisis com que já te vejo armada,
 Malayos namorados, jáos valentes,
 Todos farás ao luso obdientes.»

Affonso d'Albuquerque mandou lá cunhar novas moedas. A que havia em mais abundancia era de estanho para o pequeno commercio, fazendo-se as maiores transacções a troco de mercadorias. Mandou lavrar moeda miuda, valendo até dez soldos, a que poz o nome de «*bastardos*», fez moeda de oiro da valia de mil e quarenta réis, a que chamou «*catholicos*», fez «*mêos catholicos*» do preço de quinhentos e vinte réis, e fez moeda de prata de sete centos e vinte réis, a que chamou «*reays branquos*» de que havia n'essa proporção «*mêos reays branquos*».

Malaca era um intermedio precioso para o commercio da China e de Sião, e por aquelle e outros motivos foi para os portuguezes uma conquista importantissima, feita pelo grande Affonso d'Albuquerque, abrindo novas carreiras por onde se encaminhassem, e seguissem além novos empreendedores, como em breve succedeu, indo-se tambem a Bandá e á China, e ás ilhas do Cravo, ou Molucas, e ainda mais além, para o sul, que digo eu? tocando ou vogando no mar da Australia... Comtudo não anteciparei mais estes ultimos successos, que devem figurar n'outro logar adiante.

Com politicas vistas attrahiu Affonso d'Albuquerque os reis comarcãos de Malaca, contractando com elles pazes,

dando «seguros» para que das suas terras viessem confiada e afoitamente mercadores. E mandou descobrir «Maluco, terra em que nascia o cravo», para onde partiram alguns navios, ainda em novembro do dito anno de 1511 a penetrar na Oceania, e dispoz tudo o mais a seu geito em Malaca.

O commercio ia pois alargando-se admiravelmente, firmando-se cada vez mais no Oriente a dominação portugueza.

Na minha rapida narração vou passando por terras tão consideraveis como Ormuz, Malaca e outras, que já nos não pertencem, estando muitissimo reduzido o que tinhamos na Asia, na Oceania e na Africa! Principalmente n'esta ultima região é que temos ainda grandes interesses a zelar e a defender. Oxalá que bem a serio olhem por isto os nossos homens de estado. Mas quem sou eu para assim deprecar aos deuses, ou fazer tal insinuação?! Comtudo não faço mais do que emitir um desejo.

Havendo tomado todas as providencias que julgou necessarias na paz, assim como as tinha tomado na guerra, deixou Affonso d'Albuquerque assente, quanto possivel, a segurança n'esta sua nova conquista de Malaca, e partiu d'ali em direcção a Cochim, perdendo-se na viagem a nau Flôr do Mar em que elle ia. As outras que levou chegaram a Cochim com immenso trabalho de bomba, meias perdidas, já em janeiro de 1512, e tambem se perden um junco da sua armada entre as ilhas de Maldiva, sumindo-se com esses naufragios na profundeza do mar a maior parte das mais ricas peças de oiro e pedrarias de que fallei, que se haviam apreendido em Malaca.

N'essa mesma cidade occorreram posteriormente algumas traições e revoltas, a que eram dados os seus habitantes, mas foram vencidos e castigados alguns. Passado tempo chegaram da descoberta de Maluco, ou de algumas das ilhas Molucas, Antonio de Abreu, e outro, com dois na-

vios de cravo, perdendo-se outro navio de tal empresa na ilha de Ternate.

Não terminarei este capitolo sem mencionar os portu- guezes que mais se distinguiram e trabalharam na conquista de Malaca, e foram João da Silveira, Garcia de Sousa, Jay- me Teixeira, Sebastião de Miranda, Pedro d'Alpoim, João Pereira, Antonio Raposo, D. João de Lima, Luiz Coutinho, Gaspar de Paiva, Vasco Fernandes Coutinho, Ruy de Brito Patalim, Antão Nogueira, Simão Pires de Miranda, Affonso Pessoa, Jorge Botelho, Duarte da Silva, Fernão Gomes de Lemos, Fernão Peres de Andrade, Ayres da Silva, Fer- nãõ d'Atougia, Ayres Pereira, Diniz Fernandes de Mello, Nuno Vaz de Castello Branco, Diogo Pires de Miranda, Fran- cisco de Tavora, Antonio d'Abreu, Simão de Andrade, João Mendes Botelho, Manuel da Costa, Fernão de Sousa, Gar- cia de Castro, Pedro Freire, Duarte d'Athayde, e outros fidalgos e cavalleiros.

Com referencia a Goa succedeu que andando desde ha muito com os inimigos um João Machado, degradado, pelos nossos deitado n'outra terra, na primeira viagem de Vasco da Gama, veiu de logar em logar até àquella cidade, ser- vindo o Hydalcão, com quem tinha muito valimento; mas não podendo por fim fazer concerto de paz abandonou os mouros, e com alguns companheiros se apresentou ao capi- tão Diogo Fernandes de Beja, mettendo-se em Goa, e fa- zendo muito bom serviço.

Ainda cabe aqui dizer agora que foi mandado Simão de Miranda por embaixador ao rei de Sião, intitulado «senhor do elefante branco», vindo ao mesmo tempo ao governador mensageiros do rei de Campar, alliado do de Malaca, do rei de Jáoa, e de outros reis comarcões, pedindo pazes, a quem se deram «seguros» ou cartas de livre transito, com promessas de auxilios e amizades.

Todas estas ultimas submissões eram, como bem se deixa ver, uma consequencia da conquista de Malaca; estêndiam

a área das alianças; e abriam margem mais larga para se commerciar por essas partes.

Ainda houve, com relação ao anno de 1511, um desastre fóra de Goa, no passo de Naruhá. Os mouros ajudados por uns renegados que para lá tinham fugido, conseguiram por uma surpresa forçar aquelle passo n'um rio guardado por Jorge de Magalhães em uma caravela com uns vinte homens, matando-o e a todos os companheiros.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de D. Jorge de Mello Pereira

Anno de 1512

Tendo em março d'esse anno partido do reino para a India D. Jorge de Mello Pereira por capitão mór de onze naus e um navio mais pequeno chegou n'essa armada á barra de Goa em 15 de agosto e seguidamente a Cochim, menos a nau de Francisco Nogueira que naufragou n'uma restinga entre as ilhas de Ancoja, como referi logo no principio d'esta minha obra, não obstante ter lido n'uma parte que eram oito naus e n'outra doze, contando-se como nau aquelle navio menor. Todavia segui o que está na *Lenda*, apenas com esta pequena rectificação quanto ao navio mais pequeno.

Não ignoro que com estas e mais algumas differenças, e mesmo faltas e confusões, com referencia ao numero e aos nomes, já de navios de algumas armadas, já de individuos, não deixaria de deparar tambem o fallecido meu amigo Felner, e com outras duvidas, de que se não quiz importar, comtudo devendo-se-lhe innegavelmente o apreciavel serviço que prestou com a publicação das *Lendas da India*, por elle encaminhada e dirigida, como disse mais atraz, e alguns esclarecimentos aproveitaveis, que poz em

notas. E pelo que me respeita irei arredando do melhor modo que possa os estorvos, proseguindo o mais aproximadamente possível a par do que se acha na obra de Gaspar Corrêa, não se me levando a mal que n'uma ou n'outra apreciação me afaste um pouco do que se lê na *Noticia preliminar*, e que ás vezes, por contradicções ou falta de provas, me lance no campo das conjecturas, indo sempre cotejando e comparando de preferencia os dois auctores Gaspar Corrêa e Luiz de Camões, onde isso caiba, e notando as variantes, e faltas e confusões que encontrar em geral, no que esteja ao meu alcance, para devido conhecimento de quem ler.

D. Jorge de Mello Pereira, que já vimos ter feito uma viagem á India em 1507 só como capitão de navio, ia por capitão mór da armada no dito anno de 1512 a bordo da nau Cirne, levando por capitães das outras naus, a saber: Jorge de Albuquerque na Nazareth, Gonçalo Pereira na Conceição, Garcia de Sousa na S. Gião, Gaspar Pereira na Santo Antonio de Chyllas, Lopo Vaz de Sampaio na Santa Cruz, D. João d'Eça na Magdalena, Pedro d'Albuquerque na Biscainha, Jorge da Silveira na Botafogo, Simão da Miranda na Flôr da Rosa tambem para capitão de Sofalla, Francisco Nogueira na Santo Antonio (a que se perdeu), e Antonio Raposo no navio Ferros, indo de passagem n'essa armada o então moço e futuro escriptor Gaspar Corrêa e que havia de vir a escrever as *Lendas* da mesma India.

O outro auctor alludido¹ posto que refira o mesmo numero de navios differe não pouco em os nomes de alguns capitães, começando no do capitão mór, e nos de algumas embarcações, pela maneira seguinte:

Jorge d'Abuquerque mór (que me parece o mesmo que dizer Jorge de Mello Pereira de Albuquerque) na nau Piedade, Gonçalo Pereira na Santa Maria da Conceição, Jorge

¹ Figueiredo Falcão.

da Silveira na Santa Eufemia, Simão de Miranda na S. Christovão, D. João de Lima na Serra, Francisco Nogueira na S. Gião, Lopo Vaz de Sampaio, Pedro de Albuquerque, Antonio Raposo de Beja, dizendo que os nomes das naus d'estes tres ultimos estavam comidos no livro da casa da India, Gaspar Pereira na Santo Antonio, João Chanoca, de que o nome da nau estava gasto no livro, e João de Sousa, de cuja nau tambem não diz o nome.

Comparando-se com o que refere Gaspar Corrêa ha troca de alguns nomes de capitães e de naus e outros inteiramente novos e differentes.

Conta-se que um Fernão Lopes esteve só por algum tempo na ilha de Santa Helena, deixado ali por um navio portuguez, como degradado, ao qual insular se juntou depois um jáo, tocando de tempo a tempo n'esse porto outros navios portuguezes, por onde se soube que existiu ali muitos annos este Fernão Lopes só com o jáo, tornando-se meio selvagem até que morreu lá em 1546.

A dita ilha tinha sido descoberta muito antes por João da Nova, isto é, em 1502.

O governador, juntando em Cochim ás forças que tinha as que se poderam dispensar das que vieram do reino, foi a Cananor com todas as embarcações que pôde reunir e d'ahi a Goa, onde chegou em outubro, desembarcando a sua gente d'armas e indo atacar Roçalcão, um dos capitães do Hydalcão, a quem cercou por mar e terra em Banestirim, e tendo-o batido com custo pôde o dito capitão retirar-se, ficando d'esse modo despejada a ilha de Goa dos inimigos que elle capitaneava, não sem grande sacrificio, ficando mortos os bons cavalleiros Diogo Corrêa, Ruy Galvão, e Manuel de Sousa, e muitos feridos.

Sucedeu então o seguinte caso: João da Camara, a quem Gaspar Corrêa designa por condestavel mór da India, foi mandado fazer um tiro a uma peça dos mouros que estava causando damno, a qual com effeito despedaçou

com o tiro do seu camello grande que levou, enfiando um pelouro pela bocca da bombardada dos mouros, arreben-tando-a, e matando tres renegados que lá andavam e cinco mouros, e ferindo treze ou quatorze, o que produziu grande espanto e sobresalto, como era natural. Ora este mesmo João da Camara foi o que no tempo do vice-rei D. Francisco d'Almeida, sendo mandado fazer um tiro a capricho sobre uma nau dos rumes na enseada de Dio, lhe atirou e a metheu no fundo, o que deixou assim ratificado.

Em Goa recebeu o governador n'essa epoca embaixadores do rei de Cambaya, do Samorim de Calecut, e do Preste João da Abyssinia. Despachou os dois primeiros com termos de pazes, tencionando mandar fazer fortaleza em Calecut, como foi em pessoa assistir ao começo d'essa edificação passado algum tempo. O embaixador do Preste João, ou que assim se fez acreditar, como vou explicar, pediu para ir a Portugal, e a esse fim deu-se-lhe na primeira occasião passagem n'um navio do estado.

Disse eu que alguém se fez passar por embaixador do Preste João, pois soube-se mais tarde, por gente nossa que esteve com o mesmo Preste, não ter enviado tal embaixador, mas estimou que este depois lhe desse noticia de Portugal.

Achando-se assim o governador mais desafogado de cuidados da guerra, estava no entretanto imaginando levar a mais longe, quando lhe chegou de Cochim, já em janeiro de 1513, a armada com que havia de ir ao estreito de Meca, que eram vinte e quatro velas, naus grossas, e um navio pequeno, uma galé, uma galeota, um bergantim, e uma caravela latina, em que iam mil e setecentos homens lusitanos com a gente do mar, e seiscentos malabares, ficando em Goa o necessario para sua guarda e defesa.

A 28 d'aquelle mez de janeiro partiu para o estreito de Meca, ou do mar Roxo, ou Vermelho, como tambem se lhe

chamava, a cujos nomes corresponde presentemente o de estreito de Babel-Mandeb. Tocou em Socotorá e atacou a cidade de Adem, á escala vista, sem a poder tomar. Achou-a toda rodeada de altas muralhas, com fortes baluartes e muita artilheria por elles espalhada, de que vem uma curiosa estampa na obra das *Lendas da India* de Gaspar Corrêa. Do assalto que se deu ás suas muralhas não houve nenhum resultado efficaz, tendo-se apenas podido incendiar no porto algumas embarcações. Reunindo-se conselho foi decidido ainda espaçar o commettimento pelo estreito de Meca, reforçando-se Affonso de Albuquerque com mais gente que viria do reino n'esse anno, e que então atacaria novamente a cidade de Adem *«porque sendo tomada, ficava seguro o Estreyto e impedida a passage dos rumes pera a India»*. Tal era, como se está vendo, a valia da posição strategica da dita praça ou cidade fortificada.

No assalto a Adem houve homens mortos e feridos dos nossos. O primeiro que subiu á muralha foi o cavalleiro mulato João Pereira, seguindo-se Garcia de Sousa, e outros, os quaes tiveram de retirar, tendo estado em perigo de vida o proprio governador. Estiveram n'esse arriscado e infructuoso ataque mais os seguintes valorosos portuguezes: Simão de Andrade, Lopo Vaz de Sampaio, D. João de Lima, Ayres da Silva, Jorge da Silveira, Fernão Gomes de Lemos, Diogo Fernandes de Beja, Pedro de Albuquerque, João Gomes Cheiradinho (ou Cheiradinheiro), D. João d'Eça, Alvaro de Castro, Antão Nogueira, Payo Corrêa, Jeronymo de Sousa, Pedro Corrêa, João de Athayde, Diogo Soares de Mello, Diniz Fernandes de Mello, Tristão de Miranda, Pedro da Fonseca, Antonio Raposo, João de Figueiró, Diogo Mendes de Horta, Manuel Fidalgo, Ruy Gonçalves, Henrique Homem, o padre Mergulhão, e outros cavalleiros, que todos se subiram em escadas.

Ha quem conte igualmente, referindo-se a um segundo ataque ou diversão mais para um lado, terem-se tomado

e inutilisado algumas peças de artilheria aos mouros n'um morro ao pé das muralhas da cidade. Gaspar Corrêa também allude a isto, distinguindo-se n'esta occasião Diniz Fernandes de Mello, D. Garcia de Noronha, João Gomes Cheiradinho, e outros. Também muito se distinguiram outros, e entre estes os bravos cavalleiros Garcia de Sousa e Jorge da Silveira, que ambos foram mortos, não tendo querido o primeiro salvar-se, descendo por uma corda, que se lhe offerecia, sempre combatendo em cima do muro, e dizendo: «*Nom são homem que hey de fogir á morte por cordas*». As escadas saíram curtas, e foi isso talvez o principal motivo de falhar a tentativa.

Pergunte-se agora mesmo aos inglezes, senhores de uma boa parte das nossas antigas possessões na Asia, quanto, não obstante a moderna abertura do canal de Suez, ainda vale aquella posição de Adem, em frente do estreito de Meca, e por onde em caso de guerra se podem conter em respeito inimigos que queiram entrar ou sair por esse lado. E mesmo por causa da abertura do canal tem-lhe accrescido grandes vantagens commerciaes, como logar de consideraveis depositos de carvão de pedra, e de outros abastecimentos para os navios que por ali passam para muitas e differentes partes, sendo Adem, como já ha pouco lhe ouvi chamar, uma especie de nova Gibraltar no mar Vermelho.

Como não falta quem pense que os nossos antepassados só tiveram a lutar no Oriente com miseros indigenas, fracos, sem armas, ou mal armados, quando, pelo contrario, em muitas partes da India tiveram de arcar com mouros bellicosos e outros inimigos atrevidos, que se veja o estado de força em que estes estavam, não sómente pelo que já fica dito, mas pelo que semelhantemente terei de dizer; e o que se viu de Adem, e de grandes batalhas navaes dadas na enseada de Dio, onde entre os inimigos havia turcos ou rumes, e em mais algumas partes, certamente não é coisa de pequena ponderação.

Sobre este reparo, e outras minhas observações, chamo em especial a attenção dos mancebos inexperientes e menos versados em taes assumptos que me lerem, desde já apontando-lhes de preferencia para o que se passou nos cercos d'aquella cidade de Dio no tempo de D. João de Castro e de D. Affonso de Noronha, como tambem para os combates navaes dados por D. Vasco da Gama na costa de Cananor, por D. Francisco d'Almeida no mar de Calecut e na enseada de Dio, por Heytor da Silveira e Pedro Fernandes de Beja na costa e mesma enseada de Dio, por Antonio Cardoso na costa de Cochim, por D. Henrique de Menezes e Lopo Vaz de Sampaio em diversas partes, e por outros, etc.

N'aquella costa de Adem eram ligeiras as embarcações dos naturaes e se denominavam «gelvas», occupando-se na condução de mantimentos e mercadorias de Barborá e Zeyla, terras da costa da Abyssinia, na alta Ethiopia.

Affonso de Albuquerque voltou com a armada para Goa a descansar, e sem duvida magoado e descontente do acontecido em Adem.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de João de Sousa Lima

Anno de 1513

Em 22 de setembro d'esse anno chegaram á barra de Goa tres naus de viagem do reino, das quaes era capitão mór João de Sousa Lima, sendo os mais capitães Henrique Nunes de Leão, e João de Abreu. E outra nau, de que era capitão Francisco Corrêa, partindo de Moçambique, se extraviou e perdeu, dizendo-se que nunca mais se soube d'ella, e porque a nau era nova e boa de vela, e não tendo havido tormenta, se presumiu que acontecesse desastre de incendio. Gaspar Corrêa não menciona os nomes d'estas embarcações.

De uma nota posta no livro do outro auctor alludido¹ se deprehende que depois de se ter salvado Francisco Corrêa de um naufragio nas ilhas de S. Lazaro veio a afogar-se, indo n'um batel no porto de Melinde. Em logar do nome de Francisco Corrêa traz o auctor Gaspar Corrêa, como se viu, o de João de Abreu. O outro auctor diz-me que havia uma nau de Francisco Corrêa; e por tanto apenas noto esta differença.

¹ Figueiredo Falcão.

Esse mesmo auctor alludido declara que os capitães eram os seguintes: João de Sousa Lima mór, Henrique Nunes de Leão, e Francisco Corrêa.

Tambem não pôde declarar os nomes das embarcações.

Levavam taes embarcações menos gente do que o governador esperava, despachando-as immediatamente para Cochim, onde ia reunindo forças maritimas.

Mandou proceder a concertos em diversas embarcações e activar a feitura de galês com as quaes para o seguinte verão de 1514 contava ir pelo estreito de Meca, como tambem mandou «*adestrar espingardeyros*» de que tinha falta, a que em parte attribuia a perda de Adem e o desapontamento que teve na outra occasião que lá foi, soffrendo damno os seus, sem terem com que atirar aos moiros, que impunemente os frechavam do alto das muralhas, muito mais não chegando acima as escadas para o assalto, como já observei.

Entretanto que não tornava lá, e para que os mahometanos não dissessem que em Goa se não lembravam de Adem, ajuntou oito velas, com bons capitães, de que deu a capitania mór a seu sobrinho Pedro de Albuquerque, e consignou-lhe em regimento que corresse pela costa da Arabia até Adem, e depois guerreasse Barborá e Zeyla.

Despachou embaixadores que lhe vieram de Bisnegá e do Hydalcão, e mandou soccorro a Malaca.

Vieram-lhe mais embaixadores dos reis de Pegú e Sião, a que attendeu como convinha, estando Affonso de Albuquerque muito respeitado, e fazendo devidamente respeitar por toda a parte as armas de Portugal.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de Christovão de Brito

Anno de 1514

Chegou á barra de Goa n'uma nau em 22 de agosto d'esse anno Francisco Pereira, e disse que do reino haviam partido tres naus em que iam por capitães Manuel de Mello, Luiz Dantas, e Christovão de Brito, sendo este capitão mór de todas as quatro naus, contando com a primeira pertencente á mesma armada, de cujas embarcações não vi que Gaspar Corrêa declarasse os nomes.

Christovão de Brito e Manuel de Mello foram tocar tarde em Cananor, e ainda d'ahi poderam seguir para Cochim a metter carga, e a nau de Luiz Dantas foi ter a Goa. Regressou n'esta armada um embaixador que o rei de Ormuz particularmente mandou por terra a el-rei de Portugal para que lhe confirmasse para sempre a sua paz, vindo de lá com carta de el-rei para Affonso de Albuquerque.

O outro auctor alludido¹ dá á armada mais uma nau e designa pelos seus nomes algumas das naus, pelo modo seguinte:

Christovão de Brito mór, dizendo não achar o nome da

¹ Figueiredo Falcão.

sua nau, Manuel de Mello na nau Santa Maria da Luz, Francisco Pereira Coutinho na Santa Maria d'Ajuda, Luiz Dantas, declarando que não achou o nome da sua nau, e João Serrão, dizendo que não se podia ler o nome da sua nau.

Dá esse auctor a novidade de dois nomes de naus e do nome de mais um capitão.

Partiu Luiz Dantas para Chaul a fim de vender muita fazenda que trazia d'el-rei «e da rainha» ou só d'esta, dizendo-se d'aquella maneira, mas ao chegar á barra perdeu-se essa embarcação na lage á entrada, e lá se submergiu tudo.

Por contrariedade do vento não pôde Pedro de Albuquerque chegar a Adem, não obstante recolheu a Goa com ricas presas de naus de Meca carregadas e com trinta mil xerafins que o rei de Ormuz devia de dois annos de párias, tendo chegado a penetrar até Barem, no golfo persico, por onde andou n'umas embarcações pequenas, a que chamavam «terradas», com pilotos de lá.

Por outro lado, em 1516, adiantando já aqui esta noticia, penetrava na Cochinchina Duarte Coelho e assentava paz e commercio com Sião.

Foi para essa banda, na costa de Camboja, que o illustre Luiz de Camões veiu a naufragar n'um baixo na embocadura do rio Mécon, salvando das aguas o seu precioso manuscripto do poema dos *Lusiadas*.

Elle refere isto no mesmo poema do modo seguinte:

«Vês passa por Camboja Mécon rio,
Que capitão das aguas se intrepeta;
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta.
Tem as enchentes, etc.

Este receberá, placido e brando,
No seu regaço o canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,

De fomes, de perigos grandes, quando
 Será o injusto mando executado
 N'aquelle cuja lyra, sonora,
 Será mais afamada que ditosa.»

Vejam que sentidos queixumes elle soltava, e por que bella maneira o tratavam!

A ida de Camões à India e o dito naufragio tiveram todavia logar mais tarde e em epoca a que não chegam as *Lendas da India* de Gaspar Corrêa. Foi para lá em 1553, e o governador Francisco Barreto teve a mesquinhez de o mandar prender e deportar para a China por motivo de uns versos que fez, com o titulo de *Disparates na India*, fixando-se em Macau onde se applicou a rever, ou a acabar de escrever o seu famoso poema dos *Lusiadas*.

Aqui fica tambem isto que não quiz deixar de comprehender entre os outros assumptos de que trato, tanto mais que vou fazendo de vez em quando outras referencias ao poema dos *Lusiadas* e fallando do mesmo Camões.

Affonso de Albuquerque, para satisfazer a um pedido da rainha de Portugal, encommendou a um abastado homem indio chatim, morador em Batalalá, cinco mil rubis miudos, o qual lh'os apresentou e outros de maior tamanho, e mandando-lhe pagar por elles dezoito mil pardaus (quasi sete contos de réis) não quiz de modo algum receber o dinheiro, dizendo que não pretendia mais do que «honra e seguro» para a sua nau, podendo como o seu fallecido irmão usar de bandeira com as quinas de Portugal nos portos em que estivesse, e fez-se-lhe a vontade.

Aqui temos pois outro louvavel exemplo de boa fé sobre coisa de uma certa importancia, á maneira do outro caso succedido na compra de pedras preciosas entre o vice-rei D. Francisco de Almeida e a rainha de Couião, e por aquella pretensão do indio chatim de Batalalá se conhecerá o apreço que se dava á concessão de «seguro» para se es-

tar ao abrigo da bandeira lusitana, e se o dito indio não recebeu dinheiro foi porque não quiz.

O governador proveu ao que cumpria em Cochim, sem demorar o aviamento da carga das naus do reino, partindo em seguida para Goa, porto em que reuniu a armada, e foi depois a Cananor.

N'aquelles arranjos, nos dos navios, e n'outras occupações, foi decorrendo o tempo até janeiro de 1515, em que estava disposto a ir com a armada pelo estreito de Meva até chegar a Suez, tendo já nomeado para a armada os seguintes capitães: Vicente de Albuquerque na nau Nazareth, D. Garcia de Noronha, Lopo Vaz de Sampaio, Diogo Fernandes de Beja, Ayres da Silva, Simão de Andrade, Fernão Gomes de Lemos, Pedro de Albuquerque, e Pedro de Faria, todos estes por capitães de naus grossas; Duarte de Mello, Antonio Raposo, Jorge de Brito, Pedro Ferreira, Alvaro de Castro, Antonio Nogueira, Alvaro de Athayde, Nuno Martins Raposo, todos estes de navetas pequenas; João de Meira, João Pereira de Lacerda, Fernão de Resende, Francisco Pereira, e Arthur de Castro, de caravelas, tres redondas e duas latinas; Silvestre Córso, Natalino de Bachan, homens estrangeiros, e Jeronymo de Sousa, de galés; e Pedro de Bachan, de um bergantim; e Manuel da Costa, feitor da armada, de uma galeota; e Fernão Eannes de um catur, que ia amarrado na pôpa da nau capitanea, que todas eram vinte e sete velas, fóra o catur. E finalmente a armada só se fez de vela da barra de Goa em 3 de fevereiro de 1515.

Affonso de Albuquerque ao passar por Ormuz, onde entrou, deixava a construir ali uma fortaleza, achando-se então em mais harmonia com o rei da terra, com quem esteve tratando da continuação da paz, fazendo-lhe o mesmo rei valiosos donativos em dinheiro, que repartiu pela sua gente, mandando esse honrado homem lançar tudo nos livros *«pera de tudo (como elle dizia e fazia) dar conta a El-Rey de Portugal»*.

Ainda despachou o embaixador do Xah da Persia Ismael, que lhe tinha vindo com um riquissimo presente de oiro e pedrarias, de cujo potentado havia recebido n'essa occasião uma carta pomposa em folha de oiro, á qual respondeu no mesmo exagerado estylo oriental.

Mas adoecendo voltou de Ormuz para Goa, e peiorando na viagem falleceu esse grande homem já dentro da barra de Goa, ao largar-se a ancora á sua nau, gasto de trabalhos e cuidados, tendo adquirido para a sua patria o dominio de novos territorios na India muito vastos e consideraveis, porém não chegando a fazer o seu gosto de tomar Adem, «*a chaue do Estreyto de Meca*», e de penetrar pelo mesmo estreito até ao Toro e a Suez para desempenhar-se do que el-rei lhe tinha recommendado.

Foi o seu fallecimento em 27 de dezembro de 1515.

N'uma occasião esteve para ser morto por traição do abastado moiro Raxamede, que pagou com a vida o seu procedimento, não lhe valendo a offerta que se fez de uma enorme somma para o livrar; e d'outra vez chegou a propinar-se-lhe veneno n'um doce, de que elle e mais alguns mui pouco comeram, ou só provaram, no fim de um jantar, seffrendo apenas algumas nauseas, tendo sido tambem rigorosamente castigado um tal Delgado a quem se attribuiu esse crime.

REINADO DE D. MANUEL

Lopo Soares de Albergaria, 3.º governador

Anno de 1515

Em 8 de setembro d'esse anno havia chegado a Goa a armada do reino com o governador da India Lopo Soares de Albergaria, e essa armada era de doze naus e tres navios mais pequenos, de que foram por capitães, a saber: D. Guterres de Monroyo para capitão de Goa, Simão da Silveira para capitão de Cananor, Alvaro Telles para capitão de Calecut, Diogo Mendes de Vasconcellos para capitão e feitor de Cochim, Jorge de Brito para capitão de Malaca, e Fernão Peres de Andrade, Antonio Lobo Falcão, e Jorge Mascarenhas, para todos estes tres irem assentar feitoria na China (que actividade de homens!) e D. Aleixo de Menezes para capitão do mar da India, e Christovão de Tavora para capitão de Sofalla, indo mais D. João da Silveira, Alvaro Barreto, Francisco de Tavora e Simão de Alcaçova.

Os nomes das embarcações d'essa armada não os vi declarados por Gaspar Corrêa.

Foi de Portugal Duarte Galvão para ir como embaixador à côrte do Preste João da Abyssinia.

Comparando com o que diz o outro auctor alludido,¹ ha

¹ Figueiredo Falcão.

diferença no numero dos navios e nos nomes de alguns capitães, declarando-nos esse mesmo auctor os nomes de algumas naus, a saber:

Dá á armada treze naus e navios, sendo Lopo Soares vice-rei mór (mas elle não é tratado senão como governador por Gaspar Corrêa) na nau Conceição, Alvaro Telles na S. Gião, D. Guterres na Piedade, D. João da Silveira na Santa Maria da Serra, Simão da Silveira na Santo Antonio, e Francisco de Tavora na S. Christovão.

Outros capitães cujos nomes das naus se não acharam, a saber: Christovão de Tavora, Alvaro Barreto, Diogo Mendes de Vasconcellos, D. Garcia Coutinho, Simão de Alcaçova, Lopo Cabral, e Jorge de Brito.

Chegando a Goa Lopo Soares de Albergaria e não encontrando Affonso de Albuquerque, que então estava ainda em Ormuz, dirigiu-se a Cochim, d'onde despachou Jorge de Brito para capitão de Malaca, Fernão Peres de Andrade com os seus para a China, levando em sua companhia Manuel Falcão e Antonio Lobo Falcão, e seu sobrinho D. Aleixo para ir prover Ormuz. Voltou a Goa e de lá tornou a Cochim, em cuja cidade invernou, e se foi apercebendo de armada para ir ao estreito de Meca. Duarte Coelho fez-se de vela em um junco e navegou para Sião, isto em agosto de 1516.

Pelas costas e rios de Cochim até Ormuz, de Malaca, de Sião, de Pegú, e de Bandá até ás Molucas, andavam n'esse anno os portuguezes, bem como pelas costas do Japão e da Cochinchina, e talvez pelas de algumas das mais afastadas ilhas da Oceania, ou do mar do sul, e designadamente da ilha dos Papúas, a leste do grande archipelago das Molucas, e emfim, por outros sitios reconditos de que não ha certeza, á falta de noticias positivas de varias d'essas particularidades, o que não deverá admirar, e antes se poderá admittir facilmente, havendo ainda, passado tanto tempo, questão sobre quem tenha a prioridade no descobrimento

da Australia, se portuguezes, francezes, ou hollandezes, ora concedendo-se a uns, ora a outros essa precedencia!

Vae desenvolvido isto e mais aclarado em artigo especial, quasi no fim d'este meu trabalho.

Andavam já então por todas essas partes do mysterioso Oriente intrepidos emprehendedores lusitanos em embarcações grandes e pequenas, como ia dizendo, pactuando pazes e commerciando com quem bem os recebia, ou guerreando e fazendo presas aos mahometanos inimigos e aos mais que com elles se associavam, buscando allianças nos portos em que assentavam pazes, e por outros logares atacando e combatendo embarcações armadas de mouros e de piratas de differentes proveniencias no mar e nos rios, sem haver por ali n'esse tempo outros feitos decisivos de guerras e conquistas de mais alta monta, com quanto tambem fossem de reconhecido interesse aquellas diligencias.

Tornou-se a fallar de rumes, e que dirigidos por Mir Hocem, de ordem de Solymão, sultão dos turcos, se dispunham para com grossa armada irem de novo á India accommetter os portuguezes.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de João da Silveira

Anno de 1516

Por via de Veneza teve el-rei D. Manuel noticia de que se fallava na ida dos rumes, mandando adiante á India um forte e veleiro navio bem artilhado e tripulado, com Diogo de Unhos por capitão, para pesquisar o que podesse. Esse navio, não encontrando rumes, carregou dentro em poucos dias de cravo e drogas em Cochim com que regressou para o reino, onde chegou em junho d'aquelle anno, menos o capitão que falleceu na viagem.

Antes de fallar na armada, vou aproveitar um intervallo para referir umas coisas, que desejo aqui deixar consignadas.

Direi portanto que no logarejo de Unhos, a duas leguas de Lisboa e a uma da minha residencia, existiam ainda ha pouco tempo recordações de familia d'esse bom capitão Diogo, conservadas por descendentes d'elle; e que tambem ainda ha poucos annos havia n'uma proxima margem do Tejo, chamada praia dos Oliveaes, uns fortes barcos cobertos, denominados bateiras, que levavam fóra da barra pilotos d'aquelle logar de Unhos, e dos sitios dos Oliveaes e Sacavem, d'onde saíam optimos homens do mar. Póde-se dizer qué esta qualidade de aptidão maritima acabou, ou quasi

de todo desapareceu d'estes sitios, mas o que se perdeu com isso tem-se felizmente d'está vez compensado com o augmento do commercio e da agricultura, sendo muito para notar o movimento fabril e de valiosos productos para exportação, principalmente com referencia á freguezia dos Olivaes e á do Beato Antonio, outra freguezia importante do grupo a que me refiro.

Consignarei aqui, muito abreviadamente, mais os correlativos esclarecimentos seguintes.

É cabeça de concelho a freguezia de Santa Maria dos Olivaes, possui fabricas de cortumes, de alvaiade, de preparo de cortiça, de estamperia de algodões, a maior d'ellas a vapor, de sabão, uma tambem a vapor, uma de destilação egualmente a vapor, de grude e de preparo e lavagem de lãs; assim como vastos e ricos armazens de depositos de vinhos finos para exportação, avultando entre os seus productos agricolas, que se exportam, variados fructos e sobre tudo uvas preciosas.

A sua igreja parochial é antiquissima, sabendo-se que já existia em 1420.

Acha-se estabelecido n'esta freguezia (no sitio do Poço do Bispo) o asylo de D. Luiz I para meninas, havendo no mesmo sitio uma escola para individuos do sexo masculino, e outras para ensino de creanças de ambos os sexos com mestres e mestras particulares.

Na proxima freguezia de S. Bartholomeu do Beato Antonio existem algumas fabricas semelhantes, sobresaindo a de bolacha e de moagem de cereaes a vapor da antiga casa e firma commercial de João de Brito & Genros, sendo muito acreditadas e de excellentes qualidades as farinhas e bolachas que d'ali saem, achando-se juntamente situados n'esta freguezia grandes e valiosos armazens de retem de vinhos finos para exportação, e duas fabricas de tabacos a vapor.

Um asylo para individuos do sexo masculino existe na mesma freguezia do Beato, intitulado Asylo de Maria Pia.

O convento onde era a egreja matriz, a qual passou a ser substituida por outra proxima, foi fundado em 1480. Tinha-lhe mandado fazer melhoramentos o conego Antonio da Conceição, depois conhecido por Beato Antonio, de quem se diz que el-rei D. Sebastião era muito amigo. O edificio d'esse convento, secularisado e desoccupado, mudou inteiramente de fôrma e aspecto, ficando servindo para varios estabelecimentos e officinas da referida casa commercial de João de Brito & Genros.

As datas antigas e mais alguns pormenores extrahi-os de um curioso livro moderno,¹ em que se faz referencia a um de outro tempo.

O que Macieira e outros genros do fallecido João de Brito representam para com a freguezia do Beato Antonio, como abastados commerciantes e industriaes, vae sendo para com a dos Oliveaes o meu visinho Manuel Augusto Pereira, dono de vastos armazens de retem de vinhos para exportação, construidos modernamente junto ao palacio da quinta da Mitra, á beira do Tejo, com serventia por outro lado para o caminho de ferro, pertencendo d'esta sua propriedade a maior parte á freguezia dos Oliveaes e a outra á do Beato, com a qual entesta. Ao lado d'estes armazens acabam de construir-se outros com as mesmas vastas dimensões, pertencentes á firma social Santos Lima & C.^a, formando já um bello grupo estes novos depositos de vinhos para exportação de Pereira e de Santos Lima & C.^a

Todos estes novos armazens, em vastidão e solidez, rivalisam com os do proximo sitio do Telhal, edificados no tempo do antigo marquez de Pombal, egualmente na margem do Tejo, sendo dos maiores e melhores depositos d'esta qualidade que temos no paiz.

O visconde d'Abrigada, e outros, tambem representam entre os maiores negociantes e industriaes da freguezia dos

¹ *O Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal.

Olivaes, sendo muito importantes os seus estabelecimentos; e em geral estando o commercio e industria fabril d'esta freguezia e da do Beato muito desenvolvidos.

Ambas estas freguezias tem a consideravel vantagem das communicações pelo Tejo e pela via ferrea, de que tambem gosa a freguezia de Sacavem.

Após do mallogrado bom capitão Diogo de Unhos tinha partido de Lisboa, em março de 1516, uma armada de cinco naus e um navio mais pequeno, de que era capitão mór João da Silveira, sendo os mais capitães de naus Francisco de Sousa Mancyas, Antonio de Lima, Affonso Lopes da Costa, e seu irmão Garcia, não vendo na obra de Gaspar Corréa o nome do capitão do ultimo navio, nem os nomes das naus e d'esse navio mais pequeno.

O outro auctor alludido¹ diz que não se podiam ler os nomes das naus nos livros da casa da India, combinando quanto ao mais d'essa armada.

As naus de Affonso Lopes da Costa e de seu irmão seguiram viagem, porém as outras tres (e supponho tambem que o navio pequeno) andaram mal, chegando por fim a Moçambique, onde invernaram, e só no seguinte mez de agosto de 1517 é que poderam continuar viagem para a India, e ainda assim duas d'essas naus se perderam.

Nos nomes de embarcações das armadas e de capitães ha as irregularidades que se vêem e que aponto, segundo o meu plano. Além das omissões que acabei de notar ha ainda a falta de declaração do nome do navio de Diogo de Unhos, coisa que porém nos não embaraça agora.

Mas o que é assás notavel é ter-se arrependido el-rei D. Manuel de mandar recolher ao reino Affonso de Albuquerque, e enviar-lhe pela nau de Affonso Lopes da Costa dentro de um cofre bem fechado uma ordem *«pera que se mettesse na Fortaleza de Cananor, como perfeito governador,*

¹ Figueiredo Falcão.

independente de Lopo Soares d'Albergaria, pera quando este acabasse os tres anos do seu governo, ele Affonso d'Albuquerque ficar perpetuo Viso Rey da India, com o titulo de Duque de Goa e Senhor do Mar Róxo.»

Grande honra, sem duvida, e prova de que D. Manuel tinha sido enganado quando fez a nomeação de Lopo Soares, mas infelizmente era morto o homem, e morto não só cheio de trabalhos mas de desgostos, porque ainda chegou a saber que iam com o novo governador, tambem adiantados em despacho e galárdão, outros individuos que havia enviado para o reino com má nota e que eram seus inimigos!

Talvez por isto, ou por cousa semelhante, se attribue a Affonso de Albuquerque este dito: «Mal com el-rei por causa dos homens, mal com os homens pör amor d'el-rei» que elle a si proprio applicava.

Embora; e em toda e qualquer situação esteja-se bem com a propria consciencia, que melhor se supportará a injustiça dos homens... materia vasta... Aquelle dito de Albuquerque não era uma fraqueza; envolvia-se n'elle uma definição inteira da fragil e inconsequente humanidade.

El-rei D. Manuel descontente de Lopo Soares d'Albergaria, mandou por vedor Fernão d'Alcaçova, com taes poderes na fazenda da India, que muito coartavam e restringiam os d'aquelle governador.

Lopo Soares de Albergaria, juntando em Goa a armada, partiu com ella para o estreito de Meca, sempre o objectivo de umas deligencias, mas sem se ter podido chegar por ali ao Toro ou a Suez; e levava comsigo o embaixador de Portugal para o Preste João, e o outro que em seu nome se havia para lá enviado antes e que tinha regressado.

O verdadeiro nome d'este governador é Lopo Soares Alvarenga, mais conhecido pelo outro appellido de que usava.

Duarte Galvão, nosso embaixador, e o do Preste João iam pois em a nau do governador, de que D. Aleixo da Silveira era capitão. D. João, D. Alvaro, e D. Diogo da

Silveira, D. Garcia Coutinho, Alvaro e Jorge Barreto, António Nogueira, Antonio Raposo, Ayres da Silva, e Duarte de Mello, eram capitães de naus grossas; e Pedro Ferreira, Antonio Ferreira Fogaça, Tristão, e Francisco de Gá, Lopo de Villas Lobos, Pedro Lopes de Sampaio, Fernão de Resende, e Pedro de Meira, iam em navetas; e Fernão Gomes de Lemos, Christovão de Sousa, Lopo de Brito, Diniz Fernandes de Mello, D. Affonso de Menezes, e Antonio Miranda de Azevedo, iam em galés. D. Alvaro de Castro ia n'um bergantim, Diogo de Sá n'uma barçaça, e Diogo Pereira, homem malabar, capitão de oitocentos homens malabares, n'uma grande nau malabar aparelhada á portugueza, sendo ao todo trinta e uma velas, com mais de mil e oitocentos homens de armas, mais de dois mil escravos, mais de seiscentos homens de mar, e as galés esquipadas de escravos e mil marinheiros canaris.

Partiu esta armada e foi aportar a Socotorá, onde fez aguada. Tinha corrido pela costa da Arabia até Adem, sobre que foram amanhecer, em 13 de fevereiro. Não quiz o governador atacar a cidade, recebeu refrescos, pediu e deram-lhe pilotos para ir pelo estreito dentro em procura dos rumes, como se dizia, o que se praticou, ou fingiu-se n'essa occasião que se queriam atacar, segundo se vae ver; e chegou a armada ao porto de Judá ou Jidá, em que havia rumes, isto na entrada de março de 1517. Jidá ficava a cento e oitenta legoas para dentro do estreito, e a cento e sessenta de Suez.

Convem não deixar de dizer que no anno anterior, constando ao capitão Jorge de Brito que estavam captivos na China Raphael Perestrello e mais trinta companheiros, fez o mesmo capitão partir para lá alguns navios que tinha á sua disposição, a fim de se negociar e ver se se podiam libertar os ditos captivos, como com effeito vieram a ser libertados.

Tambem por esse tempo foi Henrique de Lemos n'uma

nau fazer uma excursão a Martabão e seguidamente a Pegú, em que realisou algumas presas. Todavia naufragou-lhe a nau, e elle e os mais que escaparam tiveram trabalhos. Foram ter pela costa de Sumatra ao porto de Pedir, perdendo-se no caminho outra embarcação de seus companheiròs e morrendo alguns dos mesmos.

Tendo fallado por differentes vezes em Socotorá e na ilha de S. Lourenço é justo que aqui ponha o que a seu respeito diz Camões no poema dos *Lusiadas*, e é o seguinte :

«Verás defronte estar do Roxo Estreito
Socotorá, c'o amaro áloé famosa,
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa d'Africa arenosa,
Aonde sae do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta e preciosa;
De São Lourenço vé a ilha afamada,
Que Madagascar é de alguns chamada.»

Volvendo a tratar da empresa de Lopo Soares de Albergaria, e da casa de Meca, direi que pelo sertão dentro, em distancia da cidade de Jidá apenas sete leguas, existe aquella nomeada casa, objecto de veneração para os sectarios de Mafoma, e que achando-se a armada do governador oito dias dentro do porto da referida cidade de Jidá, e perdendo-se o tempo, estando desesperados os capitães por os não deixarem desembarcar nem combater—oh facto atrazador e obscuro de Lopo Soares de Albergaria!—mandou este sair toda a armada, com elle adiante na nau capitanea, depois de tanta despesa feita, de tanto apparato desenvolvido, depois de tantos riscos e incommodos do mar passados, não fazendo, nem finalmente deixando fazer nada!

De mais a mais iam mal providos d'agua e de comestiveis, carecendo assim do mais essencial, e morrendo alguma gente miseravelmente pelo caminho.

Na ida, no mez de julho, em que se estava, devia Lopo Soares ter largado os dois embaixadores na costa de Zeyla, com destino ao Preste João, mas não o fez nem na ida nem na volta.

Á volta, sem tocar em Barborá, aportou a Zeyla, em cujo porto se refez a armada de alguns mantimentos, soffrendo pouca opposição dos mouros, que a gente da terra quasi toda se retirou para o interior. Não se explica nem se entende porque estando em Zeyla não mandou ao Preste João os dois fallados embaixadores, salvo se não quizeram desembarcar por não estarem dadas em terra as necessarias providencias, ou por julgarem então em risco as suas pessoas se desembarcassem. O caso é que perderam tempo no porto da Jidá, gastando a agua e os comestiveis, de que parece pouco cuidado tiveram antes. Sairam de Zeyla, dividiu-se a armada, e por assim dizer foi cada um por onde quiz, e o governador seguiu viagem para Ormuz com meia duzia de naus, indo ter os outros capitães a differentes partes!

O pouco que de Lopo Soares de Albergaria se diz no poema dos *Lusiadas*, e sobre tudo o modo porque se diz, não vae contra o que deixo observado. Camões diz o seguinte:

«Mas, proseguindo a nimpha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremular, e pôr espanto
Pelas roxas arabicas ribeiras.
Medina abominavel teme tanto
Quanto Meca e Jidá, co'as derradeiras
Praias da Abássia, Barborá se teme
Do mal de que o emporio Zeyla geme.»

Sim, todos tremeram, vendo o grande poder que o governador levava, não tanto pelo numero dos combatentes, como pela resolução e valor dos portuguezes, porém

não fez mais do que desenrolar os estandartes, apenas saltando na misera e indefesa povoação de Zeyla, d'onde pela maior parte fugiu a gente, conforme conta Gaspar Corrêa, e eis aqui em que consistiu a façanha e o que deu logar a todo o espanto, indo os da armada desordenados na retirada, segundo se viu, e como se tivessem soffrido uma derrota . . . moralmente de certo a soffreram.

Quem for amigo da verdade, dando de mão a illusões, não ha de desgostar de ir vendo como Gaspar Corrêa contribue para fazer descer do seu pedestal um ou outro heroe duvidoso, esmiuçando-se e esclarecendo-se algumas situações e alguns factos alterados, ou pouco conhecidos. Ainda não foi tanto o que se disse; é mais o que resta por dizer, a cujo respeito adiante accrescentarei mais algumas palavras.

No desembarque em Zeyla, para haver refrescos, ainda houve uma escaramuça com os mouros, em que tiveram parte e foram os primeiros a atacar, Fernão Gomes, Ruy Galvão, Gaspar da Silva, e Christovão de Sousa.

Tinha ido Fernão Peres de Andrade com os seus companheiros ao descobrimento da China, levando boa cargação de generos e fazendas nas suas embarcações para negocio. Aportou primeiro a pequenas ilhas d'esse grande imperio, passando depois á cidade de Cantão e a outras partes da China, por onde andou quatorze mezes negociando e tomando larga informação, voltando de lá para Malaca em setembro de 1518. Fernão Peres de Andrade e os seus companheiros fizeram optimo negocio, com que uns ficaram ricos e outros riquissimos, vendendo em Malaca as mercadorias de retorno; e foi esse capitão quem, ajudado pela sua brava gente d'armas, primeiro conseguiu livrar essa cidade do grande aperto em que então se achava, pela guerra que lhe movia o atrevido rei de Bintão.

Eis ahi mencionado esse corajoso e habil chefe de navios, e note-se que desempenhou cumulativamente com a sua

gente diversas commissões uteis. Andou como perseverante descobridor, como commerciante sagaz, e por fim combatendo como valoroso capitão, passando por outras aventuras que teve, e saindo-se bem de tudo.

Vinha lá do chamado «Imperio celeste» arrostando com todas as castas de perigos, não sendo o menor o cardume de corsarios e piratas que infestavam as costas da China e os canaes por entre algumas das suas ilhas, o que seguramente, apesar d'aquelle pomposo titulo, nada tinha de divino ou celestial.

Presas que por diversas paragens se realisavam foram n'esse tempo mais algumas vantagens que se obtiveram, em termos usuaes e ordinarios, por quanto havia geralmente descontentamento do governador, e mesmo em varios sitios pacificados começavam os mouros, pelo estado em que se estava, por culpa d'aquelle, a olhar para os portuguezes com ar de provocação e uma certa arrogancia.

REINADO DE D. MANUEL

Armada de Antonio de Saldanha

Anno de 1517

Nesse anno foi Antonio de Saldanha para a India na qualidade de capitão-mór de cinco naus, a saber: elle em a nau Serra, Manuel de Lacerda para capitão de Calecut, Pedro Quaresma para feitor de Cochim, e D. Tristão de Menezes, e Raphael Castanho, todos os quatro ultimos egualmente em suas naus, cujos nomes não declara Gaspar Corrêa.

Pouco antes tinha occorrido um desastre para a banda de Goa, combatendo os nossos com os do Ancoscão, um dos capitães do Hydalção, morrendo varios lusitanos, entre elles o ex-degradado João Machado, que havia prestado bons serviços, e João Cabeceiras, ambos matando muitos mouros, sem se quererem render, como tambem morrendo na mesma occasião o fidalgo João Rodrigues Pessoa, ficando outros captivos.

El-rei D. Manuel, desgostoso de Lopo Soares de Albergaria, como já antes referi, enviou mais tres navios, de que tambem Gaspar Corrêa não declara os nomes, dos quaes mandou por capitão mór Fernão de Alcaçova, a quem deu o cargo de vedor da fazenda da India «com poderes isemptos do governador» (mais desordem; se o governador não era bom demittisse-o, em vez de aggravar uma desordem com outra); e dois navios de sua companhia, além do

seu, eram de armadores, um de D. Nuno Manuel, de que era capitão João de Torres, e o outro de Alonso Henriques.

Eis agora como isso vem descripto pelo outro alludido auctor, dando sete naus á armada, a saber:

Antonio de Saldanha mór na nau Nazareth, Fernão de Alcaçova na Santa Maria das Virtudes, Alonso Henriques na Piedade, Lopo de Brito na Santa Maria do Monte Sinay, D. Tristão de Menezes na Santo Antonio, Manuel de Lacerda na Serra, e D. Nuno Manuel na Santiago.

Accrescenta que achou fóra do livro da casa da Índia a menção de outra nau que foi no mesmo anno, de que era capitão Pedro Quaresma, ou Raphael Castanho, e com effeito esses dois nomes vem mencionados por Gaspar Corrêa.

Ha essas differenças, e ainda outras, entre os nomes dos capitães, dos quaes alguns estão trocados. Conhecem-se porém por este esclarecimento os nomes de varias naus, no que leva vantagem á informação de Gaspar Corrêa.

João da Silveira fez ricas presas de naus que atravessavam de Tenaçarim, Bengala, e Pegú, para Meca, e com as embarcações e gente que tinham chegado do reino, e outras forças, novamente se preparava uma armada para ir ao estreito de Meca.

Expédiu-se o capitão Antonio de Saldanha, com sete navios, a prover Malaca.

O governador, invernando em Cochim, foi-se apercebendo de armada para ir a Ceylão em primeiro logar.

Foi lá para ordenar a construcção de uma fortaleza, estando em Columbo, capital d'essa grande ilha. Carregou n'esse porto muita canella das párias em divida e d'outra que comprou. O rei da terra mimoseou-o com saphiras no valor de mais de mil cruzados e seis elephantes pequenos, dando-lhe juntamente mantimentos, em que entrava grande quantidade de côcos.

¹ Figueiredo Falcão.

Além da melhor canella do mundo em que abunda a grande ilha de Ceylão, actualmente dos inglezes, estão estes extraindo dos côcos e de outros fructos e sementes de lá e de Cochim ricos productos oleosos, de que fazem proveitoso commercio, principalmente com destino ás fabricas de sabão e de cortumes, e com outras differentes applicações, exportando taes productos em avultada quantidade.

Lopo Soares de Albergaria não foi ali para tomar posse da ilha, ou impor tributo de vassalagem. Já deixei exposto em lugar competente, que foi D. Lourenço de Almeida quem primeiro a sujeitou ao dominio de Portugal. Lopo Soares, ao tratar do arranjo da fortaleza, foi cobrando as párias que se deviam, das instituidas no tempo do vice-rei D. Francisco de Almeida, pae d'aquelle D. Lourenço, segundo leio em Gaspar Corrêa, a quem sigo.

Em linguagem, sem reholhos, diz o mesmo auctor, que Lopo Soares de Albergaria procedeu mal *«abryndo mãos das boas praticas do seu antecessor, dando larguezas aos homens pera tratarem, que carregauão e nauegauão pera onde queryão, começando a usar males e roubos, roubando tambem em terra os mouros os portuguezes, sem nenhum temor, porque Lopo Soares por ysso nom acudya, dizendo que cadahum visse o que lhe compria.»*

Diz tambem Gaspar Corrêa que elle deixava andar arrogante o corsario Baleacem, fazendo disturbios por Tenaçarim. Esse corsario foi d'alli a Ceylão, sendo porém lá vencida e destroçada a sua gente em terra, n'um combate, por alguns poucos portuguezes que havia em Columbo «todos doentes», que em tal estado foram animados e conduzidos ao ataque por um Fernão Antunes, o que a todos pareceu um verdadeiao milagre.

Foi no governo de Lopo Soares de Albergaria «que começou o desmando e a usar-se impunemente de males e roubos.» É terrivel esta accusação que se lhe faz!

REINADO DE D. MANUEL

Diogo Lopes de Sequeira, 4.º governador da India

Anno de 1518

Chegou no mez de setembro d'esse anno a Goa o governador da India Diogo Lopes Sequeira «*com grossa armada, e muy luzida gente*» a saber: D. Garcia Coutinho para capitão d'Ormuz, Ruy de Mello Punho para capitão de Goa, D. Ayres da Gama para capitão de Cananor, Garcia de Sá para capitão de Malaca, Sancho de Toar para capitão de Sofala, levando na sua nau Christovão de Tavora, indo mais Antonio Lobo Teixeira, Lopo Cabreira, e Pedro Paulo, em naus de mercadores, como tambem D. João de Lima para capitão de Calecut, e João Gomes Cheiradinho para capitão das ilhas de Maldiva. Quasi todos esses capitães de embarcações iam pois ao mesmo tempo despachados para capitães de varias fortalezas das terras que se designam.

No auctor alludido¹ vem, conforme os elementos que teria, tres diversas declarações de nomes de capitães, repetindo-se os de alguns, de que extrahirei o seguinte:

Diogo Lopes de Sequeira mór na nau S. Jeronymo, Al-

¹ Figueiredo Falcão.

varo Telles na Annunciada de Bartholomeu florentino, Ruy da Costa na S. Pantaleão, D. Ayres da Gama na S. Gião, e João Bicudo e outro na Reis Magos.

Outros capitães sem nomes de naus, a saber: Ruy de Mello (Punho?), Garcia de Sá, João Gomes Cheiradinheiro (ou Cheiradinho), Lopo Cabreira, D. João de Lima, Gonçalo Rodrigues, Pedro Paulo, e João Lopes Alvino (ou Albino).

Dizendó-se que foram nove as velas da armada sobejam nomes de capitães ou faltam os de algumas embarcações. Em ambos os auctores vem confuso todo este negocio, e vê-se que se lhes offereceram difficuldades.

Pela minha parte não posso dar sobre isto mais esclarecimentos.

De viagem aquella armada, conforme Gaspar Corrêa, e na altura do Cabo da Boa Esperança, sentiu a gente da nau de D. João de Lima uma forte pancada, mas não fez agua. Em Cochim querendo-se a nau achou-se-lhe mettido pelo costado um focinho de peixe d'osso muito rijo, que se cortou rente da taboa, presumindo-se ser de espadarte, que ataca as baleias e tem no focinho um forte espadão, e estou persuadido que effectivamente, quando investiu, cuidou que atacava um d'aquelles grandes cetaceos.

O ex-governador Lopo Soares de Albergaria andou a despedir-se dos reis de Cochim, Calecut, e Cananor, reunindo n'este ultimo porto todas as suas naus, que foram bem carregadas e repletas, e proseguiu na viagem, saindo d'ali a 4 de janeiro de 1549. Aportou á ilha Terceira, tendo a felicidade de entrar finalmente a barra de Lisboa com quatorze naus juntas.

O novo governador Diogo Lopes de Sequeira deu a Antonio de Saldanha uma armada de nove velas com mercadorias vindas do reino para correr até ás chamadas portas do estreito de Meca e por Adem, fazendo toda a guerra que podesse a inimigos, vendendo as fazendas nos portos ami-

gos e invernando em Ormuz. Guerreou Zeyla e Barborá, passou afastado de Adem correndo pela costa de Fartaque, e foi a Ormuz onde vendeu muito bem as mercadorias. Foi depois pela costa de Dio assim que se lhe offereceu monção, em cuja paragem apresou seis naus de Meca riquissimas, produzindo essas presas mais de duzentos mil cruzados, só pela parte respectiva ao cofre da fazenda da India (!) na razão de $\frac{1}{5}$, apresentando-se em Cochim ao governador em janeiro de 1519.

Por isto se vê que só com as quotas de presas ou tomadas, na razão de $\frac{1}{5}$ do seu producto para os individuos interessados, se podiam ter feito legalmente consideraveis fortunas na India.

Essa foi de certo uma apprehensão excepcionalmente avultada, porém muitas outras se fizeram e repetiram tambem de muito importantes valores, andando os portuguezes em guerra com os já sabidos seus inimigos; e por estes e outros meios regulares e auctorisados, como eram as varias transacções commerciaes, não me admiro das riquezas que muitos dos nossos de lá trouxeram.

Todos sabem que então o commercio de permutação de fazendas offerecia enormes lucros, dando impulso ás transacções mercantis, por meio das quaes se enriqueceram tambem por esse modo muitos capitães de navios da carreira da India. É necessario não lançar muita coisa á conta de «ruim chatinagem» e de illicitos meios empregados.

Em Antonio de Saldanha vemos outro exemplo de serviços mixtos, negociando-se e combatendo-se, apresentando-se resultados a favor do estado e de particulares ou geraes e individuaes, serviços que (seja dito abertamente e com toda a franqueza) sem se poderem chamar de *chatins*, eram proprios das aventuras guerreiras e commerciaes realisadas n'essas terras, que se iam descobrindo ou conquistando.

Vem a proposito recordar o significativo seguinte verso

do poema de Camões, com applicação principalmente ás colonias:

«Que quem não quer commercio busca guerra.»

Quer dizer, que o commercio, além da vantagem propriamente commercial, contém mais o principio moral de concorrer a bem da paz.

Duarte de Mello, João Fernandes, Diogo, e Manuel Pacheco, Antonio Lobo Falcão, Diogo Brandão, João Guedes, e poucos mais, fazem façanhas em Bintão, obrigando a fugir de traz de uma forte tranqueira um crescido numero de inimigos, que tinham querido matal-os ou aprisional-os.

Procedia-se activamente nas obras do arsenal da ribeira, construindo-se navios e concertando-se outros para o reiterado intento de se ir em busca dos rumes pelo estreito de Meca e para outros effeitos; e a dizer a verdade era mister que se escarmentassem os atrevidos rumes para assim fazer esquecer o triste procedimento de Lopo Soares de Albergaria em Jidá, e para ver se os despersuadiam de irem á India, deixando-os com menos vontade de brigar.

O governador lembrou-se de mandar saber noticias do Preste João da Abyssinia, ao mesmo tempo enviando emissarios a outras partes, a fim de se entabolarem negociações e se contractarem pazes e amizades, ou com embarcações de guerra se conterem ou castigarem os que o merecessem, actos esses de regular e natural administração.

REINADO DE D. MANUEL

Armada sem capitão mór

Anno de 1519

Em novembro d'esse anno chegando a Cochim na sua nau Francisco da Cunha, ido do reino, disse que de Lisboa partiram para a India, além da sua nau denominada Santo Antonio de Chyllas, outras em que iam, a saber: o dr. Pedro Nunes para vedor da fazenda e capitão de Cochim com bandeira na gavea, e assim com bandeira Jorge de Albuquerque para capitão de Malaca, e Raphael Perestrello, Raphael Castanho, e Diogo Calvo em uma nau de D. Nuno Manuel, esses tres para irem á China, Diogo Fernandes de Beja para capitão de uma fortaleza que se tencionava levantar em Dio (a qual não obstante só muito mais tarde, no governo de Nuno da Cunha, se erigiu, e sobre que houve contendas diversas, como se verá), Christovão de Mendonça e Christovão Fernandes, um capitão e outro mestre de uma nau de armador, Lopo de Brito para capitão de Ceylão, Pedro da Silva para capitão e feitor das mercadorias e drogas de Ormuz, Vicente Gil armador, Manuel de Sousa em um galeão, em outro D. Antonio de Menezes, e em outro D. Luiz de Gusmão, castelhano, não declarando Gaspar Corrêa senão o nome do primeiro navio. Diversos tinham de deixar o commando dos navios

para irem exercer em terra as outras commissões que disse.

O dito Gusmão procedeu mal, e ia para promover desordens, de accordo com outros que o acompanhavam, como veiu a conhecer-se. Arribou ao Brazil, fez por lá das suas habilidades, fugiu por fim com roubos n'um navio, e foi vendel-os a Hespanha.

O outrô auctor alludido¹ diz que n'esse anno foram quinze naus, e não sei com que fundamento dá a capitania mór a Pedro da Silva. Convem saber o seguinte, conforme elle diz, quanto a capitães e naus:

Pedro da Silva mór na nau Santa Catharina do Monte Sinay, Vasco Queimado na Santa Maria da Serra, D. Luiz de Gusmão na S. Jeronymo, D. Diogo de Noronha na S. Raphael, Raphael Perestrello na Flor da Rosa, Diogo Fernandes de Beja na Santa Cruz, Gonçalo Corrêa na Santa Maria de Guadalupe, Manuel de Sousa na Santo Antonio (galeão), Francisco da Cunha na Santo Antonio, Duarte Fernandes, e outro, na Piedade, Lopo de Brito na Conceição, Christovão de Mendonça na Santo Antonio (de outro dono com o mesmo nome), João Rodrigues de Almada na Santa Maria da Estrella, Raphael Coutinho na Belem, e Jorge de Albuquerque na Santa Maria da Estrella (de outro dono).

E diz que em separado foi mais n'aquelle anno a nau de D. Diogo de Lima, que arribou a Lisboa.

Poucas differenças ha nos nomes dos capitães, e estão aqui completados os nomes das embarcações, com excepção apenas do d'aquelle que arribou.

O governador saiu a barra de Goa com armada para o estreito de Meca em janeiro de 1520, levando consigo cinco galeões novos, cinco galés reaes, tres bergantis, como tambem naus e navetas, caravelas redondas e uma latina. E elle ia embarcado em a nau Santo Antonio de Chyllas, em que

¹ Figueiredo Falcão.

tinha vindo Francisco da Cunha, como disse. Por todas foram quarenta e duas velas, em que iam os capitães, a saber: Antonio de Saldanha, Pedro de Faria, D. João de Lima, Christovão de Sá, Fernão Gomes de Lemos, seu irmão Antonio, Antonio de Brito, Sebastião de Sá, Jeronymo de Sousa, Diniz Fernandes de Mello, Antonio Nogueira, Manuel de Moura, Christovão Figueira, Nuno Fernandes de Macedo, Jorge de Horta, Alvaro de Castro, Alvaro Mendes de Vasconcellos, Antonio Raposo, Jorge Barreto, Francisco de Tavora, Duarte de Mello, Antonio Ferreira, Pedro de Meira, Francisco de Gá, João Pereira de Lacerda, Fernão de Rezende, Antonio Miranda de Azevedo, e outros, cujos nomes não declara Gaspar Corrêa, terminando com estas palavras: «*e outros honrados Fidalgos e caualleros*».

Achavam-se a bordo d'esta armada mil e oitocentos homens brancos, oitocentos escravos de peleja, e setecentos canaris e malabares a soldo.

O governador esteve á falla em Adem; proseguiu, perdendo a sua nau n'uma restinga, e a armada encaminhou-se para as portas, como então se dizia, ou entrada do estreito de Meça, onde chegou a 7 de março d'aquelle anno de 1520. Continuou a viagem para Jidá, mostrando todos muito desejo de combater os rumes.

Receiosos dos baixos e das ilhas, algumas rodeadas de canaes estreitos e tortuosos, iam com cautella esses nossos navegantes e devagar. Foram contrarios os ventos, e sobrevindo calmarias não poderam chegar a Jidá, invernando na ilha de Camarão. Passado esse tempo o governador mandou sair e atravessar para a costa da Ethiopia. Foram ter á ilha de Maçuá, afamada pelas suas cisternas, «*auendoas tam espaçosas, que passaria cada hũa de myl toneys de agoa*».

O Preste João dominava n'estas terras da fralda do mar e arrecadava as suas rendas, ou, para melhor dizer, eram-lhe tributarias essas terras.

Enviaram-se então ao Preste João assim o que se dizia ser seu embaixador como juntamente para elle o nosso embaixador D. Rodrigo de Lima, em logar de Duarte Galvão, que do reino tinha ido para esse fim, deixando a carreira das lettras, o qual foi desfavorecido da fortuna na India e havia fallecido, partindo os ditos dois embaixadores com um capitão do Preste João em 20 de abril do referido anno.

Virou a armada para Adem, não podendo fundear no seu porto por causa de uma tempestade, que obrigou as embarcações a correrem com o tempo, perdendo-se uma, e as mais foram parar a Calayate, para a banda de Ormuz, estando ali, pela ordem que tinha dado o governador, as naus de viagem do reino.

O ajuste de contas com Adem, por assim lhe chamar, e o commettimento pelo estreito de Meca ao Toro e a Suez, tinham extraordinariamente fallhado sempre, conforme se tem visto, por causas diversas ou por mero acaso; e com referencia áquella viagem de ida e volta do governador expressa-se Camões, no poema dos *Lusiadas*, do seguinte modo:

«Tambem Sequeira as ondas Erythreias,
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te árreias
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maquá, com cisternas de aguas cheias,
Verá, e o porto Arquico, ali visinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.»

Houve uma revolta em Calayate por se querer prender o capitão mouro Rexabadim, pelo que Jorge de Albuquerque, Duarte Mendes, Sancho Henriques, Diogo Rebello, Diogo Fernandes de Beja, Raphael Castanho, Heitor de Valladares, como capitães, e outros, tiveram por ali que fazer, e depois partiram para Mascate.

O governador encarregou Antonio Miranda de Azevedo



de uma expedição a fim de se erguer fortaleza no rio de Pacem, na grande ilha Sumatra, e de juntamente estabelecer-se feitoria para commercio de valiosas mercadorias que d'esse porto se espalhassem por outros até á China. A empresa era promettedora de vantagens, mas não facil, pela qualidade da gente com que se havia de tratar, de sua natureza aspera e traiçoeira.

Por isso e por desintelligencias entre os proprios portuguezes veiu a perder-se aquelle estabelecimento, e nunca mais d'isso se cuidou, tirando-se d'ali a idéa e usando-se de outros meios para se conseguirem os fins que se tinham em vista, successo aquelle na verdade bem desagradavel.

Sucedeu por esse tempo que a rainha de Couião, já por informação conhecida de nós, devendo cento e vinte «bares» de pimenta de quebras de peso, os não queria pagar, por isso movendo-se-lhe alguma guerra até que pediu paz, e satisfizesse a divida, o que teve logar, harmonisando-se de novo as coisas.

O governador estando de passagem com a armada em Dio, e aportando ali duas naus do reino com boa gente, saiu com as mesmas para Goa a fim de fazer junção com outras, e por este modo reforçado tornar sobre a dita cidade de Dio, para a tomar, segundo dizia, e mandar erguer-lhe fortaleza, como el-rei tambem lhe recommendou; e era esta outra empresa de consideração, que egualmente andava em lembrança desde certo tempo, mas sem poder effectuar-se.

Chegado a Goa encontrou n'esse porto algumas naus de viagem do reino.

É para notar e digno de recordação o movimento de navios portuguezes, de todas as lotações, que então havia e ainda depois houve, de guerra e mercantes; nem podia deixar de ser assim, e fallo sobre tudo quanto aos primeiros, n'esse auge do nosso poderio e grandeza no Oriente, e como potencia maritima, não temendo Portugal n'essa epoca a concorrência de nenhuma outra nação, pois que a propria

Inglaterra, modesta como era, se engrandeceu posteriormente com o ouro das nossas colonias, e em especial da do Brasil, refluído do emporio de Lisboa, em barras e em moedas cunhadas, como tão positiva, energica, e doutamente o expõe e argue o grande primeiro ministro d'el-rei D. José n'uma monumental nota diplomatica, pouco conhecida, a proposito de um serio conflicto que tivemos com aquella nação, n'essa nota dando o insigne ministro portuguez a razão do dito phenomeno economico.

Tudo isso é historico, e deram-nos então os inglezes todas as satisfações pedidas, vindo para esse fim á côrte de Lisboa um embaixador extraordinario.

Fomos poderosos, não ha duvida, podemos dizel-o sem basofia... Nos tempos a que me refiro faziam-se em Inglaterra os pagamentos de banco em moedas de ouro portuguezas, que por lá corriam em abundancia... Trocaram-se as scenas completamente; hoje são as libras sterlinas que em geral correm por cá, a par da moeda portugueza.

Tambem é isto effectivamente de uma evidencia innegavel, com a differença de que aquellas barras e moedas portuguezas concorreram bastante para o engrandecimento da Grã-Bretanha, e agora as suas libras o mais que fazem é substituir a nossa moeda em jogo de cambio, com manifesta desvantagem nossa.

Vicissitudes do mundo!

O indicado engrandecimento da Inglaterra vinha-lhe por tanto de trocar «*por muitos milhares de milhões do nosso ouro*» os seus artefactos e manufacturas introduzidos em Portugal, ficando com essas riquezas de numerario e dando espantoso impulso á sua industria, tornando-se sobre tudo avultada a introducção das suas manufacturas de algodões, de lãs, e de ferragens, é verdade que n'uma certa proporção indemnizando-se Portugal ou minorando aquelle inconveniente pela introducção de parte dos mesmos objectos em Hespanha, por terra, assim como pela mesma via, com

mais ou menos regularidade, recebiamos de Hespanha outros generos e mercadorias.

Questão porém é esta a que não preciso dar mais extensão, e que não é para se tratar aqui.

Foi pela referida maneira que a Inglaterra pôde ir dando incremento ao seu poder maritime, tornando-o formidavel de mui limitado que antes era, mas creio que tem sido não pouco ingrata para conosco, e não será mau ir-lh'o dizendo e recordando.

Pelo que respeita ás libras sterlinas, correndo como moeda portugueza, se é que são do oiro fino que se diz, tem, além de outros inconvenientes, o de perdermos o lucro da fabricação da correspondente moeda de oiro portugueza, ficando tal vantagem para Inglaterra, que exporta as libras.

Fomos poderosos e grandes outr'ora!

Diz n'uma obra singular um celebre padre missionario portuguez:¹ «Que em lugar de um podiamos ter tido na India tres vice reis ou governadores, tal era a immensa vastidão dos territorios do nosso dominio ali, um em Goa, que governasse as nossas terras da Persia, Arabia, Ethiopia, praias de Cambaya, e o Mogor, com toda a parte da India que corria até Moçambique; outro em Ceylão, do Cabo Comorim para dentro, que governasse Jafanapatão, a ilha de Manar, a costa da pescaria do aljofar, e Choromandel, com muitas ilhas proximas e continentes circumvisinhos; e outro em Malaca, ou Maçau, para governar Bengala, Pegú, Arracão, Molucas, e as nossas terras do Japão, China, Cochinchina, etc.», substanciosa noticia esta que dá bastante idéa do muito que por ali possuímos.

Vêde que esplendido quadro... e era o aproximado do que tivemos no Oriente!

Nação nenhuma tinha tão ricas e vastas possessões nas

¹ Padre Antonio Vieira, na sua celebre *Arte de furtar, theatro de Verdades, etc.*

quatro partes do mundo como Portugal, por isso muito bem diz Camões no seu bello poema dos *Lusiadas*:

«De Africa tem marítimos assentos;
É na Asia mais que todás soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, se mais mundo houvera, lá chegára.»

Depois os geographos formaram das innumeradas ilhas espalhadas pela Oceania, de oeste a leste, uma quinta parte do mundo, a cujo respeito ainda adiante me referirei.

Que expansão de enthusiasmo encerra aquelle ultimo verso de Camões! E comtudo era uma realidade o indicado nosso immenso poderio ou dominio.

Dir-se-ha: Mas de que serve referir isso?... Sempre serve, e creio que não quererão que se queime o poema de Camões, e se rasguem ou queimem as mais chronicas e historias.

Mas somos d'um reino pequeno... Ha muito que já se disse: «querer é poder». Assim se queira o melhor.

Sei que não bastam as recordações gloriosas do nosso passado para nos salvar, e que é preciso que nos mostremos dignos de consideração na complicada actualidade a fim de escaparmos de algum cataclysmo, comtudo uma coisa poderá ajudar á outra, erguendo-nos, e reformando-nos de alguns graves erros e abusos que se hajam introduzido, e medrem a olhos vistos.

Já era tempo de passar a outro assumpto, mas pretendo ainda deixar aqui estampado o curioso documento da nota diplomatica em que fallei.

O conflicto proveiu de os inglezes atacarem uma esquadra franceza nas costas marítimas de Portugal sem nos respeitarem, e onde por todos os principios se devia julgar em segurança.

Segue abaixo o teor do mencionado documento:

«Vós fazieis bem pequena figura na Europa quando nós

já a fazíamos mui grande. A vossa ilha apenas formava um pequeno ponto sobre a carta geographica, ao passo que Portugal quasi a enchia toda com o seu nome. Nós dominavamos em Asia, Africa e America, e entretanto vós não dominaveis senão em uma pobre ilha da Europa. O vosso poder era do numero d'aquelles que só podiam aspirar ao de 2.^a ordem, mas por os meios que vos temos dado podesteis elevar-vos a uma potencia de 1.^a ordem. A vossa fraqueza physica vos privava de estender o vosso dominio além dos limites da vossa ilha, porque para fazer conquistas vos era necessaria uma grande armada, mas para ter grande armada é preciso poder-lhe pagar, e vós não tinheis o numerario para isso. Os que tiverem calculado as vossas qualidades naturaes no tempo da grande revolução da Europa devem ter visto que não tinheis então com que sustentar seis regimentos de infantaria. Nem o mar, que se póde reputar o vossò elemento, vos offerencia então maiores recursos. Apenas podieis esquipar vinte navios de guerra. Ha cincoenta annos a esta parte, tendes tirado de Portugal «mil e quinhentos milhões» (!) somma enorme e tal que a Historia não aponta egual com que uma só nação tenha enriquecido outra. O modo de haver estes thesouros vos tem sido mais favoravel ainda que os mesmos thesouros, porque é por meio das artes que a Inglaterra se tem tornado senhora das nossas minas e nos despoja regularmente do seu producto. Um mez depois que a frota do Brasil chega, já d'ella não ha uma moeda de oiro em Portugal, grande utilidade para Inglaterra, pois que continuamente augmenta a sua riqueza numeraria; e a prova é que a maior parte dos seus pagamentos de Banco se faz com o nosso oiro, por effeito de uma estupidez nossa de que não ha exemplo em toda a historia universal do mundo economico. Assim permittimos nós que nos mandeis o nosso vestido bem como todos os objectos de luxo, o que não é pouco consideravel, e assim damos emprego a quinhentos mil vassal-

los d'el-rei Jorge, população que á nossa custa se sustenta na capital de Inglaterra.

«Tambem são os vossos campos que nos sustentam, e são os vossos lavradores que substituem os nossos, quando em tempos antigos eramos nós quem vos fornecia os mantimentos, mas a razão é que em quanto vós roteaveis as vossas terras deixavamos nós ficar as nossas sem cultura. Comtudo se nós somos os que vos temos elevado ao maior grau da vossa grandeza tambem nós somos os unicos que d'ella vos podemos derribar. Muito melhor podemos nós passar sem vós do que vós podeis passar sem nós. Uma só lei pôde transtornar o vosso poder e diminuir o vosso imperio. Não temos mais do que prohibir, com pena de morte, a saída do nosso oiro e elle não sairá. Verdade é que a isto podeis responder-me, que apesar de todas as prohibições elle sempre sairá, como tem saído, porque os vossos navios de guerra tem o privilegio de não serem registrados na sua saída, mas não vos enganeis com isso. Se eu fiz com que se degolasse um duque de Aveiro porque attentou contra a vida d'el-rei, mais facilmente farei enforcar um dos vossos capitães por levar a sua effigie contra o determinado por a lei. Ha tempos em que nas monarchias um só homem pôde muito. Vós sabeis que Cromwell, em qualidade de protector da republica ingleza, fez morrer o irmão do embaixador do rei fidelissimo. Sem ser Cromwell eu me sinto tambem com poder de imitar o seu exemplo, e em qualidade de ministro protector de Portugal. Fazei logo o que deveis que eu não farei tudo quanto posso.

«Em que viria a parar a Grã Bretanha se por uma vez se lhe cortassem as fontes das riquezas da America? Como pagaria ella ás suas tropas de terra e de mar, e como daria ao seu soberano os meios de viver com o esplendor de um grande rei? E mais ainda: d'onde tiraria ella os subsidios com que paga a potencias estrangeiras para apoiarem a sua?

«Um milhão de vassallos inglezes perderia em um momento a sua subsistencia se de repente para elles acabasse a mão d'obra de que se sustentam, e o reino de Inglaterra passaria por certo a estado de grande miseria se esta origem de riqueza lhe faltasse.

«Portugal não precisa de mais do que regular o seu sustento, e fazendo-o assim a quarta parte da Inglaterra morrerá á fome. Bem verdade é que me podeis dizer que a ordem das coisas não se muda tão facilmente como se diz, e que um systema estabelecido depois de muitos annos não se muda em uma hora. Assim é, porém posso-vos responder que não deixando eu perder a occasião opportuna de preparar esta reforma não me é difficil no entanto estabelecer um plano de economia, que conduza ao mesmo fim. Ha muito tempo que a França nos convida para lhe recebermos as suas manufacturas de lã, e se as recebermos que será das vossas? Tambem a Barbaria, que abunda em trigos, nol-os pôde fornecer pelo mesmo preço, e então vereis com extrema magoa como a vossa marinha gradualmente se extingue. Vós, que tão versados sois na politica do ministerio, sabeis muito bem que a marinha mercante é o viveiro de officiaes e maruja da marinha real, e que só com esta e aquella tendes feito toda a vossa grandeza.

«A satisfação que vos peço é conforme com o direito das gentes. Succede todos os dias que os officiaes de terra e mar façam por zelo ou ignorancia o que não deviam fazer: é por tanto a nós que pertence o punil-os e fazer emendar e remediar os damnos que elles tem causado. Não se deve julgar que estas reparações ficam mal ao estado que as faz, ao contrario, sempre é mais bem estimada aquella nação que de boamente se presta a fazer tudo o que é justo; da boa opinião dependeu sempre o poder e a força das nações.— *Conde de Oeiras.*» O mesmo que depois foi marquez de Pombal.

«Da boa opinião (disse aquelle grande homem) dependeu

sempre o poder e a força das nações», e proferindo essa verdadeira e moralissima sentença tributava espontanea homenagem á opinião publica, apesar do que se tem dito do seu genio altivo e duro e de tudo quanto elle podia, que era muito!

Persuado-me que não será mal vista esta interrupção a que dei causa, attendendo á singularidade muito interessante do documento transcripto.

REINADO DE D. MANUEL

Armada sem capitão mór

Anno de 1520

O governador Diogo Lopes de Sequeira, certamente boa pessoa, chegou a Goa em 26 de setembro d'esse anno, de volta da sua excursão platónica a Dio, visto que não passou de ser uma pura manifestação de apparato e de effeito magestoso.

Das naus de viagem chegadas do reino, sem capitão mór, eram capitães Ruy Vaz Pereira, e Pedro Annes (as d'estes haviam estado em Ormuz); e Jorge de Brito, e Gaspar da Silva eram capitães de outras que foram a Dio; e tinham partido em direitura a Goa as de Pedro Lopes de Sampaio, Pedro Lourenço de Mello, Manuel de Sousa Tavares, Lopo de Azevedo, Pedro Paulo, Belchior Marchone, armadores, e de André Dias, e Diogo de Lima, levando todas essas embarcações «limpa gente».

Gaspar Corrêa teve os seus motivos para não poder dizer os nomes das naus.

Tambem com relação aos nomes d'essas naus o outro auctor alludido¹ cita sómente os de tres, dizendo que achou serem

¹ Figueiredo Falcão.

sete ou nove naus; mas pelo que se vê de Gaspar Corrêa eram mais.

As naus e os capitães, segundo o outro auctor, são como se segue, dando por capitão mór Jorge de Brito, quando Gaspar Corrêa diz que não o houve n'essa armada:

Jorge de Brito, Manuel de Sousa na nau Reis Magos, Gaspar da Silva na Nazareth e Belchior Marchone na Annunciada.

Diz depois que foi n'esse anno mais uma nau, de que era capitão e piloto Pedro Annes.

Menos quanto aos nomes das três naus, está no mais em maior deficiencia e confusão do que Gaspar Corrêa.

Vieram então de Portugal «disposições em separado» ácerca de Ormuz e de Dio, com que o governador se não conformava, e a respeito das quaes, apesar de pacato, dirigia as seguintes amabilidades: Chamava-lhes *«grandes desordens, que vynhão do Reyno, tão mal ordenadas, polos enganos, com que enganauão El Rey»*.

Podiam aproveitar-se as lições da experiencia, mas d'essas desordens houve, ha, e, por conhecidos motivos, haverá sempre, mais ou menos.

A má fé ou a ignorancia manobrando é o que se deixa ver, sendo, o mais provavelmente, conluio da malicia.

Duarte Pacheco Pereira (o Achilles lusitano) e o seu cantor Luiz de Camões, morrem no abandono e na miseria; o vice-rei D. Francisco de Almeida, e Nuno da Cunha, do qual adiante fallarei, seriam perseguidos na patria, se antes não fallecessem fóra d'ella; morre Affonso de Albuquerque sabendo virem premiados alguns seus inimigos de má nota, chegados do reino; e mesmo D. Vasco da Gama foi alvo de invejas e de intrigas occultas, bem como succedeu a outras victimas illustres!

Parasitas desalmados tramam, castigam n'esses heroês o crime da sua bravura, da sua honradez, e dos seus talentos, qualidades que contrariam acanhados e mesquinhos

invejosos e tyrannetes disfarçados, ou de emboscada, lepra de todos os tempos.

É bradar no deserto? Embora. A justiça divina e humana exige que se lamentem e deplorem taes desgraças, que se façam sempre d'estes reparos, e nem por isso desista a mocidade briosa de se elevar, por bom caminho e meios honrosos, á altura que a Providencia lhe distinar, porque sómente é solido o triumpho assim alcançado.

Despreze conselhos traiçoeiros e egoistas de loucos ou falsos amigos, e não se deixe fascinar de outros nocivos procedimentos, de que depois tenha de arrepender-se, accusada pelos seus proprios actos. Concentrando-se por um pouco, e no remanço de quietação íntima e despreoccupada, consulte cada um a sua consciencia!

Ajuntou o governador em Goa toda a sua armada com que tornou a partir para Dio na entrada de fevereiro de 1521, levando oito galeões, quatro galés, tres galeotas, dezoito naus, e outros navios, bergantins e fustas, que ao todo foram quarenta e quatro velas, em que havia passante de dois mil homens lusitanos, com mais de mil escravos de peleja, e oitocentos homens canaris, tambem combatentes.

Deu subitamente na armada uma grande borrasca, arribando a Goa a maior parte das embarcações, com avarias. A muito custo se remediou esse desastre, e pôde a armada tornar a endireitar para Dio, a cujo porto o governador chegou com ella em março d'aquelle anno.

Mas ainda d'essa vez houve arranjo e composição com o senhor de Dio e rei de Cambaya «por intermedio do mouro principal Melique Yaz», ficando adiado o feito a que os portuguezes se propunham ha não pouco tempo contra essa cidade, com o fim de se lhe poder erigir fortaleza.

Despachou o governador alguns navios para varias partes, e partiu com vinte e tres velas para Ormuz em meiado do dito mez.

Tem agora cabimento aqui o caso do celebre mas desditoso Fernão de Magalhães, que serviu na India no tempo do vice-rei D. Francisco de Almeida e do governador Afonso de Albuquerque.

Vou agora fazer em seu abono algumas reflexões, como prometti, e apesar do que outros dizem.

Pedindo elle a el-rei «*que lhe acrescentasse cem reys em sua moradia por mez*» não lh'o concedendo e até mostrando-lhe mau modo, então «*pedio-lhe licença pera yr viuer com quem lhe fizesse mercê, em quem alcançasse mays dita que com el-rey*» e este lhe disse «*que fizesse o que quizesse*».

E aqui está como pela insignificante differença de cem réis mensaes, ou de duzentos, porque assim o vi escripto por outro auctor, perdeu a nação o prestimo de um bom cavalleiro, como o attesta o seu procedimento no Oriente, resolvendo-se a offerecer os seus serviços á nossa vizinha e émula Hespanha.

Fallando com o imperador (era Carlos V de Allemanha e I de Hespanha) em Burgos, fazendo-lhe este grandes mercês e pompas, e dando-lhe cinco navios pequenos, armados e tripulados e com mercadorias, como Fernão de Magalhães quiz, partiu do porto de S. Lucar em agosto de 1519 em direcção ás ilhas Canarias, ahi fazendo aguada. Foi a Tenerife e a Cabo Verde; atravessou á costa do Brasil, entrando no rio chamado de Janeiro; foi navegando até ao Cabo de Santa Maria, que João Lisboa descobriu em 1514; d'ali foi ao rio de S. Julião, vencendo a revolta de hespanhoes que então houve a bordo. Dentro d'esse rio perdeu sobre umas pedras o navio mais pequeno, dando ao longo da costa com outro rio, a que poz o nome de Victoria, que era o nome de outro navio. D'essa paragem fugiu-lhe um dos navios, ficando só com tres, com os quaes foi d'ali seguindo por um braço de mar até ao fim, mais de cem leguas (ou estreito, a que se poz o nome d'este seu descobridor) saindo da outra banda ao mar largo, atravessando

assim para o mar Pacifico, ou grande oceano equinoxial, como tambem se lhe póde chamar; e dando-lhe o vento em pôpa foi indo, com que correu mais de cinco mezes sem amainar. Acertou com selvagens, ajudando a uns e combatendo e vencendo a outros. Um dos chefes selvagens, fingindo-se seu amigo, e convidando-o para um banquete e a mais trinta dos seus, e estando todos a folgar, entraram inimigos armados que o mataram e aos outros, e os que escaparam, por ficarem a bordo, incendiaram um dos navios, que fazia muita agua. Partiram d'ali os dois restantes navios, e correndo varias ilhas foram ter ás de Bornéo, Maluco, Ternate, e Tidore. Depois de tambem estarem em Bandá deram-lhe temporaes, e por dó os portuguezes agasalharam em terra os hespanhoes de um d'esses navios, onde vieram a morrer. Eram uns trinta; só Gonçalo Gomes de Espinosa passou a Lisboa no anno de 1525, sendo preso e depois solto, e só o outro navio com treze homens foi ter ao Cabo de S. Vicente, e d'ahi a S. Lucar em Hespanha no anno de 1521.

Um auctor¹ conta de outro modo a morte de Fernão de Magalhães, não fallando no banquete a que assistisse, nem na traição que lhe armassem, e digo-o sómente para se ver estas variantes.

Quiz dar aqui, em poucas palavras, uma idéa das aventuras do arrojado mas infeliz portuguez Fernão de Magalhães e dos seus companheiros, obrigado a repudiar a sua patria e a servir a Hespanha, succumbindo afinal por esse ou por outro violento modo semelhante; e quer-me parecer, em presença da inexoravel verdade dos factos, que mesmo Luiz de Camões não foi justo para com elle no epitheto de «desleal» que lhe deu, devendo saber da injustiça com que o trataram na sua patria, e demais o caso não era tão feio

¹ O Anonymo portuguez.

e mudava de figura «pedindo e obtendo licença do seu rey» para ir a outra terra tentar fortuna.

Assim é que o entendo, á parte a inconveniencia de ir servir Hespanha, accrescentando que mil vezes mais inconveniente foi a negra injustiça que primeiro lhe fizeram.

Referi-me ao que diz Gaspar Corrêa nas *Lendas*, quanto ás aventuras d'esse navegador portuguez, agora exporei em summa o que refere o auctor estrangeiro¹, em que já fallei.

Diz que Magalhães morreu no campo combatendo e os de sua companhia contra os da ilha de Matão, uma das Filippinas, perecendo com elle mais sete, além dos que ficaram feridos, elegendo-se Duarte Barbosa, parente de Magalhães, e João Serrão para o substituirem no superior commando do resto dos navios e gente; que foi com esses dois, Barbosa e Serrão, que se deu o caso do banquete, escapando Serrão, que foi captivo e provavelmente morto depois.

Desde já observei estarem com Magalhães mais esses dois portuguezes de valia, e, coisa para mim inesperada, torno a encontrar mais uma vez o nome de João Serrão, representando alternadamente ora o morto, ora o vivo, como já tinha notado n'outra parte, qual nova phenix renascendo tantas vezes das suas cinzas, e d'esta vez apparecendo em região diversa o João Serrão, ou mais um do mesmo nome.

Criticava o fallecido meu amigo Felner na sua *Noticia preliminar das Lendas da India*, um não sei que de romanesco que lhe pareceu divisar em Gaspar Corrêa, pois, se fosse possivel reviver, veria quanto o serio escriptor estrangeiro a que tenho alludido se espraia e deleita em contar, que no porto de S. Julião appareceram a Magalhães e aos seus companheiros alguns homens selvagens «agigantados»,

¹ Major.

mansos e em tom de paz «e que veio um a bordo, o qual apontou primeiro para o céu, como quem perguntava se tinham descido de lá(!); que ao ver-se n'um espelho, e recuando espantado, deitou logo por terra quatro hespanhoes, que estavam atraz d'elle(!); que vieram outros, e o mais baixo era de maior estatura, e mais robusto que o hespanhol mais alto(!); que seis d'esses homens comeram n'um caldeirão sopa de bolaxa, que fartaria vinte hespanhoes (e que tal?) e que as mulheres eram, á proporção, outras monstruosidades.»

Camões em seus versos, no poema dos *Lusiadas*, faz referencia a gente d'aquella, mas se esses homens eram dos patagões não são todavia tidos hoje por gigantes os d'essa raça.

Li tambem n'outro auctor¹ que Magalhães «se desnaturalizou primeiro». Não sei para que precisasse de o fazer tendo licença de el-rei «para ir para onde quizesse». Uma coisa excluia a outra, e se tal fez pôde ser que fosse para cortar algum escrupulo da sua parte. Em qualquer dos casos estava em toda a sua liberdade de acção, como tambem parece que devia buscar algum remedio contra as intrigas que lhe armavam, por isso não se lhe podendo chamar traidor nem desleal. Diz esse mesmo auctor «que Magalhães foi accusado de extravio de umas rezes de um pouco de gado depositado quando andou em Africa». Na India, na terra das immensas riquezas de todas as qualidades, saiu illesa a sua probidade, não se achando depois mais de que o accusar senão do extravio de umas cabeças de gado em Africa! Não me consta que fosse preso como outros, podendo fugir ou homisiar-se, a julgar-se culpado. Falla com el-rei, que o podia mandar prender, e que pelo contrario lhe diz «que podia ir para onde quizesse». E não obstante por más suggestões indefere-se-lhe a pretensão para o augmento

¹ O Anonymo portuguez.

do tostão ou dois tostões mensaes da «moradia»... Em tudo isso parece descobrir-se uma embrulhada grosseira... O que os seus inimigos queriam era ter um pretexto para o comprometter e prejudicar, e não poderam arranjar outro.

A accusação, tal como d'ella tenho noticia, é estúpida, ridicula e inepta.

Convém pois saber que o caso dizem que foi por causa da repartição de um pouco de gado apresado n'uma correria em Azamor em Africa, onde Magalhães tambem serviu, de que resultaram dissensões na partilha e o dito compromettimento d'elle. Foi por vezes ferido na India, como em Azamor o foi n'um joelho, de que ficou coxeando em quanto viveu.

Depois do que vi que se passou entre Fernão de Magalhães e el-rei de Portugal, segundo Gaspar Corrêa, tiraram-se-me as duvidas, não precisando consultar mais nada, mas sempre quiz patentear a culpabilidade accusada, cuja prova criminal acredite-a quem quizer, menos eu por não achar concludente o caso e nem mesmo verosimil.

Este caso, com respeito a Magalhães, tem muita analogia com o que succedeu ao grande Duarte Pacheco Pereira, de tão notoria probidade na India que até regeitou ricos e bem merecidos presentes do rei de Cochim. Mandado Duarte Pacheco para o forte de S. Jorge da Mina, e já então victima da perseguição de inimigos, foi á volta accusado de prevaricação e preso. Depois foi julgado innocente, mas o mal estava feito, aggravando-o a continuação de uma perseguição feroz «que o reduziu á ultima indigencia»!!!

Bartholomeu Dias, que tambem esteve por commandante do dito forte, foi mais feliz, porque teve mais amigos com quem talvez repartisse interesses, em vez d'aquella especie de temiveis adversarios de que tanto prejuizo resultou ao outro.

A Pacheco os seus varonis e inclytos dotes attrairam-lhe por fim só inimidades e males crueis, em quanto que áquelle

o seu genio mais flexivel e accommodaticio lhe grangeou protectores d'entre uma certa roda de homens com quem privava... Oh! sim... mas a memoria de Pacheco ha de com justa razão sempre brilhar immenso!

Duarte Pacheco «reduzido á ultima indigencia»... Malvados!... porém quaes? Devem ter sido varios, e alguns em posições elevadas. Não sei nem preciso saber os seus nomes. Passados mais de tres seculos e meio um obscuro mas sensivel filho d'este bom Portugal te deplora e lastima do fundo d'alma. Contra o meu querer, sou presa d'uma forte commoção, e sinto afogueadas as faces de despeito e pejo pelo que lhe fizeram. É tambem mister que os da cabala tivessem tocado o ultimo grau da mais cynica maldade para levarem a tal extremo de miseria um homem de tão pujantes e recommendaveis qualidades como era Pacheco. Que grandes martyres do dever, da honra e do seu genio, foram este e outros!!!...

Que scelerados os seus perseguidores.....

Insisto em que Fernão de Magalhães foi igualmente alvo de invejas e terriveis intrigas de inimigos, tomando por fim a resolução desesperada de expatriar-se.

Ácerca de Magalhães vem no poema dos *Lusiadas* de Camões os seguintes versos:

«Mas é tambem razão, que no ponente
D'um lusitano um feito inda vejais,
Que, de seu rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vêde a grande terra, que continua
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo;

Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao duro colló;
Varias provincias tem, de varias gentes,
Em ritos e costumes differentes.

Mas cá, onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem, c'o pau vermelho *nota*;¹
De Santa Cruz o nome lhe poreis,
Descobril-a-ha a primeira vossa frota.
Ao longo d'esta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

Desque passar a via mais que meia,
Que ao antarctico polo vae da linha,
D'uma figura quasi giganteia
Homens verá, da terra ali visinha;
E mais avante o estreito, que se arreja
C'o o nome d'elle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.»

Alludindo tambem Camões á descoberta da America por Christovão Colombo vem a proposito dizer, que não falta quem d'elle refira o ter-se aproveitado para o seu descobrimento do diario nautico do piloto Affonso Sanches de Cascaes,² que lhe morreu em casa, na ilha da Madeira, onde arribou na sua caravela em 1486 por effeito de um temporal que lhe deu, depois de haver sido arrojado a uma remota longitude onde avistou terra até então desconhecida, a qual se julga que era da região da America.

Camões nos citados seus versos faz juntamente referencia á descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral. Fique por tanto aqui marcado mais o nome do dito aventureiro

¹ Isto é: co'o pau vermelho *conhecida*, ou pau Brazil, em que se commerciava, e de que se extraía uma tinta.

² Barruncho, no seu folheto *Apointamentos para a historia da villa e concelho de Cascaes*.

piloto portuguez, a quem dá uma certa celebridade aquella exposta circumstancia, que se diz ter occorrido.

Foi a Chaul o governador para fazer começar ali a construcção de uma fortaleza, e de lá se mandar guerrear Cambaya, que andava em revoltas. Venceu-se em Chaul uma nova resistencia e em seguida assentou-se paz. De Dio foram, mas em vão, sessenta fustas de Melique Yaz para impedir a obra da fortaleza de Chaul, que posto viessem a ser desbaratadas muito incommodaram a principio.

Na enseada de Dio houve n'esse tempo um notavel combate da armada do capitão Diogo Fernandes de Beja com uma armada de mouros, ficando victoriosos os lusitanos.

Chegou a Goa em fins de setembro de 1521 o novo governador D. Duarte de Menezes com grande armada.

O governador Diogo Lopes de Sequeira recolhendo áquella cidade e não encontrando já D. Duarte, o qual tinha ido para Cochim, tambem partiu para lá e ainda se occupou do carregamento das naus para o reino, e depois despediu-se e foi para Portugal, levando em oito naus consideraveis valores em fazendas e especiarias.

Tiveram logar mais uns acontecimentos de que vou dar breve noticia.

Partiram Jorge de Brito e seu irmão Antonio em seus navios, e duas fustas, levando estas por capitães Gaspar Gallo e Amador Mattoso, com destino a Maluco ou ilhas Molucas, como egualmente partiu para a China Raphael Perestrello, e para Bengala Antonio de Brito (o velho) cada um em seu navio. No caminho solicitou o auxilio de Jorge de Brito o rei de Pedir contra o rei de Achem, e indo aquelle com outros foi lá morto, ficando ferido o irmão.

Por causa de offensas do rei de Barem feitas ao rei de Ormuz, alliado dos portuguezes, foi a essa ilha de Barem, do golfo persico, o bravo Antonio Corrêa com duas galês, uma galeota, um bergantim, e quatro fustas, em que iam quatrocentos homens de armás, a exigir uma satisfação

pelos alludidos insultos. Tornou-se renhidissima a contenda no terreno alagadiço e lodoso em que andaram. Antonio Corrêa foi ferido e houve mais feridos e alguns homens mortos dos portuguezes, porém ficaram derrotados os contrarios e muitos mortos, entre estes o proprio rei, sendo tal victoria e mais serviços ali feitos muito do agrado do rei de Ormuz, a quem o foi communicar o capitão da fortaleza D. Garcia Coutinho *«porquê Barem hera o principal caminho de todas suas rendas das cafilas que vynhão da Persia»*.

Os lusitanos tomaram grande despojo no paço do rei morto; e com o valoroso capitão Antonio Corrêa, posto que ferido, ainda fizeram dar obediencia a uns revoltosos da grande povoação denominada Catifa.

Tambem se fizeram os seguintes despachos em março de 1521: para ir á China na sua nau Pedro Lourenço de Mello; para capitão de Ceylão Lopo de Brito; e Fernão Camello para ir como embaixador ao Nizamaluco, senhor das terras de Chaul, a fim de se tratar com elle sobre arranjos de uma fortaleza.

A Jorge de Albuquerque, juntando-se Antonio de Brito (o novo), Garcia de Sá, e outros capitães e cavalleiros, com seis navios e seiscentos homens de peleja, dão sobre o porto e cidade de Bintão, em que acharam tal resistencia que com perda de algumas vidas tiveram de retirar, indo o ferido Antonio de Brito com os seus navios á ilha de Jáoa para de lá seguir para Maluco. Jorge de Albuquerque voltou para Malaca. Por essa epoca estavam tambem soffrendo viva opposição os negocios da China.

O bravo mouro Cutiale, senhor de Tanor, fez-se corsario e dava seriamente que fazer aos portuguezes. Este mouro tinha primeiro sido amigo dos portuguezes, que não vieram a tratá-lo convenientemente, dando logar áquelle desforço ou desaggravo.

REINADO DE D. MANUEL

D. Duarte de Menezes, 5.^o governador da India

Anno de 1521

Em setembro d'esse anno chegou a Goa D. Duarte de Menezes por governador da India na nau Santa Helena, indo seu irmão Luiz na Santo Espirito para capitão do mar, João Telles da Silva para capitão de Coulão na Burgaleza de armadores, Martim Affonso de Paiva na Santa Clara, Francisco Pereira Pestana na S. João para capitão de Goa, Sebastião de Sousa na S. Bartholomeu para andar cruzando com tres navios entre a ilha de S. Lourenço e a costa de Melinde, Martim Affonso de Mello na Conceição com tres viagens para a China, capitão mór de tres navios, a saber: Vasco Fernandes Coutinho no navio Grifo, Pedro Homem no navio Syseiro, e a dita nau Conceição, esses dois ultimos capitães sob as ordens do primeiro, indo mais Gonçalo Rodrigues Corrêa, e D. Diogo de Lima para capitão de Cochim, Diogo de Sepulveda para capitão de Sofalla, que entretanto ficou em Moçambique, e na sua nau seguiu viagem Pedro de Mello.

Faltam os nomes de algumas naus, que não pude ver indicados por Gaspar Corrêa.

Diz porém o outro alludido auctor¹ que por um lado achou que foram n'esse anno seis naus, e por outro que eram ao todo quinze velas, e expõe o seguinte:

D. Duarte de Menezes governador na nau S. Jeronymo, D. Aleixo de Menezes na Conceição, D. Luiz de Menezes na Espirito Santo, Francisco Annes na Sant'Iago, D. Ayres da Gama na Guadalupe, e Pedro Quaresma na Nazareth.

E mais as seguintes duas naus e seus capitães, a saber: Belchior Carvalho na Graça, e Manuel de Lacerda na Santo Antonio.

E refere mais os seguintes capitães, sem nomes das embarcações, a saber:

D. João de Lima, João de Mello da Silva, D. João da Silva, Antonio Rico, Vicente Gil, D. Diogo de Lima, Francisco Pereira Pestana, Diogo de Sepulveda, Gonçalo Rodrigues Corrêa, Martim Affonso de Mello, Diogo de Mello, Vicente Fernandes Coutinho, e Pedro Homem.

Entre o que referem os dois auctores ha sobre isto a grande differença nos nomes de varios capitães que se vê.

Ormuz veiu a insurgir-se, causando damno aos da guarnição da nossa fortaleza ali, comtudo nunca poderam entrar os inimigos, sendo repellidos asperamente e castigados alguns. Com a morte do rei e a prisão de um mouro principal ficou outra vez socegada essa cidade e de paz. Isso foi já em agosto de 1522, e com o auxilio que o governador tinha mandado pôde fazer-se frente aos sublevados e vencel-os depois de porfiada lucta.

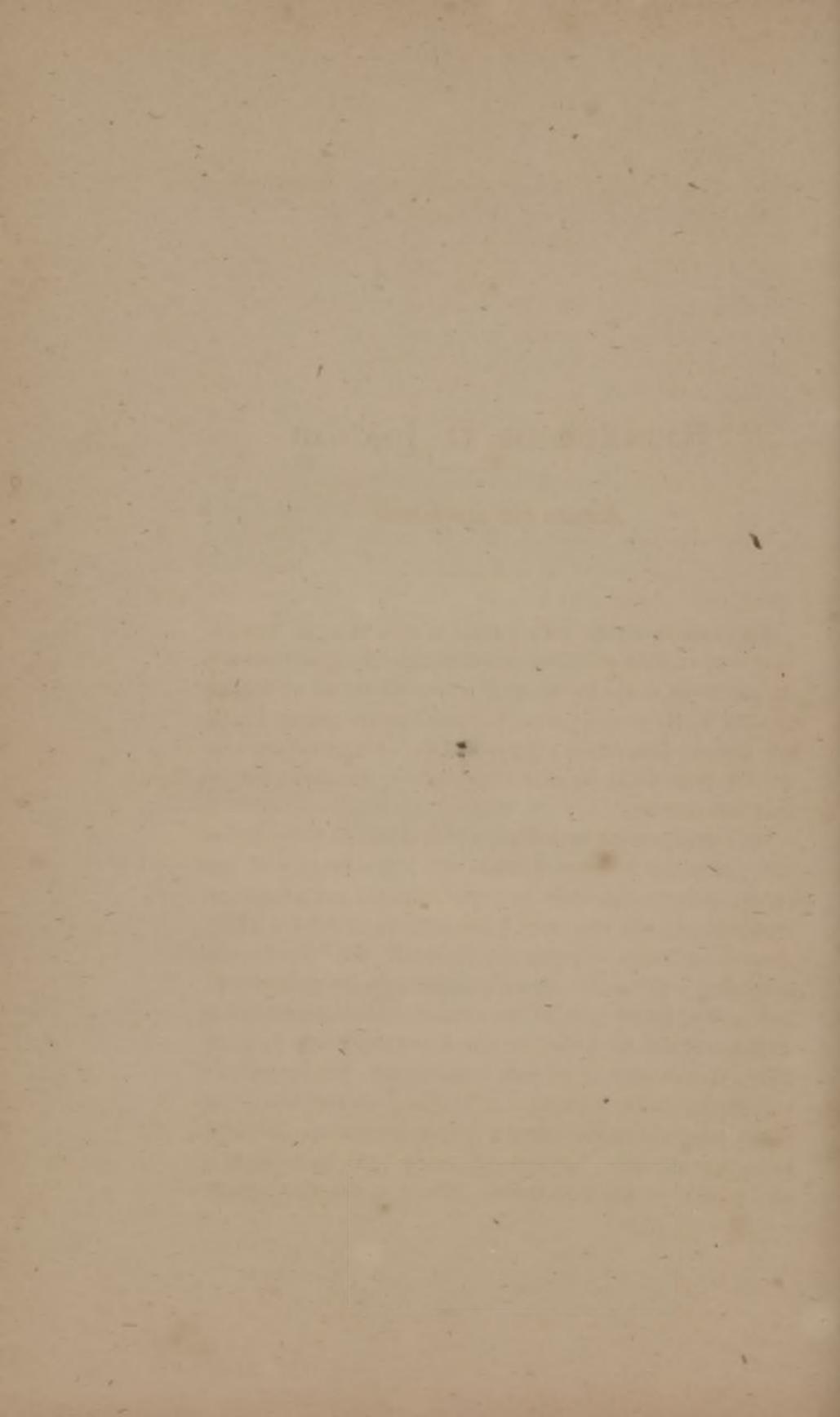
Os que mais se distinguiram na defensão da fortaleza, dos de dentro e de seus auxiliares externos, foram Tristão Vaz, Fernão Alvares de Sernache, Manuel de Sousa Tavares, Manuel Velho, Ruy Varella, Francisco de Sousa, Duarte de Sousa, Antonio Soeiro, João Pereira de Lacerda, Manuel de Moura, João de Meira, e outros.

¹ Figueiredo Falcão.

Todos aquelles foram feridos, e morreram quatro em que entrava um Vicente Dias.

A Casa do Apostolo S. Thomé encontraram-n'a no anno de 1517 dois portuguezes que foram a Malaca em companhia de mercadores em naus da terra, cinco legoas acima do lugar de Paleacate, ultimo da costa de Choromandel, conforme diz Gaspar Corrêa, referindo-se a uma data já um tanto atrazada ou alterando um pouco a ordem chronologica, assim como tambem aqui o faço. Existiam ainda vestigios de devoção entre os indigenas, e mostrava ser muito velha e antiga essa veneranda casa, com os portaes de rija madeira grossa e n'elles lavradas muitas cruzes. Gaspar Corrêa, por muito curioso e pesquisador, foi lá com mais alguns, em romaria, passado algum tempo, levando comsigo um padre que ali disse missa em dia de Corpus Christi.

Pelo motivo do fallecimento d'el-rei D. Manuel ha novo reinado. No tempo de D. João II preparam-se os meios para a descoberta do Cabo da Boa Esperança e para se ir á India. O seu succêssor D. Manuel realisa a segunda parte d'aquelle intento fazendo descobrir a India, e fallece ainda no anno de 1521. De factos do reinado do seu continuador D. João III começarei por tanto a tratar no immediato artigo, relativo ao seguinte anno de 1522.



REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1522

Partiram do reino para a India n'esse anno só tres navios sem capitão mór, em consequencia do acontecimento da morte de el-rei D. Manuel, occorrida em 13 de dezembro de 1521; e havia vinte e quatro annos que os lusitanos tinham descoberto e ganho a India, começando as conquistas pelo Cabo da Boa Esperança e chegando até ao extremo Oriente.

Os inglezes têm uma florescente colonia no Cabo depois que perdemos o nosso dominio ali, e não cessam de trabalhar para o seu maior engrandecimento em Africa, estendendo-se cada vez mais. Ultimamente, isto é em 1878, absorveram elles a tribu independente dos «boers» ou hollandezes africanos, assim chamados por descenderem de uns que se foram para lá em outro tempo e primeiro formaram colonia no Cabo da Boa Esperança, pelo anno de 1650, d'onde depois se transferiram mais para o interior violentados pelos inglezes em 1795, estabelecendo desde então relações com as nossas terras e porto da bahia de Lourenço Marques, achando-se ainda todo esse negocio não pouco revoltado e enredado. Era e é singular aquella

colonia guerreira de homens de raça branca entre os negros, guerreando-os e fazendo-se temidos dos outros, e parece que continuam a não se dar bem com os inglezes, como succedeu aos seus antecessores. Digo o quanto basta para se formar uma idéa do que são os «boers» termo este hollandez, como quem diz «cultivadores».

Diz Camões dos portuguezes no seu poema que:

«Por mares nunca de antes navegados,
Passaram inda além da Taprobana.»

Era esse o nome antigo da ilha de Ceylão em que fallei n'outra parte.

Nas ditas tres naus de viagem chegadas do reino iam varios capitães, a saber: Diogo de Mello em a nau Conceição e este tambem para capitão da fortaleza de Ormuz, D. Pedro de Castro na Nazareth, e D. Pedro Vaz de Castello Branco na S. Miguel de armadores; e porque de Lisboa partiram tarde não passou á India no referido anno senão a nau de D. Pedro Vaz de Castello Branco, chegando á barra de Goa em 20 de agosto.

O outro auctor alludido¹ é concorde nos nomes d'estes tres capitães, refere só o nome de uma das naus, a Nazareth, e diz ter lido que foi outra nau, sem dizer o seu nome nem o do capitão.

Foi muito pranteada e sentida em Goa a morte de el-rei D. Manuel, e fizeram-se-lhe as exequias com grande solemnidade.

Passado isto teve logar a aclamação do successor. No meio do Terreiro o governador com o devido acompanhamento levantou o pregão dizendo: «*Real, real, real, por el-rey Dom João III de Portugal*», respondendo-lhe o povo pelo mesmo teor.

O governador foi a Cochim para despachar algumas coi-

¹ Figueiredo Falcão.

sas e superintender no carregamento das naus que iam sair para o reino.

Feito isto, partiu com a armada, dizendo que ia para o estreito de Meca e a buscar a Maçua o embaixador portuguez que se tinha enviado ao Preste João, compondo-se a mesma armada de treze velas, galeões e caravelas, com bastante gente de armas, e era já em janeiro de 1523 quando saiu de Goa. No caminho de Cambaya para o estreito de Meca deram os nossos lusitanos uma boa lição aos mouros de Xaer, que a mereciam, desbaratando-os e destruindo-lhes a povoação. Proseguiram pela costa de Adem e entraram no referido estreito.

A armadã foi fazer aguada á ilha de Camarão, e em seguida aportou a Maçua, mandando-se recado ao Xequê de Arquico, o qual por um homem deu noticia de que o embaixador D. Rodrigo de Lima estava com resposta do Preste João a distancia de sete jornadas, havia já um anno, e remetteu-se-lhe pelo mesmo homem uma carta para que viesse até ao dia 21 de abril; e vendo o governador que elle não apparecia partiu d'ali, ficando a cargo do dito Xequê o entender-se com D. Rodrigo para estar mais perto do porto de embarque quando para a outra vez viessem buscal-o.

Espalharam-se varios navios por differentes partes empregados no cruzeiro e em fazer presas.

Nafragaram o galeão de D. Gonçalo Coutinho e a nau de seu irmão D. Garcia, junto ao porto de Mascate, perdendo-se muita riqueza que traziam, e morrendo D. Garcia e outros.

Garcia Henriques vae em missão ao rei de Ternate, de quem foi bem recebido, tratando-se de erigir ali a fortaleza dos portuguezes, tendo primeiro tocado em Tidore.

Manuel de Frias é mandado por capitão e feitor da costa de Choromandel, por onde já andavam em pesquisas e a commerciar outros portuguezes, levando sob o seu commando uma caravela e tres fustas.

O bravo Martim Affonso de Mello com os seus sustenta combate contra muitos juncos e outras embarcações menores n'umas ilhas da China, chegando a perder completamente duas barcaças em que iam Diogo de Mello e Pedro Homem por capitães, morrendo estes bravos e toda a sua gente, sem se quererem render, vendo-se Martim Affonso obrigado a voltar para Malaca, retirando em boa ordem, e com o mau tempo foi ter á ilha de Sumatra e depois ao porto de Pacem, soffrendo trabalhos e correndo perigos.

N'esse ultimo porto chegou a tempo de acudir aos da nossa fortaleza ali, que estavam em pequena força, e guerreados pelos da terra.

Mensageiros do rei de Zanzibar e de Pemba pedem ajuda contra os das ilhas de Querima ou de Querimba, que se rebelaram pelo auxilio que lhes dava o rei de Mombaça. Os portuguezes D. Pedro de Castro, Christovão de Sousa, Antonio de Sousa Galvão e outros cavalleiros, foram lá com a sua gente, e bateram e fizeram fugir os revoltosos, no fim de muito lidar, ficando ferido o valente Antonio de Sousa Galvão, que elle proprio matou o capitão dos inimigos mouros, sendo feridos dos nossos mais alguns homens.

Desafrontavamos por aquelle modo o rei de Zanzibar, porém era ainda ha pouco outro rei ou sultão de Zanzibar que nos queria falsear, tomando ou querendo tomar terrenos de Portugal ao pé do Cabo Delgado, e auxiliando os inglezes n'uma empresa cujos resultados nos podem ser muito prejudiciaes; e penso que as coisas por ali ainda se acham no mesmo sentido.

Noto-o aqui tal como tem corrido e é notorio.

De facto, tem-se fallado no projecto do governo britanico para a construcção de um caminho de ferro entre o «Lago Nyassa» e a cidade e porto de Zanzibar, apoderando-se a Inglaterra de vastos territorios pelo interior e pondo em risco de vir a desviar-se e a perder-se o nosso valioso commercio de Moçambique.

É caso para n'elle se meditar mui seriamente.

Comtudo é certo que o governo portuguez publicou em fins de dezembro de 1878 uma disposição importante, de que vem a proposito dar a sufficiente noção, sem prejuizo do mais que terei de dizer de Zanzibar e de Inhambane, bem como dos inglezes do Cabo da Boa Esperança, pela ordem dos meus apontamentos colligidos. Não é natural dizer-se alguma cousa de nossas antigas colonias sem tambem tocar no que d'ellas nos resta.

O governo portuguez concedeu n'aquella data a um individuo, por vinte annos, a exploração da grande parte da Zambezia, na provincia de Moçambique, no tocante a minas de metaes e de carvão de pedra, bem como a florestas, e para outros effeitos, em que se incluye o arroteamento de certos terrenos, com obrigação de dar-se do producto de tudo cinco por cento, e o imposto adicional para o thesouro publico, ficando sujeita essa exploração a regras prescriptas, permittindo-se ao mesmo individuo a formação de companhias, e declarando-se que se forem estrangeiras serão consideradas portuguezas, marcando-se os casos em que tal contracto poderá caducar e ser immediatamente annullado pelo governo ou rescindido.

Causou reparos e receios o fazer-se tão ampla concessão a um individuo para elle só organizar companhias. Deixando esta particularidade, sigo por outra vereda.

O que se concedeu, não é cessão, não é abandono, e menos é venda, é verdade; mas praticamente carecerá essa providencia colonial de muita fiscalisação e vigilancia por parte do governo para que não degenere e se converta em absorpção, e não se causem estragos e desvios em pura perda da fazenda nacional, e isto occasionará grandes responsabilidades, e requererá cuidados peculiares e melindrosos. Assim nós tenhamos gente idonea, ou se nomeiem funcionarios especiaes capazes de salvaguardarem os interesses publicos, zelando o exacto e genuino cumprimento do contracto.

Em absoluto creio que a providencia era necessaria, não podendo o thesouro publico carregar com as despezas de taes explorações em larga escala, e lembrando logo a formação de companhias. N'outras nações com colonias tem-se procedido da mesma maneira, o que a propria Inglaterra fez em quanto não achou mais utilidade na administração directa do seu governo, e era o que poderia vir a praticar-se ácerca da provincia de Moçambique, e em particular com respeito ao contracto para a exploração da Zambezia, no fim dos vinte annos do mesmo contracto, podendo ao cabo d'esse praso, se ambas as partes contractantes se desempenharem bem dos seus deveres, tirar uma d'ellas avantajados lucros dos seus capitaes dispendidos, e a outra, que é Portugal, receber muito melhorada uma porção de terrenos baldios d'aquella região já com as culturas, edificações e povoados que de novo por ali se estabelecessem e espalhassem; achar-se então com um commercio muito mais desenvolvido n'essa provincia ultramarina; ver augmentar o rendimento da alfandega, com as delegações que se creassem; e em geral augmentada a riqueza publica não só com isso mas com os cinco por cento e imposto addicional, e as mais contribuições legaes que se lançassem, tudo no valor de grossas sommas, durante o dito periodo de vinte annos, além de outras muitas mais conveniencias.

Effectivamente no seu relatorio publicado o governo portuguez considerou... «as muitas e variadas vantagens de levar a industria e a civilização, pelo trabalho livre, a vastissimas extensões territoriaes, pouco frequentadas da raça humana.»

A ser como fica esboçado, é indubitavelmente preferivel o que se ordenou ao que existia, e como experiencia tambem é interessante para se ver o que irá produzindo.

Vender, ceder, ou abandonar de todo, isso é que jámais deverá fazer-se. Contra isso, contra a preguiça ignobil, e contra algum ardil que se invente para nos alhear a sym-

pathia e a submissão dos indigenas e nos roubar, é que todos os bons portuguezes deverão estar áleria e ter mil olhos de Argos, e cumprirá que sempre se vá recommen- dando à esse e outros respeitos todo o cuidado e disvelo a funcionarios especiaes, de accordo com a auctoridade superior da colonia, para vir a ser periodicamente informado o governo central de Lisboa.

A transcendente providencia que se tomou póde pois ser para nós origem de grandes bens, ou motivo de aggravação de males, segundo a execução que se lhe der.

É forçoso confessar juntamente que pela posição falsa em que os inglezes nos iam pondo com o seu novo presi- dio ou feitoria nas proximidades do lago Nyassa, e evidente mancommunicação com o sultão de Zanzibar, ao qual esten- dem o seu protectorado, para sairem por esse porto os ge- neros do commercio já entabolado pelos mesmos inglezes no interior d'aquelle sertão, não se podia demorar mais qualquer providencia governamental que nos garanta me- lhor a estabilidade e o rendimento da provincia de Moçam- bique (indo-se avisinando cada vez mais os nossos amigos sobreditos, mas em attitude dubia) pelo motivo da possi- bilidade de se ir derivando todo o commercio do sertão para a cidade e porto de Zanzibar, com a perspectiva da total ruina de Moçambique, no caso de toda esta nossa colonia lhes não ir cair nas mãos!

Não sei se isto é bastantemente claro e fundado posto que procurei sel-o e mostral-o, mas sei perfeitamente que os receios são ou eram de chocar a fibra lusitana, pelas funestas consequencias possiveis.

Eu não sou suspeito, porque tenho serios aggravos da gente que fez decretar a providencia, porém digo que crear em frente de uma influencia rival poderosa outra influen- cia, a uns emprehendedores oppondo os trabalhos activos e intelligentes de outros, fiscalizados por auctoridades por-

tuguezas, já é alguma coisa, e com o tempo ver-se-ia o mais que se podesse fazer.

Já se vão divisando signaes de querer a Europa central começar a olhar com particular interesse para a colonisação da Africa por muitas razões, sendo talvez uma das principaes para dar saída e emprego a algum excedente de população infeliz, conjurando o mal estar economico, com o que se liga certo phenomeno politico que vae apresentando gravissimo aspecto, e que é designado pelo nome de «socialismo».

Populações do norte, como succede á Russia, tendem a ir-se desaggregando para a India, depois da China estar fazendo e ter já ha muito feitó o mesmo. Na primeira, pouco povoada, é mais pelo motivo de ambição, na segunda é pela necessidade de se alijar do excedente humano. Essa mesma necessidade vae-se revelando cá na Europa, e obter sustento e mais commodidades para infelizes europeus, que se debatam e agitem por lhes faltar ou escassear o pão quotidiano, será sempre uma boa acção e uma abençoada diligencia.

Se por taes razões tem esta epoca de illustrar-se por um movimento de tanta transcendencia, de tão grande alcance, concorrendo juntamente para a civilisação da raça negra no interior dos sertões africanos, nós cujas melhores e mais vastas colonias e possessões ultramarinas actuaes são as de Africa, havemos de nos precaver, não ficando atraz dos mais, para salvarmos o que ali temos e d'isso mesmo tirarmos maior proveito.

Nos incommensuraveis sertões africanos, incultos ou desconhecidos, haverá logar para se exercerem as actividades industriaes de todos os exploradores e colonos «pelo trabalho livre», e para se estabelecerem centros de novas explorações, não se offendendo direitos adquiridos nem a supremacia de reconhecidos dominios anteriores de qualquer nação civilisada, que os tenha.

Que perspectiva e que resultados isso offereceria!!!

Da nossa legação em Paris, por mão de um militar a ella adjunto, veiu a proposta em que se baseia a indicada providencia que o governo portuguez tomou ácerca da Zambezia. É de crer que o numerario de fóra não falte. Visto porém que formando-se companhias estrangeiras ficam sendo consideradas portuguezas, não deve haver n'isto duvidas nem rivalidades. Faça-se quanto antes o milagre, pelo que nos respeita, em utilidade nossa e dos exploradores, e sejam francezes, inglezes, ou quem forem, os que forneçam o dinheiro para as despesas do empreendimento.

Obrigado a justificar-se de umas arguições que lhe fizem pela imprensa respondeu o referido concessionario em carta, de que acho bom consignar aqui os seguintes mais essenciaes paragraphos.

«Não discuto o artigo (o da imprensa), mas vejo n'elle duas asserções a que promptamente desejo responder com duas declarações. Diz o artigo que o concessionario, 1.º não pensa em levantar capitaes no paiz, 2.º que procurará vender no estrangeiro as concessões por 500, 1:000, ou 2:000 contos de réis. A esta ultima asserção responderei que o concessionario nunca venderá concessão alguma nem a portuguezes nem a estrangeiros. Os capitalistas que se lhe associarem para a constituição das companhias que elle tiver a felicidade de ir organisando partilharão dos seus direitos, não podendo alienal-os, e ficando todos os associados como o decreto claramente o determina, sempre sujeito ás leis portuguezas, em tudo que tenha relação com as concessões.

«Á primeira responderei que não haverá quem mais do que o concessionario sinta o crime nacional, que commetem os nossos capitalistas, grandes e pequenos, desinteressando-sé das nossas colonias, nas condições especialissimas porque n'este momento estão passando. A prova da indiferença a que me refiro está no mau resultado das tenta-

tivas que o concessionario tem feito desde que chegou a Lisboa, no sentido de organisar companhia nacional para exploração de algumas das suas concessões.

«O articulista é demasiadamente modesto orçando em 2:000 contos o valor das minhas concessões para quem as queira aproveitar. Pois eu offereço-as ao publico portuguez. Que se faça uma subscripção nacional, que se organise uma grande companhia da Africa oriental essencialmente portugueza, com a séde em Lisboa, e a ella entregarei gratuitamente e com o maior prazer todas as minhas concessões, e asseguro que os accionistas, fazendo obra de patriotismo, tirarão dos capitaes que empregarem enormes lucros.»

Confesso que sympathiso com o modo de expressar do respondente; e estimarei que eu não me gane.

Eis agora quaes foram as concessões da exploração, por cada uma d'ellas, conforme as vi exaradas n'um jornal:

1.º Todas as minas de oiro existentes n'uma área de 8:000 leguas quadradas;

2.º A exploração por 20 annos de todas as minas de ferro, cobre e outros metaes, na área de 8:000 leguas quadradas;

3.º A posse de todas as minas conhecidas de carvão na bacia do Zambeze;

4.º O privilegio por 20 annos de explorar todas as minas de carvão desconhecidas, situadas na mesma bacia;

5.º O privilegio da exploração de minas de oiro, por meio de machinas aperfeiçoadas;

6.º O direito de explorar todas as florestas na Zambesia;

7.º A posse de 25 leguas quadradas de terrenos incultos, escolhidos.

No entanto julgo, com outros, que teria sido melhor annunciar o ministerio dos negocios da marinha e ultramar a recepção de propostas de companhias, para as ir resolvendo como fosse de razão e conveniencia publica; e parece-me,

por umas noticias que vi publicadas nos jornaes, que alguma coisa n'este sentido ha já tido logar ultimamente mesmo com o mencionado concessionario, o qual tem encontrado difficuldades, dizendo-se porém ir em via de bom resultado.

Se não deviamos perder de vista os fins a que se dirigiam os inglezes, estabelecidos já proximo do lago Nyassa, tambem nos interessava o desenlace da guerra em que andavam envolvidos com os pretos «zulus», começando por estes os derrotarem n'um combate. A nossa bella colonia da bahia de Lourenço Marques deve estar sempre vigilante e preparada para o que venha a acontecer. Disse-se que ha razões para crer que os zulus (negros da Africa do sul) receberam instrucções sobre a arte da guerra de uns estrangeiros que depois de terem servido como militares na Criméa, e em seguida nas colonias inglezas do sul da Africa, se dirigiram ao territorio independente da região do Cabo a tentar fortuna, ensinando aos indigenas os exercicios militares á européa. Isto lá parece ter um tanto de romance, comtudo os zulus appareceram menos mal armados e decididos a combater, desenvolvendo uma coragem que causou admiração.

Foi este um conflicto colonial moderno com os inglezes na Africa como que em correspondencia com o outro que elles posteriormente sustentaram no Afghanistan, na Asia; como tambem foi um acontecimento o telegramma dirigido ao nosso governo pelo distincto expedicionario portuguez Serpa Pinto ácerca da sua travessia d' Africa, do occidente para o oriente, dizendo: «Trabalhos salvos, vinte cartas geographicas, muitas plantas topographicas, tres volumes de calculos, estudos meteorologicos, tres volumes de desenhos, avultado Diario. Estudo completo do alto Zambeze, setenta e duas cataratas, plantas d'ellas. Mau gentio, guerras constantes, etc.»

Publicou-se um livro a tal respeito; e os inglezes con-

seguiram dominar a revolta dos zulus, tendo o rei Cetiwayo, pela defeccção de alguns chefes, sido feito prisioneiro e depois foi solto.

Volto a fallar da armada que foi para a India no anno de 1523.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Diogo da Silveira

Anno de 1523

Partiram do reino para a Índia oito naus, e a primeira que chegou á barra de Goa em 20 de agosto d'esse anno foi a chamada galeão S. Leão de Manuel de Macedo, dando a noticia de que ia por capitão mór da armada Diogo da Silveira em a nau Salvador, sendo os mais capitães a saber: D. Antonio de Almeida na Santo Espirito, Heitor da Silveira na Burgaleza de armadores, um Pedro d'Affonseca na Loba, como tambem a de Jorge Lopes Bixorda armador, a de Antonio de Abreu, e a de Ayres da Cunha, que se perdeu ao entrar em Moçambique. Todas as mais naus passaram á Índia, e havia dezeseis dias que estavam em Goa quando o governador para ali regressou.

Ha a differença de uma nau, e troca dos nomes de outras, ou dos capitães de algumas d'essas naus, cotejando-se com o que diz o outro auctor alludido¹; e o mais é chamar esse auctor capitão mór a D. Antonio de Almeida tendo-o sido Diogo da Silveira, conforme refere Gaspar Corrêa na respectiva *Lenda*.

¹ Figueiredo Falcão.

Eis o que diz aquelle auctor, a saber:

D. Antonio de Almeida mór na nau Santo Espirito, Diogo da Silveira na Salvador, Pedro da Fonseca na Santa Cruz, Antonio de Abreu na Santo Antonio, Heitor da Silveira na Conceição, Ayres da Cunha na S. Miguel, e Manuel de Macedo na Leão.

Diversificam em varias coizas os dois auctores pela fôrma que todos podem ver.

Continúo annotando algumas passagens de nomes de individuos repetidos ou duvidosos. Com o mesmo nome de Pedro d'Affonseca, anteriormente indicado, como capitão da nau Loba, encontrei mencionado outro individuo, que se disse ter morrido por occasião da segunda tomada de Goa. Por conseguinte ou o ultimo era o «novo» como supponho, ou houve algum equivoco, quanto ao primeiro, o que observo com desejo de acertar, como fiz ácerca de outros pontos, tendo-me deixado este e outros encargos ou pequenos «bicos d'obra» como vulgarmente se usa dizer, o fallecido meu amigo Felner, e não me soffrendo o animo de votar á indifferença estes casos, sem os manifestar e deixar apontados.

Tambem em virtude do meu programma adoptado acho-me n'uma posição especial, não podendo prescindir de semelhante especie de exame.

O governador deu aviamento ás naus de carga para partirem a tempo e elle poder sair para Ormuz *«auendo intelligencias coele pera dar licenças, que se fossem alguns especular com navios e fustas, a traficar e ganhar por onde queryão, e como estes desmanchos na gente de guerra, assy os auia tambem na justiça e na fazenda da India, que cada hum andaua no lucro, qual mays podia.»*

Isso é que não eram puramente empresas regulares do estado, nem serviços mixtos da especie d'aquelles de que já fallei. N'isto haveria *chatinagem*, e da peor, por culpa d'esse governador, a quem a *Lenda* de Gaspar Corrêa não

é favoravel, ministrando-nos este auctor sobre esta e outras particularidades uteis esclarecimentos, para se poderem formar alguns juizos.

A pesca do aljofar por conta do estado andava mal fiscalizada, e D. Duarte de Menezes em vez de a fazer fiscalisar melhor antes quiz entregal-a nas mãos de especuladores ávidos, concluindo com elles um arrendamento não pouco suspeito e prejudicial. A pesca por esse modo arrendada era a que se fizesse entre Ceylão e o Cabo Comorim.

Por traição urdida pelo rei de Achem foram surprehendidos n'um rio varios lusitanos embarcados e todos mortos, sendo um dos sacrificados o bom cavalleiro D. Manuel Henriques.

Mais combates occorreram no turbulento porto e cidade de Bintão, em que figuraram Jorge de Albuquerque, Duarte Coelho, D. Sancho Henriques, seu irmão D. Antonio, Francisco Pereira de Berrêdo, Henrique Leme, Diogo Fogaça, Francisco Lourenço, Fernão Rodrigues, André Figueirôa, Diogo Luiz, e outros, e em que houve um cruel revez, morrendo mais de setenta dos nossos, e entre estes Henrique Leme, e Diogo Fogaça, a custo escapando os mais.

Antonio de Pina, e Beraldo ou Bernardo Drago vão á ilha de Jáoa a negociar, e ao porto de Pam, na costa de Malaca, em que desembarcaram com a sua gente, e n'essa terra uns foram mortos, outros feitos prisioneiros ou captivos, por ordem do rei, que enviou os captivos ao facinoroso rei de Bintão, seu sogro, o qual mandou barbaramente matal-os, vindo assim a morrer todos.

No mesmo porto de Pam outra terrivel desgraça succedeu, morrendo ás mãos d'aquelles ferozes barbaros todos os portuguezes, menos só um, de uma nau que vinha de Sião com ricas mercadorias e de fazer presas em Patâne «*morrendo antre os mays, pelejando brauamente, alguns bons cavalleiros, sendo o ultimo André de Brito, que com*

hũa espada de ambalas mãos vendeu bem cara a vida», o que se soube por Antonio do Rego, que mettido no lodo foi o unico que escapou e foi ter a Malaca.

O governador despachou Heitor da Silveira com oito navios grandes e um bergantim, bem tripulados e armados, para ir ao estreito de Meca e ao mesmo tempo buscar D. Rodrigo de Lima ao porto de Maçná, de volta da embaixada ao Preste João da Abyssinia, não só pela consideração que merecia, mas para que os da Abyssinia não dissessem que o abandonavam, partindo para lá em janeiro de 1524, e no caminho aportou a Adem assentando paz com o rei da terra, o qual se sujeitou *«a dar cadano a el-rey de Portugal dois mil xerafins de ouro, feytos em hũa corôa, como vassalage»* e deu a sua carta em folha de oiro declarando isto.

No anno de 1523 estava por capitão de Ormuz um Diogo de Mello, que procedia mal, deixando de si desagradavel memoria. Basta pôr agora aqui o que Gaspar Corrêa diz a respeito d'elle, isto é, que era *«homem de máo zelo e danada consciencia»* citando a facilidade com que se deixava subornar, ou com que atraioçava os seus deveres.

Heitor da Silveira foi fazendo valiosas presas aos mouros pelo estreito de Meca; depois dirigiu-se a Maçná onde chegou no fim de março do dito anno de 1524, sabendo ali que D. Rodrigo não podia vir d'onde estava em menos de vinte e cinco dias, tendo estado já muito mais perto no anno antecedente; e vê-se que não surtiu resultado a recommendação anterior, mas foi por que D. Rodrigo teve de ir fallar novamente ao Preste João, pelo motivo de se reformar uma carta do Preste dirigida a el-rei D. Manuel quando este já era fallecido, segundo li na obra de Gaspar Corrêa.

Heitor da Silveira tornou para Adem, de cujo porto veiu a sair logo, deixando ali, a pedido do rei da terra, um bergantim com vinte portuguezes e o seu capitão Fernão Car-

valho, que n'isso passou trabalhos com os seus, e todos foram victimas das falsidades e dos maus tratos do tal rei, no que foi illudido o proprio Heitor da Silveira.

Pretendendo-se fazer obras na Casa do Apostolo S. Thomé acharam-se por essa occasião n'uma excavação, a quinze palmos de profundidade, as reliquias de seus ossos e os do rei que elle converteu á fé de Christo, que se deram a guardar n'um cofre a um padre.

Nada escapava ás investigações d'esses nossos antepassados, e d'essa vez eram assumptos do culto e as projectadas obras na casa de S. Thomé que reclamavam a sua attenção. Se d'elles não obstante cito alguns de má nota, é porque o devo fazer e o merecem os seus maus actos.

Não fallo agora de padres, cujo sacerdocio porém era preciso n'essas missões, onde os tivemos de muita respeitabilidade e muito dignos, á parte os inconvenientes excessos attribuidos ao tribunal da Inquisição, ou a uma sua delegação na India, de que os resultados não foram bons, comtudo não se devendo jámais confundir qualquer fanatismo ferrenho com a justa e sagrada doutrina do christianismo. Oxalá que se seguissem sempre com sinceridade as suas regras fundamentaes que mais felizes seriamos nós todos!

De 1523 para 1524 foi castigado o rei de Tidore pelas deslealdades que estava usando para com os portuguezes, incendiando-lhe os nossos que por lá andavam algumas embarcações e o grande logar de Ogane, succedendo outro sim n'esse tempo que a gente da nossa fortaleza em Calcut, sendo aggreddida pelos da terra, não só puniu varios d'estes mas com o fogo de artilheria mettu a pique alguns paraós, que da banda do mar a ameaçavam.

O valoroso e intelligente D. João de Lima, capitão da fortaleza, que então, antes e depois, sempre se distinguin e illustrou no Oriente, de balde esteve á espera por socorro que o governador lhe mandasse.

Ácerca do mesmo governador D. Duarte de Menezes com razão esfriando a Camões o enthusiasmo, só se leem no poema dos *Lusiadas* as frouxas linhas seguintes:

«Virá depois Menezes, cujo ferro
 Mais na Africa que cá terá provado;
 Castigará de Ormuz soberba o erro
 Com lhe fazer tributo dar dobrado.»

Ver-se-ha como, em chegando a Portugal, el-rei o manda prender n'um castello.

Mais desastres succederam por esse tempo, perdendo-se a fortaleza de Pacem por desintelligencias dos nossos, transtornando isso aquelle commercio em que atraz fallei que se intentava encarrear de Sumatra para differentes pontos até á China, e foi principalmente a rivalidade de dois capitães portuguezes, que produziu este mal, de sorte que não se tornou a restabelecer ali a fortaleza, abandonando-se aquella primitiva idéa. Os hollandezes é que vieram a tirar proveito d'aquellas desordens, tornando-se possuidores da referida grande ilha de Sumatra, onde se firmaram e tem uma colonia florescente. E uns catures de Bintão, d'esse Bintão que figurava no numero das terras mais turbulentas e de peiores manhas da India, queimaram o navio de Simão de Abreu, chegado de Maluco; e na ilha das Naus a gente do mesmo porto de Bintão incendiou mais dois caravelões lusitanos, morrendo varios dos das suas tripulações, attribuindo-se este prejuizo á ajuda de um renegado que lá estava ha tempo, chamado Martim Avellar. Outro Martim, mas Martim Affonso de Mello, foi com soccorro, vingando-se, e alcançando vantagens nos combates que deu nos portos de Pam e Patâne.

Os capitães Alvaro de Brito, e Jorge Corrêa foram defender o rei de Linga dos assaltos da gente de Bintão, levando em sua companhia dois navios bem tripulados e artilhados, e ali ficaram destroçados os inimigos, com perda

de varias de suas embarcações despedaçadas e apresamento de outras, sendo capitão das forças contrarias o atrevido mouro Laquexemena.

Alvaro de Brito recebeu no porto de Bintão os necessarios refrescos, e foi ahi cumprimentado pelo sanhudo rei d'essa terra, (póde-se presumir com que vontade!) e pelo de Linga, que compareceu para o mesmo effeito, ficando mais harmonisados esses dois reis.

Em Bandá, Maluco, e n'outras terras d'essas remotas partes tambem não estavam correndo facilmente os negocios.

Sobre o importante grupo das ilhas Molucas é forçoso dizer que pairava um mau fado, por vezes tocando-lhe a sorte de terem maus capitães portuguezes, violentos, e que pozeram tudo a ferro e a fogo, sendo causa de graves injustiças e de grandes transtornos commerciaes, como veremos.

Foi a Bandá Martim Affonso de Mello, que apesar de ser capitão valoroso e habil esteve envolvido e em grande risco, vendo-se quasi de todo perdido, e obrigado a estar na defensiva alguns mezes «*só com quatorze homens que tynha no nauio*», achando-se revoltada a terra, e salvou-se com a chegada dos capitães Sebastião de Sousa e Martim Corrêa, idos de Malaca em os seus navios.

Então partiu á pressa para Maluco o mesmo Martim Affonso a dar auxilio ao capitão Antonio de Brito, levando em sua companhia Martim Corrêa; e juntando-se-lhes Leonel de Lima e Jorge Pinto com os seus navios foram todos depois guerrear a ilha de Tidore.

Jorge Pinto e mais onze portuguezes, encalhando-lhes no rio d'aquella cidade a sua embarcação, foram cercados e todos mortos por forças maiores. Martim Affonso de Mello foi guardar a barra do mesmo porto de Tidore. Depois desembarcou com Martim Corrêa, Francisco Lopes Bulhão, e o valente padre Gomes Botelho, e mais gente de armas, e

indo todos por uma ribanceira acima foi ferido Martim Afonso de um pelouro n'uma ilharga, por descuido de um dos seus. Retrocederam, mas apesar d'aquelle infortunio ainda os lusitanos puderam expulsar de traz de uma estacada um troço de inimigos, e foram guerrear o importante logar de «Ogane», de modo que obrigaram o rei a pedir paz.

Se não me engano, lembra-me ter visto dar um festejado escriptor portuguez contemporaneo¹ o nome de «Ogane» a um potentado africano, ou cousa que o valha, por occasião de discutir a existencia ou não existencia n'outro tempo do famoso Preste João da Abyssinia. Não posso saber se a repetição d'esse nome, em condições tão differentes, foi caso accidental ou o que foi. O facto é que o mesmo nome se pertence a um potentado em *Africa* tambem é o nome de um logar na *Asia* ou de uma das ilhas da *Oceania*, como acabei de citar, o que me deixa em alguma duvida. Como coincidência, continuo a ficar na mesma perplexidade. Comtudo é certo que o auctor estrangeiro a que me tenho referido² dá tambem esse mesmo nome a um imperador da Abyssinia. Tal é a minha manifestada incerteza, não obstante a qual passo ao seguinte capitulo.

¹ Pinheiro Chagas, n'um seu livro de *Historia*.

² Major.

REINADO DE D. JOÃO III

*D. Vasco da Gama,
conde-almirante, 2.º vice-rei da India, 6.º governador*

Anno de 1524

Chegou á barra de Goa em 11 de setembro d'esse anno o descobridor da India D. Vasco da Gama por vice-rei da mesma India, feito conde da Vidigueira e almirante do mar da India, o qual ia em a nau Santa Catharina do Monte Sinay, e desembarcaram com elle dois filhos seus, o mais velho chamado D. Estevão e o outro D. Paulo. Levava grande estado de sua pessoa e muitos petrechos de guerra, assim como o acompanhavam varios fidalgos e cavalleiros para differentes cargos, a saber: Affonso Mexia para vedor da fazenda, Vicente Pegado para secretario, D. Henrique de Menezes para capitão de Goa, Lopo Vaz de Sampaio para capitão de Cochim, Pedro Mascarenhas para capitão de Malaca, todos em suas naus. E além de Antonio da Silveira e D. Fernão de Monroyo iam mais D. Simão de Menezes para capitão de Cananor, Vicente Gil armador, Antonio de Carvalho para escrivão da fazenda, em navetas. Além d'esses iam, a saber: Francisco de Brito para andar na carreira de Ormuz, e Ruy Gonçalves, Lopo Lobo, Christovão Rosado, e Gaspar Homem, em caravelas latinas, e Pedro Velho n'uma caravela redonda, vindo a naufragar D. Fernão de Monroyo

na costa de Melinde, e perdendo-se na viagem o navio de Francisco de Brito e a caravela de Christovão Rosado, cujos ditos capitães pereceram no mar largo.

Gaspar Corrêa não pôde dizer mais que o nome da primeira nau.

O outro alludido auctor¹ é certo que adianta mais nos nomes das embarcações, mas parece que troca alguns ou os nomes de alguns dos capitães, achando eu, por exemplo, na obra de Gaspar Corrêa, que Christovão Rosado ia n'uma «caravela» que se perdeu, e vendo-o collocado pelo outro auctor como capitão da «nau Santa Helena» e havendo outras divergencias.

Eis os nomes de capitães e naus que apresenta, a saber:

O conde da Vidigueira vice-rei na nau Santa Catharina do Monte Sinay, D. Duarte de Menezes na S. Jorge, Pedro Mascarenhas na S. Sebastião, D. Henrique de Menezes na S. Roque, Lopo Vaz de Sampaio na S. João, Antonio da Silveira na S. Miguel, Christovão Rosado na Santa Helena, Affonso Mexia na Piedade, D. Simão de Menezes na S. Jeronymo, e João Rodrigues Castello Branco na Sant'Iago Espadarte.

Diz que eram essas dez naus e quatro caravelas, não podendo referir os nomes d'estas, nomes que eu supponho estarem incluídos nos que transcrevi da obra de Gaspar Corrêa ácerca d'essa armada.

O vice-rei foi tomar com a sua armada a altura da costa da India na proximidade de Dabul, e sem terem avistado terra os portuguezes e com calmaria, no quarto d'alva, tremeu o mar de tal maneira, dando ás naus tamanhas pancadas, que todos cuidavam que eram baixos em que tocavam, amainando as velas e deitando fóra os bateis, com grande espanto e susto, «*sendo tremor que durou quasy hũa hora*», diz Gaspar Corrêa.

¹ Figueiredo Falcão.

Camões tambem o confirma, com a differença que dá ao facto um colorido original e o aprecia poeticamente, dizendo:

«Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem d'ella hão medo os elementos!»

Bonito conceito. Sempre gostei muito d'elle e dos versos que o exprimem.

Leio juntamente n'um auctor¹ que D. Vasco da Gama disse n'essa occasião: «Coragem, meus filhos, as terras da India tremem; é isto um bom agoiro; ella tem medo de nós», no que ha seus laivos de parecença com o outro dito ou vice-versa.

Tendo D. Vasco da Gama posto nos seus logares varios capitães de fortalezas e provido Chaul do que cumpria foi a Goa, em cuja cidade o receberam com grandes festas e as devidas formalidades, caprichando depois em fazer inquirições e ouvir queixas para administrar justiça, e elle mesmo já trazia apontamentos de grandes desmanchos e abusos que havia na India.

Principalmente no negocio das presas ou tomadias achou grandes desvios e irregularidades, mandando apregoar que se pagaria logo a quem se queixasse da falta de distribuição de suas quotas, e egualmente obrigando a que logo as restituíssem os que as haviam subtrahido, ou fosse a pessoas ou ao cofre da fazenda da India.

Providenciou quanto a outras irregularidades ou immediatamente ou á medida que d'ellas ia tendo conhecimento, e era assim que este respeitavel e honrado homem entendia dever praticar, não se dedignando mesmo de descer a minuciosidades aquelle que pelos seus arduos e difficeis

¹ O Anonymo portuguez.

trabalhos, e pelos seus intelligentes serviços soube elevar-se tão alto e tornar-se tão illustre.

Embarcou para Cochim e tocou em Cananor e n'outros portos.

Fez-se n'essa epoca uma sortida de Goa contra fustas inimigas que se acoitavam no rio de Dabul e andavam muito armadas e arrogantes infestando a costa, e os nossos as derrotaram, apresando algumas, e entrando com ellas em Goa em ar de triumpho.

Na ida para Cochim foi D. Vasco da Gama deixando guardas pela costa nos rios de Mangalor e Bacanor, e mandando tambem tomar o rio de Mangyeirão, para a banda do monte Dhely. Pertencia este outr'ora ao grande imperio do Mogor, que ainda era poderoso no tempo das descobertas e conquistas dos lusitanos. Tal imperio ha muito que se desfez e deixou de existir, como se sabe, ficando sobre si ou separadamente os reinos ou estados de que se compunha.

O vice-rei ia praticando aquillo que disse e dispondo outras coisas, com o pensamento de mover bastante guerra por toda a costa da India assim que se expedissem para Lisboa as naus carregadas, ordenando para o dito effeito a construcção de bergantins ligeiros para vela e remos, e não esquecendo conjunctamente de enviar a Ceylão uma das naus a carregar canella, entretanto que as outras carregavam de pimenta, drogas e fazendas, porque pretendia despachar essa armada para Lisboa quanto antes.

Andava n'isto com diligencia e actividade, assim como a fazer-se respeitar de alguns fidalgos desattenciosos e desordeiros, sem exceptuar o precedente governador D. Duarte de Menezes, que ainda não tinha partido para o reino nem tratava de ir comprimentar a elle vice-rei, cuidando só de augmentar e esconder o thesouro de cabedaes que tinha accumulado, principalmente em ricas pedras preciosas, quando o mesmo vice-rei foi atacado de uns tumores mali-

gnos no pescoço e na cabeça, e tumores foram elles que lhe produziram dentro em pouco tempo a morte.

Ha de reparar-se que com o mesmo nome d'esse ex-governador D. Duarte de Menezes vem um por capitão de uma nau da armada de D. Vasco da Gama, segundo o auctor especialista a que tenho alludido, mas não sei dar a razão d'isso, e só presumo que fosse da familia d'aquelle, se não houve engano em tal nome.

Após do fallecimento de Affonso de Albuquerque foi aquella perda de D. Vasco da Gama outro prejuizo bem sensivel para Portugal geralmente, e para os negocios da India em especial.

Os filhos do illustre defuncto, conforme a sua vontade antes manifestada, arrecadaram o espolio de seu pae e partiram na primeira occasião para Portugal.

Eis agora as graves e sentidas palavras de Camões dirigidas a D. Vasco da Gama, com referencia á situação em que esteve antes d'esta sua terceira e ultima ida á India e tambem ácerca do seu fallecimento.

Diz assim Camões :

.....
 «Tambem tu, Gama, em pago do desterro
 Em que estás, e serás inda tornado,
 Co'os titulos de conde, e d'honras nobres,
 Virás mandar a terra que descobres.

Mas aquella fatal necessidade,
 De que ninguem se exime dos humanos,
 Illustrado co'a regia dignidade,
 Te tirará do mundo, e seus enganos :»

Alludi «á situação em que esteve antes» por me parecer deprehender-se d'aquelles dois primeiros versos um afastamento do grande homem, por effeito de enredos palacianos de alguns a quem elle fizesse sombra.

Por uma carta de successão datada de Lisboa em 12 de março de 1524, aberta em seguida ao fallecimento do vice-rei, foi reconhecido e proclamado governador da India D. Henrique de Menezes, que se achava em Goa.

Constou que em Adem, apenas de lá saiu o capitão de armada Heitor da Silveira, que tinha deixado ali um bergantim com o seu capitão e vinte homens, como vimos, foram maltratados esses portuguezes, e que se pretendeu fazer o mesmo á gente de outras embarcações nossas que tocaram n'esse porto.

O ex-governador D. Duarte de Menezes, em vez de ir em direitura a Lisboa, dirigiu-se a Faro no Algarve por acaso ou por estratagemas de que usou, e tendo ali aportado quebraram as ancoras á nau e perdeu-se na costa, causando de tal fórma á nação mais esse damno, e foi depois mandado prender á ordem de el-rei, que estava com a cõrte em Almeirim, e o fez encerrar n'uma prisão do castello de Torres Vedras pelo seu mau procedimento no governo da India.

Bem differente d'esse Menezes outro do mesmo sobrenome ia succeder-lhe, o qual mostrou ser de excellentes qualidades.

REINADO DE D. JOÃO III

D. Henrique de Menezes

7.º governador da India, e o 1.º feito por carta de successão

Anno de 1525

Foi Antonio de Lemos quem levou muito bem fechada e lacrada a carta de successão respectiva a D. Henrique de Menezes, chegando do reino a Goa o mesmo Lemos em 12 de janeiro do dito anno com varios navios e gente. E o novo governador mostrava conformar-se com o pensamento do fallecido vice-rei, «que era destruir ou afugentar da costa da India todos os mouros, e em especial os da costa do Malabar».

O titular feito radical parecerá peta ou successo estranho, ainda que não fosse caso unico, e nem deverá admirar em nenhum, sendo dos principios e da tempera de D. Vasco da Gama. A destruição e expulsão, que hoje seriam crime ou violencia, tinham a sua razão de ser n'essas terras e n'esses tempos anormaes, para acabar com os grandes enredos dos incorregiveis mouros, especialmente dos da costa do Malabar. Não, D. Vasco da Gama, não era excessivo, no mau sentido que alguns querem dar á palavra «radical». Para conservar a paz e a prosperidade é que julgava ser preciso remover a origem do mal e da desordem, e é sabido que ás vezes só os remedios heroicos podem operar a cura do enfermo.

Não me diz Gaspar Corrêa que navios e que capitães acompanharam o capitão mór Antonio de Lemos, mas os nomes d'aquelles devem achar-se adiante entre os de outros capitães que assistiram aos combates em Coulete e em Calecut, de que fallarei, para onde teriam ido nas suas embarcações ou n'outras.

Pensei que sobre isto me esclarecesse o outro auctor alludido,¹ mas tambem nada em separado me diz a tal respeito.

D. Henrique de Menezes apressou-se em arranjar armada miuda, e não tardou que saísse a barra com duas galés, tres galeões, e vinte fustas e catures, levando juntamente tres velas grossas, com os sufficientes homens de armas, e logo junto de Batalalá apresou dezoito paraós de mouros piratas, fugindo os mais, e d'ali foi a Cananor, em cuja cidade deu prova de grande inteireza e independencia, porque offerecendo-se-lhe particularmente uma avultada peita para perdoar ao mouro principal, que aprisionou com os indicados paraós, indignado, regeitou em voz alta e felo-enforçar immediatamente *«como pirata e treydor, que andava com os paraós pola costa roubando e matando»*. E como lhe tivesse constado que tal peita se offereceria, e que o proprio rei de Cananor viria interceder, já antes tinha dito briosamente ao capitão D. Simão de Menezes, seu parente: *«Folgo auer cousa com que mostre a estes mouros que nom são homem que por dinheiro deixe de castigar os roins»*.

É necessario não esquecer, que de taes piratas e assassinos, e não propriamente viajantes e mercadores, havia immensos em embarcações pelas costas e enseadas do mar e pelos rios, e que não mereciam dó nem contemplação alguma, que os podesse alliviar de suas culpas.

Partiu d'ali. De proposito passou de noite pela frente de Calecut, e chegando a Cochim não quiz zumbayas nem

¹ Figueiredo Falcão.

festas, dizendo esse modesto homem de bem «*que era governador emprestado*», alludindo a sel-o por carta preventiva de successão ou substituição, e a que de um para outro momento o podiam dispensar d'essa incumbencia, dando-lhe um successor effectivo. Todavia foi galhardamente mandando concertar bom numero de embarcações para ir destruir na costa os inimigos, e encarregou Heitor da Silveira de dar severa lição aos mouros de um lugar pertencente a Calecut, o que fez incendiando a povoação e as naus, zambucos e paraós, que estavam na sua praia.

O Samorim de Calecut quiz vingar-se sobre os da nossa fortaleza n'essa cidade, porém os portuguezes da guarnição defenderam-se e resistiram como verdadeiros heroes. Sem demora reunindo forças preparou-se D. Henrique de Menezes com armada de quarenta fustas e catures, tres galés, cinco galeotas, e bergantins, e com outras embarcações, e caindo sobre uma armada de catures e paraós de Calecut, que se havia refugiado no rio de Panâne, combatendo fortemente ora no rio ora na terra, para este fim desembarcando a sua gente, venceu os inimigos mouros e malabares que ali se achavam e destruiu-lhes a armada; como semelhantemente praticou em Coulete, principal lugar de Calecut, que offereceu dura resistencia, possuindo já lá muita artilheria, tendo sido assás notaveis esses combates, n'um dos quaes os nossos «*fizerão finezas no assalto de hũa tranqueyra*», n'ella finalmente ficando de vagar o governador a armar cavalleiros.

No feito do combate de Coulete entraram, a saber: João de Mello da Silva com dez catures, e Pedro Mascarenhas com quatro bateis e seis fustas. O governador levava os paraós em que iam João de Mello, Ruy Dias Pereira, Jorge de Menezes, Antonio de Lemos e outros fidalgos e cavalleiros, que não eram capitães. D. Simão de Menezes foi com Fernão Gomes de Lemos, e seu irmão Gomes, como tambem

iam em sua companhia Jeronymo de Sousa, Ayres da Silva, D. Affonso de Menezes, seu irmão D. Pedro, e Ayres da Cunha. E com Pedro Mascarenhas foram os seguintes: Jorge Cabral, Antonio da Silveira, Gomes de Soutomaior, Francisco de Vasconcellos, D. Jorge de Noronha, Diogo da Silva, e Simão de Miranda, quasi todos capitães, os quaes mostraram grande valor n'este feito, e não menos João Pousado, Pedro Jorge, João Leitão, e Martim de Freitas, primeiros dos chegados com um catur na maior força da peleja.

Honra muito a memoria de D. Henrique de Menezes o que a seu respeito diz Camões no poema dos *Lusiadas*, particularmente quanto ao seu bom character, referindo-se ao mesmo tempo á sua decisão e valentia, como melhor se verá abaixo.

.....
 «Outro Menezes logo, cuja idade
 É maior na prudencia que nos annos,
 Governará, e fará o ditoso Henrique
 Que perpetua memoria d'elle fique.

Não vencerá sómente os Malabares,
 Destruindo Panãne com Coulete,
 Commettendo as bombardas, que nos ares
 Se vingam só do peito que as commette;
 Mas com virtudes, certo, singulares,
 Vence os inimigos d'alma todos sete;
 De cobiça triumphá, e incontinencia,
 Que em tal idade é summa d'excellencia.»

Por toda a parte nas costas da India ardia a guerra, e não escapava enseada, rio ou povoação, em que os nossos não penetrassem a combater os contrarios, não ás vezes sem maiores sacrificios de vidas, conforme o que já se tem observado quanto a alguns conflictos, pois se encontravam mouros muito guerreiros e ousados, e tambem por causa de enganos e emboscadas que aos nossos armavam.

Heitor da Silveira, que serviu sempre na Índia com muita distincção, e estando-se ainda no anno de 1525, metteu mantimentos na fortaleza em Calecut, na qual havia de guarnição apenas uns trezentos homens no meio de uma multidão immensa de inimigos, e o governador não se descuidou de mandar de Cochim por um catur mais polvora e bala, o que se conseguiu fazer lá chegar pelo lado da costa. Comtudo como os mouros vissem chegado o inverno, que difficultava e impedia soccorros, foram novamente ameaçando a fortaleza até que a apertaram com assaltos repetidos, mas sem jámais conseguirem tomal-a.

N'esse anno partiu do porto de S. Lucar de Hespanha para as proximidades de Maluco, pelo caminho descoberto por Fernão de Magalhães, uma armada de oito navios d'aquelle nação, capitaneada pelo commendador Garcia de Loaysa, que andaram apartados e se foram perdendo por diversas paragens.

Tambem houve n'essê tempo com os mouros de uma ilha principal das do archipelago de Bandá um ensanguentado e terrivel choque.

Por offensas foram os capitães Martim Affonso de Mello, D. Garcia Henriques, e outros castigar os da ilha de Lotir, d'aquelle archipelago, levando nas embarcações sómente cerca de cem homens de peleja portuguezes, saindo logo no primeiro impeto ferido D. Garcia. O chefe mourisco Laquexemena, valoroso homem, atacou com bastantes embarcações e gente, sendo feridos muitos dos nossos e morrendo o capitão e cavalleiro Manuel de Sousa, que grandes serviços tinha prestado em Malaca, e da mesma fôrma morrendo com elle os bravos Ayres Coelho, Alvaro Botelho, Francisco Ribeiro, João Borges, Pedro de Torres, Ruy Teixeira, e outros, e dos mouros foram feridos e mortos mais de trezentos, sendo obrigados a retirar.

Não tinha havido ainda para aquelle lado, depois do revez occorrido em Calecut no tempo de Affonso de Albuquerque-

que, uma perda tão grande como esta que os portuguezes soffreram, entrando varios homens de nome, posto que maior foi a dos mouros.

O governador continuava a mandar reforços para a costa de Calecut, estimulado pelo procedimento do Samorim contra a gente da fortaleza que ali possuamos.

D. João de Lima, digno capitão da fortaleza, fez uma sortida, matando muitos dos contrarios, mas teve de recolher á fortaleza, com alguma perda.

Os que mais o ajudaram e se distinguiram então foram D. Miguel de Castro, Leonel e Fernão de Lima, Pedro Estacio, Fernão de Mello, Antonio de Sá, João Rodrigues Pereira, Ruy Dias da Silveira, Arthur de Mello, e Mem de Lima.

Este ultimo atravessou e matou «com uma lança de arremesso» um dos caymães, que era o senhor da serra.

Fique pois consignado aqui um tal caso de agilidade e bravura.

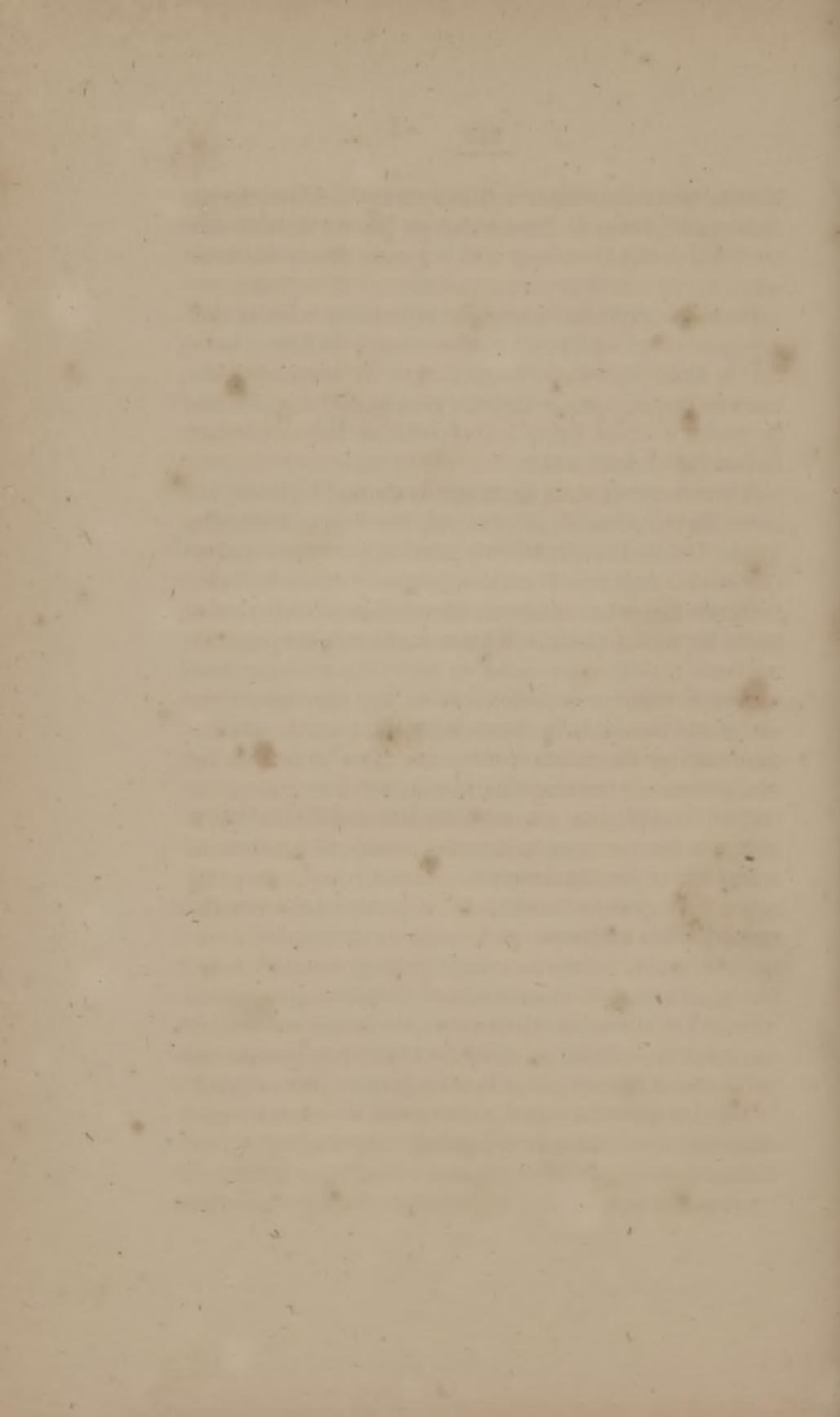
Entretanto que D. João de Lima se preparava dentro da fortaleza para coadjuvar como podesse o governador D. Henrique de Menezes, quando desembarcasse em Calecut, e atacasse a cidade do Samorim, chegou á costa entre outras embarcações de Cananor, uma fusta, com gente de soccorro para a fortaleza, já a tempo de ser quasi impossivel o desembarque pelo motivo da multidão de gente do Samorim que correu á praia. Viu-se então uma scena rara e como sobrenatural. Uns poucos dos nossos saltam, atravessam por entre a immensa chusma inimiga, e alguns conseguem entrar na fortaleza por um postigo da banda do mar. Primeiro era um Nuno Castanho, marinheiro, com uma espada de ambas as mãos, elle sósinho fazendo afastar uns mouros, e contendo outros no seu furioso arremetter, ferindo n'elles, abrindo campo, fazendo façanhas, « *cortando nos mouros que lhe nom podiam fogir...*» (segundo a significativa phrase de Gaspar Corrêa), depois eram os mais da caravela, como afogados entre a chusma dos con-

trarios, querendo romper a todo o transe... N'isto, sáe da fortaleza D. Vasco de Lima a dar auxilio, e consegue voltar á fortaleza, salvando-se a si e a mais alguns dos nosos...

Ponho os seguintes nomes de alguns dos valentes que acompanharam D. Vasco, a saber: Jorge de Lima, Antonio de Mello, Fernão de Lima, Manuel de Mendonça, Antonio de Serpa, Antonio Rebello, Duarte de Faria, Fernão de Mello, e Diogo Pires de Azevedo, sentindo não achar declarados os mais nomes.

Milagrosamente escaparam da caravela Christovão Juzarte, Manuel Alvares (o Escudeiro), Ruy Freire, Diogo das Vistas, Duarte Ferreira, Fernão Corrêa, Antonio Pessanha, Christovão Antunes, Francisco Soares, Fernão Furtado, Francisco Carvalho, Arthur de Castro, Fernão de Barbuda, Pedro Estacio, e Christovão Figueira, dizendo Gaspar Corrêa *«que trabalhou por saber os nomes dos viuos por lembrança de tão famoso feyto d'homens, que nom temerão as mortes tão manifestas a seus olhos; e accrescenta, que depois huns por inveja censuravão, mas outros dizião que tal erro fizessem sempre seus filhos»*,

Christovão Juzarte era capitão da caravela, e foi quem incitou a fazer-se aquella façanha, tendo até questionado antes com o capitão de outra caravela, que se recusou, talvez pela enorme temeridade, a acompanhal-o em tão extraordinaria empresa.



REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Filippe de Castro

Anno de 1525

No mez de setembro d'esse anno chegou do reino a Goa parte de uma armada, e constou a seu respeito o que se segue:

Soube-se que ia por capitão mór Filippe de Castro, sendo os mais capitães Diogo de Mello, D. Lopo de Almeida para capitão de Sofalla, para o que ficou entretanto em Moçambique, e tinha ido na nau de Diogo de Sepulveda, que foi feito capitão, e Antonio de Abreu, e Vicente Gil. E por contraste de tempo não passou Antonio de Abreu, nem o capitão mór, chegando tres naus juntas a Goa, e o capitão mór dirigiu-se depois a Ormuz e varou no cabo Roçalgate, partindo d'ahi n'uma nau que mandou vir afretada de Calayate. As outras tres naus da armada do reino pouco se demoraram em Goa, não dizendo Gaspar Corrêa os seus nomes nem os das primeiras. Carregaram de mantimentos as ditas tres naus e foram na direcção de Calecut, levando em sua conserva fustas e navios maiores com munições e gente.

Antes de proseguir direi o que consta do alludido utro auctor,¹ e é pela maneira seguinte:

¹ Figueiredo Falcão.

D. Filippe de Castro mór na nau Corpo Santo, Diogo de Mello na Santa Maria do Paraiso, D. Lopo de Almeida na Flôr do mar, e Francisco de Anhaya na S. Vicente.

Parece haver differença nos nomes de dois capitães, e falta de outros nomes de capitães e embarcações, não sendo só de quatro naus essa armada, a attentar-se no que diz Gaspar Corrêa.

Juntou-se o governador com mais embarcações e gente àquella armada, e todos foram surgir sobre Calecut já no principio de novembro, apresentando-se mais de cem velas, contando com as que andavam na costa d'essa cidade, de cujas embarcações teve a capitania mór Heitor da Silveira, que em taes trabalhos fez relevantes serviços n'esse inverno.

Pelo seu lado o rebelde Samorim fez amostra da sua gente na praia, passando de quarenta mil homens de peleja, mouros e nayres, fóra trabalhadores, que eram mais de vinte mil, e formavam corpo de gente de armas. Comtudo os nossos navios fizeram-lhes uns tiros, pelo que todos se retiraram á pressa, deixando alguns mortos na praia.

Orçavam por dois mil e quatrocentos os lusitanos de mar e terra, auxiliados por quatro mil e tantos escravos de peleja, mais mil canaris de Goa, e oitocentos malabares de Cochim.

Tratava-se de nada menos do que atacar a cidade do Samorim, e dar a este uma correcção forte pelas repetidas offensas d'elle recebidas ou dos seus protegidos.

O ataque a essa grande cidade effeituou-se no domingo 6 de novembro do referido anno de 1525, começando de madrugada até ás dez horas da manhã, em que os portuguezes entusiasticamente e em altos brados proclamavam victoria.

O governador commovido, e com as lagrimas nos olhos, agradecia aos seus capitães e fidalgos em geral, e em especial ao bravo D. João de Lima, capitão da fortaleza, que durante o combate fez uma vigorosa sortida, e a D. Vasco

de Lima, Christovão Juzarte, Fernão Gomes de Lemos, e Heitor da Silveira, egualmente destemidos.

Como é formoso esse quadro em que o governador D. Henrique de Menezes, ao mesmo tempo corajoso e sensível, tão dignamente figura entre os seus companheiros de armas, n'essa dupla qualidade!

Ficou abatida n'esse dia a arrogancia do Samorim de Calecut. Grande lição lhe tinha dado primeiramente o grão Pacheco nas terras de Cochim, como já se viu, coube porém a D. Henrique de Menezes o castigar-o na sua propria cidade, tirando a desforra dos ataques à nossa fortaleza e do revez que anteriormente haviam soffrido os nossos em Calecut, por causa de um imprudente e fofô sobrinho de Affonso de Albuquerque, segundo deixei explicado n'outro logar.

«*Em tam honrado feyto*», como lhe chama Gaspar Corrêa, entraram mais os seguintes capitães, fidalgos e cavalleiros: D. Simão, D. João e D. Pedro de Menezes, D. Jorge Tello de Menezes, D. Tristão de Noronha, D. Fernão de Monroyo, D. Affonso de Menezes, D. Diogo de Lima, D. Jorge de Castro, Jorge Cabral, Antonio da Silveira, Ruy Vaz Pereira, Diogo de Sepulveda, Francisco Pereira Pestana, Francisco de Vasconcellos, João de Mello da Silva, Sebastião de Sousa, Manuel de Macedo, Antonio de Miranda, Diniz Fernandes de Mello, Jeronymo de Sousa, Ayres da Silva, Simão de Andrade, Nuno Fernandes Freire, Ruy Dias Pereira, João Pereira de Lacerda, Duarte da Fonseca, e Antonio da Silva de Menezes, estes todos capitães e homens antigos na India, e mais os seguintes homens de nome: Antonio de Lemos, Gomes de Soutomaior, Antonio Pessoa, Henrique Ferreira, Ruy Gonçalves de Caminha, João e Galvão Viegas, Christovão de Figueiredo, Antonio Nogueira, João e Antonio Raposo, Diogo da Silva, Antonio de Mello, Alvaro de Castro, Fernão de Rezende, Antonio de Sá, Arthur de Brito, e outros.

O governador e a sua gente passaram a noite «*folgando e tangendo trombetas*». O Samorim mandou pedir paz, que lhe foi concedida.

Resolveu-se minar a fortaleza e fazel-a ir pelos ares, não convindo a sua existencia por causa dos sobresaltos e das excessivas despezas que occasionava, sem a compensação commercial, não se podendo contar com o negocio de fazendas em Calecut nem com reciprocidade alguma, em vista da infidelidade do Samorim. A melhor guarda de Calecut estava n'uma boa armada que andasse na costa, e contivesse os discolos ou os amedrontasse, fazendo presas e prejudicando o commercio dos mouros d'aquella cidade se não viessem a um accordo razoavel.

Pegou o fogo nas minas e foi derribada a fortaleza, havendo-se antes aproveitado d'ella o que pôde levar-se para bordo.

Embarcando os portuguezes, ufanos e gloriosos, saíram d'esse porto, em direcção a Cochim.

Mas com as lidas aggravou-se a fistula de uma ferida antiga que D. Henrique de Menezes tinha n'uma perna. Seguiu com destino áquella cidade de Cochim para se tratar e a fim de expedir as naus carregadas para o reino, porém foi necessario tocar primeiro em Cananor; ahí inchou-lhe muito a perna, e finalmente falleceu em 2 de fevereiro de 1526, tendo apenas quarenta e cinco annos de idade, não legando riquezas e sim um bom nome, como testifica Gaspar Corrêa.

Não pequena perda foi para Portugal a que proveiu da morte prematura de tão prestante varão, e honrado, assisado e corajoso governador.

Abriu-se em Goa com as formalidades do costume a segunda carta de successão, achando-se conter a nomeação de Pedro de Mascarenhas para governador da India, o qual se achava por capitão em Malaca, ficando por todos obedecido sem que duvida houvesse em nenhum dos que assis-

tiram ao indicado acto de abertura, não podendo Mascarenhas vir de lá senão em abril seguinte por motivo da monção; entretanto recebeu-se depois outra carta de successão que se abriu em Cochim, e foi por esta considerado como governador Lopo Vaz de Sampaio, como se vae ver.

REINADO DE D. JOÃO III

Pedro de Mascarenhas, 8.º governador da India

Anno de 1526

Disse já que em logar de Pedro Mascarenhas se achou em outra carta de successão declarado por governador da India Lopo Vaz de Sampaio, este não obstante assignando-se nos alvarás e provisões que passava «*como Governador, na ausencia do muyto magnifico Pero Mascarenhas*».

Estava-se em fevereiro d'aquelle anno de 1526.

Pedro Mascarenhas proveu no entanto as capitánias de algumas fortalezas, desbaratou os mouros no rio de Bacanor, e foi invernar em Ormuz.

Pela terceira vez se tratou de ir a Maçua buscar D. Rodrigo de Lima, nosso embaixador, de volta da já sabida missão ao Preste João da Abyssinia na alta Ethiopia, sendo Heitor da Silveira o encarregado de ir buscal-o «*e que fizesse alguma vesitação a Adem, pola falsa paz que da outra vez lá se assentou coela*», e o mesmo Heitor da Silveira destacou Jorge Cabral com um galeão, uma caravela e quatro fustas, para cruzar e andar a fazer presas.

Aquelle mesmo capitão mór fez no caminho algumas apprehensões, e incendiou varias naus no porto de Adem.

Navegou pelo estreito de Meca; esteve em Maçua no fim

de março, apparecendo ali D. Rodrigo; e em 28 de abril partiu de lá. Com calmarias e depois com um temporal estiveram quasi perdidos e quasi morrendo á sede, até que aportaram a Ormuz, onde estava o governador Pedro Mascarenhas.

O embaixador D. Rodrigo dava circumstanciada informação do Preste João e das suas terras «*encontrando aly muy enobrecido aquele Pero da Covilhã, moço de estribeyra de El Rey Dom João 2.^o, por este mandado no ano de 1484 a Veneza pera ir ás ditas terras do Preste*», etc.

Relatou-lhe Pedro da Covilhã, segundo contava D. Rodrigo, umas estranhezas, como eram feras e aves desconhecidas pelo interior dos sertões afastados; mulhéres robustas governando e trabalhando em logar dos homens, homens e mulheres marinhos que andavam n'um grande rio e saíam a terra, de que foi levado um ao Preste João e viu outro no tempo em que ali estiveram os nossos. «*Tinha o corpo cuberto de coyro muy aspero e rijo, e o cabello grosso e pouquo, e os pés e as mãos largos mays que os de nenhum homem*». O mais certo era serem phocas, se não fossem pescadores selvagens de alguma raça desconhecida e mais imperfeita, que existisse. E aquellas mulheres como amazonas podiam ser effectivamente de alguma tribu mais excentrica e com costumes raros.

E que havia por lá (continúa a estranha narração) «pretos com rabos e sem rabos, e d'estes uns tão comilões e reforçados que um comia por quatro dos outros, e que carregavam tanto como azêmolas». Repetia caso semelhante ao que se disse ter presenciado a gente de Fernão de Magalhães na costa da Patagonia, como já tive occasião de expor, accrescentado ainda com outros exaggeros ou enganos. Quanto aos dos rabos julgo que dessem origem á abusão alguns enfeites exquisitos que pozessem ou algumas peles de animaes com que alguns se cobrissem, com os rabos virados para a parte de traz. O tempo dos gigantes,

das sereias, dos lobishomens, e d'outras extravagancias passou já, convindo descontar da narração de Pedro da Covilhã as abusões ou o que a imaginação lhe tivesse feito exagerar.

Tinha escripto sobre esse caso a que eu agora chamarei dos «rabos postiços» quando li ultimamente, por occasião da guerra dos inglezes com os pretos zulus, a noticia de um missionario inglez ter visto varios guerreiros zulus cobertos de pelles de animaes silvestres, com as caudas pendentes das costas, o que veio confirmar-me n'aquelle meu juizo ácerca de uma coisa semelhantemente usada por outros negros dos sertões da Abyssinia; e eis aqui como ás vezes se transmittem as illusões e os factos se confundem, dizendo-se terem-se observado e visto de tal e tal maneira, e sendo por fim um testemunho vão, infundado, e enganoso.

E se tambem não eram homens marinhos as phocas, a que primeiro se alludiu, são estas na verdade uma muito interessante especie de amphibios, com maneiras doces e graciosas, e com intelligencia notavel. «Nenhum outro mamifero, além do homem (diz um naturalista¹) possui maior massa cerebral.» Noto a belleza dos seus olhos, de uma doçura attrahente. A seu respeito, fabulando os antigos, chamaram tritões aos machos e sereias ás femeas, e d'ahi vem outras coisas que se contam e que são apenas idealidades e puras phantasias.

No poema dos *Lusiadas* Camões até arvora um tritão em corneteiro e estafeta de Neptuno, attribuindo-lhe uma nobre genealogia e graciosamente dizendo o seguinte:

«Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deuses da agua fria,
Que o mar habitam d'uma e d'outra banda;

¹ Luiz Figuiet na sua obra *A terra antes do diluvio*.

Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei, e de Salácia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

Na mão a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande, e canora, foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deuses, etc.»

Da noticia de D. Rodrigo de Lima transcreverei mais as seguintes particularidades:

«O Preste anda sempre pelos campos em tendas, e não se alonga por longes terras; em tendas traz suas igrejas. Ha capitão de assentar as tendas como aposentador mór, que cada um assenta a sua tenda em um lugar ordenado, o que tudo se faz com muita ordem. Quando o Preste anda caminho os sacerdotes levam ás costas todas as pertenças do altar, postas em padiolas aos hombros, e com cada altar vão oito clérigos, quatro diante e quatro detraz, rezando, e deante um com um thuribulo e incenso defumando e incensando, e outro tangendo uma campainha, do que se afasta toda a pessoa, e lhe dão o caminho, estando quedos até que passem com a igreja, e lhe fazem muito acatamento.»

Semelhava-se aos tabernaculos portateis dos primeiros tempos da Christandade.

«Nenhuma pessoa morre por justiça, sómente são queimados vivos os que juram falso; todos os outros crimes pagam com tormentos d'açoites. Quebrar-lhe os olhos a cada um é a maior pena, ou lhe cortam um pé ou uma mão, e se faz dois furtos na igreja o queimam vivo, porque ao primeiro é admoestado e ao segundo executado. E se algum accusa outro, e o faz prender, o accusador em quanto lhe faz a demanda lhe dá de comer, e paga aos

homens que o guardam na prisão, que são quantos homens elle quer; e sendo o preso condemnado então paga todos estes gastos; e se o accusador é condemnado perde o que assim tem gastado com o preso e mais outro tanto que dá ao preso; e se a justiça accusa o preso faz os gastos até se livrar; e não lhe achando culpa, que saia solto e livre, *da bolsa da justiça lhe pagam custas e perdas*; e se sae condemnado outro tanto paga para a bolsa da justiça, e tudo com muita ordem e bom regimento.»

Quem dera isso entre nós!

«Dentro n'este reino (comarcão das terras do Preste) por debaixo de umas serras sae tanta aguá que faz um grande rio, e sae com grande tom que sôa mais de cinco leguas, e é tão grande que por elle poderão navegar navios, o qual rio entra nas terras do Preste e corre todo o reino em roda, e lhe dá uma volta, e sae das terras do Preste e corre contra o grão Cairo. N'este rio se acha muito oiro a logares, que por razão deve ser das proprias terras por onde o acham, que é como areia grossa. D'este rio se aparta um braço antes que entre nas terras do Preste, que dizem que vae ao Manicongo junto da Mina, o qual rio todo se navega em braços que trazem muito oiro. E por as gentes que correm por este rio se afirma que o rei D. João (D. João II) houve noticia das coisas do Preste, que lh'o disseram as gentes do Manicongo, com a qual informação expediu o Pedro da Covilhã e seu parceiro.»

Por não tomar major espaço não ponho aqui mais d'estas noticias.

É curiosissima sobre tudo a noticia do grande rio e d'um seu braço, e contando mais Pedro da Covilhã a D. Rodrigo que ouviu na côrte da Abyssinia *«que el-rey D. João II ouue noticia das cousas do Preste, que lhas disseram as gentes de Manicongo»*; é precisamente isto que mais me quadra e que servirá ao meu intento.

Acho pois ter agora logar a seguinte

Verificação

1.º Conforme Gaspar Corrèa, teve D. João II notícia do Preste João pelo rei de Benim na costa d'Africa.

2.º Conforme os nossos que estiveram com o mesmo Preste, teve-a por gentes de Manicongo, isto é, do rei do Congo na mesma Africa.

3.º Conforme um nosso escriptor contemporaneo¹, teve-a por um embaixador do rei dos negros da costa de Bissau, tambem na Africa.

Por tudo isto prova-se que com effeito alguma coisa soube D. João II ácerca do Preste João por via da costa de Guiné na Africa, embora as differentes maneiras de dar-se a noticia, e talvez que entre Gaspar Corrèa e aquelle nosso escriptor contemporaneo não haja tanta differença como á primeira vista pareça. Talvez por erro do copista, attendendo a ser copia o primeiro livro das *Lendas da India*, segundo já se viu, se dissesse rei de Benim em vez de embaixador do rei de Benim, praticando-se essa omisão, e podia mesmo D. João II ter recebido a noticia em duplicado pelo rei de Benim e pelo embaixador do outro rei ou senhor dos negros da costa de Bissau, ou do que quer que seja, d'elles sabida pela declaração de gentes do Manicongo vindas do interior.

O caso é que evidentemente houve alguma coisa n'este sentido ácerca d'esse curioso episodio historico.

E ainda encontro n'outro auctor² que se teve noticia do Preste João «por uns padres abyxins que haviam passado a Hespanha, bem como por alguns religiosos europeus que fizeram a viagem a Jerusalem, e ainda tambem que pelos pretos jalofos, d'entre os rios de Gambia e Senegal, se soube que muito para o interior existia um poderoso rei,

¹ Pinheiro Chagas.

² O Anonymo portuguez.

o qual nem era mahometano nem idolatra, mas que se parecia com os christãos».

Portanto o negus ou imperador dos abyxins, na alta Ethiopia, era o Preste João, e essa entidade meio profana e meio religiosa existia, aquelle mesmo auctor até allegando para isso com uma carta escripta pelo grão senhor de Rhodes a Carlos VII de França. Cita egualmente uma carta do papa Alexandre III a um rei da India chamado João, tido pelo rei dos abyxins.

Na obra de Gaspar Corrêa diz-se tambem «que o Preste João se correspondia com Roma», como fiz ver logo no principio.

Emfim attribuia-se ás antigas e celebres rainhas africanas Sabá e Candace, ou pelo menos á segunda, a divulgação do christianismo por ali, mesclado de outras crenças. Com esse ultimo nome de Candace houve diversas rainhas na Ethiopia, sendo as mais notaveis uma que se defendeu contra Petronio prefeito do Egypto, fazendo mais tarde a paz com os romanos, e outra que introduziu nos seus estados uma especie de christianismo, ao qual foi convertida por um tal eunucho Judas.

Parece pôr conseguinte haver em tudo o que deixo expellido alguma coisa de real e positivo, que se não deve desprezar.

O grão negus, ou Preste João da Abyssinia, tinha um character ao mesmo tempo regio e sacerdotal, reunindo e concentrando em si a supremacia dos dois poderes civil e religioso; exercia uma especie de theocracia, semelhante ao que succede ainda na Russia(!) e desde tempos remotissimos succedia no Oriente, e designadamente n'aquelle caso em que contei que estava o rei de Cochim, com quem os nossos trataram na costa do Malabar. N'este sentido seria o Preste João um ente mysterioso, e com effeito cuidadosamente velado n'uma camara não mostrava a quem o procurasse senão a ponta de um pé, correspondendo-se

por intermedio de uma qualidade de brahamane, ou seu ministro intimo e adjunto á sua pessoa, como outr'ora se fez com o proprio nosso já declarado embaixador D. Rodrigo de Lima, sem se dispensar esse ceremonial, não obstante a decidida protecção que elle e os mais portuguezes da sua comitiva naturalmente achariam em Pedro da Covilhã, que lá estava enobrecido e estimado!

Por ultimo estará na lembrança de muitos o moderno acontecimento occorrido entre o imperador Theodoro da Abyssinia e os inglezes, por desintelligencias, havendo-lhes aquelle retido preso um embaixador, seguindo-se uma guerra, e para não sobreviver á victoria dos mesmos inglezes fazendo o dito imperador saltar a si proprio os miolos com um tiro de pistola.

Esse Theodoro, chefe de um poder theocratico e absoluto, era ainda um grande potentado resistindo corajosamente aos inglezes; e o distinctivo do seu nome christão vem ainda em apoio da tradição antiga.

Lançando os olhos para os meus apontamentos vejo que tenho de fazer em seguida umas reflexões sobre outro objecto.

Leio n'um folheto de um official da nossa marinha de guerra,¹ com quanto instruido, «que Pedro da Covilhã no regresso deu a preciosa informação de que se podia ir com proveito á descoberta da India pelo caminho do cabo Tormentorio». Realmente fez-me isto scismar; e mal de quem, ante alguns embates ou cahos de duvidas e conjecturas, trepide e vacille, querendo achar tudo harmonico e claro, porque então não poderá dar um passo, não poderá dizer nem fazer nada.

Prosigo no meu proposito de seguir a Gaspar Corrêa nas suas *Lendas*, e o proprio Luiz de Camões affirma que por lá morreram e nunca regressaram os dois aventureiros Pedro da Covilhã e Affonso ou Gonçalo de Paiva (ou

¹ Ribeiro Vianna, *Recordações historico-maritimas*.

de Pavia) que o acompanhou até Meca, e já deixei citados no principio os dois versos de Camões onde isso se assevera, e para cujo respeito chamei a attenção. Sei de um filho que elle mandava annos depois a Portugal, e morreu no caminho, mas do regresso do pai nada sabia, fiquei surprehendido! Pedro da Covilhã foi com o outro a Meca, e d'ahi foi directamente á côrte da Abyssinia, d'onde nunca mais o deixaram sair, nem consta que communicasse depois com nenhum portuguez até á epoca em que mais tarde lá foram ter alguns dos nossos em busca do Preste João.

Diz-se que um de dois judeus mandados por D. João II á India esteve com Pedro da Covilhã na mesma India ou no Cayro (vae-se vendo que já variam as supposições), e trouxe a Portugal umas noticias. Se é a isso que o auctor do folheto se queria referir podia tel-o declarado logo, e ainda accrescento que Gaspar Corrêa conta um factio analogo da intervenção de um judeu, mas é pelo que respeita ao outro explorador Gonçalo de Pavia, que por algum tempo viveu e andou na India e que elle nos diz ter vindo a morrer em Ormuz, «dando n'essa epoca uma carta a um judeu para trazel-a a Lisboa, não tendo antes prestado nenhuma informação, e que só depois da descoberta da India é que o tal judeu veio ter a Portugal».

Veja-se pois como isto podia operar no animo de D. João II para se decidir a fazer descobrir a India.

Os motivos que o decidiriam a isso, se não fossem desgostos, doença, e a sua morte prematura, andando n'uma lucta muito seria com alguns fidalgos, já em parte ficam atraz indicados.

Era a correspondencia secreta que entretinha com emisarios venezianos, a quem pagava estipendio annual, que tinham tracto com commerciantes turcos e egypcios, dos que traficavam em fazendas e outros productos da India;

Eram os trabalhos para a previa descoberta e passagem do Cabo das Tormentas;

Eram as diversas noticias ácerca do Preste João da Abyssinia.

Depois com D. Manuel os motivos que o decidiram :

Eram os papeis deixados por D. João II em cofre reservado ;

Era o conselho que lhe deu o seu particular astrónomo, o sabio judeu Zacuth, influindo-o para tentar a empresa e fazer proseguir nas descobertas ;

Eram as varias noticias, que disse, relativas ao Preste João da Abyssinia ;

Foram enfim o enthusiasmo e a energia que brotaram em el-rei D. Manuel, e que soube communicar a alguns seus escolhidos para se levar a effeito o mais glorioso successo da sua epoca, e mesmo um dos maiores do mundo, pelos grandes interesses de todos os generos com que tocava em larga escala.

Foi isso tudo principalmente, que primeiro impressionaria D. João II, e depois decidiu el-rei D. Manuel a mandar á descoberta a expedição de Vasco da Gama.

Quanto ao bom Zacuth, bello premio lhe deram, vindo a ser uma das victimas da proscricção decretada por motivos de intolerancia religiosa d'aquelle tempo, que o fez fugir d'este paiz, que honrou com a sua sciencia, e ajudou a engrandecer com o seu conselho dado a el-rei, contribuindo assim para aquelle grandioso successo!!

Não duvido porém que o auctor do folheto a que me refiro se fundasse em alguma noticia diversa que visse, pela mesma razão porque de differentes maneiras se contam outros acontecimentos. O ser o Pedro da Covilhã ou o Gonçalo de Pavia que mandasse esclarecimentos pouco importa ; e bem sei que diz tamhem o outro auctor estrangeiro a que me tenho referido,¹ que um dos indicados judeus regressou

¹ Major.

imediatamente com a carta de Pedro da Covilhã, mas não é isso o que me diz Gaspar Corrêa, e por outro lado prova contra o supposto regresso de Pedro da Covilhã.

Trazia D. Rodrigo de Lima uma extensa carta do Preste João para el-rei de Portugal, escripta posteriormente a outra que não pôde dirigir-se a D. Manuel por ter fallecido.

Heitor da Silveira foi ter a Chaul com as presas que fez na costa de Dio, d'onde foi guerrear Cambaya com uma armada de quinze velas.

Lê-se no poema dos *Lusiadas* um bem tecido elogio a esse capitão, a saber:

«E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rôta,
Por Heitor da Silveira, e destroçada;
Por Heitor portuguez, de quem se nota
Que na costa Cambayca, sempre armada,
Será aos guzarates tanto damno
Quanto já foi aos gregos o troyano.»

E o governador Pedro Mascarenhas partiu com a sua gente de armas (uns seiscentos homens) a dar no porto e cidade de Bintão, entrando denodadamente mas com difficuldade pelo sinuoso rio, dentro do qual repetiu os ataques contra os adversarios, e foi elle quem com uns vinte homens, n'uma pequena embarcação, fez decidir a victoria a favor dos lusitanos, n'um lance em que esteve preplexo, derrotando os inimigos e conseguindo subjugar Bintão com manifesta coragem e pericia, reputando-se esse triumpho um dos melhores feitos na India, em que outros capitães subalternos se mostraram esforçados cavalleiros, como foram Alvaro de Brito, Fernão Serrão, Alvaro Ferreira, Leonel de Athayde, João Moreno, Antonio da Silva, Duarte Coelho, Francisco de Vasconcellos, Ayres da Cunha, João Pa-

checo, Simão de Sousa Galvão, João Rodrigues Mousinho, Diogo Soares, e outros.

No primeiro ataque a uma ponte, que foi tomada, morreram mais de vinte dos nossos além dos feridos; n'um segundo ataque contra lanchas do valente chefe mourisco Laquexemena, que foi vencido, morreram onze dos nossos e houve muitos feridos; n'um ataque parcial junto á barra contra gente de socorro do visinho rei de Pam, ao que se destacaram o capitão Francisco de Vasconcellos no seu navio e João Pacheco e Diogo Soares com lanchas, fugiram umas das embarcações d'esse rei, encalharam outras, e tomaram-se-lhe algumas com mantimentos. N'outra investida pelo rio Pedro Mascarenhas acabou de derrotar a gente do rei de Bintão, fugindo este mesmo com muitos dos seus para o interior dos mattos.

Vieram tres mouros principaes de Bintão pedir paz, chegando logo um antigo rei desterrado por aquelle que acabava de fugir, cujo recémvindo rei ficou ali governando e era amigo dos portuguezes.

Antes do segundo ataque ainda tinham sido mortos seis dos nossos n'um abalroamento das lanchas de João Pacheco e Simão de Sousa Galvão com as do inimigo, ficando feridos Simão de Sousa Galvão e todos os mais que iam com elle e com João Pacheco, acudindo ahi em pessoa o governador Pedro Mascarenhas; e d'essa e das outras vezes tiveram os mouros tantos mortos e feridos que não se puderam calcular, como diz Gaspar Corrêa.

Ainda referirei que de uma vez Pedro Mascarenhas, para animar a gente, *«se pôs na dianteyra, pelejando ás lançadas sem adarga»*, sendo ajudado por Ayres da Cunha, Diogo Soares, Duarte Coelho, João Pacheco, Francisco de Vasconcellos, Fernão Serrão, e outros *«que faziam finezas»*, vendo pelejar á sua frente e a descoberto o seu governador!

Em summa diz Gaspar Corrêa... *«que foy hum dos mores feytos da India que se pode contar, que tam poucos portu-*

guezes, com tantos trabalhos e mortos e feridos, vencerão tanta multidão de mouros tam fortes, com tranqueyras, estacadas, artilharia, e eles tam guerreyros, tam usados nas pelejas e vencimentos contra os portuguezes, etc.»

É certo que nunca até então se tinha podido entrar á mão armada em Bintão e haviam soffrido dos de lá alguns dos nossos a morte e algumas affrontas em diversas occasiões, e tudo aquillo se conseguui d'essa vez com sós uns seiscentos homens de armas portuguezes!

Apesar dos damnos que ambiciosos conluiados causaram a Pedro Mascarenhas sempre este manteve o seu bom credito, e foi um dos grandes homens do seu tempo.

Camões acabando de se referir no poema dos *Lusiadas* ao antecessor D. Henrique de Menezes, dirige-se a Pedro Mascarenhas encarecendo aquelle seu feito, e não desmentindo do que do mesmo Mascarenhas já fica dito. Vejamos:

«Mas depois que as estrellas o chamarem
Succederás, oh forte Mascarenhas;
E, se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos damnos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'um só dia as injurias de mil annos
Vingarás, co'o valor de illustres peitos;
Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, setas,
Tudo fico que rompas e submettas.

Mas na India cobiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deus e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto;

Quem faz injura vil, e sem razão,
Com a força e poder em que está posto,
Não vence, que a victoria verdadeira
É saber ter justiça nua e inteira.»

Cá para mim é esta uma tirada das mais bellas, mais natúraes, e sobre tudo mais justas de Camões, no seu poema dos *Lusiadas*. Sensibilisa e ao mesmo tempo levanta o animo! O que produz tal effeito não póde deixar de ser sublime.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1526

N'esse anno partiram do reino para a India cinco naus sem capitão mór, de que Gaspar Corrêa não nos diz os nomes, levando cada uma o seu capitão, a saber: as naus de Francisco de Anhaya, Tristão Vaz da Veiga, e Vicente Gil armador, passaram á India; a de Antonio de Abreu, este para capitão de Malaca, não passou e invernou em Moçambique, e a de Antonio de Sousa Galvão foi por fóra da ilha de S. Lourenço, e entre ella e as de Maldiva, e tinha chegado mais tarde á India. As tres primeiras foram de Goa para Cochim depois de vendidas as fazendas que trouxeram de Portugal, ou de as trocarem por outras e por drogas e especiarias.

O outro auctor alludido¹ refere-nos os nomes das naus que Gaspar Corrêa não pôde dizer, mas ha differença no nome de um dos capitães, e vem a ser pelo modo seguinte:

Francisco de Anhaya mór na nau Victoria, Tristão Vaz da Veiga na Santa Maria da Rosa, Duarte Tristão na S. Miguel, Antonio de Abreu na Conceição, e Antonio Galvão na Santa Maria do Espinheiro.

¹ Figueiredo Falcão.

Arvora Francisco de Anhaya em capitão mór, dizendo-nos Gaspar Gorrêa que a armada foi de capitães sem capitão mór.

Continuava a triste celebridade de disputarem a um tempo dois governadores da India, Pedro Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio, a posse do logar!

Carregadas as naus de viagem e expedidas para o reino voltou de Malaca Pedro Mascarenhas, já no anno de 1527.

Convém deixar aqui notado, que antes de chegar a Goa esse governador *«andava Lopo Vaz muy tímido do grande aluroço do pouo, que abertamente dizia: Já vem o governador, e nom governará mays Lopo Vaz; e assy lho dizião de noyte ao pé da jenella da sua camera, mas ele tudo ya dessymulando»*, etc.

Vê-se por isso que era ali pouco sympathico Lopo Vaz de Sampaio, ou que o povo estava irritado pela opposição que elle fazia a Pedro Mascarenhas, que ou tinha mais direito ou mais sympathias.

Nesse tempo saiu de Sevilha um Sebastião Gabato, capitão de dois navios e uma caravela, para ir arrecadar a Maluco as fazendas dos castelhanos da armada do fallecido Fernão de Magalhães, de cujos navios do tal Gabato nunca mais se soube nem que fim tiveram.

Progredindo a grande intriga, que teve origem em papéis forjados em Lisboa, e enviados para Cochim, alimentada pela má vontade de Affonso Mexia, vedor da fazenda da India, contra Pedro Mascarenhas, e pela ambição de Lopo Vaz de Sampaio, de conformidade com aquelle, e ambos mancommunados para o mesmo effeito, impediram o desembarque de Pedro Mascarenhas, chegado de Malaca, ousaram prendel-o a bordo, pondo-o brutalmente a ferros, e fizeram-n'ò conduzir assim para Cananor!!!

Temos d'elle este bom dito proferido então: *«Eu fuy o Moysés que estaua com Deos tomando a ley no serviço de Bintão; e por que tardey fizestes bezerro que adorastes, e lhe*

chamaes governador», paraphraseando as palavras da escriptura sagrada. E mettido na galeota que havia de o levar preso para a fortaleza de Cananor. . . «nom quiz mais que hum só moço que o servisse, com hum barril d'agoa, e conserua».

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Manuel de Lacerda

Anno de 1527

A 6 de setembro d'esse anno chegaram á barra de Goa, de viagem de Portugal, duas naus com a noticia de que ia Manuel de Lacerda por capitão mór de uma armada de cinco naus, de que eram capitães Aleixo de Abreu, Balthasar da Silva, Gaspar de Paiva, e Christovão de Mendonça, este para capitão de Ormuz, na ausencia de Diogo de Mello, capitaneando uma das naus o dito Lacerda. Na capitanea, a nau Conceição, ia pois servindo de commandante o capitão mór; era capitão da nau Sebastiana o primeiro dos outros, da Flôr do mar o segundo, da S. Roque o terceiro, e da Sant'Iago o quarto. As duas primeiras naus chegadas eram as de Balthasar da Silva e Gaspar de Paiva, e só em outubro chegou a de Christovão de Mendonça. Apartaram-se e perderam-se a de Manuel de Lacerda na ponta da ilha de S. Lourenço, e a de Aleixo de Abreu n'outro sitio da costa d'essa grande ilha.

Cotejando com o que diz o outro alludido auctor¹ acha-se mencionar este a mais um navio, e variar nos nomes de dois

¹ Figueiredo Falcão.

dos capitães e nos de duas embarcações. Também diz que ignorava quem fosse o capitão mór da armada. Comtudo foi começando pelo nome d'elle, tudo pela fórma seguinte:

Manuel de Lacerda na nau Santo Antonio, Aleixo de Abreu na S. Sebastião, Gaspar de Paiva na S. Roque, Ayres da Cunha na Sant'Iago, Balthasar da Silva na Flôr do mar, e Pedro Vaz o Roxo no navio Santo Ildefonso.

Succedeu n'essa epoca abusar o capitão de Maluco, D. Garcia Henriques, quebrando injustamente a paz com o rei de Tidore, e com a muita guerra fazendo-lhe grande destruição na cidade.

Manuel Falcão, capitão mór de certos juncos de mercadores, em que ia um Fernão Baldaya com fazendas para negocio, parte para lá com tenção de soccorrer a fortaleza, se para ali fossem duas naus hespanholas com que se encontrou no caminho.

Decorrida varia contestação para se saber qual dos dois Pedro Mascarenhas ou Lopo Vaz de Sampaio havia de ficar perfeito governador da India, foi por decisão de juizes designados na mesma India desempatado a favor do segundo, por maioria de votos, porque também alguns teve a seu favor Pedro Mascarenhas, o qual partiu depois para Portugal, onde ia appellar da iniqua decisão ou sentença, vindo a obter dos competentes juizes em Lisboa sentença de que aquella tinha sido mal dada «e condemnando Lopo Vaz de Sampaio em vinte mil cruzados, que pagasse a Pedro Mascarenhas de seus ordenados e precalços».

Parece fóra de duvida, segundo o que li na obra de Gaspar Corrêa, que o vedor Affonso Mexia abusou quando abriu em Cochim a carta de successão que nomeava Lopo Vaz de Sampaio, ao tempo em que por outra já estava declarado governador Pedro Mascarenhas. Mais tarde foi castigado Affonso Mexia, e Lopo Vaz de Sampaio também veiu a passar trabalhos.

REINADO DE D. JOÃO III

Lopo Vaz de Sampaio, 9.º governador da Índia

Anno de 1528

Por decisão de juizes na Índia, bem ou mal tomada, mas emfim válida na occasião em que se tomou, foi considerado como governador d'ella Lopo Vaz de Sampaio, por isso aqui o designo, porém não como 8.º governador, marcando-o como 9.º, conforme fez Gaspar Corrêa, embora qualquer opinião contraria, por entender que verdadeiro governador foi antes d'elle Pedro Mascarenhas pelos diversos e importantes actos que exerceu como tal, pela qualidade da nomeação que teve, pela prioridade d'essa mesma nomeação, pela adhesão unanime dos capitães, fidalgos e mais pessoas, em cuja presença se abriu e leu a respectiva carta de successão, e até pelo reconhecimento, testemunho, ou declaração publica do seu oppositor Lopo Vaz de Sampaio de todo o tempo em que se assignou «como governador, na ausencia d'aquelle» e por isso tambem distingui por governador Pedro Mascarenhas, e o colloquei antes sob num. 8.º

O governador Lopo Vaz de Sampaio tinha saído de Cochim com armada de navios grandes e muita fustalha e capturas, e sabendo que estava no rio de Bacanor grande quantidade de paraós armados, cheios de mantimentos para

Calecut, e não obstante achar-se dentro fortificada a povoação pelos mahometanos e uns auxiliares indios, entrou, destruiu a povoação e queimou os paraós, menos onze novos que trouxe, com muita artilheria grossa e miuda que tomou, em cuja peleja «fez finezas» Heitor da Silveira, que era reputado cabeça dos cavalleiros da India, distinguindo-se juntamente Antonio da Silveira, Vasco, e Henrique d'Eça, Manuel de Macedo, Christovão de Sousa, Manuel de Brito, Simão, e Diniz de Mello, Diogo de Mesquita, D. Jorge de Castro, Fernão Rodrigues Barba, Payo Rodrigues, Antonio de Lemos, João Pereira de Lacerda, Gaspar da Silva, Manuel de Castro, Ruy Vaz Pereira, D. Pedro de Souza, e seu irmão D. Jeronymo, Antonio de Miranda, e outros.

Dos portuguezes foram mortos dezeseis homens, e d'outra gente que os acompanhava mais de vinte homens, sendo de uns e outros muitos os feridos.

A tal respeito, e por confrontação, devo transcrever para aqui a seguinte oitava do poema dos *Lusiadas*:

«Mas, comtudo, não nego que Sampaio
Será no esforço illustre e assignalado,
Mostrando-se no mar um fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido d'elle venha
Cutiale, com quanta armada tenha.»

Já n'outro lugar fallei d'esse Cutiale, bravo chefe musulmano, bem conhecido dos nossos como tal.

No anterior anno de 1527 (e é bom que não deixe em esquecimento esse antigo proceder dos francezes para conosco) tres naus de França navegaram para a nossa India, pretendendo intrometter-se n'aquillo que lhes não competia. Uma d'essas naus perdeu-se em Dio e os que restaram da tripulação viram-se obrigados a entregarem-se aos mou-

ros, outra foi ter á ilha de Sumatra, perdendo-se e morrendo os tripulantes; e a outra escapando a uma tempestade, ao abrigo da ilha de S. Lourenço, pôde voltar para França.

Das desavenças que tiveram em Maluco D. Garcia Henriques e D. Jorge de Menezes tinha resultado revolta n'essa terra, desordem esta principalmente devida ao mau comportamento do primeiro d'aquelles capitães, o que mallogrou o trato com Borneu em que se cuidava, como em melhor situação para com Malaca do que Bandá, sendo o primeiro dos ditos capitães o mais culpado, como disse, pelas violencias que praticou em algumas das ilhas Molucas. Por outro lado naufragando Martim Affonso de Mello, que ia á ilha de Sunda, andou pela costa de Arracão, e uns pescadores o conduziram ao rio de Chatigão e á terra de Chucarriá, dependente do rei de Bengala, onde foi bem tratado, mas não se lhe permittiu retirar-se, saindo de lá só passado tempo.

Houve no anno de 1528 um lastimoso desastre em Achem, sendo que os mouros d'essa terra mataram Simão de Sousa Galvão, e seus irmãos Jorge, Manuel e Ruy, e juntamente Jorge de Abreu, Manuel de Sousa Tavares, D. Antonio de Castro, e Antonio Caldeira, e captivaram outros, que todos estavam n'uma fusta que ali foi ter. Todos os apontados eram homens de bom nome e de grande prestimo, o que mais devia ter feito sentir a sua perda.

O governador castiga e apazigua a inquieta Dabul. Heitor do Silveira ataca e arruina Surrate, Reynel, e Baçaim, por offensas feitas pelos mouros.

Por outra parte o governador investe com a gente de uns paraós de Calecut e assalta Porcá. N'essa occasião um homem dos nossos acha lá uma panella cheia de joias da mulher do Arel d'esse logar, que era o senhor da terra, joias que valiam mais de trinta mil cruzados e as vendeu ás escondidas (nos diz Gaspar Corrêa) por muito menos.

Eis ahí um bom negocio, está claro, para quem comprou, e tambem para quem vendeu as joias, visto o que lhe teriam custado.

N'aquelles assaltos andaram com o governador os capitães de caravelas Antonio de Miranda, João de Mello da Silva, Antonio de Lemos, e Francisco Mendes, e outros em diversas embarcações miudas.

Andando o capitão Lopo de Vasconcellos de foz em fóra do rio de Cochim encontrou uma nau capitaneada por Antonio de Saldanha, o qual disse ter partido do reino Nuno da Cunha para governador da India com grande armada, e que vinha adiante em um navio Diogo Botelho com a incumbencia de correr do Cabo da Boa Esperança para dentro, para a banda da ilha de S. Lourenço, e d'ahi por todas as mais partes que lhe parecesse, em busca de alguma noticia de D. Luiz de Menezes e das duas naus desaparecidas da armada de Manuel de Lacerda.

Todavia sabia-se já na India que essas duas ultimas naus se perderam na ilha de S. Lourenço, como em seu logar contei; e quanto á sorte de D. Luiz de Menezes, cuja nau se suppunha ter naufragado ou ido a pique em consequencia de alguma tormenta, veio a constar por um estrangeiro que já de volta para Lisboa um corsario francez a tomou, roubou e incendiou, morrendo Menezes e toda a mais desgraçada gente que ia no seu navio.

Entre as cartas de el-rei de Portugal recebidas na India n'esse tempo vinha uma para o governador Lopo Vaz de Sampaio, que simplesmente dizia no sobrescripto «Capitão de Cochim».

Ainda então confusão e mysterio n'este infeliz negocio da contenda entre Pedro Mascarenhas e Lopo Vaz de Sampaio!

O novo governador Nuno da Cunha ia-se demorando e não apparecia.

Lopo Vaz de Sampaio, apesar de saber que o seu suc-

cessor trazia apurada a vontade para logo que chegasse ir ou mandar combater Cambaya, por causa da antiga questão de fazer-se fortaleza em Dio, foi indo primeiro para lá, já em janeiro de 1529, estando por esta fôrma em risco de ter outro conflicto, quando se achava em vespéras de regressar a Portugal.

João de Avelar distinguiu-se por então protegendo com os homens de armas das suas embarcações, em que levava «*espingardeyros escolhidos*», os habitantes de Chaul, e fazendo destruição nos seus inimigos de Cambaya, por haver guerra entre essas duas cidades.

N'essa occasião Heitor da Silveira, com a coragem e habilidade de que sempre tinha dado provas, caiu tambem sobre uma frota inimiga, batendo-a e ficando victorioso, do que se foi dar parte n'uma fusta ao governador, por ter sido grande a victoria.

Os portuguezes que iam na dita fusta paramentaram-se (que maganões!) com touças e cabayas de seda mouriscas que acharam no despojo, e levavam traçados e côfos que igualmente acharam, fingindo de mouros n'essa especie de parodia ou farça maritima.

O capitão mór Heitor da Silveira atacou com vinte e seis velas, fustas e catures, levando a bordo quatrocentos homens «honrada gente» como diz Gaspar Corrêa, em que se comprehendiam varios fidalgos e cavalleiros, a saber: D. Francisco de Castro, D. Heitor de Mello, Payo Rodrigues de Araujo, Manuel Rodrigues Coutinho, Fernão Caldeira, Antonio Corrêa, Francisco de Barros, Luiz de Paiva, Duarte Diniz, João de Mello, seu irmão Garcia, Fernão de Faria, Antonio de Barbuda, João, e Diogo da Silveira, Nuno Pereira, D. Affonso, e D. Pedro de Menezes, todos esses capitães, e Henrique de Vasconcellos, Manuel de Macedo, Gabriel de Brito, Fernão Rodrigues Barba, Garcia de Brito, Pedro de Mesquita, e Gomes de Azevedo.

Heitor da Silveira recolheu a Goa com as embarcações

apresadas, que eram em numero de trinta e sete velas, da frota inimiga, e agradeceu-lhe isso muito o governador.

Lopo Vaz de Sampaio (justo é dizel-o) cuidou em obras de concertos de fortalezas, e outras, e em importantes construções navaes, assim como concorreu para bons feitos de armas, elle mesmo sendo valoroso; pena foi a desavença contumaz e publica, injusta e irritante, que teve com o honrado e brioso e não menos valente Pedro Mascarenhas, e o mais que diz a *Lenda*, a que ainda terei de me reportar.

No mesmo anno de 1529 castigou elle rigorosamente alguns desertores portuguezes que lhe trouxeram presos, havendo primeiramente uma briga, em que se distinguiu o leal e bravo cavalleiro Fernão Barba á frente de cem «espingardeiros», com que atacou os desertores e outros que com elles estavam sob o commando de um capitão do Hydalcão, n'um castello, na margem de um rio, nas terras fóra de Goa.

Felizmente eram poucos os casos de deserção dos nossos antigos portuguezes na India.

Ainda n'esse anno succederam os seguintes desastres e traição em prejuizo dos lusitanos, pois que não eram sempre venturas e facilidades, como em tudo e em toda a parte acontece.

Na terra denominada Argão na costa de Chaul os mouros mataram alguns dos nossos em accesa peleja, obrigando os portuguezes a retirar, já perseguidos de muitos adversarios; e quem mais heroicamente os poderam suster, indo de retirada, foram os bons cavalleiros Fernão de Moraes, Galvão Viegas e Pedro BARRIGA, á frente dos seus companheiros, de quando em quando virando-se para atacarem e conterem aquelles seus inimigos.

Em Achem o seu rei ajudado por Saná-rajah, arma traição a Garcia de Sá, capitão de Malaca, para lhe tomar a fortaleza. Esse malvado rei de Achem, sabendo que Garcia

de Sá lhe enviava Manuel Pacheco com boa gentê n'um galeão a tratar de paz, fingiu que o mandava cumprimentar e festejar á entrada por varias fustas que o esperavam, e subitamente cercado o galeão pelos inimigos e entrando dentro d'elle de chusma mataram uns dos portuguezes e captivaram os mais, levando-os atados á presença do rei «*que os mandou esmagar a todos por alifantes*», fazendo metter no fundo o galeão.

Descoberta a connivencia de Saná, rico mouro que estava em Malaca, o qual se correspondia com aquelle barbaro rei, mandou o capitão Garcia de Sá precipital-o do cimo da torre da fortaleza.

Foi duro, mas o motivo foi forte.

Eu quizera ter visto no que li que se havia mandado castigar severamente o feroz rei de Achem, mas tal não vi, ou porque não pôde ser, ou porque n'essa occasião as atenções se distraissem para outro lado; e na verdade, poucos como eram em proporção os lusitanos, viam-se naturalmente em embarços para ás vezes acudirem ao mesmo tempo a muitas e variadas necessidades e urgencias dos diversos serviços.

REINADO DE D. JOÃO III

Nuno da Cunha, 10.º governador da India

Anno de 1528

Nuno da Cunha não pôde sair de Lisboa com a sua armada senão em abril d'aquelle anno, acompanhando-o seu irmão Simão para capitão do mar da India, seu irmão Pedro para capitão de Goa, D. Fernão de Lima para capitão de tres viagens entre Batalalá e Ormuz, todos nas suas naus, como tambem D. Fernão d'Eça, Francisco de Mendonça, e Pedro Vaz Azambujo n'um navio, João de Freitas n'uma naveta mais pequena, e Luiz Doria n'uma caravela.

Gaspar Corrêa não diz os nomes das embarcações d'essa armada.

Simão da Cunha abalroando com a naveta de João de Freitas metten-a no fundo, de que se salvou pouca gente.

A nau de Antonio de Saldanha, por onde isto se soube, a principio andando mal, melhorou de andamento com a mudança e nova arrumação da carga, e foi por esta fórma que chegou mais cedo á India.

Não sei dar explicação do que observo, cotejando n'esta parte o que dizem os dois auctores Gaspar Corrêa e o ou-

tro alludido.¹ D'esse exame resulta que em nomes de capitães só combina o do governador e capitão mór Nuno da Cunha (a quem o outro auctor alludido chama vice-rei), e ainda assim nomeando esse e mais quatro, e dizendo que a armada era de onze naus, vem a faltar pelo menos a menção de seis nomes de capitães. O que me admira mais é serem os nomes de todos os capitães de que trata (menos só o de Nuno da Cunha) diferentes dos que menciona Gaspar Corrêa, trazendo este referidos mais nomes do que o outro auctor. Emfim, só o que posso agora fazer é pôr o que n'esse outro auctor achei, e que é o seguinte :

Nuno da Cunha mór na Santa Maria d'Ajuda, Garcia de Sá na Santa Maria da Victoria, Diogo Pereira Botelho no navio Santa Maria da Luz, Vicente Gil na nau S. Miguel e Manuel de Macedo no navio Espirito Santo.

Nada mais deficiente e duvidoso do que isto. . . Eu direi no fim de todo o exame relativo ás armadas expedidas para a India o que penso ácerca das tantas contradicções e das não menos omissões que se encontram, isto é, quanto ás faltas nos livros da casa da India e ás mais divergencias entre esses e o que dizem algumas chronicas, no que respeita a este assumpto. Desde já imagino ter formado um juizo plausivel, que apresentarei no fim, como disse.

A melhor declaração do alludido auctor, na anterior exposição, foi dizer os nomes das embarcações.

O governador soffreu repetidas tormentas na viagem, por não ter saído do reino em boa monção, demorando-se a sua saída, e como prenuncio de outras contrariedades, que lhe haviam de acontecer. A sua integridade e mais distinctos merecimentos deviam attrair-lhe rivalidades e indisposições pessoases, que nunca faltam em semelhantes circumstancias. Os navios da sua armada desgarraram-se. A nau d'elle perdeu-se na ilha de Madagascar ou de S. Lourenço, voltando

¹ Figueiredo Falcão.

arribado para Zanzibar em a nau de um de seus irmãos, e foi então a Mombaça, accossando de passagem os mouros d'essa terra. Depois encaminhou-se para Melinde e foi invernar a Ormuz.

Christovão de Mendonça, que estava por capitão da fortaleza d'essa ultima cidade «*quiz mandar dizer por terra noua a el-rey de Portugal, que Nuno da Cunha era chegado á India*».

Que iniciativa e fervor para estas coisas (não me cançarei de o dizer), tinham muitos d'aquelles nossos antigos emprehendedores!

Encarregou d'aquillo o resoluto e intelligente Antonio Tenreiro, o qual foi a Baçorá e pelo rio acima quarenta dias «cujo rio se dizia ser o Euphrates», indo a um lugar em que estava uma cafila que havia de atravessar o deserto. Deu-lhe o Xequé, a muitos rogos, um piloto ou guia, espantado o mesmo Xequé de que só com outro homem elle quizesse ir por ali, e foram em dromedarios. Caminharam vinte e dois dias, e por isto vejo que o Tenreiro não quiz ir com a cafila que estava para partir á sua chegada, e lá teria os seus motivos, indo depois n'uma cafila para Alepo, d'ahi foi n'outra para Tripoli, depois passou á ilha de Chypre, d'ahi á Italia, e d'esta a Portugal, no que gastou só tres mezes.

Eis ahi a summula de um itinerario curioso e bem extraordinario, attenta a epoca em que se realisou tal viagem, existindo impressa uma noticia d'essa interessante viagem.

Ha diversos itinerarios publicados, e ainda ha pouco se reimprimiu um da India por terra até á ilha de Chypre, composto por frei Gaspar de S. Bernardino.

Em 1879 caiu essa ilha em poder dos inglezes, a titulo de a ceder temporariamente a Turquia, a occupação da qual ilha por forças britannicas se disse ser necessaria, como medida estrategica, para conter uma certa ambição da Russia.

Fosse como fosse, o certo é que a mesma ilha continúia em poder dos inglezes.

Estando Nuno da Cunha em Ormuz chegou de Portugal Manuel de Macedo, mandado por el-rei em incumbencia especial para prender o poderoso mouro Rexarafa, regedor de Ormuz, de maneira que não causasse sobresalto, levando-o ao reino «*pera auer conhecimento dos roubos do governador da India Dom Duarte de Menezes*», como effectivamente o levou e chegou a Lisboa.

Esta passagem das *Lendas da India* de Gaspar Corrêa mostra que havia alguma connivencia entre aquelle governador e o dito regedor mouro, entendendo-se com este sobre illicitos proventos; e ainda o peor é que o mesmo mouro foi sanguinario e occulto inimigo dos lusitanos, attribuindo-se á sua influencia algumas desordens e desgraças occorridas em Ormuz, e isto faz parecer mais odiosa tal connivencia.

Foi Simão da Cunha a Barem para apaziguar uma revolta que ali tinha rebentado contra o rei de Ormuz, o que esse irmão do governador conseguiu sem empregar a força, mas infelizmente as doenças da terra produziram-lhe a morte, o mesmo succedendo á maior parte dos seus compañeros.

É a essa ilha do golfo persico, ou mais propriamente ás aguas que a cercam, que se refere Camões no seguinte verso do seu poema:

«Das perlas de Barem tributo rico.»

Sirva isto aqui de simples recordação, já que não consta que para nós ainda por alli se pesquem perolas.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Diogo da Silveira

Anno de 1529

Em outubro d'esse anno chegaram a Goa as naus de viagem do reino, a saber: a nau capitanea Salvador do capitão mór Diogo da Silveira, a Flôr do mar de Ruy Gomes da Grã, a S. Roque de Ruy Mendes de Mesquita, e a Conceição de Antonio Moniz, o qual falleceu no caminho, cujas naus foram logo para Cochim a fim de receberem carga juntamente com outras.

N'isto decididamente se avantaja a declaração de Gaspar Corrêa, e nada tão deficiente como o que traz o outro alludido auctor,¹ não obstante passar por ser bom o seu livro, e é que o é, e poder supprir muito d'ó que teriam ou deixariam de ter os perdidos livros da casa da India d'aquelles tempos.

Vou pôr textualmente o que aquelle diz:

«O ano de myl quinhentos vinte e nove não ha livro na casa da India por onde se alcance quem foy por capitão mór, e que náos leuou.»

«Ruy Mendez de Mesquita. Na náo São Roque. Veyo no ano de 1530.»

¹ Figueiredo Falcão.

«Só esta não se acha das que forão no ano de 1529.»

E mais nada.

Nuno da Cunha fez as convenientes nomeações ou distribuições de pessoal, estando na intenção de ir cedo guerrear Dio com todo o maior poder de que podesse dispor, pois se affirmava que trazia isso muito recommendado por el-rei, posto que em nome do mesmo se lhe coarctasse n'um regimento aquella faculdade, como veiu a conhecer-se; significativa e estranha contradicção! E d'estas irregularidades ha mais do que geralmente se pensa.

No entanto mandou Antonio da Silveira com uma armada de cincoenta velas a guerrear pela costa de Cambaya, de cuja cidade era Dio dependencia, e apartou mais dez velas, com os seus competentes capitães e gente, para ir cruzar no estreito de Meca e fazer presas.

O ex-governador Lopo Vaz de Sampaio, ao ir a bordo para comprimentar Nuno da Cunha, que andava visitando os navios, foi por este mandado prender e conduzir para a nau castello. Em terra deu ordem para se inventariar toda a fazenda de Lopo Vaz de Sampaio, recolhendo-se e mandando-se para Cochim a entregar na feitoria, tudo á ordem de el-rei de Portugal.

N'essa occasião mandou-se preso para o reino um João Soyro a fim de se apresentar ao juiz da casa da India, abrindo-se devassa não só contra elle como contra Lopo Vaz de Sampaio, e o governador determinou ao secretario que lhe apresentasse escripta e feita a communicacão de tudo para Lisboa.

Queixava-se amargamente Lopo Vaz de Sampaio, dissimulando os abusos e as violencias que se lhe imputavam, e como que não se recordando dos successivos e desattendidos queixumes do ex-governador Pedro Mascarenhas, sua immerecida victima! Comtudo direi, de accordo n'esta parte com a citada *Noticia preliminar* do fallecido meu amigo Felner, que foi indecente e escandaloso o procedimento que

se teve com Lopo Vaz de Sampaio em Lisboa, deixando-o a auctoridade publica apupar e enxovalhar pela população ao atravessar o Terreiro do Paço montado n'uma azemola, sem attenção á sua edade, ao alto cargo que vinha de exercer, aos varios serviços que tinha prestado, e finalmente, e sobre tudo, á protecção individual que n'essa occasião devia dar-se-lhe e a que tinha direito; porém, assim como reconheço isto, tambem digo que elle não foi bom, e que algum castigo merecia, e n'este particular é que penso de modo differente do que se diz na mencionada *Noticia preliminar*.

Sinto dizel-o por mais de um motivo, e antes queria poder louvar este e alguns outros desembaraçadamente, e sem a menor restricção. Discorro e escrevo conforme posso e entendo, só por impulso meu e propria responsabilidade, e pela minha parte antes eu erre involuntariamente alguma vez do que me mostre parcial e adulator.

Não havendo carregação para todas as naus tratou Nuno da Cunha de expedir para o reino as que se poderam carregar.

Quatro das naus que sobejaram foram a Batalá buscar mantimentos e outros objectos no valor de mais de duzentos mil cruzados, e depois de saidas tres nunca mais appareceram, e a outra com difficuldade chegou a Ormuz. Das primeiras tres só appareceu um mastro no rio de Damão. Com esse mysterioso naufragio ou sumisso das tres naus, que a achada do mastro não é prova cabal porque podiam tel-o levado para lá, foi grande a perda e desapareceram de uma vez mais de quatrocentas pessoas!

Eu hei de manifestar as minhas suspeitas ácerca de uns inimigos pertencentes a uma seita a mais perfida e detestavel da India, e que n'ella manobravam por ardis e a occultas, de que fallarei mais adiante, e que tambem pela sua parte bastante mal fariam aos lusitanos disfarçadamente.

Houve um combate encarniçado e sangrento na costa de Cochim com paraós do chefe mouro Patemarcar, dado pe-

los nossos do commando do capitão Antonio Cardoso. É certo que por fim retiraram os inimigos com muitos mortos e feridos e perda de varias embarcações, mas tambem da armada dos portuguezes poucos deixaram de ser mortos ou feridos, tal foi a resistencia que oppuzeram, entrando os nossos no rio de Cochim como derrotados com quanto não vencidos, e o proprio Cardoso, verdadeiro heroe n'esse dia, vindo ferido de tres frechadas!

É muito notavel o procedimento d'esse capitão, pouco fallado, cujo nome não obstante merece figurar entre os dos mais briosos e esforçados lusitanos que n'aquelles tempos se assignalaram e distinguiram nas guerras do Oriente.

Lopo Vaz de Sampaio preso «e com boa guarda», como diz Gaspar Corrêa, foi enviado na armada para o reino «*pera se apresentar aos officyaes da Casa da India*», como quem dizia a fim de ahi prestar contas.

Mandou Nuno da Cunha indagar por um espia em que estado se achava Dio.

Antonio da Silveira guerreou Cambaya em todo o verão e Diogo da Silveira a costa de Malabar, realisando os nossos differentes assaltos e pelejas em Surrate e Damão, por mar e por terra, e em outros sitios dos mais suspeitos e perigosos, que, como taes, ainda terei de citar.

Cuidou-se no aprovisionamento para a grande armada que se queria mandar a Dio.

Anteriormentê havia-se dado regimento a Gonçalo Pereira para ir a Malaca por via de Bornéu, o que facilitava muito a viagem, sendo Bornéu ilha mui grande e abundante de mantimentos e ricas mercadorias, onde nascia a camphora, especie de gomma de certas arvores, terra que tinha extensas povoações, grandes edificios, etc. É nos bosques d'essa ilha que se encontra o animal mais parecido com o homem e que anda em pé como elle, o «Pongo», da familia dos orangotangos, mas formando uma especie mais rara.

Tendo por vezes fallado em Bandá e em Bornéu, é bem



que ponha aqui, para confrontação, a seguinte oitava do poema dos *Lusiadas*:

«Olha de Bandá as ilhas, que se esmaltam
Da varia côr que pinta o roxo fructo,
As aves variadas que ali saltam,
Da verde noz tomando seu tributo.
Olha tambem Bornéu, onde não faltam
Lagrimas, no licor coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.»

Não se ignora que varias das nossas melhores possessões antigas na India passaram para o dominio dos inglezes (esses antigos nossos fieis aliados!) e para os hollandezes, d'estes egualmente passando algumas para poder d'aquelles. Que rica peça era tambem Ceylão?! E de mais outras grandes ilhas indianas nos despedimos para sempre... Estavamos muito fartos, não precisavamos d'isso... Dizem uns com philantropia forçada, que as colonias representam violencia. A uns utilitarios assomados (se lhes posso dar este nome) já vi sustentar que as nossas possessões ultramarinas são só um onus!... Talvez que os inglezes e os hollandezes, e mesmo os francezes e os hespanhoes, pensem de modo bem diverso ácerca d'essas questões, sobre que ha muito a ponderar, senão... qualquer dia veremos serem os inglezes os primeiros a entregarem-nos, como philantropos ou para se livrarem do onus, o que por lá tem e foi nosso.

Como isto havia de ser interessante e louvavel! mas não é negocio para gracejar, fallemos a serio.

Os lusitanos foram encontrar a India em poder de musulmanos de diferentes proveniencias e raças, e os indios por elles humilhados n'um estado que ninguem podia dizer de perfeição, fazendo esquecer aquelle seu adiantamento de remota epoca que a historia lhes attribue. Pelo menos

a sua actividade e essa sua antiga civilisação, que nos dizem ter-lhes vindo do Egypto, achavam-se tão amortecidas e em poucos existindo mais vivazes, que por fim todos elles recebiam a lei dos ditos estrangeiros. Os indios e gentios tinham pois de obedecer. Então a questão era se haviam de continuar na obediencia áquelles ou se tinham de submitter-se aos portuguezes, se o christianismo ganharia preferencias sobre o islamismo.

Tal era, singelamente fallando, o verdadeiro estado em que se estava.

E cumpre que eu aqui accrescente, pondõ um exemplo, que na America meridional os intelligentes e bravos araucanos chilenos, que tinham um governo seu até certo ponto regular e uniforme, inteiramente livre e sem a menor pressão nem interferencia estrangeira,¹ podiam com todo o fundamento queixar-se dos seus conquistadores e barbaros oppressores castelhanos, ou fosse de quem fosse que atacasse a sua independencia; mas note-se que a nossa India estava n'outro muito diverso caso, estava por aquella fórma, que antes indiquei, subjugada em geral pelos chamados mouros, não tendo os indigenas governo propriamente seu, e achando-se as suas massas no maior atraso e abatimento em relação a outros povos; e que nunca foram sanguinarios os instinctos dos portuguezes... São unicamente um onus as nossas possessões ultramarinas?... Rendiam pouco para o estado, ou não rendem ainda o que se quer? Não as desgovernem; colonisem-n'as; e não façam d'ellas mansão de dissipações e como valhaçouto de degradados.

Tolere-se e admitta-se este meu dizer franco, e agora aqui offereço o seguinte bello documento da solicitude com que já em epoca antiga se tratavam semelhantes negocios.

«Pelo tratado do casamento da infanta de Portugal D. Catharina com o rei Carlos II de Inglaterra, datado de 23 de

¹ *Noticias secretas da America*, por Ulloa e outro.

junho de 1661, consistiu o dote d'aquella princeza na cessão de Tanger e do porto da ilha de Bombaim aos inglezes, e de todas as praças pertencentes a Portugal ainda então em poder dos hollandezes, e (era pouco?!...) mais dois milhões de cruzados em dinheiro.»

Parece incrível... Assim de uma pennada se esbulha uma nação de tão valiosos direitos e haveres!... Que infelicidade!!!

O reinado de Astréa diz-se que acabou ha muito e que desterrada a justiça fugiu para o céu. Ha casos bem funestos e desastrados, e aquelle é um d'elles!

Assim mesmo ainda se levantaram difficuldades quanto á entrega da ilha de Bombaim, que só pôde ser occupada pelos inglezes em 1664.

O mal (devia dizel-o) não é só de agora, vem de longe, comtudo, era isso mais um motivo para se aprender e haver emenda. Então os inglezes prometteram-n'os grandes auxilios, mas foram só boas palavras.

Bem sei que pelo meu modo de exprimir, e por um motivo especioso qualquer, me chamarão uns certos discursadores «declamador», porém julgo ter eu razão, e, emfim, cada um representa n'este mundo o seu papel.

Pois, a chamarem-m'o por quatro, chamem-m'o por cinco.

Não tenho odio aos inglezes; sei que até precisamos d'elles; sei tambem que temos a maior culpa do que nos succede; mas nada d'isto obsta a que eu prosiga, e dê mais largas aos meus reparos e queixumes.

Esses senhores inglezes, ou os seus governos, fizeram mais, como todos podem ver na 2.^a parte do tomo vi da *Historia da guerra civil e do Estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*,¹ obra subsidiada pelo governo d'este paiz. Fizeram, e procederam, conforme passo a expor.

Em 1814, por occasião da paz geral ajustada em Paris,

¹ Obra historica de Luz Soriano.

consentiram os inglezes «que se espoliassem os portuguezes, seus gloriosos companheiros de armas na grande lucta contra as forças destacadas do exercito de Napoleão I na Peninsula, da denominada Guyana franceza, antiga conquista feita pelos portuguezes na America do Sul, sem os plenipotenciarios inglezes em Paris se importarem comnosco, e sem procurarem estipular ao menos a pequena compensação da restituição da nossa comarca e praça de Olivença», deixando isto na posse dos hespanhoes, e sendo elles beneficiados á nossa custa, como tambem pelo dito modo os francezes, que tinham invadido Portugal e praticado aqui todas as castas de excessos e vandalismos!!!

Os inglezes, esses grandes ingratos que se não lembravam já dos enormes beneficios que nos deviam, postos em relevo na nota diplomatica do conde de Oeiras e senhor de Pombal, de que atraz dei noticia, ainda fizeram mais em nosso desfavor, que foi insinuar ameaças ao nosso ministro em Paris «de ficarmos só em guerra com os francezes se não nos calassemos.»

Não foi essa uma bem boa protecção?!

E por fim quem perdeu, perdeu, e não se falle em mais nada!...

Advirta-se ainda que pelo referido tratado, annos depois roborado por outro, devendo esses mesmos nossos fieis aliados restituir a Portugal a cidade e porto de Columbo na ilha de Ceylão, nunca até hoje o cumpriam nem nos deram indemnisação, que me conste, ficando a Inglaterra possuindo toda essa grande ilha. Não pude saber mais a este respeito senão que essa apetevida bella colonia foi encorporada depois nos bens da corôa de Inglaterra, considerando-se do dominio particular da mesma corôa.

Que se nos dê em compensação Cochim, de gloriosa recordação para Portugal, pelas razões moraes que já expuz, e que é terra que tambem tem não pequeno valor sob o aspecto commercial, ou por outra fórma nos indemnisem.

Agora por alguma falsa intelligencia ou desleixo de alguns, e por imprudente avidez de outros dos nossos, que se deixem à mercê de quem as quizer as nossas possessões, ou que se ponha em almoeda, para venda em globo ou a retalho, o que nos resta. No primeiro caso não faltaria quem as explorasse sem escrupulo, no segundo seria factó de tal celebridade que nem as aventuras de Bartholomeu Dias, como capitão do forte de S. Jorge da Costa da Mina e explorador d'aquella e de outras minas, pois é sabido o trafico de oiro, de escravos e de outros objectos que se fazia por toda a dita costa, e em que varios outros interessavam.

Mas depois?... depois o immediato sossobro civil, á maneira do corporal que desastrosamente aconteceu áquelle, por cumulo de todas as suas aventuras!.....

A respeito dos nossos visinhos hespanhoes, dos amigos francezes, e dos amigos e antigos alliados inglezes, fiz algumas observações para que não nos illudamos, quero dizer, para que sejámos mais cautelosos, porque todos elles nos têm enganado, é certo que por motivo de uma fatalidade que nos acompanha, por não dizer agora outra coisa.

Já basta d'este assumpto. Fallemos do capitão Heitor da Silveira.

Esse capitão, que de Goa partiu para o estreito de Meca já em janeiro de 1530, fez espalhar por ali as embarcações da sua armada, a fim de fazer o maior mal que podesse ás naus mouriscas e turquestas ou egypcias que apparecessem, e de aproveitar-se de presas; mas ouvindo dizer a uns mouros que se tinham visto os rumes, talvez para o desviarem para outro lado, foi procural-os e não os encontrou. Foi por Adem e entrou no seu porto, que estava deserto, regressando a Goa com algumas presas que já tinha feito.

Constou-lhe que a gente do bergantim que em outro

tempo deixou em Adem se achava extraviada ou morta, pelos maus tratamentos dos mouros d'essa cidade, sem lhes ter podido applicar o castigo tão efficaçmente como mereciam, pois já se sabe que difficuldades se offereciam para a inteira submissão d'essa cidade fortificada.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1530

Em 18 de setembro d'esse anno chegaram á India tres naus do reino sem capitão mór, de que eram capitães Manuel de Brito, Luiz Alvares de Paiva, e Fernão Camello, dando a noticia de que atraz vinham outras naus, e d'ahi a tres dias chegou em outra nau Francisco de Sousa Tavares para capitão de Cananor, e no fim de outubro chegou á vista d'essa cidade em outra nau Pedro Lopes de Sampaio para capitão de Goa, o qual partiu para Cochim. Por conseguinte vinham alguns capitães d'essa armada despachados para outros cargos.

Em seguida foram Duarte da Fonseca em um navio pequeno e seu irmão Diogo em uma caravela latina para percorrerem a ilha de S. Lourenço, e verem se achavam alguma das naus ali naufragadas de que já fallei, examinando rios e portos d'essa grande ilha. Ha falta dos nomes de algumas embarcações, omittidos por Gaspar Corrêa, não dizendo os d'aquellas ultimas nem os das referidas naus. Quanto aos dois FONSECAS, um andando na indicada pesquisa morreu afogado, o outro vendo um fumo em terra foi lá e trouxe quatro homens portuguezes, que eram da

nau de Manuel de Lacerda, e mais um estrangeiro, dizendo elles que havia disseminados pelo interior da ilha mais naufragos que não se podiam ir buscar, e todos os sobreditos partiram em direitura a Moçambique, mas foram tão infelizes que se perdeu o navio em que iam, dando-se para alguns o caso bem exquísito de ser naufragio de naufragio.

O outro auctor alludido¹ combina perfeitamente, quanto ás primeiras cinco naus, nos nomes dos capitães, dando os nomes das mesmas naus. Nas embarcações menores parece dar mais uma do que Gaspar Corrêa, isto é, tres em vez de duas, que este dá. Os nomes dos capitães d'estas dá-os Gaspar Corrêa, e o outro não os achou. Tambem elle falla n'um capitão mór, quando Gaspar Corrêa nos diz que essa armada o não levava.

Eis como isto vem designado pelo outro auctor alludido:

Fernão Camello mór (mas parece que o não era) na nau Victoria, Manuel de Brito na Ajuda, Luiz Alvares de Paiva na Santa Barbara, Francisco de Sousa Tavares na Sant'Iago, Pedro Lopes de Sampaio na S. Bartholomeu, e Garcia Gonçalves na caravela Santa Maria. As outras duas caravelas são as de que não soube os nomes nem os dos capitães.

A maior armada portugueza que se tinha visto na India ajuntou-a Nuno da Cunha, com destino, conforme se dizia, á tomada da cidade de Dio, levando passante de quatrocentas velas, em que se comprehendiam cinco juncos de Malaca cheios de viveres, com mais oito naus do reino, quatorze galeões, duas galeaças, doze galés reaes, dezeseis galeotas, e o demais bergantins, fustas e catures, que eram duzentas e vinte e oito velas miudas, e fôra estas iam naus, zambucos, e cotias de gente da terra com generos para vender; e formava tudo uma como grande povoação de velas que cobriam o mar. Foram n'esta armada (de recreio?... depois veremos), foram n'esta armada, repito, os

¹ Figueiredo Falcão.

melhores capitães e os mais nobres fidalgos e cavalleiros lusitanos que então se poderam reunir.

A armada chegou a Chaul em janeiro de 1531.

O governador mandou a Antonio da Silveira que se arrancasse d'ali com todos os navios e fosse á ilha de Bombaim (a mesma em que os inglezes têm uma cidade prospera e florescente, sendo a séde de um dos tres ou quatro sub-governos em que se divide o governo geral da India ingleza, com a residencia do seu principal governador ou vice-rei em Calcutá), porque ao dito Antonio da Silveira se haviam de juntar mais embarcações n'aquelle porto.

Assim foi; e depois «fez alardo» recolhendo rol de cada capitão de homens de armas e marinheiros portuguezes, de quantos escravos que podiam combater e ajudar, de quantos espingardeiros, e de quanta outra gente de familia.

Na conformidade de tal estatistica achou-se haver ao todo tres mil quinhentos sessenta e tantos homens de armas portuguezes, incluindo capitães, fidalgos, e cavalleiros; mil quatrocentos e cincoenta e tantos homens do mar portuguezes, com pilotos e mestres; dois mil e tantos homens de armas malabares e canaris de Goa; oito mil escravos, homens para pelejar; e entre estes nomeados achou-se mais de tres mil espingardeiros; quatro mil marinheiros da terra, remeiros, além dos mareantes dos juncos, que passavam de oitocentos, a que juntando mulheres e mais pessoas que iam com as suas fazendas e mantimentos para negocio, e familia miuda, que toda se contou, dava em somma mais de trinta mil almas; e o governador só permittiu que fossem as familias depois de se assegurar que levava a armada mantimentos de sobejo, que chegariam para mais de cinco mezes.

Veriam que não quiz interromper nem perturbar com o mais leve incidente esta referida ultima miuda operação estatistica, com respeito a uma bem singular armada; mas para que era isso, em fôrma de cyrio, se tudo não passava

de uma pura mystificação, a que Nuno da Cunha se viu obrigado a annuir para satisfazer a uma disposição emanada do governo de Lisboa?!

De Bombaim atravessou para Damão a grande armada, e d'ali para a ilha de Bete, que por um triste successo se chamou «ilha dos Mortos» e veio a ser, que estando ahi um capitão de rumes em serviço do rei de Cambaya, com oitocentos homens de peleja e outra tanta gente de trabalho, a cercar essa pequena ilha de um muro de pedra solta para seu resguardo e defesa, foi atacado por ordem do governador, sendo mortos todos os rumes de peleja e aprisionada a mais gente.

Nesse ataque foi ferido gravemente o honrado e bravo capitão Heitor da Silveira, que tantos serviços fez na India, vindo a morrer, perda que muito se devia sentir.

E apesar de todo aquelle alvoroço (quem o podia esperar?) ainda então não foi atacada a serio a cidade de Dio, e parece que nem o governador tencionava outra coisa, pois que veio a desculpar-se com um celebre «capitulo do seu regimento» no qual em nome de el-rei se lhe ordenava *«que fosse a Dio com grande poder e estrôndo, pera ver se poderia edificar aly fortaleza, aliás nom auenturasse nysso a uida de hum só homem.»* Na Lenda da obra de Gaspar Corrêa vem textualmente assim: *«E logo o governador ajuntou a conselho, onde mostrou hum capitolo do regimento, em que lhe El Rey mandava que fosse a Dio com o mór poder que podesse ajuntar, com grandes estrôndos a espantar, a ver se poderia auer com o capitão da cidade algum bom concerto pera auer fortaleza, que custasse da sua fazenda quanto quizesse, e se nom podesse auer se tornasse, e n'isso nom auenturasse a vida de hum só homem. O que assy mostrou o governador porque soube que depois do caso da ilha dos mortos narmada praguejavão delle.»* E agora tambem declaro não entender porque aventurou na ilha de Bete a vida dos seus portuguezes, sacrificando inutilmente n'esse con-

flicto Heitor da Silveira, e outros; só se o mau humor por aquella restricção que se lhe impoz o levou a dar a ordem para o ataque á ilha de Bete. Não aventurar uma vida no assalto de Dio, e sacrificar diversas por um motivo relativamente inferior e pequeno, repito, não entendo.

Bem vejo que era com os aguerridos e odiados rumes que contenderam, comtudo eu desejava que antes se tivesse guardado toda a energia para acommetter os defensores de Dio de dentro das muralhas d'essa mesma cidade, resolvendo-se a antiga questão que havia com o inimigo rei de Cambaya ácerca da erecção da fortaleza; e aquelles rumes estavam retirados e pacatos.

A isso, quero dizer, a um verdadeiro ataque á cidade de Dio se oppunha «o regimento» que porém estava na mais completa contradicção com todas as anteriores recommendações regias feitas aos governadores. É para que todos notem e observem. Eu tambem tenho visto em mais de um moderno regimento, ou regulamento, anomalias d'essas, que importam uma transgressão, vindo a dar-se de mais a mais o absurdo de que uma jurisdição menor possa sobrepujar a maior, sophismando-se d'esta arte algumas disposições legaes.

Eis-aqui porque fórma é ás vezes respeitado «o principio auctoritario» pelos proprios individuos que o invocam n'outras occasiões; eis-aqui tambem como capciosamente se procedeu a meu respeito n'um conflicto, ou caso em que reagi contra a oppressão do mais forte e a que já me referi n'outro logar, isto em tempo de franquias liberaes, conspirando-se a suprema e augusta auctoridade da lei, e invocando-se juntamente o principio auctoritario!!!

Hei de dizel-o sempre e em toda a parte, como justo e constante protesto; e pena tenho de não me poder aqui demorar mais sobre este incidente.

Contentou-se por tanto Nuno da Cunha, ou constrangeram-n'o a contentar-se, como todos viram, com o bombar-

dear por alto ou ao de leve a cidade de Dio; e deixou Antonio de Saldanha na enseada com uma armada de cinquenta velas fazendo guerra, assim como destinou mais outras embarcações artilhadas e devidamente tripuladas para guerrearem por toda a costa de Cambaya, estando-se já então em março do dito anno de 1531; e voltou com os seus navios para Goa.

Ninguem pôde duvidar do honrado character e da bravura de Nuno da Cunha, de que tinha dado exuberantes provas em toda a sua vida, percebendo-se no meio de tudo o acontecido, que n'aquelle negocio da erecção da fortaleza de Dio andava mysterio ha muito tempo fosse porque fosse.

Outro dos auctores que consultei¹ diz que se fez fogo bastante, retirando-se agastado Nuno da Cunha pelo nenhum bom resultado obtido, todavia inclino-me para o que diz Gaspar Corrêa com fundamento na celebre clausula do apontado regimento, agastando-se o governador Nuno da Cunha pela restricção que lhe pozeram e que o obrigaria a dar um ataque simulado.

Elle mandou Ambrosio do Rego por capitão da costa de Choromandel com um navio e duas fustas para syndicar ácerca da casa do apostolo S. Thomé, por uns apontamentos que el-rei lhe enviou, delegando o dito capitão em Manuel Ferreira, o qual em summa apurou o seguinte:

Que aquella casa foi feita por um homem santo havia mil quatrocentos e tantos annos; que elle só tirou fóra do mar um pau tamanho que os elephantes não poderam tirar; que o rei da terra lh'o deu para a sua casa, e onde o pozesse lhe dava o logar para ella; que o santo foi ao mar, que era d'ali doze léguas, e com o cordão delgado da cintura o trouxe na presença de muita gente; que depois o rei lhe disse: faze a tua casa onde quizeres, ou onde tens o pau; que era o chão de um jogue, o qual para fazer

¹ O Anonymo portuguez.

mal ao santo matou de noite o filho, e foi gritar ao rei que aquelle lh'o matou, por se lhe queixar de tomar o chão que era de outrem; que o rei chamando-o lhe disse: que fizeste? por que matastes esse moço?! que o santo lhe disse: pergunta-o ao moço; rindo-se o rei lhe disse: pergunta-lh'o tu; então ajoelhando e benzendo-o levantou-se o moço, e disse: a este homem servem os anjos; elle não me matou, senão meu pae, para tu lhe fazeres mal; então o santo, benzendo-o novamente, fel-o christão, deitando-lhe agua sobre a cabeça; e tornou a cair morto; a isto o rei fez-se christão com toda a gente da sua casa, além de outros milagres que por tradição se souberam; que por fim o santo, estando a orar ou a pregar no monte, foi morto de uma frechada.

Tal é o essencial d'esta lenda de S. Thomé escripta por Gaspar Corrêa, pois a resumi no que fica dito.

Vou agora confrontar com o que diz Camões no poema dos *Lusiadas*, e é como se segue:

«Aqui a Cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande, e rica;
Os idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica;
Longe do mar n'aquelle tempo estava,
Quando a fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando; e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
Acaso traz um dia o mar, vagando,
Um lenho de grandeza desmedida;
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira; e não duvida
Poder tiral-o a terra com possantes
Forças d'homens, d'engenhos, d'elephantes.

Era tão grande o peso do madeiro,
 Que só para abalar-se nada abasta;
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro
 Menos trabalho em tal negocio gasta;
 Ata o cordão, que traz, por derradeiro,
 No tronco; e finalmente o leva e arrasta
 Para onde faça um sumptuoso Templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem, que se com fé formada
 Mandar a um monte surdo que se mova,
 Que obedecerá logo á voz sagrada,
 Que assim lh'o ensinou Christo, e elle o prova.
 A gente ficou d'isto alvoroçada;
 Os Bramanés o tem por coisa nova;
 Vendo os milagres, vendo a santidade,
 Não medo de perder auctoridade.

São estes sacerdotes dos gentios
 Em quem mais penetrado tinha a inveja;
 Buscam maneiras mil, buscam desvios,
 Com que Thomé não se oiça, ou morto seja.
 O principal, que ao peito traz os fios,
 Um caso horrendo faz, porque se veja
 Que inimiga não ha, tão dura e fera,
 Como a virtude falsa da sincera.

Um filho proprio mata; logo accusa
 De homicidio Thomé, que era innocente;
 Dá falsas testemunhas, como se usa;
 Condemnaram-n'o á morte brevemente.
 O santo que não vê melhor escusa
 Que appellar para o Padre omnipotente,
 Quer diante do Rei, e dos Senhores,
 Que se faça um milagre dos melhores.

O corpo morto manda ser trazido,
 Que resuscite, e seja perguntado
 Quem foi seu matador; e será crido
 Por testemunho o seu mais approvedo.

Viram todos o moço vivo erguido,
 Em nome de Jesus crucificado:
 Dá graças a Thomé, que lhe deu vida,
 E descobre seu pae ser homicida.

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rei se banha logo em agoa santa,
 E muitos após elle; um beija o manto,
 Outro louvor do Deus de Thomé canta.
 Os Bramanes se encheram de odio tanto,
 Com seu veneno os morde inveja tanta,
 Que, persuadindo a isso o povo rudo,
 Determinam matal-o em fim de tudo.

Um dia que prégando ao povo estava,
 Fingiram entre a gente um arruido;
 Já Christo n'este tempo lhe ordenava
 Que padecendo fosse ao céo subido.
 A multidão das pedras, que voava,
 No santo dá, já a tudo offerecido;
 Um dos maus, por fartar-se mais depressa,
 Com crua lança o peito lhe atravessa.»

Foi-me necessario ser um pouco extenso n'esta citação, que é bonita, no genero mystico, e é tambem um pedaço de boa poesia descriptiva. Bem se vê que ahi se conta o caso como na *Lenda* da obra de Gaspar Corrêa, com pequenas variantes.

O governador Nuno da Cunha saiu de Goa com armada, e foi surgir no rio de Chalé, para lá mandar fazer fortaleza junto do reino de Calecut, como com effeito se fez, e concluiu entre outubro de 1531 e março do anno seguinte, e pelo começo d'aquelle mez de outubro chegaram a Goa as naus de viagem do reino.

No referido anno de 1531, e por occasião de um motim preparado por inimigos do capitão da fortaleza de Ternate, Gonçalo Pereira, foi elle morto mesmo em sua casa, substituindo-o n'essa capitania Vicente da Fonseca.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1531

Estando Nuno da Cunha observando os trabalhos da nova fortaleza de Chalé, entre setembro e outubro d'esse anno, chegaram n'esse tempo as naus de viagem do reino, a saber: a nau Castello em que vinha Achilles Godinho, a Vera Cruz com Diogo Botelho, a Trindade com Manuel Botelho, a Santa Cruz com João Homem, a Santa Maria da Esperança com Manuel de Macedo d'armador; além de Pedro Vaz que arribou n'outra nau ao reino. D'essas naus eram tres para carregarem e voltarem para Portugal, e as outras para andarem tres annos de viagem á China e a differentes partes da India «*feytorisando por conta da rainha*» que assim era commerciante e contractadora... Uma d'essas naus veio a perder-se. Os restantes navios da rainha mandou-os o governador para o reino, a titulo de estar revoltada a China, mas nem esses foram a Lisboa por se perderem no caminho. Infelizes navios da rainha!

Vou já pôr em seguida o que traz o outro auctor alludido,¹ a saber: Achilles Godinho na nau Castello, Manuel de

¹ Figueiredo Falcão.

Macedo na Esperança, e Duarte Tristão na Graça, que arribou.

Gaspar Corrêa traz Pedro Vaz em logar d'este ultimo.

O outro auctor menciona mais as naus seguintes: Vera Cruz, Trindade, e Santa Cruz. Não pôde dizer os nomes dos seus capitães, declarando-os Gaspar Corrêa, e são: Diogo Botelho, Manuel Botelho, e João Homem.

De Chalé, onde ainda estava o governador, foi por este despachado Antonio de Saldanha, em fevereiro de 1532, para andar nas presas no estreito de Meca, achando-se então assás adiantada a obra da fortaleza, em cujos trabalhos se occupavam alguns milhares d'almas.

A guerra que os lusitanos faziam na enseada de Dio e na costa de Cambaya não cessava, paragens essas em que se tinham feito sempre e iam fazendo boas presas; e por causa de grandes porções de valiosas madeiras que de Baçaim saiam para Dio se realisaram tambem apprehensões de taes madeiras em embarcações que se mandavam para Chaul, commissão em que andou Diogo da Silveira até abril de 1532, que foi quando recolheu a Goa.

A diligencias d'aquelle foi o governador atacar e castigar Baçaim, por falsidades ali commettidas, ficando o mesmo governador devidamente obedecido.

Sucedeu n'esse tempo um caso muito fallado, que foi mandar o capitão Manuel de Macedo desafiar a combate singular um fanfarrão chefe de rumes, que estava em Dio, e andava com o sultão Badur, esperando-o por largo espaço n'uma fusta junto da barra d'aquella cidade, sem que o outro comparecesse e que deu assim parte de fraco.

De Nuno da Cunha diz Camões o seguinte :

«A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chalé as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre d'elle treme;

O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue, porém, que n'elle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vé tomada.»

Parece que os mouros conspiravam ali, tendo por seu lado o chefe mouro Melique Yaz, ao qual seguiam, ou a quem queriam livrar de algum embaraço em que se achava.

Ha de notar-se que Camões muito pouco se demora no seu juizo ácerca dos differentes vice-reis e governadores, só com uma ou outra excepção.

Não obstante ainda o mesmo Camões chama «feroz» a Lopo Vaz de Sampaio, e talvez com razão, pelo que havia feito a Pedro Mascarenhas. O que escreveu, em honra de Nuno da Cunha e desar do mouro Melique Yaz, é como se dissesse: tenha paciencia o sr. Melique, visto não valer nada a solida tranqueira ou palissada em que a sua gente de Baçaim se defendia, e no que tanto confiava.

O ouvidor geral Antonio de Macedo indispoz-se seriamente com o governador, o qual lhe fez graves ameaças, e por fim o prendeu por desobediente e enviou para Portugal, para ser processado.

Tendo assim terminado na India esta desintelligencia chegaram por esse tempo do reino das naus de viagem.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1532

Nesse anno a armada do reino, sem capitão mór, chegou á India em setembro, levando por capitães os seguintes: Pedro Vaz em a nau S. Miguel para vedor da fazenda e capitão de Cochim, que no anno anterior arribou ao reino, Antonio Carvalho para escrivão da fazenda em a nau Reis Magos, Vicente Gil armador em a nau Graça, D. Estevão da Gama, que se não deve confundir com outro do mesmo nome, primo de D. Vasco da Gama, em a nau Santo Espirito, para capitão de Malaca, e D. Paulo da Gama em a nau Sant'Iago para supplente d'essa capitania; e todas estas naus deviam receber carga e voltar para o reino. D. Estevão, filho de D. Vasco da Gama, ficou em Moçambique, pelo que o governador despachou o indicado seu irmão D. Paulo afim de ir na monção para Malaca.

Gaspar Corrêa não diz que D. Estevão da Gama fosse por capitão mór, antes diz claramente que a armada levava capitães sobre si, ou sem capitão mór.

Aqui encontro outro caso de só combinar o nome de um capitão, que é D. Estevão da Gama. Todos os mais nomes de capitães são discordantes nos dois auctores Gaspar Corrêa e o outro alludido.¹ Tambem nos nomes das naus ha trocas e outras differenças... Sobre isto anarchia completa!

¹ Figueiredo Falcão.

Diz o outro alludido auctor o seguinte:

D. Estevão da Gama mór (se é que o era) na nau Nossa Senhora da Graça, Diogo Lopes de Sousa na Reis Magos, Duarte Tristão na S. Miguel, Duarte de Leão na Santa Maria da Graça, Antonio Bello na Sant'Iago, e Jorge Lopes na S. Bartholomeu.

Seja dito aqui, em testemunho de verdade e a favor de Nuno da Cunha, que, a pedido do novo vedor da fazenda, já consentia em soltar o ex-ouvidor geral e deixal-o no logar, em quanto outro o não viesse substituir, elle é que não quiz.

Por esse tempo chegou do estreito de Meca Antonio de Saldanha com valiosas presas, que tinha feito.

Sucedeu que o Acedecão, capitão principal do Hydalcão, para se precaver de auxilio contra este, de que andava receioso, começou por offerecer ao governador as terras em redor de Goa, chamadas Salcete e Bardez, com suas rendas, que subiam a cincoenta mil pardaus d'ouro, e fez-se vassallo d'el-rei de Portugal, firmando-se sobre isto pacto de amizade.

Nuno da Cunha acommetteu novamente Baçaim em janeiro de 1533, por motivo de repetidas falsidades dos mouros da terra, até deital-os fóra de lá, em cuja terra ficaram depois mais tranquillos os portuguezes. Houve grande peleja no rio; muitos lusitanos se distinguiram ali por seus feitos; e dos seus nomes apenas me constam os seguintes: Antonio de Lemos, Martim Affonso de Mello, e João Tição, cujos individuos foram os primeiros que n'essa occasião o governador fez cavalleiros.

A cedencia do referido territorio de Salcete e Bardez foi levada a effeito n'esse mesmo anno, vindo porém a ser burlado o Acedecão no tempo do governador Martim Affonso de Sousa, como se verá.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1533

Em setembro d'esse anno' chegaram á India as naus do reino sem capitão mór e com os respectivos capitães, em separado, a saber: D. João Pereira para capitão de Goa, e Lourenço de Paiva e Diogo Brandão, estes dois sob a bandeira d'aquelle D. João Pereira, e D. Gonçalo Coutinho para capitão supplente de Goa, bem como Simão da Veiga, Nuno Furtado de Mendonça, e D. Diogo de Noronha, que desapareceu, de modo que nunca mais d'elle se soube, e com elles juntamente chegou a Goa D. Estevão da Gama, que tinha invernado em Moçambique, e d'ali foi para Cochim, não tendo eu achado designados por Gaspar Corrêa os nomes das naus, e mesmo havendo alguma obscuridade quanto aos nomes de dois capitães, de que nem na obra de Gaspar Corrêa nem nas notas do meu fallecido amigo Felner encontrei dada nenhuma explicação.

O outro alludido auctor¹ em lugar de Diogo de Noronha traz D. Francisco de Noronha, e em vez de Nuno Furtado de Mendonça só Nuno Furtado, que não sei se é o mesmo

¹ Figueiredo Falcão.

individuo. Tambem chama capitão mór a D. João Pereira, não tendo tido a armada senão capitães em separado, segundo Gaspar Corrêa. Dá porém noticia dos nomes das naus, tudo pela fôrma seguinte :

D. João Pereira mór (mas parece que o não era) na nau Flôr do mar, D. Gonçalo Coutinho na Cisne, D. Francisco de Noronha na Bom Jesus, Nuno Furtado na S. Bartholomeu, Simão da Veiga na S. Roque, Lourenço de Paiva na Santa Barbara, e Diogo Brandão na Santa Clara.

O mesmo auctor alludido diz por esta occasião, que n'aquelle anno «*foy por capitão mór de ynuerno Dom Pedro de Castellobranco, leuando doze carauellas e hum galeão*» sem mais explicações.

Acha-se contado isto nãs *Lendas da India* de Gaspar Corrêa do seguinte modo: «*Em outubro deste anno, per nouas que El-Rei teue per Veneza, mandou á pressa partir Dom Pedro de Castellobranco per capitão de doze vellas, a saber: Tres galeões e noue carauellas latinas, com boa gente, muy armadas. E os capitães dos galeões forão elle, e André Casco, e em huma nau Nicoláo Jusarte; e os capitães das carauellas Antonio Lobo, Baltazar Gonçalues, Leonel de Lima, Heytor de Sousa, Francisco Ferreira, Gonçalo Fernandes, João de Sousa, Antonio de Sousa e Francisco Fernandes Leme, que per assy partirem fóra de tempo tiuerão muyto trabalho no caminho, etc.*»

Ahi ficam notadas as differenças. Conhece-se que Gaspar Corrêa, quando citou tres galeões, quiz dizer dois e uma nau, ou que como tal era considerado um dos galeões, por ser maior.

Expediu-se para Bengala Antonio da Silva de Menezes com as precisas embarcações e gente de armas a fim de ir resgatar Martim Affonso de Mello e outros que lá estavam captivos, «*mas só cuydou em arranjar dinheyro em negocio de fazendas*», como nos diz muito portuguezmente o nosso Gaspar Corrêa. Não se importou com o resgate

d'aquelles, e só fez algum estrago na cidade de Chatigão, voltando para Cochim. O governador mandou prendel-o, mas ficou rico e depois livrou-se.

Foi mais tarde, em 1535, que se libertaram Martim Affonso de Mello e outros de sua companhia.

D. Estevão da Gama, que se achava em Cochim, partiu para Malaca para exercer o seu logar de capitão da fortaleza d'essa cidade, e estava-se então em maio de 1534. Pouco depois da sua chegada levantou-se no mar uma briga, e indo seu irmão D. Paulo com outros acudir foi assassinado ao saltar dentro de uma «manchica» de mouros.

D Estevão, que muito o estimava, jurou vingar-se.

Com a morte de D. Paulo augmentou a desordem, succumbindo com elle mais de trinta lusitanos, em que entrou o seu aio Diogo Fernandes Borges, ficando feridos Fernão Rodrigues de Sousa, Antão de Faro, Pedro Queimado, Gomes Bayão, D. Francisco de Moura, Vasco de Mello, Gonçalo Bocarro, Fernão Gomes Gago, e outros, que praticaram façanhas n'essa occasião; mas os mouros que vieram n'outras embarcações eram muitos, e de pequena que era a principio a briga tornou-se grande, dando aquelle funesto resultado.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Martim Affonso de Sousa

Anno de 1534

Do reino partiu n'esse anno para a India a armada de que era capitão mór Martim Affonso de Sousa, não dizendo Gaspar Corrêa os nomes das embarcações, e eram os mais capitães Diogo Lopes de Sousa, Tristão Gomes da Grã, Simão Guedes de Sousa, para capitão de Chaul, e Antonio de Brito para capitão de Cochim.

Foram muito bem providos de gente e armamentos os navios d'essa armada, «*porque na costa de Portugal andavam muytos corsarios francezes, de que alguns até chegaram á India e á costa do Brazil*» d'onde os portuguezes os repelliram.

A armada chegou ao seu destino, havendo só a observar quanto a Simão Guedes e a Tristão Gomes da Mina, de que falla o outro alludido auctor,¹ que ao primeiro accrescenta Gaspar Corrêa o appellido de «Sousa» e ao do segundo substitue o da «Grã» deixando-se de dizer «da Mina».

Com a declaração dos nomes das naus feita por esse mesmo auctor fica sendo assim :

¹ Figueiredo Falcão.

Martim Affonso mór na Rainha, Diogo Lopes de Sousa na Santa Cruz, Antonio de Brito na S. Miguel, Simão Guedes (de Sousa) na Santa Maria da Graça, e Tristão Gomes da Mina (ou da Grã) na Santo Antonio.

Diz que da sexta nau não se achou o nome nem o do capitão.

O sultão Badur de Dio enviou mensagem de amisade ao governador, offerecendo-lhe as terras de Baçaim com as suas rendas, e sobre isto chegou o Badur a mandar a sua «chapa» de conformidade. O mesmo sultão pediu logo depois soccorro, porque esperava ser atacado por um poderoso rei dos mogores; isto succedeu em junho de 1535.

Chamavam-se reis indistinctamente aos que por lá se acharam governando terras e povos, não sendo muitos d'esses reis mais do que pequenos regulos ou senhores feudatarios de outros maiores, como sultões, havendo em desdouro os portuguezes chamarem-lhes assim, sem razão, porque varios o eram, e outros menores uma especie de emirs, nas suas terras. Com difficuldade os antigos portuguezes pronunciavam ou escreviam o profano titulo mahometano de sultão. Respeitemos taes susceptibilidades d'essa epoca.

Nuno da Cunha aproveitou-se d'aquella circumstancia do pedido do soccorro para conseguir que o sultão Badur lhe permitisse edificar fortaleza em Dio, como ha tanto tempo se desejava «*o que alcançou d'esse Rey de Cambaya e senhor de Dio*», tratando d'essa edificação com o maior desvelo e actividade, em que por dia trabalhavam mais de mil pessoas, empregando-se de noite embarcações na conducção de artilheria, munições e mais petrechos de guerra, que se encobriam e escondiam o mais possivel, para que só viessem a apparecer opportunamente.

É isso o extracto de um periodo do que diz a tal respeito Gaspar Corrêa, e que convém ter em vista, porque tenciono tornar a fallar n'isto de certo modo mais adiante.

O Acedecão, voltando á obediencia do Hydalcão, move guerra aos lusitanos, exigindo as terras que havia cedido em roda de Goa, mas em breve faz outra reviravolta propria do seu falso character.

Vasco Pires de Sampaio é mandado a tomar com armada uma fortaleza de que os mogores se apoderaram na Bahia de Cinde, ou Ulcinde, pertencente ao rei de Cambaya. A dita fortaleza era situada n'um rio a oitenta leguas ao norte de Dio. Quando a maré enchia *«vynha de supito e era cousa medonha de ver o marulho e estrondo que trazia»*. Os portuguezes tomaram essa fortaleza aos mogores, em nome do sultão Badur e rei de Cambaya, com que este ficou muito satisfeito.

Por cima de baixos e parceis, de pouco declive, correm os mares, com mais ou menos furia, estrondo e rapidez, conforme o estado do mar e a altura das aguas das enchentes. Por alguma d'estas-razões haveria o tal marulho, segundo esta minha theoria. E d'ahi virá o phenomeno do «macaréu» e o das marés muito rapidas na embocadura de alguns rios da Asia, por as aguas do mar galgarem por cima d'aquelles e de outros obstaculos, como são praias e dunas, de uma certa elevação, quasi já no preamar, restando um curto espaço para se sentirem em taes rios as marés, e por isso sendo por ali rapidissimas as enchentes e as vasantes, talvez. É mais outra theoria ou formula que arranjei ao correr da penna (á maneira de outras que ha), cujas duas formulas porém não tenho por infundadas, antes baseando-se o que digo em experiencias e observações que tenho feito n'outros logares, como tambem qualquer as poderá fazer até junto a parceis de alguns dos mouchões do nosso rio Tejo, pelo que respeita ao «marulho» das aguas, n'algumas occasiões.

Vasco Pires de Sampaio levava oito fustas e duzentos portuguezes «espingardeiros» com mais cem homens de outra gente. A fortaleza atacou-se á escalada, subindo-se

aos muros por escadas. Commandava um troço de gente Ruy de Mello Punho, outro Vasco Pires de Sampaio e outro seu primo Diogo. Mais de cem homens subiram logo, sendo o primeiro que entrou a muralha Manuel Machado Frazão, valente cavalleiro; seguiram-se-lhe João de Freitas e João Ferreira, que foi morto e caiu em baixo. Depois morreram mais dois dos portuguezes ficando varios outros feridos, sem se poder entrar na fortaleza, pois que era grande a resistencia e melhor a posição dos contrarios, tencionando os nossos derribar os muros na manhã seguinte a tiros de artilheria, e no entanto suspendendo o ataque. De nóite fugiram os mogores e assim ficou a fortaleza em poder dos portuguezes para, como disse, a entregarem ao sultão Badur.

Ao acontecimento das subitas enchentes e vasantes das marés não deixou de se referir Camões, e diz:

«Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquéte a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante que foge apressurada;
A terra de Cambaya vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.»

No fim de toda a azafama o rei dos mogores, vindo já de caminho com todo o seu exercito contra o sultão Badur, retrocedeu de repente para Dhely, por causa de lhe rouba-rem uma mulher, e o Badur, em vista d'isso e pelo seu caracter versatil e contraditorio, arrependeu-se de ter consentido no fazimento da fortaleza dos portuguezes em Dio, «*que até já estava provida de capitão, que era Manoel de Sousa, de gente, e de tudo o mays necessario*».

Vá-se mentalmente tomando nota.

Sobre os nomes de algumas embarcações de armadas

vindas do reino e nomes de alguns dos portuguezes combatentes tem-se-me offerecido embaraços e duvidas, o fallecido meu amigo Felner deixando passar sem commentario algumas coisas, das quaes tenho podido explicar e harmonisar umas melhor do que outras, sempre com desejo de não induzir em erro quem leia. Agora me apparece um Manuel de Sousa, capitão da fortaleza de Dio, do nome de um que em outra parte encontrei mencionado por morto, e como este caso tenho encontrado outros parecidos. Às vezes pôde haver coincidência de nomes, e onde me for possivel dar a explicação, continuarei a dal-a, não obstante são poucos estes casos e tenho tido todo o cuidado com semelhantes nomes, sem dizer que tenha podido desfazer todos os enganos, ou que possa explicar todas as obscuridades.

Com effeito parece agora haver coincidência de nome, por eu ler na competente *Lenda* da obra de Gaspar Corrêa que o dito Manuel de Sousa era *«homem assás fidalgo, mas um pouquo mancebo, que nom chegaua a corenta anos de sua idade»*, o que me faz crer que era outra pessoa com o mesmo nome, podendo-se chamar a este Manuel de Sousa «o novo» e ao outro «o velho».

Parecerá isto ser minucioso de mais, todavia eu acho que é um dever não desprezar uma certa qualidade de minucias, que encerram interesse, que são precisas, cuja decifração interessa mais do que alguns pensam, tanto mais tratando-se de reconhecer individuos e quaes os seus serviços e outros predicados, reconhecimento que pôde ser mais ou menos apreciado ainda até por descendentes dos vultos historicos que nomeio.

E finalmente, direi fazendo mais uma allegação, que assim como diversos individuos são dotados de condições diversas, assim tambem, para a distribuição de gloria ou de vituperio, é necessario o conhecimento dos nomes das respectivas pessoas, o que não prescindo de ir applicando,

conforme a indole d'este meu trabalho, e mais depressa dispensaria alguma parte da minha analyse, se não encontrasse os declarados embaraços ou confusões, que entendi não dever abafar nem deixar sem reparo.

A este respeito porém prometto ser parco, crendo que pouco mais terei a observar sobre tal objecto, segundo os meus apontamentos. Dada por mim «esta satisfação», que julguei ser devida, vou continuar no que ia dizendo de Dio.

Mas ácerca de Dio ainda houve mais o seguinte, vindo a ser que o governador tinha enviado ò seu secretario Simão Ferreira ao Badur com carta para este. Mostrou-se o Badur muito contente, e perguntou ao secretario se o governador pediria fortaleza? Respondeu-lhe aquelle com finura que agora não pediria nada, sómente tomaria o que lhe dêsse de sua vontade, porque se não dissesse que por dadaiva o soccorreria contra o rei dos mogores. O Badur com prazer disse: «*Per ysso de mynha vontade lha darey*». Vindo então Martim Affonso de Sousa, na ausencia do governador, disse-lhe o Badur que fôsse marcar o logar para se fazer a fortaleza, ao que lhe respondeu: «*Senhor. O que me days o tomo em nome do governador, e o terey até ele vir*».

Estes factos característicos, que tive o cuidado de colligir, tem relação de certa fôrma com umas considerações que emittirei quando chegar á *Lenda* do governador Martim Affonso de Sousa, o mesmo que estamos vendo ainda só como capitão mór de armada, e n'essa occasião direi o resto.

Ver-se-ha de que maneira logo depois se portou com Nuno da Cunha o indicado Martim Affonso de Sousa.

Penso que não desagradará n'este logar a exposição do teor d'um documento curioso do Badur, conforme o achei descripto por Gaspar Corrêa, e é a seguinte carta:

«*Grande Mir Bobor, a quem Deos faça bem. Ouui tua message sobolos herdeyros de Sangá e do Mandou, ao que te non*

respondo, porque nom descendes de Reys coroados, como eu, e se agora te coroaste, a corôa tu a tomaste com treyção a quem ta tornarâ a tomar, que comigo está. Escrauo foste e nom pôdes assy falar ante meu estado, sem primeyro torna-res o que mal roubaste ao sultão Alaudim, que de ty me vêo pedir justiça, e comigo está com seus filhos, a quem eu ajudarey com mays rezão da que tu tens pera fallares palauras de doudo. E logo me partirey, e te vou buscar, per te fallar de mays perto, e me acharés, se me vyeres buscar».

Assim o dizia por caüsa d'essa questão de herdeiros, como se lhe chamava, e andando com seus assomos de valentia, tratando o outro por doido, sendo elle tido e havido como tal e de venetas.

Por fim esse rei mogor deu-lhe serios cuidados, e acabou por pedir o sabido soccorro de Nuno da Cunha. Aquelle potentado tambem se intitulava rei de Dhely, o qual era no tempo das descobertas e conquistas dos portuguezes um dos maiores reis da Índia.

Todos os estados d'esse reino Mogor separaram-se, e estão actualmente na dependencia dos inglezes.

Os lusitanos reprimem desordens em Cochim, e o capitão Antonio da Silveira com os seus destroe os mouros nas terras de Bardez, fóra de Goa.

Em vingança da morte de seu irmão D. Paulo, desbarata D. Estevão da Gama o rei de Ugentana, de cuja terra eram os mouros que assassinaram o dito seu irmão e alguns dos seus companheiros, que iam n'uma pequena embarcação.

Além d'isto esse rei mouro tinha mandado uma frota ao estreito de Singapura, para impedir que uns juncos grandes transportassem mantimentos para Malaca, de que o mesmo D. Estevão era capitão.

No feito contra o rei de Ugentana foi coadjuvado D. Estevão pelos seguintes capitães de embarcações: Manuel da Gama, D. Francisco de Lima, Simão Sodré, Antonio de Abreu, D. Christovão da Gama, Henrique Mendes de Vas-

concellos, Pedro Barriga, Antonio Grandio, em lanchas grandes, Pedro Fernandes Raposo n'uma caravela redonda, e Diogo Botelho em uma naveta, levando uns quatrocentos homens de peleja essas e outras embarcações pequenas, e com os escravos fazia ao todo mais de oitocentos homens.

Destruíram a terra d'aquelle rei inimigo, fizeram-n'ó fugir, e mataram-lhe muita gente, tendo sido muito acceso e porfiado o combate.

Então distinguiram-se bastante Luiz de Braga e Pedro Ramires, e d'esses capitães o que mais se distinguiu foi Pedro Barriga, fazendo-se d'estes, como aqui faço, menção muito especial.

Dos portuguezes houve só cinco homens mortos, mas ficaram muitos feridos.

Sucedeu ter n'esse tempo commettido terriveis violencias na ilha de Ternate o capitão de Maluco Tristão de Athayde. Houve tumultos, foi morto o rei d'essa ilha de Ternate e aclamado seu filho. Ouviam-se altos clamores contra Athayde, que juntamente andava em guerra com o rei de Bachão, e por motivo d'estas desordens faltava o cravo para as carregações dos nossos navios.

O commercio do cravo em Maluco, ou n'algumas das ilhas conhecidas sob aquelle nome, descobertas pelos lusitanos n'esse longinquo Oriente, continuava a custar-nos, fôra as despezas, não poucas vidas, morrendo por lá muitos dos nossos em naufragios, ou sacrificados em repetidos motins e desavenças, sendo forçoso dizer ao mesmo tempo que alguns dos nossos em varios casos tinham a culpa e davam causa a esse infortunio.

Vem a proposito citar os seguintes versos do poema dos *Lusiadas* de Camões :

«Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas;
Vê Tidore e Ternate, co'ó fervente
Cume, que lança as flammas ondeadas;

As arvores verás do cravo ardente,
Co'o sangue portuguez inda compradas;
Aqui ha as aureas aves,» etc.

.....

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Fernão Peres de Andrade

Anno de 1533

A 14 de setembro d'esse anno chegaram a Goa as naus de viagem do reino, a saber: Fernão Peres de Andrade capitão mór na nau Esphera, Thomé de Sousa na Galega, Fernão de Moraes na Santa Barbara, Jorge Mascarenhas na Santa Clara, Martim de Freitas na Espinheiro, Fernão Camello na S. Bartholomeu, e Luiz Alvares de Paiva na Cirne, todos estes como capitães das mesmas embarcações.

Combina quasi tudo, notando só que em vez da nau Espinheiro traz o outro auctor alludido¹ a nau S. Roque, em vez da nau Esphera traz a nau Espera, e em vez da nau Cirne traz a nau Cisne.

O appellido Peres e o nome da segunda nau da armada suggerem-me umas considerações.

Na epoca da transformação do condado de Portugal em reino, de origem meio hespanhola pelo desmembramento de terras de Hespanha, e meio serracena pela conquista de terras de mouros, segundo o nosso maior historiador,² to-

¹ Figueiredo Falcão.

² Alexandre Herculano.

maram parte activa nas guerras da independencia alguns nobres hespanhoes de Galliza, entre elles os condes Fernão e Bermudo Peres (1121). D'ahi vem que se misturassem certas familias fronteiras, apparecendo e continuando entre nós certos appellidos estranhos. A fidalguia de Galliza teve entre os portuguezes descobridores e conquistadores da India um representante na pessoa de João da Nova (1501); castelhano nobre era egualmente Antonio de Saldanha; parece que era francez o Luiz Calataud; era da Allemanha um chamado Marco Allemão; era florentino micer Vinete; italianos, venezianos, ou genovezes, eram Marchones, Cerniches, Galos, e um tal João de Venezianos; eram còrsos Silvestre, Natalino e Pedro de Bachan, se não me engano; era de uma das ilhas Canarias um João Corce. Da mesma fórma eram de origem estrangeira os Peres, Morenos, Seranos, Nunes e Martins de Leão, Gás, Chanocas, Pantojas, Mancyas, Soeiros, Reynosos, Bixordas, Guterres e Fernãos de Monroyo, Toares ou Tôvares, Cabreiras, Ravascos, Sepulvedas, Beraldos ou Bernardos Drago, Matabias, Anhayas, Bocarros, Grandios, Ayoras, Badarças, Escobares, Alonsos, Falleiros, Peteiras, Paviás, o conhecido pelo simples nome de João Gallego (que matou em combate singular um rei de Zeyla), e outros, todos os quaes vão mencionados nos seus competentes logares.

Vimos que antes d'estes já eram distinctos os Infantes (João, e Lopo ou Pedro) isto de 1486 para 1487, ou Tristões, d'aquella fórma chamados, ou pelo menos o primeiro appellidado Infante, e eu depois direi o motivo.

E porque se não haviam de distinguir? De aventuras não deixam de participar quaesquer nacionalidades. Nacional ou estrangeiro, o homem avalia-se e mede-se pelas suas boas ou más qualidades. Entretanto eram já como irmãos esses nossos hospedes e auxiliares, e emfim circumstancias ha em que todo o asylo ou pousada serve ao homem.

Luiz de Camões, que não pôde ser taxado de falta de patriotismo, muito bem diz:

«Que toda a terra é patria para o forte.»

O proprio Luiz de Camões descende de Vasco Pires de Camões, que de Galliza passou a estabelecer-se em Portugal no anno de 1370.

Estreitas relações existiam entre nós e essa provincia de Hespanha; mas longe de mim o querer emaranhar-me em genealogias.

D'entre aquelles, pela maior parte capitães, houve diversos que fizeram bons serviços, morrendo alguns d'esses prestantes forasteiros combatendo a favor da sua patria adoptiva. A razão pedia que lhes deixasse separadamente esta recordação.

Não devemos ser mais duros e intransigentes n'este particular do que os nossos rigidos antepassados, que não tiveram duvida de os terem a seu lado e de aproveitar-lhes os serviços.

Accrescento dizendó o que colhi de uma pessoa competente, a que já alludi, com referencia aos Infantes, e vem a ser: «... que não affirmava que a familia Infante seja de origem hespanhola, crendo porém que sim, porque tal familia tem andado sempre unida á de Lopes de Galliza, e que usa do mesmo escudo d'armas.»

E assim deixo mais ampliada a noticia ácerca dos mencionados João, e Lopo ou Pedro Infante, em quanto não a completo.

Volto a fallar do anno de 1535.

Fallecendo n'esse tempo o velho Hydalcão, senhor das sabidas terras de fóra de Goa, menos as de Bardez e Salcete, cedidas a Portugal, houve desintelligencias entre os filhos que deixou, agitando-se os do partido de cada um, vindo comtudo a socegar por então.

Por causa d'essas terras cedidas e no dominio dos portuguezes moveram-se rixas, e por fim não pôde evitar-se a guerra.

Depois de dois ataques os lusitanos deixaram derrotados os contrarios, o que esteve para sair ao inverso, pelo motivo de desaccordo entre alguns dos nossos no principio da contenda.

O caso passou-se da seguinte maneira :

O destemido capitão de Goa D. João Pereira só com doze homens de cavallo, por se terem retraido os outros de pé, que levava, atacou heroicamente uma força de mouros e gentios muitissimo superior em numero, tal era o estado de excitação em que estava por aquelle retraimento dos seus, e foi feliz, porque os bateu, desordenando-os, tendo elles á sua frente um capitão turco, e voltando depois para D. João Pereira os que primeiro o haviam abandonado fez-lhes uma notavel falla.

Como depois d'esse ataque dos de cavallo avançassem os nossos de pé, e dessem todos juntos sobre os inimigos, já desordenados, tiveram então estes o maior destroço e uma perda consideravel, deixando no campo muita gente morta e ferida. Dos nossos só houve poucos feridos.

Tambem deu logar áquellas dissidencias o não se querer um forte que os nossos pretendiam conservar na margem d'um rio nas terras fóra de Goa. O porta-bandeira Thomé Rodrigues distinguiu-se muito na defensão da sua bandeira n'um combate que ali teve logar.

As terras fóra de Goa deram bastante que fazer; e depois o capitão Antonio da Silveira com os do seu commando teve por esse lado renhidas contendas, especialmente em Bardez.

Com o capitão de Maluco, Tristão de Athayde, em que não ha muito fallei, tambem estavam occorrendo graves desintelligencias.

Esse obcecado homem mandou ao governador Nuno da

Cunha pelo navio de Leonel de Lima varios presos, entre os quaes se achavam o rei Tabarija e sua mãe; e o governador examinando os papeis das devassas não encontrou nos presos as culpas que lhes imputavam. Soltou-os, tratou-os bem, e forneceu-lhes o necessario para os seus gastos. O honrado Nuno confirmou a Tabarija no governo das suas terras, e enviou-o com pompa e mais os seus para Maluco.

Foi isso uma bella acção, não ha duvida, mas o infeliz Tabarija pouco mais tempo viveu, sendo a causa de todas as suas desgraças aquelle seu perseguidor violento e desumano.

A Tristão de Athayde estava, não obstante, ainda reservado mais algum desengano.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Jorge Cabral

Anno de 1536

N'esse anno partiram do reino para a India cinco naus, levando por capitão mór Jorge Cabral, não nos declarando Gaspar Corrêa os nomes d'ellas. A primeira d'essas naus, que chegou á barra de Goa em 4 de setembro, foi a de Ambrosio do Rego, e depois deram entrada ali as de Jorge Cabral, Duarte Barreto, Gaspar de Azevedo, e Vicente Gil.

Gaspar Corrêa e o outro alludido auctor¹ estão acordes nos nomes dos capitães, declarando esse outro auctor alludido os nomes das naus pela fôrma seguinte:

Jorge Cabral mór na nau Grifo, Ambrosio do Rego na Santo Antonio, Gaspar de Azevedo na Santa Maria da Graça, Duarte Barreto na S. Miguel, e Vicente Gil na Santa Cruz.

Foi ordem de Portugal para vir de lá preso Garcia de Sá, sequestrando-se-lhe a sua fazenda, por abusos de que era arguido, da epoca em que exerceu o cargo de capitão de Malaca.

Tornou o Samorim de Calecut a mover-se contra Cochim.

¹ Figueiredo Falcão.

O pretexto era «*yr coroar-se ao Padrão, que avia na Ilha de Repelym*» segundo o uso antigo.

Além do que observei quanto ao supremo grau sacerdotal que occupava no Malabar o rei de Cochim; convem attender a que ainda se dependia d'aquella sua mysteriosa ilha de Repelim para outra qualidade de investidura, ou acto solemne, qual era o da sobredita coroação d'um potentado como o Samorim de Calecut, tudo concorrendo para a respeitabilidade do rei de Cochim perante os naturaes e muitos estrangeiros, embora o desaccordo que havia entre elle e o rei de Calecut e com varios dos que o seguiam.

Foi pelos portuguezes arrancado o padrão e levado ao fiel alliado (sem hyperbole) o rei de Cochim, providencia provisoria, mas efficaz n'esse tempo, a qual acabou com a questão, e fez logo retirar o Samorim e todos os que o acompanhavam.

Sucedeu tambem n'essa epoca a grave tragedia que vou contar.

Nuno da Cunha foi a Dio já avisado da traição que lhe queria fazer o rei de Cambaya, o sultão Badur, que estava n'aquella cidade, ao qual foi visitar ao mar, e o mal que queria fazer a Nuno succedeu-lhe a si, perdendo a vida da maneira que vou referir.

O governador tinha-se fingido doente, e o rei Badur foi a bordo n'uma fustinha só com sete mouros como que para o ver e comprimentar. Quando o governador menos o esperava saiu-se o rei na sua fustinha. Foram chamal-o, e n'isto embrulharam-se as fustas e a gente; começaram a accometter-se, houve mortos de parte a parte, e o Badur, já ferido, caiu ou lançou-se á agua, morrendo então, e nunca se lhe encontrou o cadaver.

Assim acabou esse potentado, um dos maiores da India, activo, mas inconstante e leviano.

N'esse conflicto foram assassinados os dois bravos caval-

leiros portuguezes Manuel de Sousa e Pedro Alvares de Almeida.

Do nome do primeiro já tinha havido um que foi morto em 1525 n'um combate na ilha de Lotir, como deixei narrado em seu devido logar, e mais outro, se é que não houve engano n'algum d'esses nomes; e vae apparecendo repetido este nome, n'isto indo-se parecendo com o João Serrão e com mais alguns.

Partiu d'ali Nuno da Cunha, deixando providenciadas as coisas, confiando sobre tudo no poder da fortaleza que os portuguezes lá tinham, e no auxilio secreto de um mahometano poderoso do partido dos lusitanos.

O capitão mór Martim Affonso de Sousa partindo com as suas fustas para andar na costa de Cochim, uma manhã topou de subito com o capitão mouro Cunhalemarcar que trazia vinte cinco paraós. Os primeiros que atacaram foram Diogo de Reynoso, Antonio de Soutomaior, Antonio de Lima, Duarte Rodrigues Mousinho, e Diogo Corvo, capitães de suas fustas, fugindo os mouros e abrigoando-se atraz de uma restinga onde as fustas não se poderam chegar; ainda assim tomou-se-lhes uma fusta que tambem elles traziam; isto foi junto a Coulete.

O governador regressou a Goa em fevereiro de 1537.

Ia-me escapando dizer que ainda em 1536 atacou novamente D. Estevão da Gama o rei de Ugentana, que por fim lhe pediu paz, a qual se firmou por intermedio d'um seu tio, por esse modo vindo socego e grande proveito ao commercio de Malaca.

Traz citado Gaspar Corrêa o seguinte caso occorrido em Dio (referindo-o a março ainda tambem d'aquelle anno de 1536) e pelo não achar impossivel e por elle lhe afiançar alguns promenores, como tendo-o presenciado com outros n'aquelle epoca, aqui o apresento.

Declara elle o seguinte: «*E perque me parecço rezão, digo per cousa de espanto o que eu vy, e o vyrão todolos ho-*

mens, e o governador: hum homem que passaua de tresentos anos de sua idade, e bem desposto, e hum filho de dozentos. O pay, de barba preta e pouqua, disse que cinco vezes lhe cayrão todolos cabelos e dentes, e outras tantas vezes tornarão a nacer. Tinha os olhos muito encouados, a carne dura como neruos, contaui grandes cousas, falaua pouquo. O filho daua mays rezão das cousas. Tinhão comedia d'El-Rey (era o sultão Badur) em grandes casas, e com sua familia. D'este filho nom auia filhos», etc.

É possível, mas é d'uma raridade assombrosa, de que nos apresentam alguns exemplos semelhantes os tempos biblicos.

E não só nas eras patriarchaes alguma coisa parecida houve, como ia dizendo, pois que depois que d'aquillo tomei nota deu entre nós um jornal a seguinte noticia extrahida d'um jornal inglez: «Na America do norte existia em 1878 um velho de cento e oitenta annos de idade, ou mais, porque diziam que havia quem calculasse ter elle mais idade do que confessava. Era um mestiço chamado Miguel Salis, cuja existencia foi revelada por um dos colonos mais edosos, que se lembrava de o ter conhecido já como centenario, quando esse colono era ainda muito novo» e talvez que ainda viva.

Temos por conseguinte um facto moderno quasi empareirando com o da outra noticia; e o nosso homem Miguel Salis, pelo exposto, parece que já orçaria pelos seus duzentos annos de idade. Benza-o Deus! se ainda está vivo, aliás vá isto á conta da sua memoria.

Assim como devem elogiar-se os procedimentos honrados e sublimes, e os homens bons e illustres que os praticam, assim tambem se devem censurar os maus. Aquelle Tristão de Athayde, a que ha pouco me referi, e que ainda era parente de D. Estevão da Gama, exasperou de tal maneira os reis de Tidore, Gilôlo, e Bachão, das ilhas do cravo, ou Molucas, que chegaram a fazer um pacto *«pera que*

nom o podendo matar, se arrancassem todas as arvores do crauo, se despouoassem as terras, e seus habitantes emigrassem pera se liurarem do tyrano.»

Por tanto não admira o que aconteceu; e os opprimidos tiveram razão no que fizeram para melhorarem a sua sorte.

Rompeu com força a guerra n'essas ilhas do cravo, como se lhes chamava, não contra o governador ou em opposição ao governo de Goa, sabida capital das nossas colonias e possessões na Asia, como Loanda é considerada capital das de Africa, mas contra o capitão Tristão de Athayde, conforme disse, acrescentando agora mais alguns esclarecimentos.

Tinha começado essa guerra na ilha de Ternate, e indo n'uma investida por mar n'um paraó Luiz do Cazal e n'outro Pedro Henriques, cada um apenas com dez homens «espingardeiros» caíram n'uma cilada, e foram cercados e mortos pela gente de umas embarcações de Tidore.

Semelhantemente em Ternate não alcançaram vantagem os da facção de Athayde. Exaltados e furiosos tanto os mouros como os naturaes atacaram os portuguezes de um bergantim, que do mesmo modo todos foram mortos, e entre elles Balthasar Vogado, e d'essa vez os mouros e gentios que tal fizeram pertenciam á ilha de Gilôlo.

Repetiam-se os ataques e os assaltos por parte d'aquelles offendidos, e os portuguezes estavam então ali em pessima situação, e em numero inferior ás necessidades.

Tristão de Athayde via-se já em grandes apuros. Mandou pedir socorro ás ilhas de Bandá, e se não vem o melhor dos socorros, que foi o novo capitão de Maluco, talvez se perdessem n'essa occasião todas as ilhas do cravo; pelo menos corria-se o risco de as ver assoladas e abandonadas pelos seus proprios habitantes, realisada a ameaça em que fallei, o que pouco menos seria do que a perda total das ilhas Molucas.

Violencias por acinte trazem quasi sempre a peor das reacções, que é a do desforço desesperado.

Deviam e devem attentar n'isto, geralmente fallando, outros despotas que apparecem, ou com inclinações e tendencias para o serem.

Veiu e chegou finalmente o novo capitão para Maluco, o illustre e sempre respeitado Antonio de Sousa Galvão, a quem alguém já honrou com a denominação de «Apostolo das Molucas», estando-se ainda em 1537, e deu varios combates ás gentes dos tres referidos reis reunidos, ficando victorioso e com tão poucos mortos e feridos dos seus, que Gaspar Corrêa chama «milagrosas» ás suas victorias.

É notavel que já então se fallava na possibilidade da abertura de um canal inter-oceanico pelo isthmo de Panamá, obra em que se pensa ha annos a esta parte, e cujo começo parece estar proximo a realisar-se. Antonio de Sousa Galvão tratou d'aquelle assumpto n'um seu escripto ácerca de «Descobrimentos» e diz que o hespanhol Sáveda o havia communicado e lembrado ao seu governo.

Os que mais ajudaram o mesmo Antonio de Sousa Galvão e mais se distinguiram nos referidos combates foram Gonçalo Vaz de Sernache, Diogo Lopês de Azevedo, Jorge de Brito, Antonio de Teive, Antonio Carneiro, Francisco de Sousa, João Freire, Pedro Pinheiro (noto que com este nome de Pedro ou Pero Pinheiro ha um logarejo a pouca distancia de Lisboa, talvez terra da naturalidade d'aquelle), João Pacheco, e Diogo Moreira, bons cavalleiros, que com o capitão á frente *«e per ganharem honra, fyzerão façanhas.»*

Os bons portuguezes d'aquelles tempos trabalharam com afinco, trabalharam muito, e todavia ha quem entre nós não divise mais que «os factos materiaes». Sorrindo-se, tenho ouvido dizer seccamente a homens de algum talento «valentes erã elles» alludindo desdenhosos á força physica, e como que desconhecendo os impulsos generosos que mui-

tas vezes precederam e prepararam os factos! factos que, pelo alcance do seu conjuncto, foram de maxima transcendencia, como se sabe, e não se poderá negar.

Eram só valentes, e mais nada? Não se precisa de resposta, bastará que a propria consciencia lhes responda, que responda aos que fallem por aquella maneira.

Depois do mais que deixei dito Antonio de Sousa Galvão, que era habil capitão e perfeito cavalleiro, offereceu paz, promettendo attender aos agravos do rei de Tidore e dos de outras ilhas proximas, os quaes annuiram, para o que concorreu o conselho do rei dos papúas, tendo morrido o rei Dayalo de Ternate dos ferimentos que recebeu na guerra.

Eis como succedeu e de que modo terminou essa renhiddissima contenda, e grandes serviços prestaram então o benemerito Antonio de Sousa Galvão e seus dignos companheiros.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1537

Partiram do reino para a India em 12 de março d'esse anno cinco naus de carga sem capitão mór, de que foram por capitães, a saber: D. Fernão de Lima em a nau S. Roque para capitão de Ormuz ou de Goa, se primeiro vagasse essa capitania, Martim de Freitas na Gallega, Jorge de Lima na Santa Barbara para capitão de Chaul, D. Pedro da Silva na Rainha, e Lopo Vaz Vogado na Flôr do mar. E foram de reforço com essas naus tres caravelões armados «por causa dos corsarios francezes», essas ultimas embarcações lusitanas retrocedendo na altura do Brasil, e seguindo os mais navios portuguezes a sua viagem com escala por Moçambique e outros portos.

Está de perfeito accordo com a descripção que faz d'essa armada o outro auctor alludido.¹

Esse mesmo auctor traz uma lista de outros capitães e navios, de que diz que era capitão mór D. Christovão da Gama, com um titulo um tanto confuso, mas tendo ao lado, em fôrma de advertencia, as palavras —Torna viagem—

¹ Figueiredo Falcão.

pelo que parece lista não de navios «idos» porém de armada de volta para o reino, e Gaspar Corrêa não falla de taes navios saídos n'aquelle anno de 1537 para a India.

Pouco tempo havia que o capitão Antonio da Silveira tinha destroçado bom numero de sublevados nas terras fóra de Goa, distinguindo-se então todos os seus de cavallo, que eram João Juzarte Tição (ou Texão?), Francisco de Vasconcellos, Antonio de Lemos, Juzarte de Andrade, Antonio da Fonseca, Francisco de Gouvêa, Francisco da Cunha, Francisco da Silva, Diogo Lobato, Ruy Dias da Silveira, Christovão Pereira, Diogo Botelho de Andrade, Duarte de Sousa, Manuel de Azambuja, Antonio Caldeira, Alvaro de Figueiredo, Duarte Rodrigues Mousinho, Francisco de Sousa, Galvão Viegas, Diogo Fernandes, João Viegas, Antonio de Brito, João Gomes, Duarte de Athayde, e outros; e entre os inimigos havia turcos ou rumes em serviço do novo Hydalcão.

Tendo-se acima mencionado Antonio Caldeira, e havendo encontrado um do mesmo nome, morto em Achem com outros em 1528, segue-se que devem ter sido diversos esses Caldeiras, talvez da mesma familia, podendo-se chamar a um «o novo» e ao outro «o velho».

O capitão do mar Martim Affonso de Sousa deu combate a paraós de Calecut, fortes ao pé de uma restinga ou baixo, e derrotou-os. Depois ainda deu outro combate maior contra muitas embarcações de mouros no mar de Cochim, matando-lhes muita gente, tomando-lhes varias embarcações, e juntamente setenta peças de ferro, roqueiras, falcões, e berços de ferro e de bronze. Era frequente encontrarem-se os mouros fortemente armados d'esta maneira.

Elle foi posteriormente mandado convidar pelo rei de Ceylão a fim de o ir visitar, para por esta fôrma incutir medo nos seus inimigos, o que praticou, e o rei d'essa terra o presenteou com um rico colar e deu aos mais capitães ou-

tras joias, despedindo-se de todos com muitos cumprimentos e attentões.

Estava-se no anno de 1538 quando duas naus de Hespanha foram ter á ilha dos papuás, sabendo-se isso em Maluco, bem como que naufragaram essas naus, e que os gentios da ilha mataram uns dos tripulantes e captivaram outros.

Nesse mesmo anno chegou á India uma armada de galés dos atrevidos rumes.

Entrados no porto de Dio os mesmos rumes começaram por fazer fogo contra o baluarte de Francisco Pacheco da nossa fortaleza, d'onde foi para elles um pelouro que entrou pela bocca de uma peça que elles estavam apontando e a arreventou, matando cinco, ferindo mais de vinte, e assombrando-os por fórma, que disseram «...*nom serem estes portuguezes tam fraquos como lhes dizião, que em os vendo se entregarião logo!*» Em todo o tempo e por toda a parte a mesma tactica, o mesmo uso da mentira, que aquella exclamação revela.

Boa estreia a d'aquelle tiro, não ha duvida, mas ver-se-ha em que perigos e apuros veiu a estar a fortaleza.

REINADO DE D. JOÃO III

D. Garcia de Noronha, vice-rei da India, 11.º governador

Anno de 1538

Não se tendo numerado nas *Lendas* da obra de Gaspar Corrêa como 11.º governador da India o vice-rei D. Garcia de Noronha, assim o numerei acima, por devida conformidade, e por isso vae d'aqui em diante alterada a numeração dos outros governadores, accrescentando-a com mais aquelle.

Chegando no dito anno á barra de Goa D. Garcia de Noronha como vice-rei da India, e dando-lhe Nuno da Cunha a sua residencia, partiu este para Cochim para fazer carregar as naus e regressar para o reino, e com D. Garcia de Noronha foram onze naus grossas para carregar, a saber: elle em a nau Santo Espirito, D. João d'Eça na S. Bartholomeu para capitão de Goa, Ruy Lourenço de Tavora na Santa Cruz para capitão de Baçaim, D. Christovão da Gama na Santo Antonio para capitão de Malaca, Luiz Falcão na Santa Maria da Graça para capitão de Ormuz, Francisco Pereira de Berredo na Cirne, D. Garcia de Castro na Fieis de Deus, João de Sepulveda na Junco para capitão de Sofalla, D. João de Castro na Grifo, D. Francisco de Menezes na Burgaleza para capitão supplente de Baçaim, e Aleixo de Sousa na Ciça para capitão, na ausencia de João de Sepulveda.

Foi mais outra nau de Bernardim da Silveira, que arribou a Portugal com agua aberta. Iam pois despachados alguns dos capitães para os differentes cargos que disse.

Dez d'esses navios chegaram a Goa a 11 de setembro, por que a nau de João de Sepulveda ficou em Moçambique, e só partiu d'ali no anno seguinte.

Levava a armada dois mil homens de armas em que havia mais de oitocentos fidalgos e cavalleiros.

O outro auctor alludido¹ dá á armada mais naus e ha mesmo troca de nomes d'algumas, faltando na obra de Gaspar Corrêa a menção de algumas naus e de seus capitães, como se vê da lista seguinte:

D. Garcia de Noronha vice-rei na nau Espirito Santo, Bernardim da Silveira na Gallega, Diogo Lopes de Sousa na S. Paulo, Fernão de Castro na S. João, Fernão de Moraes na S. Diniz, Alvaro de Sousa na Santa Catharina, Henrique de Sousa Chichorro na Sicião, D. Christovão da Gama na Santo Antonio, D. João de Castro na Grifo, D. Francisco de Menezes na Santa Cruz, Luiz Falcão na Nossa Senhora da Graça, D. João de Sá (ou d'Eça) na S. Bartholomeu, João de Sepulveda na S. Lourenço, e Francisco Pereira de Berredo na Cisne.

Havia na fortaleza de Dio, em 1538, um pobre homem com que se diz que todos zombavam e riam. Davam-lhe o tratamento de «Villão» termo qualificativo que lhe servia de nome; e com effeito o pobre peão, que vem a ser o mesmo, ou plebeu ou popular, como hoje se diria, não logrou legar o seu nome á historia senão por aquelle modo, illustrando-o todavia.

Foi o caso, que no dia em que chegaram os rumes disse o capitão Antonio da Silveira, fallando com elle: «*E que fará agora o Villão que aquy som os rumes connosco? Elle respondeo-lhe polos consoantes, dizendo: «Ora aquy som agora*

¹ Figueiredo Falcão.

os rumes. Vejámos que fará agora o Silveira com estes seus escudeiros, que, á bofé, o Villão nom se ha de esconder, que diante ha de andar». Este homem em todos os feytos em que se achava fez taes feytos que de todos era muy honrado, e em muyta estima porque onde elle pelejava cortava com a espada, e seria com a lança de tal sorte que fazia espanto, com que de todos era muy estimado e todos lhe fazião muyta honra. O qual no dia em que fez mores façanhas foy morto de uma espingardada que lhe derão pola cabeça, do que todos ouuerão muyto pesar, e muyto mais que todos o capitão, dizendo: Grande perda em perdermos hum tão valente parceiro, que se elle viuera eu o fizera que elle valesse muyto.»

Tal era o chamado Villão da fortaleza de Dio.

Occupado o vice-rei em reunir forças d'onde as houvesse disponiveis, para soccorrer Dio, e para outras urgencias, e ao mesmo tempo faltando-lhe dinheiro, pediu um emprestimo pecuniario aos moradores de Goa e que tambem lhe emprestassem escrayos de vinte annos para cima de idade para remeiros, com o que obteve muito dinheiro e muitos escravos, porque este pedido dirigiu a Cochim e ás mais fortalezas importantes, e só o rei de Ceylão lhe emprestou trinta mil cruzados.

N'essa mesma occasião enviou-lhe o novo Hydalção grande presente de mantimentos e mensageiro de proposição de paz e amizade, ao que principalmente o movia o receio de que viria tirar-lhe o Balagate o capitão dos rumes, se triumphasse dos portuguezes, para o dar a um pretendente que vinha em sua companhia.

O vice-rei, que andava na diligencia de reunir gente, como disse, ordenou por isso que viesse a que estava destacada na costa de Choromandel.

N'um segundo ataque dos rumes á fortaleza de Dio tinha-se perdido o baluarte de Francisco Pacheco, ficando este prisioneiro com alguns companheiros, mas o bravo e indomito Antonio da Silveira, novo capitão da fortaleza, provia

tudo com acerto da banda dos combatantes e do baluarte do mar, e respondia com nobre altivez a uma carta que o capitão dos rumes lhe enviou, continuando porém os rumes a fazerem-lhe fogo terrível de artilheria, tendo-lhe causado já grandes estragos na fortaleza.

Estavam ali por tanto os lusitanos cada vez em mais apuro, havendo resistido a dois assaltos á escala vista, de arma branca, de peito a peito, e contraminado minas que elles tinham praticado, e o vice-rei sem chegar com o tão precioso e urgente soccorro!

Mas, quando menos esperavam, eis que em 6 de novembro, por desintelligencias dos rumes com a mais gente do seu partido, e vendo a resistencia que se lhes oppunha, fazem-se de vela para o mar as suas galés, e desaparecem.

Disse então para os seus o illustre Antonio da Silveira: *«Trinta anos ha que nom vyerão rumes á India senom estes que vyerão tam possantes, e aprouue a Nosso Senhor fazer-nos tanta mercê, que nom somente nos defendemos deles antre estas paredes rotas, mas lhes fyzemos tanto mal, que desbaratados se tornão, fogindo!»*

Deve entender-se esse modo de expressar, como não tendo vindo rumes, assim em armada contra Dio, ha tanto tempo.

Partiu logo para Goa um catur a levar ao vice-rei a agradavel noticia da retirada dos rumes.

Um pequeno grupo de gente d'armas portugueza, tendo por inimigos um sem numero de rumes aguerridos, e mouros e gentios, da cidade de Dio e da de Cambaya e de outras partes, que para ali tinham concorrido, resistiu, como se vê, sem que nunca os adversarios podessem tomar a fortaleza, já desmoronada de um lado e enfraquecida pela perda do baluarte de Francisco Pacheco... E não obstante ainda de façanhas mais estupendas havia de ser theatro essa fortaleza!

Chegada a noticia a Goa pediu Martim Affonso de Sousa

ao vice-rei que o deixasse ir com a sua armada em perseguição dos rumes, ao que o mesmo vice-rei se escusou, pelo que Martim Affonso de Sousa, que era entendido e valoroso, despedindo-se, foi a Cochim, e pouco depois partiu para Portugal.

Apesar do que ainda serei forçado a expender ácerca d'esse Martim Affonso de Sousa, reconheço aqui de bom grado o merecimento da sua acção, como todos reconhecerão o proceder inconveniente e até certo ponto suspeito do vice-rei, cujo posterior comportamento tambem se vae ver que não foi bom, que não foi correcto, como agora se usa dizer.

O mesmo vice-rei foi a Dio, soffrendo na viagem grande tempestade, e d'ali mandou o seu filho D. Alvaro para a costa de Malabar com dezoito velas, em auxilio da povoação de Baçaim, que estava guerreada pela gente de Cambaya, isto no anno de 1539.

Pedindo tambem auxilio o rei de Ceylão foi levar-lh'o Miguel Ferreira, que desbaratou muitos dos adversarios. O principal mouro inimigo, o temivel Patemarcas, mais um irmão e um sobrinho foram então mortos pelos proprios mouros seus sequazes, e Miguel Ferreira apresou algumas embarcações da armada contraria.

Ainda em 1538 atacada Malaca violentamente pelos feroces achens é defendida por D. Estevão da Gama, que estava ainda ali por capitão, servindo sob suas ordens os capitães D. Francisco de Lima, D. Manuel de Lima, D. Christovão de Athayde, Manuel da Gama, e o feitor Francisco Bocarro, como juntamente outros homens cavalleiros, praticando então todos esses e outros portuguezes acções de grande valor.

O vice-rei invernou em Goa, para cujo porto igualmente se recolheu seu filho D. Alvaro com a armada de cruzar na costa, suspendendo-se esse serviço, em quanto o tempo não melhorava.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Pedro Lopes de Sousa

Anno de 1539

No fim do mez de setembro d'esse anno chegaram á India, expeditas de Portugal, quatro naus de carga, de que era capitão mór Pedro Lopes de Sousa, que foi em a nau Gallega, indo nas outras, a saber; Simão Sodré na Rainha, D. Roque Tello na S. Pedro, e Alvaro Barradas na Esphera de armadores. O capitão Simão Sodré chegou um pouco mais tarde a Goa, esteve em Cananor e foi a Cochim; e as outras naus, logo depois de chegadas, tambem se tinham dirigido a Cõchim para carregarem.

O outro auctor alludido¹ dá á armada mais duas naus, e traz alterados o nome da primeira nau e o do quarto capitão, pela fórma seguinte:

Pedro Lopes de Sousa mór na nau Esperança, Simão Sodré na Rainha, Alvaro Barradas na Esphera, e D. Roque de Menezes na S. Pedro.

Das outras duas naus diz assim:

Henrique de Sousa na nau Salvador e Thomé de Sousa na S. Paulo.

Um mez depois da sahida d'aquellas naus do reino, con-

¹ Figueiredo Falcão.

forme Gaspar Corrêa, chegou a Portugal Diogo Botelho n'um navio que o vice-rei mandou com cartas e noticias da retirada dos rumes.

Esse Botelho, notorio inimigo do ex-governador Nuno da Cunha, fartou-se de o intrigar perante el-rei, atrevendo-se até esse mestiço, porque o era, a abusar do segredo das cartas que levava a bordo, conservando umas e sumindo ou deitando ao mar outras, tudo para os seus malevolos fins, segundo nos conta Gaspar Corrêa, e soube-se juntamente que o malogrado Nuno da Cunha veio a morrer de doença de que foi atacado no navio em que regressava á patria, succumbindo a seu bordo, já na altura do cabo da Boa Esperança.

Refere-se d'este varão respeitavel, que, estando quasi a expírar, recommendou *«que do seu se pagassem as duas ballas com que fosse lançado ao mar, porque nom deuia mays nada á fazenda d'El-Rei.»*

Foi esse um rasgo que bem mostra a inteireza d'aquelle character nobre e forte, e de que transpira algum antigo desgosto que profundamente o minasse! . . .

A historia deve conservar para sempre, com particular veneração, aquelle dito, a par do nome de quem angustiosamente o proferiu nos seus derradeiros momentos!

D. Garcia de Noronha «fez assento de paz» com o rei de Calecut.

Enviou o capitão Manuel da Gama á costa de Choromandel com poderes para fazer de lá regressar a gente portugueza, e para fazer demolir a velha casa do apostolo S. Thomé, monumento que até os gentios tinham respeitado, ao passo que esse D. Garcia se descuidava de outros negocios.

Adoeceu porém esse vice-rei; e estando muito atrazado o arranjo dos navios, mal providos os armazens, achando-se tudo em Goa n'um marasmo indizível, e n'um descontentamento immenso, representando-lhe o fidalgo D. Hen-

rique de Sousa, com outros, ser necessario nomear quem o substituísse durante a sua doença, elle só queria que em seu logar servisse o seu filho D. Alvaro, tratando asperamente os alludidos fidalgos, não se concluindo por isso coisa alguma, com o que havia no povo grande clamor e escandalo, accrescentando Gaspar Corrêa estas palavras: «...e seu mayor cuydado assy na cama em que jazia, era apanhar dinheyro, vendendo perdões por todosos preços, e degredos, e officios, e licenças, que nenhũa cousa lhe pedião que nom dêsse por dinheyro.»

Ahi temos outro apeado do seu pedestal de gloria por Gaspar Corrêa; mas compensam-nos de sobejo as memorias venerandas e honrosissimas de outros portuguezes que serviram na India.

Gaspar Corrêa de certo não era infallivel; podia enganar-se ou podiam tel-o ás vezes illudido; comtudo tenho para mim que procurava ser sempre exacto e consciencioso, quer nos elogios quer nas censuras; e a sua obra das *Lendas da India*, conforme já o dei a entender na introducção a este meu *Resumo historico*, está bem longe de ser, como algumas outras, uma agglomeração laudatoria ou um acervo de gabos e phantasias em muitos logares, pelo contrario Gaspar Corrêa reparte as censuras e os elogios como lhe parece, segundo se pôde ver nos casos que aponto e em outros da sua obra.

Vou pôr o que diz Camões ácerca d'esse vice-rei, coisa pouca e friamente, e note-se mais que ao mesmo tempo reconhece que a defesa da fortaleza de Dio, atacada pelos rumes e por muitos outros guerreiros, foi devida á energia e firme direcção de Antonio da Silveira, seu capitão, com a ajuda dos mais portuguezes que commandava.

Eis o que diz Camões no poema dos *Lusiadas*:

«Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os rumes feros afugenta,

Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando» etc.

Fallecido o vice-rei, e na fôrma do costume aberta a primeira carta de successão, datada de Lisboa aos 10 de março de 1538, fez-se publico achar-se nomeado para governador da India Martim Affonso de Sousa; mas porque elle tinha ido para o reino mandou-se abrir a carta da segunda successão, em que se achou nomeado para equal cargo D. Estevão da Gama, que por todos os assistentes ficou julgado como tal, sem que nenhuma duvida occorresse.

REINADO DE D. JOÃO III

D. Estevão da Gama, 12.^o governador da India

Anno de 1540

Este governador tinha de trinta e cinco a trinta e sete annos de idade; era prudente e avisado, amigo da justica e do serviço do estado, e era expedito e muito entendido nos negocios da India.

Trouxe muito dinheiro de Malaca, proveniente da divisão de presas ou tomadias, sobretudo.

Eu já deixei observado que só com as quotas de tal procedencia, e com o commercio, se podiam ter feito no Oriente avantajadas fortunas legaes.

Sempre que posso agrada-me restabelecer a verdade dos factos.

Mandou immediatamente ao vedor da fazenda vinte mil pardaus (mais de sete contos de réis) para ajuda do provisionamento dos armazens e officinas do arsenal da Ribeira; activou os trabalhos dos concertos da armada assistindo a elles, vendo o que se fazia; e acautellava-se dos rumes, dizendo *«que se nom vyessem, ele os yria buscar ao Estreyto, até chegar ao Toro e a Suez»*, como se verá que foi.

Providenciou promptamente sobre outros assumptos com muito siso, e fez uma notavel falla aos fidalgos, em conse-

lho, admoestando-os bondoso, mas com isenção grave e inteira, em que entre outras coisas lhes recommendava «*que nom colhessem em suas casas os malfeytores, nem dessem fauor contra a justiça.*»

A este pois era bem applicavel o conhecidissimo verso de Camões:

«Que de tal pai tal filho se esperava.»

Concertados os navios e embarcações menores, conforme as necessidades do serviço, mandou o governador sair na entrada do verão duas armadas, uma para andar na costa de Dio e a outra na do Malabar, segundo o costume, e para os fins de cruzarem e fiscalisarem devidamente.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Francisco de Sousa Tavares

Anno de 1540

Foram de Lisboa para a India n'esse anno quatro naus, cujos nomes não os vi mencionados por Gaspar Corrêa, de que ia por capitão mór Francisco de Sousa Tavares, sendo os mais capitães, a saber: Vicente Gil, Vicente Lourenço Matabias, e Simão da Veiga, e trouxeram a noticia de que Nuno da Cunha tinha fallecido «de esquinencia» na viagem para Lisboa, passado o cabo da Boa Esperança. Parece que o referido capitão mór ia tambem commandando o seu navio.

Ha differença nos nomes do segundo e terceiro capitães comparando com o que diz o outro alludido auctor,¹ dando este os nomes das naus e dos capitães pela maneira que se segue:

Francisco de Sousa Tavares mór na nau S. Philippe, Vicente Lourenço na Grifo, Lucas Geraldès na Urca, e Vicente Gil na Nossa Senhora da Graça.

Do reino mandavam-se recolher as cartas de successão, e visto que por uma já estava feito governador D. Estevão

¹ Figueiredo Falcão.

da Gama não pôde ir senão a ultima (a terceira) e ficaram as duas anteriores.

Por pouco que não succedeu como no tempo de Lopo Vaz de Sampaio, e parecendo que do reino se gostava de fazer, de quando em quando, em materia de taes successões, exquisites surpresas.

O capitão João de Sepulveda ajudou o outro capitão Ruy Lourenço de Tavora a castigar os mouros de uns logares proximos de Baçaim, no que ambos prestaram bons serviços.

Andaram pelo estreito de Meca nos seus navios, occupados na perseguição de embarcações inimigas e nas presas, os capitães Fernão Farto, Antonio Carvalho, e Vasco da Cunha, que pouco fizeram e aproveitaram; só por ultimo o dito Cunha com oito fustas castigou uns piratas, e indo sobre elles pelos rios de Onor e Bãndor queimou-lhes os barcos e fez destruição na terra, onde costumavam desembarcar e acoitar-se.

Similhanamente pelo motivo do rei de Porcá e o seu caymal não castigarem uns piratas que andavam por mar roubando e incomodando os portuguezes foi lá D. Christovão da Gama a pedir satisfação, resultando uma grande briga em que muitos nayres indios foram mortos, socegando por fim a desordem. Tambem n'essa occasião diligenciou D. Christovão harmonisar o rei de Porcá com o visinho rei da serra da pimenta, que andavam desavindos e eram dependentes do de Cochim.

Tendo por então occorrido outra desavença entre o rei de Cochim e o de Cranganor, por entre rios e esteiros, foram alguns portuguezes a essa ultima povoação para apaziguar, não achando já lá o rei, que se havia retirado para fóra da povoação, o que deu motivo a fazerem ali ós portuguezes destruição, procedimento que foi reprovado por D. Estevão da Gama, enviando desculpas ao rei de Cranganor, com quem se estava em paz.

D. Estevão da Gama partiu de Goa com armada para o estreito de Meca no principio de janeiro de 1541, levando a bordo dois mil homens, entre os quaes se contavam os melhores capitães da India e cavalleiros. Compunha-se a armada de sessenta e sete fustas e catures e tres galeotas, indo além d'essas embarcações de velas e de remos doze maiores, algumas com mantimentos. Nessa armada foram ao todo mais de tres mil homens, incluindo marinheiros canaris, e arabes.

Pelo caminho foi D. Estevão da Gama recommendando varias providencias para serem executadas na sua ausencia.

Nessa epoca foram ter a Ormuz, em estranha sociedade, um hespanhol e um francez, dizendo-se chegados das terras do Preste João da Abyssinia, que andava em guerra com os turcos, e dizendo que tinham sido lá mandados e voltavam para os seus paizes.

Foram mandados embarcar e seguir nas naus de viagem para Lisboa.

Entrados os lusitanos no estreito de Meca, levando á sua frente D. Estevão da Gama, com armada de oitenta e oito velas, de que algumas se lhe juntaram pelo caminho, e depois de borrascas, que por vezes separaram as embarcações, não obstante perdendo-se só uma, chegaram a certa ilha, a trinta leguas de Maçua, a que pozeram o nome de «ilha do Camello», por um que ali encontraram e mataram.

Havia em redor outras ilhas que os catures correram, saltando-se em terra, e apanhando-se vaccas e cabras.

Desembarcou n'uma d'essas ilhas Fernão Lourenço de Lima com doze homens do seu catur; e mettendo-se imprudentemente pela ilha dentro em procura de cabras ou atraz d'ellas, veio gente que os matou a todos, sem se lhes poder acudir do catur, que o mesmo Fernão Lopes de Lima tinha mandado esperar adiante n'uma ponta de terra.

Deixou D. Estevão da Gama em Maçaná a armada grossa, e com piloto foi na fustalha pelo estreito acima, dirigindo-se á cidade de Suaquem, que é perto de Suez, levando com-sigo cerca de mil homens.

Maçaná dista de Suaquem umas cem leguas, chegando primeiro a essa ultima cidade D. Christovão da Gama a 22 de fevereiro, e o governador no principio de março; e porque estavam rumes em Suaquem e o rei d'essa cidade praticava falsidades, foi bombardeada a mesma cidade, incendiando-se-lhe quantas embarcações estavam no seu porto, que eram barcas grandes e pequenas almadias.

Partiu d'ali a armada, tendo-se apartado os melhores captures, que eram o de Lopo Vaz de Sequeira, em que ia D. Estevão da Gama, e os de D. Christovão da Gama, Tristão de Athayde, D. João de Castro, D. Fernão de Menezes, D. Manuel de Lima, D. João Manuel, D. Garcia de Castro, Jorge de Mello Punho, Miguel Carvalho, Gaspar de Sousa, Vicente de Navaes (ou Novaes), Antonio Pereira, Diogo Pires de Sá, Affonso Henriques, e D. Luiz de Athayde, que foram dezeseis captures, aos quaes se dobrou as tripulações tiradas de fustas grandes.

O governador viu-se muito importunado pelos que ficavam, e se mostravam assás aggravados, pondo-se por isso á bahia em que estavam o nome de «bahia dos Aggravados». A doze leguas de Suaquem entrou n'outra bahia; e achando o leito secco de uma ribeira cavaram e logo á superficie acharam agua muito boa, fazendo muitos poços, e pondo por isso á bahia o nome de «Aguada dos cem poços» em 19 gráus e $\frac{2}{3}$ d'altura. Partindo para Alcocer, que estava a cento e vinte leguas da «bahia dos Aggravados» chegou a 7 de abril a uma ponta de um ilheu, que fica em 23 gráus e meio, á qual pozeram o nome de «cabo de Ramos» d'onde a oito ou dez leguas se avistava terra da Persia. A 13 chegaram a um ilheu, a que pozeram o nome de «Aguada do desafio» porque aqui se desafiaram

dois homens lascaris. D'esse ilheu em diante começavam a avistar por essa banda a terra do Egypto. Ahi tomaram piloto, que se obrigou a leval-os ao Toro; e ao outro dia, 14 d'abril, chegaram ao logar d'Alcocer, em que já fallei.

Taes eram os nomes que elles foram pondo por ali a alguns logares por onde passavam.

Que de memorias semelhantes estarão esquecidas por essas e outras paragens da Asia e da Africa hoje na posse de estrangeiros, ou em que os portuguezes já não tenham voz activa?!... Até dos mappas geographicos se vão tirando os vestigios da passagem e do dominio dos nossos antepassados por aquellas e outras regiões!!!

Os que ficaram sem passarem da dita bahia dos Aggravados retrocederam para Maçuá, devendo Leonel de Lima ir dar noticia a Goa n'uma fusta, como foi, em 13 de abril do dito anno de 1541, do estado da indicada expedição, ficando em Maçuá o resto da armada.

D. Estevão e os seus escolhidos tinham chegado ao Toro primeiramente, de cuja cidade o afamado monte Sinay não dista mais do que dia e meio de jornada. D'ahi saíram a 22 de abril para Suez, na extremidade do estreito do mar Roxo. Chegaram a estar perto das naus e galés desarmadas e encalhadas dos rumes, porém acudiu tanta gente de todos os lados que os portuguezes não poderam incendial-as, e por unanimidade de votos retrocederam.

Segundo li n'um auctor¹ D. Estevão da Gama foi burlado pelo xeque de Suaquem, demorando-o em dar-lhe piloto para Suez, e mandando entretanto aviso aos turcos, de sorte que quando D. Estevão lá aportou já havia dois ou tres dias que tinham chegado soccorros e estavam preparados e vigilantes os de terra.

Ácerca de Suez, de Meca, e do porto de Jidá, diz Camões no poema dos *Lusiadas* o que se segue:

¹ O anonymo portuguez.

«Lá no seio Erythréo, onde fundada
 Arsinóe foi do Egypto Potlomeu,
 Do nome da irmã sua assim chamada,
 Que depois em Suez se converteu,
 Não longe o porto jaz da nomeada
 Cidade Meca, que se engrandeceu
 Com a superstição falsa e profana
 Da religiosa agua ma'ometana.

Jidá se chama o porto, aonde o trato
 De todo o Roxo mar mais florescia;
 De que tinha proveito grande e grato
 O Soldão, que esse reino possuia;
 D'aquí os Malabares, por contracto
 Dos infieis, formosa companhia
 De grandes naus, pelo indico oceano,
 Especiaria vem buscar cada anno.»

Apesar de se não terem queimado as naus e galés dos rumes, turcos ou egypcios, em Suez, foi ousadissima a empresa dos lusitanos, e muito fizeram em devassar por ali aquellas remotas partes por entre terras dependentes do grão turco, derramando por ellas o susto e a perturbação, e deixando sobresaltados os seus habitantes com o temor de futuras invasões dos portuguezes por esse lado. D. Estevão da Gama, chegando de volta a Arquico, deu carta a seu irmão D. Christovão para o Preste João da Abyssinia, para onde elle se dirigia em embaixada. D. Estevão foi depois caminho de Goa.

Acompanhavam D. Christovão n'essa expedição os portuguezes Manuel da Cunha, João da Fonseca, Onofre, e Francisco de Abreu, e Francisco Velho, cada um capitaneando um troço de gente, a cujo respeito ainda terei de me referir.

Ver-se-ha que D. Christovão da Gama não pôde seguir pacificamente ao seu destino; e ou fosse porque o temessem alguns chefes de abexins, ou porque encontrasse no paiz partidas de turcos em rebelião, a verdade é que foi envol-

vido em graves desordens, de que não conseguiu escapar e lhe foram fataes.

No poema dos *Lusiadas* de Camões, allude-se, em poucas mas conceituosas palavras, á brava exploração de D. Estevão da Gama pelo estreito de Meca, nos seguintes termos:

«Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando um teu ramo, oh Gama, se exp'rimenta
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarello.»

No governo do «imperio» disse Camões... e essa phrase faz-me impressão, commove-me... Em nossos dias, muito recentemente, a Inglaterra, com o que tinha na India, acrescentado com o que foi nosso, acaba de erigir em imperio as suas colonias do Oriente, proclamando-o d'esse modo a todo o mundo... Com o seu, com o que se acha sob o seu protectorado, e com o que era de Portugal, tem-se constituido essa immensa mole colonial, á nossa antiga Bombaim succedendo a opulenta Bombaim de hoje, uma das melhores cidades commerciaes d'esse imperio!

Bombaim, que é a capital de uma das tres ou quatro grandes divisões da India ingleza, contando-se com o districto de Ceylão, que tem sido considerado como propriedade particular da corôa de Inglaterra, estende ramificações até á Arabia e á Persia... Alienou-se-nos, e perdemos muito mais

Não culpo só a Inglaterra. Ella faz o seu negocio muito bem, como sabe fazel-o. Por me não adiantar mais apenas digo, que lamento profundamente a nossa incuria e imprevidencia desde ha muito.

Ao menos olhe-se a serio para o que ainda temos na Africa, na Asia, e na China e Oceania. Com a devida venia, torno a repetil-o, embora não se considerem bastantemente auctorisadas as minhas palavras.

Esses restos são ainda preciosísimos. Só dos sertões do continente de Moçambique com os seus potentados negros, que nos respeitam, d'uma extensão territorial immensa,¹ podia formar-se um vasto imperio!

Goa e suas dependencias tem uma grande importancia, como tambem a tem outras de nossas actuaes possessões ultramarinas.

Além do archipelago dos Açores, na Europa, temos ainda o seguinte:²

Na Africa occidental—as ilhas de Porto Santo, Madeira e Desertas;

As ilhas do archipelago de Cabo Verde, e a Senegambia portugueza, ou Guiné de Cabo Verde;

As ilhas de S. Thomé e do Principe, e o forte de S. João Baptista de Ajudá na Costa da Mina;

E Ambriz, Angola, Benguella, Cabinda, Molembo, e Zaire.

Na Africa oriental—toda a costa desde a bahia de Lourenço Marques até Cabo Delgado, ilhas adjacentes, e duzentas leguas, mais n'umas partes e menos n'outras, pelo interior.

Na Asia—Goa, Novas conquistas, com Damão e Dio, e Macau na China.

Na Oceania—parte do territorio da grande ilha de Timor.

Em Africa, principalmente, temos ainda grandes interesses a aproveitar e a defender.

Os dois maiores potentados negros no interior dos sertões de Moçambique são o Muata Cazembe e o Muatyanvo. O primeiro domina n'um territorio de milhares de leguas quadradas, temendo-o toda a cafraria e prestando-lhe obediencia as tribus do sul; e comtudo este é tributario do outro, que ainda é maior e mais rico potentado!³

¹ Pedroso Gamito, no seu *Muata Cazembe*.

² Sousa Monteiro, *Diccionario das nossas possessões ullramarinas*.

³ Pedroso Gamito.

No tempo a que se refere um documento moderno que examinei (1846) eram tributarios do Muatyanvo 34 regulos ou donos de grandes terras, obrigados a entregarem-lhe por anno marfim, cobre, escravos, ou fazendas, valendo tudo aproximadamente 266:500,5000 réis, subindo a esta avultada somma o seu orçamento de receita annual, só quanto a subsidios ou impostos, e trazia guerra com quatro regulos desobedientes a quem a maior distancia e outras circumstancias protegiam.

Era e creio que ainda hoje é menos conhecido o territorio d'este ultimo potentado.

Ácerca do grande imperio colonial do Oriente, em que primeiro fallei, inaugurado e proclamado aos quatro ventos pelos inglezes, direi aqui mais duas palavras.

Seria discreta essa ostentação de poderio, na presença da Russia? Estará solida a posse do Indostão pelos inglezes? Não é para aqui uma apreciação desenvolvida. O tempo o dirá melhor.

Surgiu porém de subito, em 1878, a questão anglo-afghan. Com as hostes de um emir da região asiatica do Afghanistan batia-se um exercito inglez de mais de trinta mil homens em fins d'aquelle anno, e a colonia russa do governo principal de Turkestan fica logo da parte de lá, contando-se que o governador russo mandou ao emir uma espada de honra, acompanhando esse acto de uma declaração bellicosa e incitadora. Julgar-se-hia por isto, se assim foi, o desejo de querer de novo medir forças o seu amo, o colosso do septentrião, tendo-lhe falhado o passeio a Constantinopla pela attitude que a Europa apresentou n'aquelle tempo, e pelo remate do tratado de Berlim, ou seriam ensaios para sondar e experimentar os inglezes?

Turkestan pertenceu outr'ora á parte da Tartaria chamada independente.

A Russia tem ido sempre avançando nas suas conquistas; a sua acção vae-se dirigindo para a India ingleza; e

não se pôde prever até que ponto se verificarão um dia os seus planos.

Ao norte dominam os russos, ao sul os inglezes, estabelecidos no Indostão. Mais tarde ou mais cedo o choque terrível parece inevitável. Os inglezes são inatacáveis no mar; poderiam ser atraídos para terra n'aquelle continente; e n'uma questão colonial talvez que se não possam vir a intrometer as mais nações.

Isto são apenas umas leves hypotheses que avanço.

Agora outro modo de ver, mais restricto, só pelo que toca ou possa vir a tocar com Portugal.

Se a Inglaterra vier a perder, mais cedo ou mais tarde, algumas porções do seu imperio indiano, se forem compelidos os inglezes a recuarem n'esse seu vasto dominio, tornando-se menos solida e menos lucrativa a sua posição n'essas paragens, a Inglaterra ha de querer procurar compensações, e as primeiras a desejar serão nas possessões que ainda Portugal tem, não se contentando com o que nos resta na Asia, e voltando-se de preferencia para novas acquisições em Africa, augmentando-se-nos aqui o perigo pelos trabalhos preparatorios executados por Livingstone e por outros dos seus exploradores, pela adherencia e auxilio de um sultão de Zanzibar, pela vastidão d'esses mesmos restos das nossas possessões africanas, e pelo facto topographico, de um certo valor, de não estarem ao alcance do autocrata de todas as Russias!

Meras conjecturas são tambem estas ligeiras observações, porém miseros de nós se a Inglaterra vier a ter mais esse motivo para obrar decididamente e ás claras, no referido sentido, salvo se por acaso algum lance feliz nos viesse poupar a mais esse desgosto.

Luctassem, embora, aquelles dois espantosos colossos de força e de ambição, no entanto que não venha isso tambem a prejudicar-nos, e deixem-nos em paz nas nossas legaes aspirações.

Haverá no que disse algum fundamento? Digo agora como disse anteriormente: o tempo melhor o mostrará!

Na propria capital de Inglaterra congregam-se ou congregaram-se já em reuniões publicas, ou «meetings» para a formação de companhias de exploração ao interior da Africa. Não dormem sobre o caso; e não serei eu que lhes negue o seu direito. Respeitem todavia o nosso.

O resultado provavel da dita guerra dos inglezes no Afghanistan não podia ser senão o alargamento dos seus limites por esse lado, e o futuro a Deus pertence.

Effectivamente declarou ha tempos um ministro inglez na camara dos lords «que o districto de Khourun não voltaria mais ao dominio do emir do Afghanistan». Referia-se ao filho, porque o outro morreu, e com o filho fez-se a paz. Parece emfim que se verificou alguma aquisição comprehendendo uns desfiladeiros na fronteira, mas já depois d'isto romperam hostilidades, tendo havido desgraças em Cabul; e pouca solidez offerece a dita paz com os afghans, nem talvez convenha á Russia que a haja e se mantenha.

Tinha escripto essas poucas palavras, que se acabam de ver; mas parte do quadro da minha facil prophecia vai-se realisando. Os inglezes e os francezes, apesar do que dizem certos optimistas, não perdem de vista os nossos ricos territorios do Zaire, nem desistem de ingerir-se no dominio tanto dos mesmos territorios como do famoso rio. Lá andam agora tambem no sertão Stanley representando a Inglaterra e Brazza a França, havendo-se este apossado, com ardil, de Loango e Ponta Negra, onde os nossos estavam quietos e pacificos, e aquelle de terras do sertão do alto Zaire, por onde se internou... Repito o que já disse n'outro lugar. Desenvolvam-se estes e outros na exploração e na colonisação d' Africa; em boa hora o façam; mas respeitem por ahi as nossas aquisições e os nossos antigos direitos.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1541

N'esse anno partiu do reino para governador da India Martim Affonso de Sousa, e não passou a ella nenhuma nau da armada em que ia.

A armada compunha-se de cinco naus; Martim Affonso de Sousa ia na Sant'Iago, D. Alvaro d'Athayde na S. Pedro, e Francisco de Sousa na Santa Cruz; como foram tambem Alvaro Barradas e Luiz Cayado nas naus Santo Espirito e Flôr do mar; pelo que D. Estevão da Gama mandou D. Fernão de Sousa a Portugal em um navio com drogas, e foi elle mesmo a Cochim para fazer carregar as naus que se poderam dispensar das que estavam na India, isto é, foi necessario dar estas providencias, por não ter passado á India nenhuma das naus de Martim Affonso, tendo-se todas demorado em Moçambique.

Quanto ao outro auctor alludido¹ ha só a notar a falta dos nomes dos capitães das duas naus Santo Espirito e Flôr do mar, que são Alvaro Barradas e Luiz Cayado, como diz Gaspar Corrêa.

¹ Figueiredo Falcão.

O outro diz assim: Martim Affonso de Sousa mór na nau Sant'Iago, . . . na Santo Espirito, . . . na Flôr do mar, Francisco de Sousa na Santa Cruz, e Alvaro de Athayde na S. Pedro. Copiei com as mesmissimas interrupções ou reticencias.

D. Estevão da Gama tornou para Goa, e foi com oito fustas visitar as fortalezas da costa.

Havia pouco tempo (ainda no governo de D. Estevão) que fugindo para correr aventuras pelas terras do Preste João um troço de cem homens lusitanos desobedientes, foram todos mortos pelas gentes dos reis de Zeyla e Maçua, logo depois de desembarcados na costa de Zeyla, pagando assim terrivelmente esses desgraçados o seu procedimento, não se tendo porém querido bandear para o inimigo; e ainda tiveram essa virtude.

REINADO DE D. JOÃO III

Martim Affonso de Sousa, 13.º governador da India

Anno de 1542

Em principio de maio d'esse anno chegou a Goa o novo governador da India, Martim Affonso de Sousa, a quem D. Estevão da Gama deu a sua residencia, como cumpria, indo D. Estevão para Pangim, d'onde veiu a partir para Portugal.

Foram no fim de junho do mesmo anno ter a Goa as naus de armadores que Martim Affonso tinha deixado em Moçambique no anno antecedente, que já atraz ficam mencionadas, mas tomou diversa direcção a sua nau, a qual chegando á altura de Baçaim, e querendo navegar tambem para Goa, deu á costa entre Baçaim e Chaul e perdeu-se, por culpa de Martim Affonso não a ter expedido na monção competente.

Fallava-se novamente na vinda de rumes, que todavia não passaram á India, ignorando-se se o grão turco, que os influa, tinha reconsiderado d'essa vez, ou qual fosse o motivo.

Foi por essa occasião que o capitão mór Manuel de Vasconcellos, com cinco fustas, de que eram capitães elle, e Rafael Lobo, Manoel da Fonseca, Christovão de Castro, e

Affonso Pereira, se dirigiu ao estreito de Meca e ao porto de Maçúá, a saber novas dos rumes e de D. Christovão da Gama, que tinha ido á Abyssinia e andava por lá em aventuras.

D. Estevão da Gama apresentou áquelle seu successor uma patente para elle poder fazer a carga das naus que fossem em sua companhia para o reino, por conseguinte pedindo ao novo governador que se dispensasse de ir para Cochim, porto em que estavam para carregar as naus, ao que mostrou acceder, porém depois vacillou, e sempre foi assistir com D. Estevão áquelle serviço.

Convem saber que este Martim Affonso de Sousa havia sido intimo favorito do principe D. João e companheiro de verduras da sua idade, a ponto d'el-rei D. Manuel os fazer separar, pelo que Martim Affonso se retirou para Castella, d'onde só regressou depois do fallecimento d'el-rei e estando já acclamado D. João III, em quem ainda achou alguma protecção, ajudado dos empenhos de parentes e amigos.

Veremos os seus actos como governador da India, pondo em pratica tudo o que lhe suggeriram as suas vistas ambiciosas.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1542

A 20 de outubro d'esse anno chegaram á India algumas naus de viagem do reino, sendo a primeira que aportou a Goa, a nau Graça de Vicente Gil, que deu a noticia das outras com que partiu de Lisboa, seguindo-se a Grifo em que ia Balthazar Jorge, a Burgaleza de Lopo Ferreira, e a Urquinha de Henrique Macedo Salvago. A Zambuco de Fernão Alvares da Cunha arribou a Portugal por não governar bem. O capitão Henrique de Macedo chegou mais tarde a Moçambique e depois foi a Goa; Lopo Ferreira e Balthazar Jorge foram tocar em Cananor seguindo para Cochim, e sómente Vicente Gil é que foi em direitura a Goa, e d'ahi se dirigiu igualmente para Cochim, bem como o capitão Henrique de Macedo.

Ha differença nos nomes de tres naus e no appellido de um dos capitães, cotejando com o que diz o outro auctor alludido,¹ como abaixo se declara; e essa armada tinha só capitães em separado sem capitão mór, segundo Gaspar Corrêa.

¹ Figueiredo Falcão.

Eis o que diz o outro: Fernão Alvares da Cunha mór (mas parece que o não era) na nau Victoria, Lopo Ferreira na Salvador, Vicente Gil na Nossa Senhora da Graça, Balthazar Jorge na Grifo, e Henrique de Macedo (Salvago) na S. Matheus.

Todas aquellas naus de que falla Gaspar Corrêa voltaram depois carregadas para Portugal, partindo cada um dos capitães o mais depressa possível, á medida que cada nau se achava carregada. N'esse anno houve esta novidade.

N'esse mesmo anno de 1542 foi descoberto o Japão por Antonio da Motta, capitão da embarcação em que elle ia com outros.

No fim de fevereiro do anno seguinte velejava para Maluco, ou suas proximidades, uma frota castelhana de cinco naus, e uma galé, fundeando na ilha de Mindanão, estando n'esse tempo por capitão de Maluco o portuguez D. Jorge de Castro, o qual mandou dizer ao commandante da armada hespanhola Ruy Lopes de Villalobos *«que as terras de Maluco erão do senhorio d'el-rey de Portugal, e que nom podia consentir que commerciasse per ally»*, ao que o outro lhe respondeu: *«que a ilha de Mindanão estaua a sete leguas de Maluco, e era reputada de Hespanha e que nom tocaria em nada de Maluco, nem nas mays ilhas do crauo»*.

Ha a notar por uma parte a advertencia para não haver engano, segundo parece, e por outra parte a urbanidade da resposta, o que não podia deixar de produzir bom effeito pelo menos n'esse momento.

No inverno d'aquelle mesmo anno houve em grande força na cidade de Goa «cholera morbus», a que se chamava «molestia nova», de modo que de cem doentes não escapavam dez; e diz-se que até atacava animaes e aves.

Esta ultima circumstancia não parecerá tão phenomenal quando se saiba e note haver acontecido coisa semelhante mesmo em Portugal na Barroca d'Alva, térmo da villa de Alcochete, pertencente ao districto de Lisboa, em epoca

moderna, isto é, n'alguns annos proximos anteriores ao de 1833, conforme me asseverou o meu amigo e habil cirurgião d'aquella villa, José Miguel Pereira, cuja morte prematura deplorarei sempre, sitio aquelle (o da Barroca d'Alva) em que não só appareciam isoladamente casos de cholera morbus todos os annos, mais ou menos benigna, como que era sujeito a febres paludosas, chegando a atacar ás vezes aves e animaes domesticos, tornando-se porém mais salubre depois que fez nos seus baixos e alagadiços terrenos, como eu vi, importantes obras de esgoto e de arroteamento o abastado e honrado velho lavrador Estevão Antonio d'Oliveira, com quem tambem tive relações de amisade, e é já fallecido.

Que recordações gratas que eu tenho d'esses dois amigos, do tempo em que ia por ali ás vezes n'alguns intervallos das minhas occupações, distraindo-me em alegre convivencia com varias diversões campestres, passando um bello tempo, talvez o melhor da minha vida! Ainda existe um irmão d'aquelle Estevão, seu irmão José Luiz de Oliveira, a quem estimo, que é ha annos administrador do concelho d'Alcochete, e ao qual me consta que devem não poucos desvellos e bons serviços os seus administrados.

Aproveitei esta oportunidade para o referir, e para consignar esta lembrança dos ditos dois fallecidos meus amigos, e fiquem-lhes aqui e mais ao outro ainda existente estas poucas linhas, singelas mas sinceras, como tributo de respeito e sympathia.

E com referencia ao mesmo indicado anno de 1543 acho na respectiva *Lenda* da obra de Gaspar Corrêa a menção de um caso de morte por queima em Goa «por motivo de heresia» na pessoa do bacharel em medicina Jeronymo Dias, por ordem da chamada Santa Inquisição, que então publicou uma bulla «ameaçando com excommunhão quem não denunciasse os erros espirituaes dos outros», etc.

Desgraçadas condescendencias de D. João III para com

aquella instituição tremenda lhe davam já hardimento para taes perseguições. Quando o verdadeiro christianismo por um lado procurava fazer proselytos pelo exemplo e pela palavra, por outro lado a Inquisição assustava e buscava victimas. Quero dizer, em vez de attrair pela brandura, como fazia o Divino Mestre, era cruel, e fugia-se-lhe pelo terror. Li que esse mal cresceu depois, e foi causa da decadencia da nossa India; que mouros, judeus, e muitos indios, desertaram das terras portuguezas. Não sei se foi essa a causa principal, sei que já deixei notados alguns inconvenientes de outra especie, e hei de indicar por fim outras causas, sem que faça grande descoberta, aliás causas graves e immediatas.

Mas agora direi de uma galanteria em uso na China e no Japão, principalmente. . . Que bello mundo!

Os homens d'essas regiões, e conforme as raças, usam rapar a cabeça á navalha, deixando só uma guedelha delgada de cabellos sobre a moleira, que torcem e atam por gentileza, e dizem elles que igualmente «por sua honra», porque se pelejarem, os matarem, e lhes cortarem a cabeça, tem os seus inimigos aquella guedelha para a levarem por ella dependurada, e não pelas orelhas, ou pelos narizes, ou pelas barbas, «o que seria grande deshonra».

Eis ahi esse uso, e a força de razão dos seus motivos... Cada um que o aprecie, e o julgue.

No entretanto direi, que, desde tempos immemoriaes, as barbas dos homens foram tidas em veneração. Hoje mesmo se jura «pelas barbas honradas», e se toma como grande offensa tratá-las desrespeitosamente. O grande governador da India D. João de Castro, de que não tardarei a fallar n'outro capitulo, dando por penhor de um emprestimo pecuniario em Dio alguns cabellos da sua barba, obedeceu áquelle sentimento aventureiro e cavalleiresco, que se encontra, de acatamento pelas barbas humanas. Muitos asiaticos fazem consistir nos cabellos do topete a virtude de

uma serventia pundunorosa, que preservando o rosto não deixa tambem de attender às barbas, no sentido sobredito. É curioso o que leio no poema «Oberon». Um tal aventureiro Hugo (nada menos do que filho do duque de Aquitania) devia trazer de presente ao imperador dos francezes Carlos Magno quatro dentes queixaes, e um punhado de cabellos da barba do kalifa de Bagdad, empresa de que só pôde sair-se bem pela virtude magica do toque de uma bozina que lhe tinha dado o magico Oberon, pondo em dança rapida e vertiginosa toda a còrte do kalifa, e este mesmo, no meio de cujo barulho se lhe fez a extracção do que se queria.

Antes d'isso, e expressando-se o horror pela exigencia, põe-se na bocca do kalifa uns bellos versos, que o nosso Filinto Elysio traduziu pela fôrma seguinte:

«Quem é Carlos, que audaz assim me insulta?
Se esta barba, estes dentes, tanto o anceiam,
Que não vem elle proprio requerel-os?
Louco deve de estar (d'ali responde
Ancião Baxá) que só eguaes propostas
Cabos de homens tresentos mil as fazem.»

E o horror era, em primeiro logar, pela exigencia dos cabellos da barba.

O commercio ia prosperando na India, ia-se alargando a olhos vistos, e o governador mandou alguns navios a diferentes diligencias, que tinham relação com aquelle valioso objecto e com outros de reconhecida importancia.

Jeronymo de Figueiredo com um galeão e duas fustas foi n'essa mesma occasião á descoberta da ilha do Oiro, que se dizia achar-se ao mar da ilha de Sumatra, conforme Gaspar Corrêa refere na *Lenda*, havendo na parte norte d'esta ilha minas d'esse metal.

N'outro auctor¹ leio ácerca da ilha do Oiro «que estava

¹ O Anonymo portuguez.

plantada no mar da contra costa, ou costa de fóra de Timor, que propriamente se dizia a costa meridional.»

Estou persuadido que já tinham por ali andado muito antes outros aventureiros lusitanos, não se divulgando isso por motivos particulares. Serei mais extenso sobre isto quando adiante fallar da Australia.

Tambem foi depois a Ceylão n'um galeão Francisco de Ayora buscar canella, e bem assim n'uma nau para Bandá Manuel da Cunha, e para a China com outras embarcações Jeronymo Gomes, partindo outros para outras partes.

Aqui peço que haja de se me permittir que apresente mais abaixo umas considerações, mas em modo de simples controversia ou duvida, quanto á questão de saber-se verdadeiramente a quem foi que o rei de Cambaya e senhor de Dio, o sultão Badur, deu licença para a erecção da fortaleza dos portuguezes n'essa ultima cidade?

Como estou em ensejo de umas prevenções, direi que de igual fóрма, como duvida ou controversia, se deverá entender o que ponderei n'este meu trabalho ácerca do rei de Benim, dos Infantes (João, e Lopo, ou Pedro), do Preste João da Abyssinia, e de Bartholomeu Dias, questões um pouco melindrosas e embaraçadas, pois não desejo ser taxado de temerario, e menos de injusto, note-se bem, nem tenho a pretensão de resolver taes questões em definitivo, e ainda outra relativa aos *thugs*, em que fallarei, o que geralmente declaro a todos que lerem isto, com quanto tenha sobre cada uma d'essas especies uma opinião formada.

E citarei agora a respeito do rei de Benim o caso repetido por um nosso estimavel escriptor contemporaneo¹ de ter João Affonso de Aveiro trazido a Portugal um embaixador do rei dos negros da costa de Bissau, pedindo padres que fossem instruir os seus no christianismo, o qual embaixador contou a D. João II umas coizas que tinham

¹ Pinheiro Chagas.

referencia ao Preste João, caso que se não é completamente como o que refere Gaspar Corrêa, e de que duvidou o fallecido meu amigo Felner na *Noticia preliminar*, parece-se bem com elle, e no fundo vem a ser o mesmo.

Ora o tal embaixador viria no navio de João Affonso de Aveiro, mas este, segundo outro auctor,¹ parece que morreu em terra atacado das febres do paiz. Valha a verdade. É mais outra pequena divergencia que encontro. Mas ou elle morresse das febres na costa de Bissau, ou acompanhasse o embaixador, isso não influe no caso, e em nada altera o facto principal, que é a real ou supposta vinda do dito embaixador á côrte de Lisboa, dizendo Gaspar Corrêa (se não houve alguma metamorphose causada pelo copista, ou algum erro de impressão) que foi o rei de Benim.

Já se viu como Gaspar Corrêa se expressa clara e terminantemente na *Lenda* do governador Nuno da Cunha, quanto á licença a este concedida pelo sultão Badur para edificar em Dio uma fortaleza, como se verificou, servindo n'esse tempo ás ordens do mesmo governador como capitão do mar ou da armada da India Martim Affonso de Sousa. Comtudo lê-se no poema dos *Lusíadas* que foi a este mesmo Martim Affonso que permittiu o rei de Cambaya, que era o Badur, como fica dito, se fizesse a mencionada fortaleza, pretensão que andava contrariada pelo Badur.

Camões, fallando de Martim Affonso de Sousa, diz assim:

«A este o rei Cambayco soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio;
Depois irá» . . . etc.

Mas, como capitão do mar ou da armada da India, não competia a Martim Affonso o negocio da edificação da for-

¹ Major.

taleza, nem Nuno da Cunha era homem para desconhecer as suas attribuições, e sobre coisa que tinha tanto a peito e era sempre recommendada por el-rei a todos os governadores; e como governador só mais tarde veio a sel-o Martim Affonso, segundo se está vendo da presente noticia da sua *Lenda*. N'este caso, em que parece referir-se Camões a elle na qualidade de governador, haveria anachronismo, e em ambos os casos parece ser manifesta a incompetencia de Martim Affonso, e a inversão do successo de que se trata.

O que me consta houve só, e julgo ter podido apurar, foi que em quanto Nuno da Cunha, que andava por fóra e havia sido chamado a toda a pressa pelo Badur para o ajudar contra o rei dos mogores, não chegava a Dio, se anticipou Martim Affonso de Sousa a ir ver e escolher o local para a fortaleza, em vista do que se passou com o Badur, cuja construcção de fortaleza este lhe disse estar resolvido a permittir ao governador Nuno da Cunha, como já o tinha declarado ao seu secretario, e conforme veio a especificar-se *«em hum contracto assynado por Nuno da Cunha e polo Badur, a que se chamou tratado de paz e amysade»*.

Viu-se o mais que anteriormente referi a este respeito, e em que pedi se fizesse reparo.

É certo que Martim Affonso de Sousa quiz arrogar-se a honra do successo, e que até o communicou logo em segredo, e subrepticamente, para a côrte de Lisboa por um judeu, segundo leio na obra de Gaspar Corrêa, como se fosse coisa de sua privativa competencia e unicamente devida aos seus esforços; porém isso parece provar sómente a sua deslealdade para com o governador Nuno da Cunha, um dos melhores governadores da India e que foi alvo de grandes insidias e intrigas, ou imprudente sofreguidão do mesmo Martim Affonso de representar o que não era.

E todavia (não me dispenso de aqui o apôntar), Luiz de Camões não só diz «que a esse o rei cambayco daria for-

taleza em Dio», mas que o faria para que «esse mesmo o ajudasse a defender-se do Mogor» tratando-o assim visivelmente como se fosse governador.

Para ser imagem ou figura que empregasse, com franqueza o digo, parece ser demasiadamente ousada, se não me engano.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Diogo da Silveira

Anno de 1543

Foram do reino para a India n'esse anno cinco naus, sendo capitão mór Diogo da Silveira, e os mais capitães Simão Sodré, Fernão Alvares da Cunha, D. Roque Tello, e Jacomo Tristão armador. Na altura do Brasil apartaram-se essas naus; a de Jacomo Tristão com uma tempestade arribou a Portugal, as outras foram ter a Moçambique e depois a Gôa; a Zambuco de D. Roque Tello chegou com os mastros quebrados, porque a todas apanhou o mau tempo.

O outro alludido auctor¹ traz a lista dos capitães e das naus da armada, pelo modo seguinte:

Diogo da Silveira mór na nau S. Thomé, D. Roque Tello na Santa Cruz Zambuco, Simão Sodré na Conceição Gallega, Jacomo Tristão na S. Philippe, e Fernão Alvares da Cunha na Victoria.

O governador partiu com a sobredita armada em direcção a Cochim.

O Hydalcão, filho do outro fallecido, senhor de grandes terras fóra de Goa, menos as de Salcete e Bardez, cedidas

¹ Figueiredo Falcão.

a Portugal, como disse, andava em desintelligencia com os seus proprios capitães, pelo que tinha fugido o seu primeiro capitão Acedecão, andando este a fazer jogo com o governador.

Martim Affonso de Sousa, em quem parece recair bem o epitheto que Gaspar Corrêa lhe dá de dissimulado e ambicioso, foi a Coullão, adiante de Cochim, duas leguas pela terra dentro, com muita gente de armas, pois havia saído para lá em 2 de setembro do dito anno de 1543 com uma armada de doze galés, nove galeotas, duas albetogas, tres caravelas latinas, dois navios pequenos, dezeseis fustas, e um bergantim; e contando com outras embarcações que se lhe reuniram pelo caminho não levava a bordo de todas menos de tres mil homens portuguezes e lascaris, de armas e mareantes.

Todo aquelle apparatus guerreiro, para que?!... para ir em busca do thesouro de um pagode rico dos gentios no sertão de Coullão... E para isto tinha sido tanto apercebimento de forças de mar e terra que levava, esquivando-se de dizer para que fim!... Estêve lá dentro do pagode com poucos dos seus; o que quer que foi que desenterraram metteram-n'o em dois barris, que oito negros iam conduzindo e se revezavam, acompanhados de gente armada e vigiada pelo capitão Garcia de Sá.

Este iniciado em tal mysterio gosava de uma certa consideração na India, e pelo menos mostrava ser «homem pratico ou esperto» como se usa dizer, e alguns o classificariam. Não obstante devo declarar que Gaspar Corrêa o reputava homem honesto.

Não houve ahí façanhas honradas a praticar, por isso nem é necessario sobre isto dizer mais nada. Menciono porém ter lido que se disse sempre «que só acharam um panelão de prata, mas que se julgava conterem os ditos dois barris muita pedraria e outras joias» o que tudo podia ser.

O Hydalcão conseguiu ser protegido no seguinte anno de

1544, por cujo motivo morreu de paixão o seu primeiro capitão Acedecão, que ainda estava em desarmonia com elle, e o Hydalção cedeu para el-rei de Portugal quanta fazenda o Acedecão possuia em Cananor ou o que valia, que era muito, de que parece tirou grande proveito Martim Afonso de Sousa.

Misero Acedecão, sacrificado por essa fôrma á ambição alheia, como a tantos acontece!

O governador, que andava na sua maré de rosas, foi a Cananor por causa do referido donativo, a fim de tratar com o mouro thesoureiro do fallecido Acedecão, entregando-lhe aquelle, de commum accordo, varios sacos de dinheiro com quatrocentos mil pardáus d'oiro, divulgando-se ter-lhe dado em particular maior somma e muita pedraria «em que entrou um *diamão* de grão preço» e o mesmo governador depois se accusou de haver recebido não quatrocentos mil pardáus d'oiro mas oitocentos mil (a bágatella de uns duzentos e noventa contos de réis), e o que fosse ao certo elle o saberia.

Voltando da Abyssinia Manuel Castanho, onde esteve com um rei filho do Preste João, que este era fallecido, contou que foi para lá fazendo parte de uma expedição de tresentos e noventa homens, sendo escravos cento e trinta, de que era capitão D. Christovão da Gama, como já se sabe; que passaram muitos trabalhos na guerra com mouros, turcos, e gentios, morrendo alguns dos nossos como heroes, sobre tudo o dito capitão D. Christovão da Gama, tambem como filho de tal pae, o grande D. Vasco da Gama; que depois andando espalhados se tornaram a ajuntar os que escaparam e se associaram com a gente d'armas do rei filho do velho Preste João, que tinha guerra com o rei de Zeyla, até que em combate este ultimo perdendo a vida e levando-se-lhe a cabeça por tropheu, submetteram-se os de Zeyla ao filho de Preste João, e tornou este a ficar na posse de todo o seu reino e dependencias.

Não me dispenso de referir o seguinte: Diz-se na obra de Gaspar Corrêa, que n'essa guerra um João Galego, que andava com os portuguezes, rompeu por entre a multidão dos inimigos e foi descarregar a espingarda no peito do rei de Zeyla, e que então em seguida tambem este foi morto.

Ir em busca do Preste João, atravessando tribus de barbaros n'uma extensão grande da Ehtiopia, unicamente com duzentos e sessenta homens d'armas, que os cento e trinta escravos restantes de pouco serviriam para a guerra, havendo-a, só se explica pela grande confiança que tinham em si os portuguezes d'aquelle tempo, e parece incrível que D. Christovão da Gama se atrevesse a tanto. Estava-se bem com o Preste João, mas isso não bastava, e conhece-se que a sua presença causou suspeitas e desconfianças aos barbaros que encontrou. Depois era natural que mouros e turcos se aproveitassem do ensejo para o atacar. Sacrificou-se, e mais alguns foram victimas inuteis, quando por meio de embaixadas modestas e sem ostentação guerreira se tinha tratado com o Preste João, sem occorrer difficuldade e menos desgraça alguma. Em summa, foi infelicissima essa expedição de D. Christovão por terra, com destino á côrte do Preste João da Abyssinia.

O mesmo Preste João veio entretanto a fallecer, mas podia ter-se seguido com o filho igual politica, e não me consta que este se tornasse hostil aos lusitanos. Parece que então divagavam por aquelle paiz algumas partidas de revoltosos vindos da Turquia, com que se encontraram os do commando de D. Christovão, atacando-se uns aos outros.

Respeito a memoria de D. Christovão da Gama, que foi um honrado e valoroso cavalleiro, todavia caindo em ir a tal empresa com tão pouca gente, internando-se assim n'um paiz que não conhecia, e sem poder esperar auxilio algum em caso de maior aperto, correu todo o risco de lhe acontecer o que lhe aconteceu, pelo que não pude deixar de fazer aqui estas breves reflexões.

Commemora Camões esse acontecimento, e o sacrificio de D. Christovão da Gama, da mesma maneira na sua es-
sencia, quando se dirige a D. Vasco da Gama, fallando do
Nilo e dos abássis ou abyxins. Diz elle:

«N'esta remota terra um filho teu
Nas armas contra os turcos será claro;
Ha de ser Dom Christovão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo.»

O Hydalcão veiu a manifestar desintelligencias com o go-
vernador pela cedencia das terras de Bardez e de Salcete,
ameaçando de as tirar.

Tres captivos portuguezes, fugidos de Suez em companhia
de um judeu, disseram que se não fosse a grande mortan-
dade que a peste semeiou entre os rumes, em setembro,
teriam elles então passado á India.

Sucedeu pelo tempo a que me refiro, já em 1544, que
recolhendo da India para Lisboa D. Pedro Vaz de Castello
Branco foi apanhado pelos «corsarios francezes», praga que
então infestava a costa de Portugal, deixando-o sem as va-
liosias fazendas que trazia no seu navio, salvando elle só-
mente as joias que em si tinha escondidas.

É a esse, ou a Nuno Vaz de Castelló Branco, que se re-
fere Camões nos seguintes dois versos d'uma oitava do
poema dos *Lusiadas*:

«Quando as galés do Turco, e fera armada,
Virem de Castel'Branco nua a espada.»

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Fernão Peres de Andrade

Anno de 1544

Nova armada do reino foi para a India n'esse anno, na qual ia por capitão mór Fernão Peres de Andrade, recebendo-se em Goa recado de Cochim a 15 de novembro de que havia lá chegado a 8 d'esse mez a nau Santo Espirito, de que era capitão Luiz Calatand, que pelo espaço de um mez esteve em calmaria, a vinte leguas ao mar de Calecut, e a 11 d'esse mesmo mez tinha chegado o dito Fernão Peres de Andrade ao porto de Porcá, treze leguas distante de Cochim, morrendo-lhe tanta gente na viagem e trazendo outra doente, que não havia já quem lhe mareasse as velas da sua nau. Mandaram-lhe de terra gente e refrescos, e foi assim que pôde chegar áquelle porto, e disse que a nau de seu irmão Simão voltou arribada ao reino por governar mal, que vinha n'outra Jacomo Tristão, e n'outra Simão de Mello para capitão de Malaca, que de Lisboa partiu muito tarde, e que na viagem se separaram as naus umas das outras, perdendo-se em Melindé a nau Graça.

Tanto Gaspar Corrêa como o outro auctor alludido¹ falam muito quanto a essa armada. Só esse outro auctor parece dar completos os nomes das naus, a saber:

¹ Figueiredo Falcão.

Fernão Peres de Andrade na nau Esphera, Armadores na Nossa Senhora da Graça e na S. Pedro, Jacomo Tristão na S. Philippe, Armadores na Salvador, e Lucas Geraldés na Espirito Santo.

Foi a Dio o governador, ainda no anno de 1544, e cuidou no aprovisionamento das fortalezas da costa.

No anno seguinte mandou catures ao estreito de Meca; despachou Garcia de Sá para ir como capitão para Malaca, em que já vimos que tinha estado n'outra época, (por consequencia veiu a substituir o anterior Simão de Mello) e João de Freitas para capitão de Maluco; expediu juntamente Fernão de Sousa de Tavora com armada contra os castelhanos de tres navios que se dizia estarem para a banda d'essa terra, porém quando chegou existiam poucos homens d'esses, os quaes se entregaram e renderam aos nossos, e os mais morreram dos maus tratos dos naturaes da ilha em que estiveram, parecendo ser esta gente o resto d'aquella frota hespanhola de varios navios chegada á ilha de Mindanão, em que fallei, e a que sobreviessem contrariedades e transtornos.

Foi para capitão da fortaleza de Dio D. João Mascarenhas, de distincto merecimento, como mostrava ser; e o governador fez ir para ali provimento e munições de guerra.

Não se pôde negar que Martim Affonso de Sousa era resolutivo, activo e emprehendedor. Entrou no rio de Batalalá, combateu com valor os inimigos, venceu-os, fugiram os que escaparam á morte, queimando-lhes embarcações e destruindo-lhes a povoação. Na costa de Ceylão e no cabo Comorim desbaratou e afugentou consideraveis forças de mar, de mahometanos guerreiros, quasi tudo gente de Calecut, e por vezes acudiu a Cochim e a outros pontos mais ou menos importantes, para onde a sua presença foi requisitada, ou em que a julgou necessária.

Disse ter incendiado embarcações em Batalalá e destruido e arruinado a povoação, e como estes actos de destrui-



ção e rigor muitos outros realmente se praticaram na India em diferentes epochas e sitios, e sob as vistas ou segundo as ordens de varios vice-reis e governadores nossos, ainda dos mais pacificos e bondosos, o mesmo succedendo com capitães de fortalezas e de armadas.

Não defendo quaesquer actos d'esses, inuteis ou imerecidos, destingo comtudo n'esses os que a necessidade da guerra obrigava a praticar e os castigos bem merecidos e applicados. Observo mais uma vez que entre os inimigos muitos havia piratas, ladrões e traidores, com quem não devia haver a menor commiseração. Especialmente pelos logares de Surrate, Mascate, Calayate e Curyate, emfim por toda a costa de Ormuz, como tambem entre Agra e Dhely, no Dêcan, e por outros sitios da India, forçosamente tiveram os antigos descobridores e conquistadores lusitanos, que por lá andaram, de até se acharem entre muitos sceledrados da maldita seita do deus Siva e da deusa Kali, o que não deve parecer coisa indifferente.

Sim, havia *Thugs*, mais ou menos, em toda a India, ordinariamente disfarçados em cômmerciantes, e andando em caravanas de dez a trezentos homens, posto que n'uns sitios fossem mais para temer do que em outros, sobre tudo mais perigosos encontrando em pequenas partidas ou espalhadas as victimas da sua criminoso ambição, quer por terra quer por mar; e quem sabe o que aquelles malvados fariam occultamente a portuguezes? Quem sabe se foi pelas suas artes diabolicas que houve não só algumas desappareições individuaes de lusitanos e alguns naufragios mysteriosos de suas embarcações na India, como outros casos d'esses, menos sabidos e em que se não fallasse?

A proposito menciono o que me diz um auctor quanto a desapparecimentos,¹ diz «que tanto Francisco de Albuquerque como Nicolau Coelho morreram na India, sem que

¹ O Anonymo portuguez.

jámais se soubesse, precisamente, em que sitio e de que maneira» sendo ambos homens de valia, como não se ignora, o segundo particular amigo de D. Vasco da Gama e seu antigo companheiro de perigos e trabalhos.

Ácerca da seita perversa dos *Thugs*, d'essa seita subtil, rapace, assassina, matando sem derramar sangue, excepto sendo obrigada a derramal-o por circumstancias, essencialmente estranguladora, cujos socios sustentam ou sustentavam «ser a sua occupação representada nos subterraneos mysteriosos de Ellorá do mesmo modo que todos os outros officios» possuo um manuscripto interessante e de boa fonte, de prôcedencia estrangeira, e posso dizer que os da referida seita trabalhavam em força n'aquelle tempo na India.

Como que eram cotados n'essa nova especie de bolsa de Ellorá os seus valores, por assim o dizer, mas falsos, torpemente interpretando a seu favor o crime, tanto é certo que á maldade nunca faltaram expedientes e que ha pretextos para tudo.

De uma nota diversa transcrevo a seguinte curiosa narração:

«Ellorá é uma cidade do Indostão pertencente aos estados do Nizam. Deve a sua celebridade a umas excavações que se encontram n'uma montanha a distancia de uma milha para oeste, que serviram de templos hindús de grande veneração. Estão abertos na rocha, trabalho que devia ter sido prodigiosamente grande. A maior excavação mede 247 pés de comprimento por 450 de largura, contendo esculpturas de divindades hindús, muitas de tamanho colossal. Ha ali outras largas excavações em diferentes partes da montanha. As do lado do norte e do sul foram evidentemente destinadas ao rito Budhista, em quanto que as do centro parece terem servido ao culto de Brahamá, como templos. Em diversas partes da montanha ha um grande numero de pequenas excavações, abertas á face da rocha,

ornadas com esculpturas, que se suppõe terem sido a residencia dos bonzos e outros servidores dos templos.

Os brahmanes que vivem actualmente n'esses logares asseveram que todas estas excavações foram feitas por um rajah que viveu ha mais de 7900 annos, o que se não pôde provar nem tem o cunho de probabilidade, sendo o mais certo deverem-se a diversos de varias epocas.

A cidade de Ellorá foi adquirida pelos inglezes, mas em 1820 foi cedida ao Nizam juntamente com as terras a ella juntas, incluindo a montanha onde estão as excavações ou templos, em troca de outras terras de mais conveniencia para a Inglaterra.

Existem ali os mais bellos templos indios, o principal dos quaes é votado ao deus Siva (o da invocação dos *thugs* além da sua deusa Kali), compondo-se de um portico com duas torres lateraes, d'uma capella gradeada, com dois obeliscos de 20 metros de altura, assim como dois elephantes gigantescos, e emfim de um pagode de 52 metros de comprimento e 28 de largura, enriquecido com baixos relevos, pinturas, e estatuas, representando a especie de paraiso em que Siva vivia.»

Esta exposição é curiosa; mas no outro meu manuscrito citado ainda se trata mais a fundo e em especial ácerca da referida seita, remontando aos primeiros remotissimos tempos do seu começo, ou inicio mystico.

N'aquelles baixos relevos estava pois representada a occupação dos *thugs* do mesmo modo que lá se representam todos os outros officios, segundo o dito que fica atraz referido.

Mostra isto que os proprios *thugs* eram bem considerados, e não se davam mal com algumas potencias theocraticas, ou seitas mysticas diversas, espalhadas pela India, o que é realmente para notar.

Se alludi aos *thugs*, que ainda no anno do 1830, e mesmo talvez depois, deram muito que fazer ao governo da In-

dia ingleza, sendo então governador geral o celebre lord William Bentinck, foi para indicar mais esse perigo com que os portuguezes tiveram de arrostar; e se outros não fallaram n'isto abalancei-me eu a dizel-o ou a recordal-o, emittindo tambem esta opinião um pouco singular, mas não destituida de fundamento, sendo comtudo esta observação a ultima que faço, das que possam causar uma certa estranheza, e em referencia á *Noticia preliminar* do fallecido meu amigo Felner.

Como entendia os procedimentos de rigor disse-o, como digo que professo e professei sempre os principios humanitarios, mas que tem, como tudo, as suas excepções na pratica.

Do governador Martim Affonso de Sousa diz Camões no poema dos *Lusiadas*, o seguinte:

«Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;
E depois junto ao Cabo Comorim
Uma façanha faz esclarecida.
A Frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor de ferro e fogo;
Em si verá Beadala o marcio jogo.

' Tendo assim limpa a India dos imigos,
Virá depois com sceptro a governal-a,
Sem que ache resistencias, nem perigos,
Que todos tremem d'elle, e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala;
De sangue e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita e feia.»

Foi no tempo d'esse governador restabelecido em Ormuz um seu rei, que se justificou de accusações que lhe foram feitas, mas pouco depois os seus mesmos o mataram com veneno, succedendo-lhe um seu filho.

Refere-se por fim d'esse governador um facto desairoso ou inconveniente, e vem a ser que no inverno do dito anno de 1545, experimentando-se escassez de «bazarucos», ordenou elle que se fizesse d'esse dinheiro em bazarucos mais pequenos, e mandou apregoar, com grandes penas, para que não mais corresse os outros bazarucos maiores, e quem os tivesse os fosse entregar na feitoria, e se lhes dariam outros tantos dos pequenos.

Sucedeu o que devia acontecer, que foi, além do dolo e do clamor e descredito que havia por causa d'essa moeda fraca e falsificada, levantar-se logo o preço das coisas que por ella se vendiam ou trocavam, e sentir-se ao mesmo tempo, como consequencia inevitavel d'essa cavillação ou erro economico, uma grande carestia e fome em Goa, retraindo-se e dificultando-se as transações, pelo que, e com toda a razão, bastante se maldizia de Martim Affonso de Sousa.

Soube-se que estava nomeado D. João de Castro, e vinha de viagem por successor d'aquelle no governo da India.

REINADO DE D. JOÃO III

D. João de Castro 14.^o governador da India

Anno de 1545

Constou em Goa a 20 de agosto d'esse anno que apparecia ao mar uma nau. Foi um catur e não a viu, e a nau chegou no outro dia a Goa. Era a Burgaleza de que vinha por capitão aquelle Simão Peres de Andrade que no anno anterior arribou ao reino, e disse que atraz vinham D. João de Castro para governador da India em a nau S. Thomé, Garcia de Sousa na Urca levando a bordo Jorge Cabral despachado capitão para Baçaim, D. Manuel da Silveira para capitão de Ormuz em a nau Zambuco, na S. Pedro D. Jeronymo de Noronha para capitão supplente de Baçaim, e o capitão Diogo Rebello na nau Santo Espirito de armador. No primeiro de setembro chegou a Goa D. João de Castro, e a 10 do mesmo mez o dito D. Manuel da Silveira.

Vou apresentar o que diz o outro auctor alludido,¹ resultando da comparação differenças nos nomes de duas naus e no de um dos capitães, saber:

D. João de Castro môr na nau S. Thomé, D. Jeronymo de Noronha na S. Pedro, Diogo Rebello na Santo Espirito,

¹ Figueiredo Falcão.

Garcia de Sousa na S. Matheus, D. Manuel de Noronha na Santa Cruz, e Simão Peres de Andrade na Salvador.

O ex-governador Martim Affonso de Sousa expoz a D. João de Castro, que pretendia levar para Portugal um papel por onde constasse que não tinha recebido do mouro de Cananor, thesoureiro do fallecido Acedecão, mais do que oitocentos mil pardáus de oiro, porque andava-se dizendo que lhe tinha dado muito mais. D. João de Castro não quiz ingerir-se na questão, e o outro dissimulou e só tratou desde esse momento de se preparar para a retirada, e foi a Cochim para o dito effeito.

Regressou em companhia do novo governador aquelle Rexarafa, rico mouro de Ormuz, que por ordem de el-rei se tinha mandado sob prisão para o reino, vigiado por Manuel de Macedo, como deixei exposto n'outro lugar, e que tornava para o seu cargo de gozil de Ormuz, mediante a fiança que se lhe exigia de cincoenta mil xerafins, depositados no cofre da thesouraria de Goa, ou enviar para o reino o seu unico filho como caução.

Escolheu este ultimo alvitre, e depois el-rei de Portugal restituiu-lhe o filho sem mais exigencia.

Este mouro, artificioso e disfarçado, nunca devia ser tratado com tanta benevolencia, pelo menos não se consentindo que regressasse ao exercicio de tal cargo, porque foi a causa de varias desordens em Ormuz e da morte de varios portuguezes, tendo sido occultamente um traidor e attribuindo-se-lhe a morte de um seu rei e outras culpas. Facilidades como essas fazem sempre entrever motivos interesseiros e inconvenientes.

Martim Affonso de Sousa, que ainda estava em Cochim, estranhou muito que D. João de Castro lhe desfizesse a sua disposição (e que bella disposição!) relativa a bazarucos, pois que o mesmo D. João de Castro reuniu conselho para se tratar das queixas que a tal respeito havia, e foi resolvido *«que pera que se nom perdesse a cidade de Goa, a moe-*

da se emendasse em tal maneyra, que corresse polas partes de onde vynhão os mantimentos á cidade.»

Por esse enunciado torna-se evidente qual era o grau de violencia d'aquella medida, que se tratou de emendar, ou que tal era o roubo pela falsificação d'aquella moeda.

Por consequencia Martim Affonso deu pressa ao carregamento das naus com que tinha de partir para o reino, e assim que foram carregadas foi com ellas ao seu destino; mas quando D. João de Castro contava achar no cofre de Cochim cem mil pardaus, em que o outro lhe havia fallado, não encontrou nem um ceutil e só achou dividas, o que Martim Affonso fez por vingar-se, e d'este modo se deu por despedido.

Andava o Hydalcão suscitando embaraços e difficuldades ao novo governador D. João de Castro, porém veiu a socegar; e havendo desordens em Dabul tambem se pôde atalhar esse mal, ficando ali os nossos na fortaleza como antes.

D. João Mascarenhas mandou avisar o governador de que estava para rebentar a guerra contra a fortaleza de Dio de que a esse tempo era capitão, esperando-se revolta em terra, tudo pela má vontade e ruim proposito do rei de Cambaya, e de varios agentes da Turquia e do Egypto; e estava-se então em abril de 1546.

O desfalque enorme que os turcos, os egypcios, e em geral todos-os musulmanos d'aquellas paragens, e de toda a India, sentiam, por effeito do dominio e commercio dos lusitanos na mesma India, e a differença de religiões, necessariamente haviam de chocar grandemente uns contra os outros, e este era o natural e verdadeiro caracter da lucta empenhada com potentados affeitos a influir e a mandar em absoluto nos indigenas antes da chegada dos portuguezes, e no que portanto se dabatiam e jogavam altos interesses mysticos e profanos. A explosão era consequencia precisa, e tanto maior e mais aturada a lucta quanto mais complexos e intensos fossem aquelles interesses; sendo fa-

cil ver assim claras e definidas as respectivas posições dos portuguezes e dos mouros e seus sequazes.

Já me referi a isto mesmo antecedentemente, e insisto em que muito se illude ou pretenderá illudir e depreciar tal facto, quem o rebaixe d'esse seu nivel.

Em differentes partes da India os portuguezes acharam ainda vestigios de uma invasão de chins ou barbaros da Tartaria chinesa, marcando a sua dominação por algumas obras de fortificação nos sitios em que estiveram; de resto em que os chins são mais temiveis é na pirataria por mar, havendo-os muito audazes tripulando embarcações fortes mas ligeiras, denominadas juncos ou lorchas, andando muito armados esses piratas e sendo habeis navegantes n'essas embarcações.

Tambem consta que uns duzentos annos anteriormente ás descobertas dos portuguezes havia sido conquistado todo o Indostão pelos mogores, de um grande reino, e d'uma raça bellicosa de origem musulmana.

D. João de Castro fez partir seu filho D. Fernão com fustas e alguma gente de armas para irem invernar na fortaleza de Dio, mandando logo apregoar a guerra desassombradamente contra Cambaya; e D. João Mascarenhas foi dando as suas providencias para defender e segurar essa fortaleza, usando dos seus recursos e empregando para isso os devidos esforços.

Era já inverno cerrado quando rompeu a guerra, tendo os inimigos construido da banda da terra e ao lado da fortaleza um baluarte d'onde jogavam grossa artilheria contra ella.

Chegou n'esta occasião a D. João Mascarenhas o reforço de D. Fernão de Castro com oito fustas e duzentos homens, os quaes distribuiu convenientemente.

Cumpre registrar n'este lugar que D. João Mascarenhas tinha encarregado a defeza dos postos a alguns de seus melhores officiaes, a saber: Luiz de Sousa, Fernão Carva-

lho, Gil Coutinho, Antonio Pessanha, D. Pedro e D. João de Almeida, Antonio Freire, João de Venezianos, Antonio Rodrigues, e Affonso Bonifacio. Aqui está indubitavelmente um grupo de dez nomes de valia, sem desfazer em nenhuns dos mais, e já se pôde presumir que qualidade de gente restava na fortaleza, tudo heroes!

Por fortuna dos sitiados um pelouro da fortaleza levou a cabeça ao poderoso mouro Coge Sofar, que andava animando os seus e vendo reparar os estragos que da fortaleza se tinham feito no baluarte mourisco denominado do «Rama» de que era capitão o mesmo Coge Sofar. Comtudo pouco respiraram os portuguezes, pois iam estando cada vez mais oprimidos e maltratados pelos inimigos, os quaes deram varios assaltos á nossa fortaleza, chegando n'um ataque geral a entrar uma porção d'elles, mas foram expulsos com desesperada resolução e coragem.

Aquelle Coge Sofar diz-se que era um renegado italiano, sagaz e valente, e muito estimado dos mouros.

Por motivo de grande tempestade ainda não tinha podido chegar a Dio com mais reforço D. Alvaro de Castro, outro filho do governador, arribado a um ilheu adiante de Baçaim.

Pela explosão de uma mīna feita pelos mouros e rumes arreventou o baluarte em que estava D. Fernão de Castro, morrendo elle, Diogo de Reinoso, tres Almeidas, (assim é que o vi) Gil Coutinho, Luiz e Tristão de Sousa, Antonio Rodrigues, Luiz de Mello e outros, em numero de sessenta.

Os ataques de fóra por uma multidão immensa de inimigos repetiam-se; e pela abertura ou brecha do despedaçado baluarte da fortaleza deram os inimigos outro medonho assalto, sempre resistindo os nossos, já muito dizimados e em misero estado!

No precedente ataque tinham chegado a entrar na fortaleza Juzarcão, capitão d'abyxins e varios dos seus, subindo

por uma ribanceira da banda do mar em quanto os mais atacavam por outros lados.

Cabe agora aqui outra especial menção pelo seguinte facto: «Em quanto se não acudia com mais gente áquella brecha do baluarte de D. Fernão de Castro só cinco portuguezes contiveram os inimigos, e esses bravos lusitanos foram Antonio Pessanha, Bento Barbosa, Bartholomeu Corrêa, Sebastião de Sá, e outro» cujo nome não vi designado por Gaspar Corrêa e que n'essa occasião foi morto.

Pelo que li porém n'outra parte julgo que esse ultimo era o cirurgião mór João Madeira, na linguagem singela d'aquelle tempo chamado «Mestre João» cuja mulher, Isabel Madeira, foi tambem uma heroína, dirigindo outras que no calor dos combates e assaltos á fortaleza se expozeram aos perigos, prestando auxilios, algumas das quaes succumbiram por effeito da sua dedicação; e d'estas ultimas encontrei mencionado mais por Gaspar Corrêa o nome de Anna Fernandes.

Antonio Moniz, differente de outro do mesmo nome, capitão da nau Conceição, da armada de Diogo da Silveira, que ia para a India em 1529 e morreu na viagem, como já disse, foi com grande perigo de noite n'um barquinho ao pé da fortaleza avisar de que estava mais soccorro de armada no dito ilheu adiante de Baçaim, animando os portuguezes da mesma fortaleza, e d'ahi a poucos dias chegaram algumas fustas com mais gente commandadas por D. Alvaro de Castro.

Vejamos agora um pouco do que diz Camões sobre este interessantissimo assumpto no poema dos *Lusiadas*, episodio esse cuja narração ainda faz palpitar o coração e confranger as fibras d'alma.

«Basiliscos medonhos, e leões,
Trabucos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co'os varões
Que tão ledos as mortes tem por certas,

Até que, nas maiores oppressões,
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, e a Deus se sacrificuem.

Fernando, um d'elles, ramo de alta planta,
 Onde o violento fogo com ruido
 Em pedaços o muro no ar levanta,
 Será ali arrebatado, e ao ceo subido;
 Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
 Os ventos, e depois os inimigos.»

N'uma sortida de noite tinham-se distinguido D. Pedro e D. João de Almeida, com cem homens, destruindo umas obras dos rumes que dominavam um bastião da nossa fortaleza.

Por esse mesmo tempo distinguiram-se egualmente Manuel de Sousa de Sepulveda e Martim Botelho.

Em outra sortida, mas por mar, brilhou Diogo Leite, tomando com os seus uma grande nau mourisca em que estava montada uma machina que o fallecido capitão mahometano Coge Sofar tinha mandado fazer para atacar a fortaleza pelo lado do mar, o que exasperou e contrariou immenso os inimigos.

Eram já muito limitados em numero os portuguezes da heroica guarnição da fortaleza de Dio pelas perdas soffridas desde o principio dos ataques pelos assaltantes, e mesmo assim enthusiasmados com o pequeno auxilio de D. Alvaro ousaram fazer outra sortida, mas foram mal succedidos, morrendo n'essa occasião D. Francisco de Menezes e outros fidalgos e cavalleiros.

Complicava-se com isto mais a situação, e com o rumor espalhado de que os rumes haviam tomado Baçorá e a fortificavam, bem como Modofar, comtudo D. João de Castro mandou partir para Dio navios carregados de mantimentos,

munições e gente de armas, indo Vasco da Cunha com seus poderes, a quem todos obedecessem, e para que ninguém saísse da fortaleza «mandando estranhar ao capitão d'ella (e mais era o illustre D. João Mascarenhas!) a sortida que fez sem sua licença.»

REINADO DE D. JOÃO III

Armada de Lourenço Pires de Tavora

Anno de 1546

Foi n'esse anno para a India a armada de viagem do reino de que era capitão mór Lourenço Pires de Tavora, e quando chegou a Goa já o governador havia partido para Dio com a sua frota de fustas, tendo mandado adiante os navios grandes.

Em 12 de setembro d'aquelle anno chegou primeiro á barra de Goa D. Manuel de Lima, que ia para capitão de Ormuz, e foi elle quem noticiou que havia saído de Portugal o dito capitão mór em companhia de seis naus de carga; como tambem disse que iam mais por capitães de naus Alvaro Barradas, Fernão Alvares da Cunha, e João Rodrigues Pessanha, e contando com a nau d'elle D. Manuel de Lima e com a do capitão mór faltaria uma, que arribou e não passou á India, dando mais a noticia de que no reino havia carestia *«porque estando o trigo espigado, ouve tantas geadas que o queymarão, e todo ficou em palha.»*

Ha a mais a noticia da queima do trigo e a menos os nomes das naus da armada, que Gaspar Corrêa não declara.

As outras naus foram chegando, a pequenos intervallos, trazendo a bordo muita gente enferma.

Ha differenças nos nomes dos capitães, cotejando com o que diz o outro alludido auctor,¹ trazendo este os nomes das embarcações. Segue-se o que elle refere da armada, a saber:

Lourenço Pires de Tavora na nau Esphera, Leonel de Sousa na Santa Catharina, João Rodrigues Pessanha na Trindade (galeão), D. Manuel de Lima na Flor do mar, D. João Lopo na Gallega, Alvaro Barradas na Espirito Santo, e Fernão Alvares (dã Cunha) na Victoria.

Estava em Dio no arraial inimigo o rei de Cambaya (já se vê que para o mal não fez falta o antigo rei Badur, a quem este succedeu), e queria assistir ao que chamava ultimo ataque aos portuguezes, todavia enganou-se e elle é que foi atacado. Outros dizem que retirou antes de se travar esse decisivo ataque.

Como o governador tivesse ido em soccorro de Dio, tocando em Baçaim, onde ajuntou mais embarcações e gente, alevantaram-se na sua ausencia os mouros das terras de Bardez e Salcete, dando trabalho a D. Diogo de Almeida, capitão de Goa.

O governador partiu de Baçaim de noite, e só n'um catur foi a Dio. Andou vendo toda a fortaleza, e tornou para Baçaim.

D. João de Castro já tinha mais fornecida de gente e mantimentos a fortaleza, andava examinando, calculando, reunindo todos os meios de acção e de ataque, pelo que foi de Baçaim ao ilheu das vaccas, em cuja paragem aguardou que se lhe juntasse toda a armada, e expediu D. Manuel de Lima com embarcações de guerra bem armadas para que no entanto fosse guerrear pela enseada de Dio, e d'ahi se foi o governador á ilha dos Mortos, onde tinha chegado Lourenço Pires de Tavora com as naus de viagem do reino, de que fallei.

¹ Figueiredo Falcão.

Em seguida partiu d'ali o governador com toda a sua armada; surgiu ao mar em frente de Dio em muita ordem; tornou-se a abalar; foi dando vista da cidade; e chegou defronte d'onde se chamava o baluarte de Diogo Lopes de Sequeira, no que deu mostras aos mouros de pretender desembarcar n'esse sitio. De noite mandou metter na fortaleza toda a gente de armas que levava, subindo á calada por escadas que se dependuraram nas bombardeiras.

Fez-se tudo isso com tanto geito e tino, que depois os mouros estavam á espera que o governador e os seus desembarcassem junto ao baluarte sobredito, quando todos já tinham entrado para a fortaleza.

N'ella, a 11 de novembro de 1546, ás duas horas da noite, se tinha por fim mettido o governador, achando-se com mais de tres mil e quinhentos homens. N'essa noite esteve preparando tudo para sairem e darem no arraial do rei de Cambaya, fazendo nomeações e dividindo a gente «e daua a dyanteira a Dom João Mascarenhas», ficando o valente cavalleiro Antonio Corrêa só com duzentos homens dentro da fortaleza, para a defender depois que os mais saíssem.

Então D. João de Castro mandou apregoar entre os da fortaleza *«que ao primeyro homem que aleuantasse guyão sobolos muros dos mouros, lhe faria mercê de mil cruzados, e o acrecentaria mays hum gráo em qualquer honra que tivesse de el-rei, e nom sendo de el-rei, o aueria por seu em qualquer gráo que lhe coubesse, e ao segundo, que assy pozesse o guyão, the daua quinhentos cruzados, e ao terceyro lhe daua tresentos, coas mesmas condições.»*

Pretendendo o governador, por causa das minas de pólvora que podesse haver, aventurar primeiro uns canaris de Goa e Chaul que levava, estavam os fidalgos com tal alvoroço do emprehendimento, que disseram a D. João de Castro as seguintes memoraveis palavras: *«A honra do feyto he o risco da vida em que se os homens põem. Assy, que se*

os canaris fossem diante dos portuguezes, levarão o melhor da honra. Aqy nom ha homem que nom arrisque sete vidas por ser o dianteyro.»

Tanto podia n'esses nossos illustres varões o nobre sentimento da honra, e do dever para com a pátria.

O governador agradeceu-lhes muito.

Não descrevo batalhas, nem seria capaz de o fazer bem, e ainda que o fosse não é preciso senão que eu aponte succintamente os factos, como até aqui tenho praticado, com relação aos mais importantes e curiosos, mas sem faltar, creio eu, ao mais essencial d'elles. Basta-me agora dizer que D. João de Castro saiu da fortaleza altivo e impavido e em boa ordem, já de manhã clara; que acompanhado dos seus investiu com os muros e gente do arraial mourisco á escala vista; que os entrou, e venceu. Por ultimo pôz em fugida todos os inimigos, que poderam escapar á morte, sendo completa a derrota; e os fortes e enthusiasmados lusitanos foram após dos fugitivos até os deitarem fóra da ilha.

D. João Manuel, o primeiro que subiu aos muros do arraial dos mouros, teve logo as mãos cortadas, e crivado de feridas caiu de cima abaixo morto; em acto continuo succedeu semelhantemente a Cosme de Paiva e a Vasco Fernandes, caindo ambos gravemente feridos e que tambem morreram, e outros após d'esses até que outros, mais felizes, entraram juntos por esse lado e por differentes partes, subindo por todas as escadas que tinham e se arrimaram aos muros.

Ao caso de D. João Manuel accrescenta-se, que indo ao desafio com João Falcão, este subiu a par d'aquelle, sendo ao mesmo tempo ferido gravemente, e fique assim marcada esta variante.

Refere-se que andando ambos desafiados de morte preferiram aquella maneira heroica de desforço, servindo até ao fim da vida a causa da sua patria, o que bem mostra a tempera e o civismo d'esses cavalleiros e mais que tudo

os principios que se seguiam, levantando-se os animos e os brios de muitos, e despertando-lhes nobres sentimentos, por que, finalmente, a theoria de quaesquer egoismos, de quaesquer doiradas e disfarçadas indifferenças, será optima para o que quizerem, menos para formar cidadãos bons e dedicados ao bem do seu paiz.

Sucumbiram, como ia dizendo, aquelles dois, mas batendo-se contra o inimigo commum, ambos mostrando-se eguaes em posses n'esse bem singular duello. Talvez, se escapassem, que viessem a abraçar-se como amigos; foram infelizes, quando seriam dignos de melhor sorte! É este o caso mais tocante e pathetico que conheço da historia da antiga India portugueza.

Com D. João de Mascarenhas, levando o guião adiante, iam na frente muitos fidalgos e cavalleiros destemidos, e entre elles D. Manuel de Lima, D. Manuel da Silveira, D. João Manuel (o primeiro que morreu heroicamente na escalada do baluarte mourisco), Jorge de Sousa, Pedro de Athayde, D. Jorge de Menezes, D. Duarte de Lima, Gregorio de Vasconcellos, Manuel Pessanha, Francisco de Azevedo, Luiz de Mello de Mendonça, D. Christovão de Castro, e tantos outros que não se poderam contar.

Seguia-se logo o governador, levando alguns dos antigos cavalleiros na guerra da India, como eram Manuel de Sousa de Sepulveda, seu irmão Alonso, Diogo Alvares Telles, Francisco, e Vasco da Cunha, Antonio Pessoa, Jorge Cabral, Diogo da Silva, Gonçalo de Resende, D. João Lobo, Lourenço Pires de Tavora, Antonio de Azevedo, D. Pedro de Menezes, Pedro Soares, Fernão de Lima, e outros.

Duarte Barbudo levava a bandeira de Portugal.

Sobre aquella grandiosa façanha ou excellente feito de armas, e chegada de D. João de Castro em soccorro da fortaleza, cabe-me agora pôr aqui, por confrontação, segundo a regra que tenho seguidô, o que diz Camões no poema dos *Lusiadas*:

«Eis vem depois o pai, que as ondas corta
 Com restante da gente lusitana;
 E com força, e saber, que mais importa,
 Batalha dá felice e soberana;
 Uns, paredes subindo escusam porta,
 Outros a abrem na fera esquadra insana;
 Feitos farão, tão dignos de memoria,
 Que não caibam em verso, ou larga historia.»

Este depois em campo se apresenta,
 Vencedor forte e intrepido, ao possante
 Rei de Cambaya, e a vista lhe amedrenta
 Da fera multidão quadrupedante.»

.....

Diz Gaspar Corrêa «...*que o numero dos imigos serião vinte mil rumes, abexins, resbutos, e arabios, estes soldados, porque a outra gente era infinita, sem numero.*»

E na *Lenda* diz o mesmo auctor, que no feito os que ficaram mortos dos nossos «*nom chegarão a cento e os feridos forão may's de quatrocentos*». Os principaes dos que ficaram mortos foram D. João Manuel, Jorge de Sousa, Francisco de Azevedo, Cosme de Paiva, João Falleiro, Balthasar Jorge, Vasco Fernandes, Antonio Fernandes, João Baptista Pessoa, Fernão Vaz Cavalleiro, Pedro Themudo, Fernão Gonçalves Mousinho, Fernão de Abreu, seu irmão Gomes, Henrique de Sousa, Alvaro Mendes Corrêa, João de Madureira, Gaspar Cardoso, Simão Rodrigues, Ayres Gomes de Quadros, João Pessanha, e Diogo Furtado, e dos feridos morreram alguns.

Dos mouros e mais gente contraria morreram n'esse dia mais de tres mil homens.

Agora uma pequena pausa, ou interrupção, porque a outros pretendo consultar, ao mesmo tempo fazendo-lhes umas rapidas observações.

Mancebos, meus conterraneos, a quem n'este momento especialmente me dirijo:

Olhae que ha situações excepções na vida, em que o homem visa e mira a um ponto de honra, ou de salvação extrema. Então só impera a temeraria ousadia, e a prudencia mais pensada é, por assim dizer, não havel-a, ou momentaneamente muda de natureza, por uma força superior. Para não ser vilipendiada nem escrava a patria, o bom cidadão arrisca por ella haveres e vida; a bem do sagrado jus da propriedade e da familia amplos e energicos recursos se offerecem; não se ignora quanto em defeza da propria vida ameaçada o cidadão pôde aventurar... Então, não se é imprudente, pela necessidade, e porque se cumpre um dever sagrado e supremo!

Fôra d'isto, está, emfim, mais cauta e branda, a regra geral; todos nós o sabemos; e é n'estas circumstancias que a prudencia e a reflexão mais naturalmente se recomendam e exercem.

Praticaram os portuguezes aquella e outras muitas façanhas, fizeram altas gentilezas, porque havia fé mais viva, porque havia mais amor da patria e da gloria, e menos afeminação e egoismo do que hoje ha... E comtudo na fortaleza de Dio, batida e já quasi rasa e sem paredes, chegaram a estar apenas OITENTA HOMENS para se defenderem de tantos inimigos que os accommettiam sem cessar, e pretendiam de todo exterminal-os, e que contiveram por esforços inauditos e prodigiosos, como se viu, até á chegada de soccorros!!!

Mancebos: dirijo-vos d'aqui só mais umas breves palavras singelas e expontaneas.

Grande é o meu atrevimento, mas desculpae-me, se n'um momento de expansão vos importuno... Revêde-vos em tal quadro, meditae a proposito d'aquillo. Talvez que ainda em bem modernos tempos os paes de alguns de vós prestassem tributo semelhante a este paiz que os viu nascer... Meditae os que só tem usufruido commodos, que podem vir a ser precisos... (e quem sabe se mais cedo ou mais

tarde?...) que podem vir a ser precisos, digo, os vossos serviços... Falla-vos quem tambem já pagou á patria o seu fracó mas dedicado tributo, e falla-vos sobre um assumpto que se o não mencionasse n'esta occasião, por vir naturalmente ao meu proposito, nunca vol-o mencionaria, nem d'elle faria especificada declaração.

É d'esse amor patrio a que alludo, d'esse entranhado ardor civico e da nobre paixão da gloria, que nos falla Camões, com tanto mimo e elevação, nos para sempre admiraveis seguintes versos do seu famoso poema dos *Lusíadas*, em que exclama:

«Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno,
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.»

E mil outros pregões soavam por esse mundo fóra com o testemunho das lapides, dos marcos de pedra que na sua passagem iam pondo os lusitanos nas terras que descobriam, e pela grande voz das victorias d'esses mesmos «que da occidental praia lusitana» navegavam, alcançadas em regiões longinquas, ou, para de algum modo o dizer parodiando, «em orientaes praias indianas!»

Não vos parecerá tambem assim, oh mancebos meus compatriotas, e que os seus predicados (salvo as excepções, que sempre as ha) os exalçaram?

Dae de mão ao frio egoismo... Não sacrifiqueis só nas profanadas aras dos interesses materiaes e do indifferentismo pela causa publica, n'esta quadra transitoria, caliginosa e cheia de embaraços e perigos, que vae correndo... não, mil vezes não, d'aqui vol-o digo e peço.

Ai de quem se sorrir levemente, de quem zombar de tudo, das mais justas conveniencias, das coisas mais respeitaveis e serias! Pensae no que vos digo com sinceridade,

reflecti bem ao presente para que depois não seja tarde!... A vós mais especialmente agora aqui me dirijo, evocando os vossos generosos e magnanimos sentimentos.

Se perante vós eu podesse fazer propaganda, activa e fervente, fal-a-ia n'este sentido.

D. João de Castro providenciou ácerca da guarda e segurança da ilha de Dio; expediu um catur a dar a noticia da grande victoria pelas fortalezas e feitorias, e uma carta á camara de Goa com essa mesma noticia.

Houve recebimento e festejos em Goa por occasião de se levar a bandeira do rei de Cambaya, tomada no fortificado arrayal dos inimigos em Dio, a qual o governador ordenou que ficasse na camara d'aquella cidade.

Apprehenderam-se muitas peças de artilheria, varias d'ellas de bronze, armas, petrechos, munições, etc.

Depois fez D. João de Castro concertar e augmentar a fortaleza, realisando-se-lhe consideraveis melhoramentos, no que desenvolveu bastante zelo e actividade.

Mas já com estas obras, já com outros dispendios, achou-se em embarços por falta de dinheiro. Viu-se na precisão de pedir um emprestimo á cidade de Goa por Diogo Rodrigues de Macedo *«samente o que ela quizesse emprestar, e como nom tinha outro penhor que dar, mandaua-lhe hũa trança de cabelo da sua barba, que farya pagamento sem esperar que lho pedissem, e com o dinheyro lhe mandassem ropera dar a cadahum os agradecimentos segundo se fizesse o emprestimo.»*

Tudo é nobilissimo n'esse pedido, e digno de figurar nas chronicas e n'outros livros por memoria.

Em consequencia d'essa supplica mandou-se-lhe mais de vinte mil pardáus, devolvendo-se-lhe a trança de cabelo, que por nenhum modo era precisa, e D. João de Castro, ficando com a trança, tornou a mandar o dinheiro tal e qual, dizendo que felizmente tambem já não carecia d'elle pelo motivo de Antonio Moniz lhe ter entregue cincoenta mil xe-

rafins de ouro, de uma rica presa que fez na costa, com o que estava muito alegre fazendo os seus pagamentos.

Este Antonio Moniz era um illustre e excellente cavalleiro, e o governador, por muito leal e verdadeiro, cada vez estava mais estimado e bemquisto de todos.

Regressou a Goa D. João de Castro, em cuja cidade foi brilhantemente recebido, deixando por capitão da fortaleza de Dio o mesmo benemerito D. João de Mascarenhas, que porém veiu a partir dentro em pouco tempo para o reino.

D. João de Castro recebeu embaixadores de varios reis indianos e os despachou em paz e harmonia.

O capitão de Maluco Jordão de Freitas, por desintelligencias com o rei d'essa terra, mandou-o prender e o enviou assim preso ao governador. Este o mandou pôr em liberdade, ordenando que fosse trazido preso em ferros o capitão, julgando-o culpado, fazendo justiça recta, e trocando-se por esse modo as scenas.

Não procedeu como alguns homens publicos, que possuidos de um falso criterio e de um ainda peor orgulho nem mesmo depois de conhecido o erro tratam de emendal-o, ridiculamente inculcando-se immutaveis nos seus juizos e com palavras dobres, e qual miragem enganadora, representando aquillo que não são!

E n'isto não ha o menor exagero da minha parte, nem atropello em nada a verdade, por quanto n'uma triste experiencia propria me fundo.

Em um bello estudo geologico¹ notando-se o adiantamento da natureza, preparando-se-lhe progressivamente os resultados no seu laboratorio incommensuravel, exclama-se: «Quem sabe se o supremo se reserva de crear no porvir, ao lado do homem ou depois d'elle, um ente ainda superior?»

Por conseguinte, se a natureza está sempre no trabalho da

¹ Luiz Figuier na sua obra *A terra antes do diluvio*.

composição, decomposição e reproducção, e é susceptivel da creação de novos seres mais perfectos, que muito que as instituições dos homens, com o andar dos tempos, passem por successivas alterações, que as melhorem?

Deus extrahiu de um cahos o mundo; d'outro cahos pôde tirar ou permittir que os homens tirem algum resultado mais perfeito do que o estado actual e de mais ordem, não d'essa ordem mentirosa e fallaz, a que alludi, com que alguns blasonam, e á sombra da qual injusta e bruscamente me feriram e tambem a outros ferem. É outra aquella a que me refiro, é a que offereça mais garantias, não se tolerando que nenhum poder amesquinhe e esmague insolentemente os sentimentos honestos e a justiça de quem quer que seja, respeitando e fazendo respeitar legitimos interesses e direitos, sem o que todas e quaesquer formulas convencionaes de governo não serão, na pratica, mais do que uma burla, ou um laço armado á boa fê dos incautos.

Não se é forte em se resistir, por teima, á evidencia da razão, é-se forte, na melhor accepção da palavra, quando se procede com inteireza inabalavel, como fez D. João de Castro, e antes d'elle o outro benemerito governador Nuno da Cunha, quando, apesar de tudo e em todas as situações, se é coherente e justo.

Nada impedirá o mundo na sua elaboração, segundo o sentido physico de uns, e na sua evolução, conforme o sentido moral ou politico que outros ligam a essa palavra. Deixal-os pois ir elaborando e evolucionando ou desenvolvendo, que eu volto singelamente á modesta tarefa em que ia andando, e como que assistindo com varios dos nossos antepassados em regiões distantes, e pela recordação, a mais alguns de seus empreendimentos.

D. João de Castro determinou a D. Diogo de Almeida, capitão de Goa, que passasse com gente de pé e de cavallo ás terras de fóra, que se revoltaram na epoca em que elle estava occupado com a guerra de Diô; e d'ahi a poucos dias

enviou Francisco de Mello por capitão das terras de Bardez e Salcete para com cem homens portuguezes «espingardeyros» e seiscentos canaris ir desde logo arrecadar as rendas, providencia que fez por ali serenar tudo; e era no anno de 1547 quando isso se fez.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1547

A 3 de setembro d'esse anno chegou a Goa D. Francisco de Lima para capitão d'aquella cidade, na vacatura de D. Diogo de Almeida, e deu a novidade que de Lisboa tinham partido para a India seis naus sem capitão mór, a saber: elle D. Francisco de Lima em a nau S. Philippe, na Zambuco Francisco de Gouvêa, na Nova Francisco da Cunha, como tambem Beraldo ou Bernardo Drago na Santa Cruz de Garcia de Sá, na Salvador Balthasar de Sousa Lobo para capitão de Cananor, e na S. Thomé D. Pedro da Silva, esta ultima naufragando nas ilhas de Ancoja.

Tendo já harmonisado um pouco a noticia de Gaspar Corrêa, n'este ponto um tanto embrulhada, ainda restam umas pequenas differenças, e para bem se ver tudo isto vou pôr o que diz o outro alludido auctor,¹ advertindo que este falla n'um capitão mór, quando a armada era de capitães independentes, sem capitão mór, conforme Gaspar Corrêa.

D. Pedro da Silva mór (mas parece que o não era) na nau S. Thomé, Francisco de Gouvêa na S. Boaventura,

¹ Figueiredo Falcão.

D. Francisco de Lima na S. Filippe, Balthasar Lobo de Sousa na Salvador, Francisco da Cunha na Zambuco, e micer Beraldo (Drago?) na Santa Cruz.

O mesmo auctor alludido traz a lista de outra armada, no mesmo anno, com o titulo contradictorio, da qual não trato, por lhe ver a um lado as palavras—Torna viagem— e não fallar Gaspar Corrêa d'essa armada.

Continuava Cambaya a estar de guerra; e o governador vendo que se com aquella cidade não houvesse paz «*se perderyão os tratos de Malaca*», o que seria grande prejuizo, resolveu fazer tanta guerra a Cambaya até obrigar-a a pedir paz, o que tambem praticava por saber que o rei cambayco havia mandado cortar a cabeça a um mercador, só por lhe fallar a favor da paz com os portuguezes.

Esse tyranno era o sultão Mahamud, o mesmo a quem os lusitanos venceram e deram a devida lição em Dio, como ha pouco se viu.

Por esse tempo foi D. João de Castro destruir Pate e Patane, e guerrear outros logares de Cambaya revoltados.

Acudiu depois ás terras de Bardez e Salcete fóra de Goa, que por fim se insurreccionaram, fazendo fugir de lá os mahometanos promotores d'essas desordens, e voltou a Baçaim para ir d'ahi guerrear a costa de Cambaya.

Foi mandado Antonio Moniz a Ceylão, e apenas com cem homens teve a fortuna de desaffrontar o rei d'essa terra, desembaraçando-o dos inimigos que o ameaçavam.

D. Alváro de Castro ataca, á escala, e destroça completamente os rumes de um castello em Cachem, succumbindo todos, comtudo morrendo dos nossos mais de quarenta, e ficaram feridos mais de setenta, isto já em 1548, convindo recordar que se contendia com os odiados estrangeiros rumes, e n'essa terra de Cachem em que alguns portuguezes tinham sido maltratados.

Estava agora comigo pensando egualmente, se era a este vencedor de rumes e bravo auxiliar na defensão da

fortaleza de Dio, na ultima grande contenda ali occorrida, que se deveria referir o rumor popular, entre nós, conforme com o que li n'alguma parte, de ter um dos Castros introduzido em Portugal o gosto dos jardins á chineza, exemplificando-os em Cintra «para onde se retirou depois de voltar á patria» porque seu pae e seu irmão D. Fernando não voltaram do Oriente e lá morreram, o que digo só para fixar este ponto.

Quanto a D. João de Castro, só se foi não sendo elle ainda governador, por que antes de o ser tinha ido simplesmente por capitão da nau Grifo em uma armada em 1538. Regressaria depois á patria, e passados annos voltaria á India, terminando ahi a sua gloriosa carreira, como disse, e segundo o mais que se segue.

Repito, só se foi logo depois do dito anno de 1538, em que D. João de Castro regressou na alludida armada, uns nove annos antes do seu fallecimento na India, que elle introduziu em Portugal o typo dos jardins chinezes, e ainda assim não se podia dizer «que se tivesse retirado de todo dos negocios publicos» como me parece deprehender-se do que li n'um escripto impresso; no entanto creio estar averiguado que se deu esse caso com o Castro pae, depois d'aquelle anno, e não com nenhum dos filhos. Deixo aqui notada esta curiosidade diversa, que nada prejudica e antes nos dá idéa do bom gosto d'esse nosso heroe pelos quadros flôreos e pittorescos.

Em 22 de março do referido anno de 1548 chegou do reino um navio, de que era capitão Belchior de Sá, trazendo ao governador a communicacão de que el-rei tinha ficado muito satisfeito com a assignalada victoria de Dio «*e lhe mandava outros tres anos de governança, com o titulo de viso rey, e dez myl cruzados de mercê, pera seus gastos, e a seu filho Dom Alvaro dobrado ordenado de capitão do mar*» que era.

Constou que vinha armada do reino com mais de tres

mil homens para diversos destinos, por el-rei saber que no feito de Dio tinham morrido e ficado feridos muitos portuguezes.

D. João de Castro estava adoentado quando recebeu a correspondencia official com a carta de el-rei que tudo isso confirmava. Teve alguns momentos de prazer mas piorou, e este prototypo de valor e honradez, este bom governador e vice-rei novo, pouco sobreviveu, fallecendo a 6 de junho d'esse anno, e foi sepultado na egreja de S. Francisco de Goa na capella mór, da parte do evangelho.

Disse-me um amigo ha poucos annos regressado da India, que ainda durava em Goa uma especie de culto dos gentios indigenas á memoria d'esse excellente homem!

Existiam cinco cartas de successão: aberta a primeira e lida em voz alta encontrou-se que estava nomeado para governador da India D. João Mascarenhas, e como já então se achasse no reino abriu-se a segunda carta de successão, na qual vinha nomeado para tal cargo Garcia de Sá, que se achava presente, e foi cumprimentado por todos os assistentes a este acto; e julgo ser este o mesmo Garcia de Sá accusado de algumas faltas commettidas no exercicio da capitania de Malaca, e que por ventura se justificasse.

REINADO DE D. JOÃO III

Garcia de Sá, 15.º governador da India

Anno de 1548

O embaixador portuguez Galvão Viegas, que tinha sido mandado ao fallecido Hydalcão, o qual o não deixou voltar, foi entregue a este novo governador, a instancias suas, o que veiu facilitar a paz com o Hydalcão, abrindo-se os seus portos e caminhos, e passando abundantes mantimentos para Goa.

Garcia de Sá dava rapido despacho ao povo que lhe requeria, sendo raro quando deixava para o seguinte dia a resolução de qualquer petição; e como era homem antigo na India possuia muito conhecimento de tudo o que lhe respeitava, e elle mesmo havia sido um dos principaes do conselho da India, que os governadores consultavam.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1548

A 10 de agosto d'esse anno chegou a Goa Alvaro de Mendonça n'um navio em companhia de Francisco Barreto, chegando no seguinte dia mais os dois navios em que iam Pedro Mesquita e D. Heitor Aranha, e estes deram noticia de que ficavam em Moçambique outros navios com muita gente. A 18 chegou a nau Athouguia de que era capitão Fernão Alves da Cunha, chegando depois outras de que os capitães eram, a saber: D. João Henriques, João de Mendonça, Manuel de Mendonça, Ayres Moniz Barreto, Antonio de Azambuja, Manuel Rodrigues Coutinho, Sebastião de Athayde, e Diogo Rebello.

N'esse anno, segundo o que declara o outro auctor alludido,¹ foi depois d'essa armada Manuel de Mendonça com «o reforço» de mais cinco embarcações (naus e galeões), e sobre aquella primeira parte de armada e esse «reforço» vou apresentar o que diz o mesmo alludido auctor, que menciona capitães môres, quando Gaspar Corrêa falla só de capitães em separado.

¹ Figueiredo Falcão.

PRIMEIRA ARMADA

João de Mendonça mór (mas parece que o não era) na nau S. Pedro, Ayres Moniz Barreto na Conceição, Diogo Rebello na Espirito Santo, D. João Henriques na Esphera, Antonio de Azambuja na Flôr do mar, e D. Fernão da Luz (ou Alvares?) da Cunha na Victoria.

REFORÇO

Manuel de Mendonça mór (segundo se diz) na nau Biscainha, Manuel Rodrigues Coutinho na Santa Maria a Nova, Alvaro de Mendonça na Santa Maria d'Ajuda, Sebastião de Athayde na S. Sebastião, e Jorge de Mendonça Furtado na Sicião.

Entre os dois auctores ha sobre isto varias divergencias, como é facil de ver, sobretudo em nomes de capitães, d'esta vez falhando mais Gaspar Corrêa nos nomes das embarcações.

Mais me confirmo no que pensava ácerca do procedimento d'um Diogo Botelho, de que já fallei, sabendo que esteve preso em Lisboa por desconfianças de querer fugir para Castella, «tirando-o da prisão e levando-o comsigo para a India o vice-rei D. Garcia de Noronha» empenhado em o levar, como se vê da obra de Gaspar Corrêa, tornando-o suspeito mais algum auctor e fazendo-o instrumento de vinganças. . . Porque queria elle fugir para Hespanha? Talvez que não se julgasse seguro em Lisboa, com receio que lhe fizessem pagar algumas suas ruins acções. Afigura-se-me ver com effeito no procedimento de Diogo Botelho o que quer que fosse de uma cabala complicada.

Esse Diogo Botelho havia no tempo do governador Nuno da Cunha partido furtivamente da India para a côrte de Lisboa com uma planta, tirada a occultas, da nossa fortaleza de Dio, sendo certo que a D. João III custou muito o per-

doar-lhe essa deserção e desobediencia, caso este que prende e se liga com o facto do antigo odio que elle tinha a Nuno da Cunha, e que ajuda a caracterisar esse seu inimigo, que tanto o hostilizou e intrigou; e visto que tudo por algum lado se pôde defender ou sophismar, não faltou todavia quem defendesse aquelle e até o elogiasse, inculcando-o por um benemerito, calando juntamente o caso da infidelidade e aggressão de Martim Affonso de Sousa para com o dito martyr Nuno da Cunha, fingindo-se que manobrava lisamente e de accordo com este no negocio da erecção da fortaleza em Dio, e por auctorisação do mesmo, transmitida pelo seu secretario Simão Ferreira!

Não pôde porém isso destruir os fundamentos das contrarias asserções de Gaspar Corrêa, nem em tempo algum denegrir a memoria honrada do illustre governador Nuno da Cunha, sobrenadando a todos os enganos e artificios a verdade. É necessario não nos deixarmos illudir.

O governador Garcia de Sá foi atacado de uma doença que costumava ter, em modo de colica. Durou só quatro dias, fallecendo em 6 de julho de 1549.

Abrin-se a terceira carta de successão, e n'ella se achou nomeado para governador da India D. Jorge Tello, que foi capitão de Sofala e tinha partido para Portugal, pelo que se abriu a quarta carta de successão, em que vinha nomeado para tal cargo Jorge Cabral, que estava por capitão em Baçaim.

Em quanto este não foi tomar posse do seu novo cargo serviam e mandavam collectivamente em seu logar o capitão da fortaleza de Goa, o bispo, e o ouvidor geral, constituídos em corpo deliberativo.

O governo de Jorge Cabral foi egualmente de curta duração, como se vae ver.

REINADO DE D. JOÃO III

Jorge Cabral, 16.º governador da India

Anno de 1549

Chegou a Goa Jorge Cabral em 11 de agosto d'esse anno, e foi recebido com as formalidades devidas.

Por cartas encontradas entre os papéis do fallecido governador Garcia de Sá soube-se que se esperava que viessem à India os rumes, e que mais uma vez o rei de Cambaya fazia armada para os auxiliar contra os lusitanos.

É innegavel que sempre os maiores inimigos dos portuguezes na India, n'aquelles tempos, foram o Samorim de Calecut e o rei de Cambaya e senhor de Dio, poderosos de recursos, e coadjuvados por todos os mouros ricos d'essas paragens, pelos rumes, mamelucos, resbutos e outros, vindo os primeiros em armadas ou em galés avulsas pelo estreito de Meca, e os mais de diversas partes, e tudo isso ajudado e influenciado pelo proprio grão turco.

Suscitou-se contenda entre o rei de Cochim e o rei da pimenta, visinho d'aquelle e dono de uma serra em que havia a maior abundancia d'arvores da dita especiaria, influido no animo d'este rei o Samorim de Calecut, com quanto então na apparencia se mostrasse mais quebrantado e in-

differentes; contudo o capitão da fortaleza de Cochim Francisco da Silva fez conter o rei da pimenta, e foi dando parte d'isso para Goa ao governador, e estando-se assim chegaram do reino as naus de viagem.

REINADO DE D. JOÃO III

Armada sem capitão mór

Anno de 1549

A 5 de setembro d'esse anno chegou a Goa D. Alvaro de Noronha em a nau Boaventura, e foi tambem Jacomo de Freitas armador em a nau S. Filippe. Deram noticia que do reino haviam partido para a India cinco naus, sendo d'essas aquellas duas, e eram mais os capitães Diogo Pereira em a nau S. Bento, João de Mendonça na Zambuco, e João Figueira de Barros na Burgaleza, vindo depois a constar que esta se perdeu.

Segundo Gaspar Corrêa não levava capitão mór essa armada, não obstante o que diz o outro auctor alludido,¹ havendo tambem differenças nos nomes das naus e dos capitães, cotejando-se os dois auctores, a saber:

Diogo Botelho Pereira mór (mas parece que o não era) na nau S. Bento, D. Alvaro de Noronha na S. Boaventura, João Figueira na Salvador, Jacomo Tristão na S. Phillippe, e João de Mendonça na Santa Cruz.

Visto que prometti apresentar o meu juizo respectivamente a tantas faltas e divergencias, quanto às armadas, ou pela

¹ Figueiredo Falcão.

discordancia de livros e documentos antigos em Portugal e na India, ou pelo sumisso de muitos d'elles, no que mais avulta, a meu ver, o desaparecimento de uns dos livros da casa da India ou o riscado e apagado de muitos dos assentos de outros, a que por vezes se refere o auctor alludido, di-rei, em presença de tudo isso, e pela longa pratica que tenho de negocios publicos, sem exceptuar os de alfandegas, em commissões especiaes do serviço por mim exercidas, que para aquelle estado de desordem e confusão não concorreriam só a insufficiencia e o descuido dos empregados, sendo tambem resultado de algum systema posto em pratica para encobrir extravios de direitos e de fazendas, deixando-se no decurso de muitos annos de escripturar nos livros os direitos das cargas de varios navios, n'uns casos, e viciando-se os assentos de outras cargas que chegassem a lançar-se nos livros, n'outros casos, etc. Quando com os direitos menores de saída se podia assim ter feito, o que seria com os maiores de entrada, em Portugal ou na India, além do extravio de fazendas?

E ninguem me chame pessimista pelo que acabo de dizer. Demonstro-o diante de todos com uma equação, que armo, tão simples e facil quanto exacta. Entre os assentos feitos na India das armadas recebidas de Portugal (segundo Gaspar Corrêa), levando em conta as embarcações perdidas e as arribadas, e os assentos feitos em Portugal das mesmas armadas saidas (segundo o outro alludido auctor), devia haver concordancia, mas, pelo contrario, existem profundas differenças, logo, deram-se para isso causas anormaes e irregulares, e estas estou persuadido que foram principalmente as que acabo de apontar.

Podia dizer e explicar mais como aquillo se teria chegado a fazer, cá e na India, mas não é preciso, e parece-me que já disse o sufficiente para fundamentar a minha opinião.

Jorge Cabral partiu para Cochim no intento de harmonisar o rei de Cochim com o chamado rei da pimenta, e no

entanto foi tratar tambem do carregamento das naus para o reino.

Tornaram outra vez a contender os dois reis indianos supramencionados, e houve uma forte escaramuça dos do rei da pimenta com os portuguezes defensores dos do rei de Cochim na pequena ilha de Bardelá, dirigidos os lusitanos pelo capitão Francisco da Silva, de que resultou morrerem o rei da pimenta e varios dos seus, e dos nossos o dito capitão e outro homem, e ficarem feridos outros individuos.

Estando quasi a terminar a summa das *Lendas* dos vice-reis, governadores e capitães, de que trata Gaspar Corrêa, com as mais referencias e considerações que tenho julgado dever fazer, passo já a dar aqui uma relação ou lista de diversos dos principaes portuguezes mortos na India, juntamente designando alguns outros dos desaparecidos ou extraviados, segundo pude colher da obra do mesmo Gaspar Corrêa e da de outro auctor,¹ a saber:

Lista dos individuos a que se allude

- D. Affonso de Noronha, afogado.
- Alvaro Botelho, morto em combate.
- Alvaro Mendes Corrêa, idem.
- Alvaro Pessanha, idem.
- Alvaro Pinheiro, idem.
- André de Brito, idem.
- André da Silveira, idem.
- Antonio Caldeira, idem.
- Antonio Cardoso, idem.
- D. Antonio de Castro, idem.
- Antonio da Costa, idem.
- Antonio Fernandes, idem.
- Antonio Galvão, idem.

¹ O anonymo portuguez.

- Antonio Mendes de Vasconcellos, morto em combate.
Antonio de Pina, idem.
Antonio Rodrigues, idem.
Antonio de Sá,¹ idem.
Antonio de Sousa, idem.
Arthur de Castro, idem.
Atanazio Freire, idem.
Ayres Coelho, idem.
Ayres Corrêa, assassinado.
Ayres Gomes de Quadros, morto em combate.
Balthazar Jorge, idem.
Balthazar Vogado, idem.
Bartholomeu Dias, afogado.
Bartholomeu Drago, morto em combate.
Beraldo ou Bernardo Drago, idem.
Braz Sodré, afogado.
D. Christovão da Gama, morto em combate.
Christovão Rosado, afogado.
Cosme de Paiva, morto em combate.
Diogo Corrêa, idem.
Diogo Fernandes, idem.
Diogo Fernandes Borges, idem.
Diogo Fugaça, idem.
Diogo Furtado, idem.
Diogo Furtado de Mendonça, idem.
Diogo de Mello, idem.
D. Diogo de Noronha, desaparecido.
Diogo de Reinoso, morto em combate.
Duarte Ferreira, idem.
Fernão de Abreu, idem.
Fernão Brandão, idem.
Fernão Cardoso, idem.
D. Fernão de Castro, idem.
D. Fernão Coutinho, idem.
D. Fernão d'Eça, idem.

Fernão Gonçalves Mousinho, morto em combate.
Fernão Lourenço de Lima, idem.
Fernão Travassos, idem.
Fernão Vaz Cavalleiro, idem.
Filippe Rodrigues de Mello, idem.
Francisco de Albuquerque, desaparecido.
D. Francisco d'Almeida, morto n'uma surpresa.
Francisco de Azevedo, morto em combate.
Francisco de Brito, afogado.
Francisco Corrêa, idem.
Francisco Coutinho, morto em combate.
Francisco Fialho, idem.
D. Francisco de Menezes, idem.
Francisco de Miranda, idem.
Francisco Ribeiro, idem.
Francisco da Silva, idem.
Francisco Velho, idem.
Francisco Vieira, idem.
D. Garcia Coutinho, afogado.
Garcia de Sousa, morto em combate.
Gaspar Cardoso, idem.
Gaspar de Sousa, idem.
Gil Coutinho, idem.
Gomes de Abreu, idem.
Gomes Freire, idem.
Gomes Martins de Lemos, idem.
Gonçalo d'Almeida, idem.
Gonçalo de Castro, idem.
Gonçalo de Goes, idem.
Gonçalo Mendes, idem.
Gonçalo Pereira, assassinado.
Gonçalo Vaz Pacheco, morto em combate.
Heitor da Silveira, idem.
Henrique Leme, idem.
Henrique de Sequeira, idem.

Henrique de Sousa, morto em combate.
D. Jeronymo de Lima, idem.
D. João d'Almeida, idem.
João Baptista Pessoa, idem.
João Borges, idem.
João Cabeceiras, idem.
João Corce, idem.
João Corrêa, idem.
João Falleiro, idem.
João Ferreira, idem.
João Galego, idem.
João Machado, idem.
João de Madureira, idem.
D. João Manuel, idem.
João Martins de Leão, idem.
João Pessanha, idem.
João Rodrigues Pessoa, idem.
João Rodrigues Tافل, idem.
João Serrão², idem.
João Vaz d'Almada, idem.
Jorge de Abreu, idem.
Jorge de Brito, idem.
Jorge da Cunha, idem.
Jorge de Magalhães, morto n'uma surpresa.
Jorge Pinto, morto em combate.
Jorge da Silveira, idem.
Jorge de Sousa, idem.
Jorge de Sousa Galvão, idem.
Leonel Coutinho, idem.
Leonel de Lima, idem.
Lopo da Cunha, idem.
Lopo Dias, idem.
D. Lourenço d'Almeida, idem,
Luiz de Brito, idem.
Luiz Carvalho, idem.

- Luiz do Casal, morto em combate.
Luiz de Mello, idem.
D. Luiz de Menezes, morto por um corsario.
Luiz de Sousa, morto em combate.
Manuel da Cunha, idem.
D. Manuel Henriques, idem.
Mannel Pacheco, idem.
Manuel Pessanha, idem.
Manuel de Sousa¹, idem.
Manuel de Sousa¹, assassinado.
Manuel de Sousa Galvão, morto em combate.
Manuel Telles Barreto, idem.
Nicolau Coelho, desaparecido.
Nuno Pereira, morto em combate.
D. Paulo da Gama, assassinado.
Payo Rodrigues de Sousa, morto em combate.
D. Pedro d'Almeida, idem.
Pedro Alvares, idem.
Pedro Alvares d'Almeida, assassinado.
Pedro Ayres, morto n'uma emboscada.
Pedro Fernandes Tinoco, morto em combate.
Pedro da Fonseca, idem.
Pedro de Freitas, idem.
Pedro Henriques, idem.
Pedro Homem,¹ idem.
Pedro de Ornellas, idem.
Pedro Themudo, idem.
Pedro de Torres, idem.
Rodrigo de Proença, idem.
Ruy de Mendanha, idem.
Ruy de Sousa Galvão, idem.
Ruy Teixeira, idem,
Sancho Tavares, idem.
Simão de Lima, idem.
Simão Martins Henriques, idem.

Simão Rodrigues, morto em combate.
 Simão de Sousa Galvão, idem.
 Tristão Homem, idem.
 Tristão de Menezes, idem.
 Tristão de Sousa, idem.
 Vasco Fernandes, idem.
 Vasco da Silveira, idem.
 Vicente Dias, idem.
 Vicente Sodré, afogado.
 O chamado Villão da fortaleza de Dio, morto em combate.

Todos os nomes da referida lista são dos principaes individuos que pude saber, além de outros que se não nomeiam, e de muitos dos somenos que faltam, sendo certo que a posse da India custou aos portuguezes muito dispendio e muito sangue, para estarmos agora, com relação a ella e a Africa, nas circumstancias mesquinhas e precarias que todos sabem!

Só de uma vez morreram, desapareceram, ou extraviaram-se, mais de quatrocentas pessoas de tres grandes naus lusitanas que se sumiram, indo de Goa para Batalá, sem nunca se saber como isso foi, e que iam buscar mantimentos e outras coisas no valor de mais de duzentos mil cruzados, como disse n'outro logar. D'outra vez cem homens portuguezes que saltaram em Zeyla foram mortos todos, e de uns e outros não encontrei os nomes, assim como de

¹ Pelo menos encontrei dois ou tres de cada um dos nomes Antonio de Sá, Antonio Caldeira, Manuel de Sousa, Pedro Homem, Pedro Cam, e Pedro d'Alfonseca. O terceiro nome vae repetido na lista, pelo facto de um ser morto em combate, em 1525, e o outro assassinado n'uma briga, nas proximidades de 1536.

² D'esse nome João Serrão encontrei pelo menos tres ou quatro, que me pareceram individuos diferentes. E ainda deparei com outras confusões de nomes, que não preciso especialisar.

muitos mais, a que os auctores apenas se referem por alto e indeterminadamente.

De Cochim voltou o governador Jorge Cabral para Goa a arranjar mais armada.

Constou que não vinham á India os rumes, como que, segundo tambem corria, no anno de 1550, em que se estava, egualmente não viriam á India as naus de viagem do reino; e o governador, vendo decorrido o mez de setembro sem que de Portugal viessem taes naus, saiu de Goa e foi guerreando com a sua armada pela costa do Malabar até Cochim.

Estava-se n'isto quando chegou a Coulão um catur com carta do vice-rei D. Affonso de Noronha (pois assim se achava nomeado, e tinha ali aportado, indo governar a India), o qual mandava dizer a Jorge Cabral que suspendesse, e não fizesse mais nada em quanto elle não fosse.

A declinação da India portugueza, ao que parece, ia-se já então começando a manifestar, por diferentes symptomas, para o que concorriam varias nomeações inconvenientes para cargos importantes na mesma India, e a indifferença e até ás vezes as perseguições com que eram tratados em Lisboa distinctos homens honestos e carregados de bons serviços que de lá regressavam.

Nada resiste á acção corrosiva e dissolvente de tão perniciosos procedimentos, quando por infelicidade se desenvolvem n'uma nação; e então para a sua queda ou abatimento é isso mais que sufficiente, sem que se precise fallar n'outros agentes ou causas, muito mais se para se citarem uns suppostos motivos tiverem de se calar ou occultar aquelles procedimentos.

Procurei fazer ver, com a possivel exactidão, quaes foram os melhores vice-reis e governadores. Entre os outros ha um a quem Gaspar Corrêa faz uma accusação mais grave. Faz Gaspar Corrêa datar do tempo do governador Lopo Soares de Albergaria (ou Alvarenga) o começo de grandes irregularidades na antiga India portugueza, expressando-se

pela seguinte fórma, já atraz declarada: «... *que no seu tempo começarão alguns homens portuguezes a usar males e roubos, deixando que os mouros fizessem o mesmo aos portuguezes, no que nom acudia, dizendo que cada hum vysse o que lhe comprya*», etc.

E como os maus exemplos são contagiosos é facil imaginar o que d'ahi se seguiria, ficando d'esse fermento as consequencias e d'essas originando-se e repetindo-se outros males. O caso é que, como um ponto negro, se marca essa data nefasta, e se aponta, envolto em grave responsabilidade, o principal culpado.

Viu-se juntamente quaes foram, em escala inferior, outros portuguezes que melhor se comportaram na India em todo o decurso do tempo a que me refiro, d'estes tendo havido homens para muito se lhes tivesse sorrido a fortuna, e se os azares da guerra e uma morte precoce não houvessem feito desaparecer alguns de entre os vivos; como mostrei tambem quaes uns forasteiros que partilharam dos seus trabalhos.

O que se faz com a menção d'aquelle comportamento de Lopo Soares de Albergaria, e d'outras más conductas semelhantes, é realçar o merito dos portuguezes, que pelo caminho da honra e da gloria se distinguiram, e que tiveram de arcar com todas as especies de perigos e difficuldades.

No entanto as ruins nomeações que já havia para cargos importantes na India, outros desacertos e desgovernos sobrevenientes, e sobre tudo a ingratição exercida em Lisboa contra benemeritos chegados de lá, dando-se muitas vezes protecção e premio a outros que só mereciam castigo, foram, como creio, as causas mais efficientes e fataes da decadencia da nossa India, sem desconhecer a gravidade do proceder fanatico e barbaro da chamada Santa Inquisição n'aquellas paragens, a que allude um dos modernos auctores que li, e a desfavoravel impressão que isso devia produzir em muita gente da India que ou por esse motivo se

nos tornasse desafeiçoada ou que se retirasse d'essas terras, indo-se entre os assustados ou perseguidos avultado numero d'elles ricos, de que se fizesse sentir mais a ausencia.

Bem se vê que eu alludo aos motivos primordiaes, porque depois pela dominação dos reis Filippes de Hespanha em Portugal, e pela guerra movida por inglezes e hollandezes, com esse pretexto apoderando-se de uma boa parte das colonias portuguezas, que nunca mais nos entregaram, como já tive occasião de observar, foi-se acarretando a nossa maior ruina, verificando-se não só a possa decadencia na Asia mas na Africa e na America, dando-se o facto tristemente estranho e insolito de, mostrando quererem hostilizar os hespanhoes, sermos nós por fim os mais hostilizados e prejudicados, despojando-nos de grande parte do muito que tinhamos por todas aquellas paragens!!!

A um auctor estrangeiro contemporaneo, aliás copioso e instructivo, a que já me referi,¹ e a quem não tardarei a tornar a referir-me, por causa d'uma questão da Australia, e o qual tem á sua disposição valiosos elementos dos archivos de uma das principaes nações, pedirei licença para lembrar-lhe que aquelle gravissimo facto precedente por mim ponderado, só de per si, e independente de outros dos mais especiaes e analogos que por aqui deixo mencionados, de certo contribuiu não pouco para a decadencia e enfraquecimento do poder colonial de Portugal, e, por obvia consequencia, para o enfraquecimento e decadencia d'este mesmo paiz, no que teve a maior culpa a sua nação, apesar de se dizer nossa antiga e fiel alliada!

A historia imparcial parece-me que deve registrar estas differentes especies de responsabilidades ou factos inteiramente conformes com a verdade, distribuindo cada uma de suas partes a quem tocar...

¹ Major.

Vamos agora ver, no seguinte e ultimo capitulo d'este meu trabalho, de que maneira conclue Gaspar Corrêa a sua extensa e magnifica obra das *Lendas da India*, para eu concluir tambem com o remate a que estou proximo a chegar.

REINADO DE D. JOÃO III

D. Affonso de Noronha, vice-rei e 17.º governador da India

Anno de 1550

E a respectiva *Lenda?*.....

.....

Gaspar Corrêa lamenta, a final, que não se castigassem os maus que da India voltavam para Portugal, antes alguns ficassem triumphantes levando muito dinheiro, ao mesmo passo que se fazia pouco ou nenhum caso dos que regressavam pobres, ainda que tivessem feito grandes serviços, (recordam-se os meus leitores do que succedeu ao grão Pacheco, a Luiz de Camões, ao não menos infeliz Fernão de Magalhães, e a outros?) dizendo o mesmo Gaspar Corrêa ter perdido a vontade de escrever mais sobre as coisas da India, e ficou em aquelle ponto de Jorge Cabral, não chegando a escrever a lenda do vice-rei D. Affonso de Noronha, da qual nem abriu o titulo, que se vê acima, apaixonado, como mostrava estar «*poço pouquo ou nenhum caso que se fazia de alguns pobres mas honrados, e com bons seruiços, que chegauão da India*».

Sempre pois o eterno queixume sobre a injustiça e a ingravidão dos homens, que vem a ser, quanto a mim, a

maior pecha, ou a chaga mais sangrenta do corpo social. . . Mas por isso ha de se curvar a cabeça de esmorecimento, não se ha de fazer nada?

É d'um grande genio estrangeiro do seculo xviii o seguinte dito:

«Como é bello fazer ingratos!»

Profundo como é este dito, aparentemente simples e singelo, e pensando bem, não nos proporcionará isso ao mesmo tempo uma verdadeira consolação?

«Fazer ingratos» presuppõe acções generosas mal retribuidas; e agradável será sempre a recordação d'essas acções a quem as praticasse. Outro tanto não poderá dizer o desagradecido. . . Oh! sim, como é eminentemente justo e consolador aquelle dito!

Temos outra bella formula, que é «Fazer o bem pelo bem». Cessam então as accusações e fica mais tranquillo o espirito do bemfeitor, em toda e qualquer contingencia.

Inglezes e francezes, principalmente os primeiros, não nos têm tratado como deviam, no que respeita ás nossas possessões ultramarinas. Dos nossos visinhos hespanhoes não fallo agora nem dos hollandezes.

Se fosse vivo Gaspar Corrêa, que diria actualmente vendo uns e outros a disputarem-nos o passo na Asia e na Africa, e até o regulo ou sultão de Zanzibar, (que gosa da protecção dos inglezes) lançar mão ou pretender apossar-se de terrenos que nos pertencem no districto de Cabo Delgado, dependencia de Moçambique, e prestar-se a outros manejos que nos possam vir a ser funestos, não obstante noticiar um jornal ter-se feito ultimamente um tratado de paz e amizade entre Portugal e aquelle regulo?

Que diria Gaspar Corrêa se visesse, vendo, como ha tempo vi em letra redonda, dar a questões de alta moralidade, entre nós, para as deprimir, a qualificação degradante de «questões menores»?!

Insinuando-se entre nós, ainda n'uma epoca que não vae

longe, em publicações jornalísticas, a conveniencia de vender-se alguma de nossas possessões ultramarinas, talvez Moçambique, allegando-se motivos especiosos; que se poderá dizer d'isto senão que em vez de realmente nos elevarmos e regenerarmos nos temos abatido e amesquinhado, indo sempre na decadencia?

Vem aqui a proposito um pequeno conto.

Um proprietario não amanhando as suas terras, ou amanhando-as mal só tira perda, por tanto as terras não prestam... (viva o sophisma!) Julga fazer negocio mesmo vendendo-as por vil preço... A quantia obtida gasta-se logo em ninharias e chimeras, e mais que fosse, e eil-o que fica sem dinheiro e sem terras... (viva o resultado!) quando deveria empregar todos os meios para tornar rendosas as suas terras, e no caso de roubo para não continuar a deixar-se roubar.

Deve ser esta a fiel historia de algumas colonias.

Veremos se com o ensaio de que anteriormente fallei, quanto á Zambezia, a impulso do governo portuguez, de exploração e colonisação por meio de companhias, virá a começar, sem maior demora, uma epoca mais feliz, despertando do lethargo o espirito publico; disse sem maior demora, por me lembrar da que já vae havendo na organisação d'aquella esperançosa companhia a que me tinha referido, para a exploração de grandes riquezas da Zambezia, e sua colonisação.

Mas quando ia a entrever-se um melhor futuro ao nosso presidio na bahia de Lourenço Marques, com o riquissimo territorio confinante, eis que se nos levantam difficuldades da banda das possessões inglezas do Cabo da Boa Esperança, com quanto pareça já irem em via de algum arranjo, tendo por objectivo uma questão com a tribu dos «boers», questão que ora amortece ora renasce.

D'isto e de desintelligencias dos inglezes com os «zulus» resente-se o nosso Inhambane, que tem communicações

com aquelle presidio; Inhambane! que um moderno auctor¹ diz estar rodeado de nada menos de trinta e tres regulos negros, todos sujeitos ao dominio portuguez, e leio no mesmo auctor «que os valles, montes, rios, tudo, emfim, é riquissimo n'esse districto.» Oxalá que se conserve a harmonia com aquelles regulos... É certo que terminou a guerra dos inglezes com os zulus, mas não ha que fiar, e tanto os zulus como os boers se mostram desgostosos dos inglezes e dispostos para se evadirem á sua influencia.

Quilimane e o porto intermedio de Sofala valem muito. Tete é considerado cabeça superior de districto.

Áquelles districtos accrescem Zumbo e Sena, e Cabo Delgado, ao norte de Moçambique, com as suas ilhas de Querimba, amplo archipelago, composto de mais de vinte e oito ilhas, sendo Ibo a principal, constituindo o chamado districto de Cabo Delgado. São habitadas Ibo, Anize, que é a maior, Arimba, Querimba, e Malemne. Algumas das outras já foram habitadas e tem agua e bons terrenos, faltando sómente braços que as desbravem e amanhem... isto correndo a emigração de Portugal para paizes estrangeiros... Coisas difíceis de perceber!

E a um lado ficam filhos de Albion, (os inglezes do Cabo da Boa Esperança) e a outro temos um protegido neto de Agar... (o mouro sultão de Zanzibar) ou estamos como entre Scylla e Charybdes!

Deus o faça pelo melhor.

Isto succede n'estas partes; por outro lado promovemos os inglezes outras complicações, para a banda da nossa cobiçada Goa.

Com os francezes temos ainda, creio eu, a questão do rio Casamanza, junto do qual parece que elles se estabeleceram ha uns poucos de annos, com prejuizo do nosso

¹ D. José de Lacerda no seu livro de exame das viagens do dr. Livingstone.

presidio de Zeguichor, dependente do governo de Cacheu, em Guiné, e talvez do nosso direito. Deixo este assumpto, de resolução duvidosa. Acresce presentemente aquelle golpe de mão que já aponte sobre Loango e Ponta Negra no Zaire, de que se apossou o official da marinha franceza Brazza, ou de que anda tratando de se apossar, e de mais alguma coisa. De Stanley já se sabe tambem o que elle por lá anda fazendo pelo interior do sertão.

Sempre direi que os embaraços se accumulam. Por outro lado as desintelligencias dos inglezes com os zulus e os boers devem impressionar-nos. Já alguém disse que os zulus eram os montenegrinos da Africa do sul, e os boers não são menos guerreiros. Ao resultado d'essas desintelligencias não podemos ser indifferentes. Consta e diz-se que os inglezes têm já navegação a vapor no Lago Nyassa e estabelecida uma colonia na parte oriental em terreno nosso.

Isto em Africa vae estando cada vez mais complicado, e não sei quaes nos devem dar por isso mais cuidado, se as nossas possessões de Moçambique ou as da bahia de Lourenço Marques, havendo agora mais a referida questão do Zaire.

Uma participação dizia que os inglezes dividiram a Zululandia em tres districtos, cada um com a sua feitoria commercial, etc. Tiveram pois a fortuna de dominar essa revolta na Africa, vencendo tambem a do Afghanistan na Asia... O que resta?... dar graças aos deuses tutelares por essa grande felicidade! mas parece que continuam annuviados os ares.

Consignei em seu logar a noticia do regresso do nosso explorador Serpa Pinto do interior da Africa. Em dezembro de 1879 veiu tambem communicação de terem chegado a Loanda de uma semelhante exploração Capello e Ivens, que de Lisboa tinham saído com aquelle, e depois se separaram. Sendo todos tres distinctos officiaes do exercito e

marinha é de esperar que os respectivos trabalhos aproveitem ao paiz, servindo os seus esclarecimentos de valioso subsidio para a sciencia.

Bom, é que isto fique notado; e como então lhes dirigiria parabens, agora lhes deixo aqui esta cordeal lembrança.

Definem-se do seguinte modo os limites da India propriamente dita, a que os naturaes chamam «Indostão».

Contém todo o espaço comprehendido entre o Indo e o Ganges, rios que saindo dos montes Imaus e correndo de norte a sul se lançam no mar indiano; mas o nome de Indostão dá-se geralmente a toda a península áquem do Ganges e se divide em varios reinos ou estados.

No tempo das descobertas e conquistas dos lusitanos os maiores reis da India eram o de Cambaya, o de Calecut, o de Dhely (ou rei mogor), o do Décan, e o de Narsinga, a quem muitos outros obedeciam e pagavam tributo.

Offereço um exemplo de grandeza e recursos fallando d'aquelle ultimo rei.

No seu dilatado reino podia dispor o rei de Narsinga, além de numerosissima infantaria, de cem mil cavallos, e quatro mil elefantes, levando estes em cima castellos de madeira contendo cada um até oito homens.

Volvendo ao que antes ia ponderando, digo que lamentava Gaspar Corrêa algumas injustiças do governo portuguez do seu tempo; e quanto ao poema dos *Lusiadas* de Luiz de Camões com que cotejei a obra das *Lendas* de Gaspar Corrêa, como ahi se chega explicitamente só até ao governo de D. João de Castro inclusivé, e implicitamente, ou em traços geraes, é que se allude a outros factos e a outros individuos, póde dizer-se que ambos os auctores chegaram nas suas apreciações, de um modo positivo e formal, até ao governo de D. João de Castro inclusivé, sendo quasi nullas ou de pouca valia na obra de Gaspar Corrêa as duas ultimas lendas de Garcia de Sá e Jorge Cabral, a respeito d'este porque não tardou ém ser sub-

stituido pelo vice-rei D. Affonso de Noronha, e d'aquelle porque a morte o arrebatou pouco depois da sua elevação a governador da India, como vimos.

Quero dizer com isto, que havia por tanto entre o poema de Luiz de Camões e a obra das *Lendas* de Gaspar Corrêa os mesmos termos de comparação de que me servi, ainda que á primeira vista pareça terem alguma differença.

Devo observar que persuadindo-me ter sufficientemente notado, aplanado, ou explicado algumas desigualdades que encontrei, duas ou tres me embarçaram mais, tendo de passar por ellas para poder chegar, como creio que cheguei, ao resultado a que me tinha proposto.

Resalvei pois umas variantes, nem podia deixar de o fazer, e com effeito as maiores desigualdades foram 1.^a sobre as viagens de Bartholomeu, e Pedro Dias, e João, ou Lopo, ou Pedro Infante (que de todos estes modos se referem a elles varios auctores), de exploração ao Cabo da Boa Esperança, no que parecem divergir um tanto Luiz de Camões e Gaspar Corrêa, se é que por fim não divergem; 2.^a sobre a desharmonia da epoca em que o rei de Cambaya e senhor de Dio, o sultão Badur, deu licença aos portuguezes para se erguer fortaleza na cidade de Dio, ou ácerca da pessoa a quem essa permissão foi dada, havendo n'isto, ou parecendo haver, differença entre esses dois auctores, como mostrei; e 3.^a sobre a circumstancia da passagem do Cabo da Boa Esperança por Vasco da Gama e os seus companheiros, dando por ella esses nossos navegantes, na primeira viagem, só depois de o terem passado sem o verem, como tambem notei n'outra parte, apesar de outra coisa se deprehender do poema dos *Lusíadas* e de outros auctores; e ácerca d'esses casos deixo exposto o que diz Gaspar Corrêa para todos poderem ajutzar, sentindo ter achado essas differenças historicas, porém não estava na minha mão fazel-as deixar de existir.

Com relação a João Infante e a Bartholomeu Dias, per-

sisto no que disse, a despeito das contrariedades, no sentido de que por el-rei D. João II foi encarregado João Infante de descobrir o Cabo da Boa Esperança, fazendo para esse fim uma viagem com quatro caravelas, regressando a pedir navios maiores, e não tendo realisado a segunda viagem por fallecer na occasião em que estava mais empenhado em dirigir a construcção d'esses maiores navios, conforme o seu plano e a sua vontade, por expressa auctorisação do mesmo D. João II, pelo que foi depois Bartholomeu Dias a essa descoberta, no que siga a Gaspar Corrêa.

Faço ainda a seguinte citação extraída do poema dos *Lusiadas*:

«Aquelle ilheu deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio Cabo; e, descoberto,
N'aquelle ilheu fez seu limite certo.»

Bem vejo que se falla em armada, «primeira» mas primeira com referencia á de Vasco da Gama, segundo penso. E alludiu-se só ao ilheu e ao cabo, quando outros auctores ampliam fallando juntamente de um rio, na margem do qual o primeiro a saltar parece que não foi João, mas Pedro¹ ou Lopo Infante, por já a este tempo ter fallecido João Infante. Em todo o caso diz-se que foi então descoberto por Bartholomeu Dias o Cabo da Boa Esperança.

Mais duas palavras indispensaveis a seu respeito e ácerca do piloto Pedro de Alemquer.

Faz-se este ser muito eximio, e não soube determinar a que distancia estava o Cabo ou confundiu-se, quando por isso lhe perguntou Vasco da Gama, achando-se n'uma enseada áquem d'elle. Era tão bom marítimo, e mostrou ou fingiu ter medo, querendo voltar para traz. Por ultimo era

¹ Pedro, conforme refere Carlos Caldeira n'um dos livros da sua *Viagem á China*.

tão leal que fomentava sedições a bordo contra o seu superior chefe, o capitão mór Vasco da Gama, pelo que foi mandado metter a ferros no porão do seu navio!... Que predicados recommendaveis e sympathicos eram pois os d'esse piloto, que até parece não ter visto o Cabo da Boa Esperança da primeira vez em que foi com Bartholomeu Dias, desculpando-se «por ter passado muito ao largo á ida e de noite á vinda?»

Lembrando-me ter-se decidido «de seu moto proprio» el-rei D. Manuel a nomear para chefe da expedição á descoberta da India Vasco da Gama, sem deixar-se impor d'essa vez por ninguem a nomeação, e combinando isto com os obstaculos experimentados pelos amigos de Bartholomeu Dias, que não poderam fazel-o admittir e collocar a seu gosto n'aquella expedição, dar-se-ha o caso que Pedro de Alemquer fosse um preparado instrumento occulto para fazer abortar a indicada expedição, por inveja, ou para se satisfazer a vingança de alguém?

Ainda ninguem se lembrou talvez de pensar em tal, e muito menos de o dizer; mas pelo que deixo exposto levantam-se-me suspeitas, e em todo o caso não tenho agora de que o elogiar.

Peço desculpa; talvez que eu esteja redondamente enganado, comtudo a origem das minhas suspeitas está no que li n'alguns auctores.

Não insisto mais n'isto, e se parecerem excessivas ou mal cabidas as reflexões que acabo de fazer, auctorisso mesmo a considerarem-nas retiradas.

Sobre umas referidas particularidades ainda repetirei o que dizem alguns auctores: «Que á ida Bartholomeu Dias, por causa do desvio e afastamento a que o levou um temporal, não avistou o Cabo, e que no regresso passou de noite e com mau tempo.» Em taes circumstancias confesso que não comprehendo como ficasse por elle feito e verificado o descobrimento do Cabo, e por aquelle enunciado

até muito legitimamente se pôde ficar em duvida se com effeito o chegou a descobrir e avistar.

Sendo, como dizem, a sua ida e vinda, então, pelo menos, fraco ensejo teria para poder «embevecer-se e extasiar-se perante o magnifico espectáculo da primeira visão d'esse famigerado e famoso Cabo»...

É muito bonito o que diz um d'esses escriptores a que me refiro;¹ mas eis aqui o que faz e o que produz a contradicção ou a pouca naturalidade de algumas noticias; e d'esta fórma digo sinceramente não me poder associar áquelle seu enthusiasmo.

Declaro, finalmente, que tenho a João Infante (ou do Infante) pelo primeiro vulto destinado pelo grande D. João II para ir descobrir e transpor o Cabo da Boa Esperança, seguindo ao descobrimento da India; e que veiu talvez a morrer victima dos enredos e dos manejos que o cercavam na agitada côrte de Lisboa, para não chegar a ir á India.

Por ser difficil e melindroso este ponto, emitto só uma supposição, sendo até onde pôde penetrar sobre este objecto o meu exame, em procura da verdade, confessando ainda que tropecei e encontrei muitas mais durezas do que esperava achar, ao consultar o que dizem alguns auctores.

Quem teve a amisade e a predilecção de um rei, com o innegavel merecimento de uma intelligencia não vulgar, e de uma vontade firme, como era D. João II, quem mereceu tal distincção, e este foi João Infante, como nos diz Gaspar Corrêa, tem com isso o seu melhor elogio feito.

Tenho ouvido fallar muito de Bartholomeu Dias e nada ou quasi nada de João Infante; sou porém d'aquella opinião, quaesquer que sejam as sombras em que ainda pareça estar envolto este facto.

Ao mais que disse de João Infante vou accrescentar o que se segue, e que me parece interessante, sendo-me ob-

¹ Pinheiro Chagas.

sequiosamente fornecida parte d'esta informação por um nobre descendente d'aquelle; e vão marcadas as respectivas passagens.

«João Infante descendia de Nuno Tristão, cavalleiro da casa do celebre infante D. Henrique.»

Muito se lhe deve como fundador de uma escola geographica e de um estabelecimento de construcções navaes em Sagres no Algarve, e assim como promotor das descobertas, começando pelas de Africa, etc. Aquella povoação de Sagres era chamada a Villa do Infante (D. Henrique), d'onde este expedia os seus navios aos descobrimentos, e n'ella foi fundado o primeiro observatorio de Portugal.

«O dito Nuno Tristão, indo em serviço do infante D. Henrique por differentes vezes aos descobrimentos, passando além do Cabo Bojador, e de sessenta leguas de Cabo Verde, foi morto no anno de 1446 n'uma embuscada no Rio Grande, que lhe serviu de sepultura, e d'elle ficou sendo nomeado Rio de Tristão.»

Está provado que esta familia tinha a protecção do inclyto infante D. Henrique e que era uma raça de aventureiros audazes, havendo-os d'esses *«que estiverão nas tomadas de Tanger e de Arzilla; verificando-se tambem que em João Infante o appellido era sobrenome ou alcunha que lhe pozerão, por ter sido creado e educado em casa do infante D. Henrique.»*

É por tanto, ou deve ser o seu verdadeiro nome João Tristão, em vista do antigo appellido dos de sua familia, e é este mesmo denominado João Infante que eu ousou pôr em frente de Bartholomeu Dias, a quem todavia alguns têm dirigido exclusivas e estremadas finezas!

Os preciosos esclarecimentos que tive presentes ácerca da familia Infante, extraídos de um documento genealogico d'aquella familia, assim m'o indicam, e a opinião de que «a mesma familia Infante provém de «Galiza» e é talvez aparentada com a casa de Lopes, tendo o mesmo escudo de ar-

mas, conforme deixei indicado n'outra parte, não vae contra o que refere Gaspar Corrêa, o qual dá origem estrangeira a João Infante, aliás João Tristão, ou João Tristão Lopes, segundo o que fica dito, reconhecendo-lhe notaveis merecimentos.

Fallando d'um individuo de tal proveniencia, e desejando deixar aquilatado um facto de certo valor, foi o meu intento apreciar só em si o homem, quanto possível, e de um modo justo e imparcial, sem nenhum outro fim reservado.

Agora quanto ao seu esclarecido protector, o infante D. Henrique, e ao pae d'este, é tão honroso para o nosso paiz o que leio a seu respeito em nota de uma obra historica¹ que o vou reproduzir aqui por extenso.

Primeiro direi que o infante D. Henrique era o 3.^o filho de D. João I, que deu a seus filhos boa educação, cuidando em ministrar-lhes conhecimentos solidos e uteis.

O mais é como se segue :

«Este infante (D. Henrique) não só foi um dos maiores homens do seu tempo em Portugal, mas um dos mais excellentes que se tem visto em todas as nações, e em todas as edades. E posto que isto é muito dizer em seu louvor, todavia não exaggeramos nada, nem affirmamos cousa que não seja mui somenos de seus merecimentos. E seja qual fôr a differença que ha entre o estado da Europa agora (o auctor escrevia em 1802) e o em que se achava nos tempos de D. Henrique é indisputavel que todas as vantagens procedidas do descobrimento da maior parte da Africa e da India oriental e occidental, e todas as que d'ellas se derivarem até ao fim dos seculos, se devem ao genio e diligencias d'este principe, a não as querermos attribuir em parte a el-rei D. João, seu pae, que vendo a propensão que elle tinha para a mathematica lhe deu na

¹ *Historia de Portugal*, por uma sociedade, e annotada por Antonio de Moraes Silva.

mocidade bons mestres, e depois foi accrescentando nas rendas do infante, com que elle pôde aproveitar-se dos seus conhecimentos.»

E continúa «... que elle não só foi o primeiro descobridor de novas terras por seus enviados, mas inspirou o gosto dos descobrimentos, com que depois se fizeram grandes coisas. O infante tinha as idéas mais exactas da esphera, e mostrou a utilidade da longitude e latitude na navegação, e o meio de as achar com o soccorro das observações astronomicas. Sabia, além d'isso, muito bem a architectura naval, e conhecia perfeitamente quantos fructos resultariam do augmento da navegação, das fundações das colonias, e dos progressos do commercio exterior.

E tão bem soube inspirar os seus sentimentos nos animos dos seus discipulos que nenhuns esforços da ignorancia é superstição bastaram a apagal-os, e a patria foi a primeira que recolheu os fructos dos seus talentos.»

Vejam mais, agora extraido de outra parte,¹ e como homem de acção e de bravura.

«Elle, seus irmãos D. Duarte e D. Pedro, e seu pae indo em pessoa á tomada de Ceuta, em 1415, ali se cobrem de gloria.

O mesmo infante D. Henrique, e seu irmão D. João, foram depois com grande soccorro a essa praça, combatendo de novo, para se poder conservar, descercando-a dos inimigos mouros.

Aquelle accommettimento a Ceuta foi intentado para lá se armarem cavalleiros os infantes, filhos de D. João I, conforme tinham entre si combinado.»

Mas prosigo n'outro assumpto.

Custa e nem sempre se consegue pôr bem a claro alguns pontos, como quanto ás viagens dos appellidados Infantes (João e Lopo, ou Pedro) descendentes de Nuno Tris-

¹ *Factos memoraveis da Historia de Portugal por outro anonymo portuguez.*

tão; ácerca do rei de Benim; e mesmo pelo que respeita a Bartholomeu Dias, apesar do que eu disse, e do que já se viu que ponderou um nosso escriptor contemporaneo com referencia a Pedro de Alemquer, companheiro d'aquelle ultimo, na qualidade de piloto; causando tambem transtorno e deficiencia a falta, que observei, da menção de Bartholomeu Dias, como descobridor, no primeiro livro por copia das *Lendas da India* de Gaspar Corrèa, além de mais difficuldades a outros respeitos.

Os livros e outros escriptos das coisas antigas da India que tenho lido, andam contradictorios e difficeis de entender claramente em alguns logares, não sei se estando assim algumas vezes por malicia, mas seguramente por descuido ou defeito inherente á especie humana. É muito para lamentar que desaparecesse o primeiro livro original da obra das *Lendas da India* de Gaspar Corrèa, não se devendo esquecer a grande auctoridade d'este escriptor, sendo o mais antigo dos que escreveram sobre os successos da mesma India, e tendo os mais predicados que se sabem. Pela copia encontrada d'esse livro ninguem poderá asseverar como ao certo estivesse no original toda a passagem relativa á descoberta do Cabo da Boa Esperança, com que se podesse esclarecer o assumpto, e tirar alguma duvida, e essa mesma copia foi achada n'uma loja de confeitiro, á Ribeira Velha, em Lisboa, onde, em virtude da compra que d'ella se fez para a Torre do Tombo, escapou provavelmente de servir para embrulhar generos!

Foi logo n'aquelle ponto que falhou a copia... foi logo o respectivo primeiro livro original que desapareceu... e julga-se que para sempre, por se terem esgotado as diligencias para o achar... Que teria o livro? E não póde admittir-se que se deixasse de fallar n'elle no nome de Bartholomeu Dias, sendo este o descobridor, como se diz que foi!

Mysterio, ou miseria... Dóe a revelação de tão grandes

desacatos e de outros graves factos, um dos quaes foi a desappareição, em que tambem fallei, das cartas em folha de oiro de vários potentados orientaes com quem os lusitanos trataram, porém não devia calar nem dissimular esses acontecimentos.

Dizia eu que custa tirar luz de algumas passagens confusas de auctores ácerca da India, e apurar alguma coisa aproveitavel, e é uma verdade.

Vejo que um auctor estrangeiro contemporaneo,¹ aliás de merecimento, a que me reportei não ha muito, vacilla e hesita, fallando da Australia, e a sua ultima opinião ainda me parece problematica.

1.º Dava os portuguezes descobrindo a Australia pelo anno de 1531, pouco depois de consummada a viagem de Fernão de Magalhães (todavia não tão pouco depois, que não mediassem quasi doze annos entre essa viagem e aquelle anno).

2.º Parecia-lhe terem-na os mesmos descoberto entre os annos de 1511 a 1529, e «com certeza» antes do anno de 1542.

3.º Diz n'um appendice, que, por outra investigação, lhe parece que só resta a conclusão de que a Australia foi descoberta por francezes, e principalmente por homens da Provença, no anno de 1531, ou antes.

E desfaz o que tinha igualmente pensado e escripto, ácerca de ser o descobridor o portuguez Manuel Godinho Heredia em 1601, a quem chasqueia cruelmente, attribuindo-lhe ter representado não sei que farça.

Permitta-se-me que eu tambem arrisque umas rapidas considerações, e começarei por fazer o seguinte raciocinio.

Desde 1512, pouco mais ou menos, andavam os portuguezes pelo mar das ilhas Molucas, duas das quaes foram primeiro descobertas por Antonio de Abreu e Francisco

¹ Major.

Serrão. Navegavam de Malaca por Bandá e tratavam de encetar commercio com Bornéo pelo mais curto caminho, nos diz Gaspar Corrêa. Pela aproximação da ilha dos papúas deviam ter communicado cedo com ella, posteriormente áquelle anno de 1512, vindo a ser muito conhecidos do seu rei, tanto que quando mais tarde o capitão Antonio de Sousa Galvão propoz a paz a alguns dos reis das ilhas Molucas, em 1537, como já fiz ver, foi o rei dos papúas que lhes aconselhou a que a acceitassem, circumstancia que não só mostra a affeição e subida conta em que tinha os portuguezes, mas que já eram ali conhecidos e tratados de mais antiga epoca, explicando-se assim o motivo por que se quiz fazer medianoiro, e que o levou a entrar n'essa intimidade. Ora, a terra dos papúas (chamada tambem Nova Guiné) é ilha adjacente á Australia, na Oceania, sendo apenas separada da hoje denominada Nova Hollanda pelo estreito de Torres, dizendo-se que foi o navegador hespanhol Sávedra que primeiro descobriu essa ilha em 1527 e lhe deu aquelle nome, da qual descoberta duvido.

Só por esses dados se vê bem que se complica o facto do descobrimento da Australia, isto é, quanto á noticia de quaes foram os descobridores, havendo diversos concorrentes a apropriarem-se do mesmo facto, não fallando em hespanhoes.

Dir-se-ha: Se foram portuguezes, porque o não disseram logo?

O mesmo auctor estrangeiro contemporaneo encarregou-se de dar anticipadamente a resposta.

Lembrou que a politica d'aquelle tempo obrigava os portuguezes ao sigillo para não despertar mais ciumes nas nações, e eu aponto, entre outros, os factos de um tal hespanhol «Gonçalo Gomes d'Espinosa» dos poucos que escaparam de um navio de Hespanha, ser vigiado por motivo analogo e depois preso em Lisboa, e afinal com custo solto, a reclamação do governo de Hespanha, e um francez e um

hespanhol regressados da Abyssinia e mandados apresentar ao governo de Lisboa.

Ciumes tambem então, mas na razão inversa, pozeram em risco a vida do famoso Christovão Colombo, chegado a Lisboa da descoberta da America, por suggestões de cortezãos malevolos que o queriam perder, se a isso se não oppozesse honradamente D. João, II, deixando-o ir para Hespanha.

Mas o sigillo não era de tal natureza, que podesse privar o futuro do conhecimento de muitos successos transmittidos por livros e manuscriptos, e conservados pelos homens.

Mesmo as diligencias para a descoberta da «Ilha do Oiro» na Oceania, e costa do sul, fóra de Timor, em que fallei, e segundo leio n'um auctor,¹ vem fazer-me crer que os lusitanos sulcavam o mar do sul ou austral, em differentes direcções, para darem com a dita ilha, muito antes dos francezes o navegarem em 1534. O mandar-se officialmente em 1537 um navio portuguez a essa descoberta, como deixei dito mais atraz, não obsta a que já muito antes se tivesse procedido a taes pesquisas, infructuosas por quaesquer accidentes ou encobrimdo-se o seu resultado para afastar aventureiros do raro jazigo aurifero encerrado n'aquella ilha, posto que viesse a transpirar o curioso conto de uma pequena embarcação que de lá tinha vindo carregada de oiro (aliás minerio contendo esse metal) achado quasi á superficie, ao fazerem os tripulantes uma excavação em procura de agua de beber. Quem poderá acreditar que em similhantes diligencias alguns portuguezes, embora não acertassem ou não dessem logo com a ilha do Oiro, deixassem de descobrir a Australia, navegando por entre outras ilhas adjacentes e pelo mar do sul?

Realmente não é natural, e parece que ninguem o poderá crer.

¹ O primeiro citado anonymo portuguez.

Para ir pondo o mais que pude averiguar accrescento ter lido na obra de um nosso habil compilador contemporaneo¹ que de 1522 para 1523 se descobriram varias ilhas do vasto archipelago das Molucas (além das duas primeiramente descobertas por Antonio de Abreu e Francisco Serião) fallando da dos papúas, que ficava a leste d'aquellas; e como todos veem esses annos são não pouco anteriores ao de 1531, em que não consta que outros aventureiros por ali navegassem, anno aquelle de 1531 em que o outro auctor estrangeiro diz que foram francezes os que descobriram a Australia, é certo que prevenindo-se e acautelando-se com o—ou antes—mas não se sabe até onde isso faz recuar a data, e a essa clausula retroactiva, duvidosa, estou eu no meu direito em oppor a presumpção do facto das navegações dos portuguezes desde 1514 ou 1512 para além das ilhas Molucas e da ilha dos papúas, esta e algumas d'aquellas logo por elles de principio visitadas, e o mais conforme ha pouco disse ao dito respeito.

Observarei tambem que no tempo do governador Lopo Soares de Albergaria, de 1515 a 1518, havendo aquellas licenciosidades e larguezas em que em seu logar fallei para, como diz Gaspar Corrêa, «cada um andar ao ganho em embarcações qual mais podia», succedendo coisa semelhante durante o governo de D. Duarte de Menezes desde 1521 a 1524, é mais que provavel que já então d'entre esses nossos aventureiros algum ou alguns fossem á descoberta da ilha do Oiro, como negocio particular e reservado, está visto, ignorando-se talvez ou não tendo saido nunca a publico o resultado d'essas empresas.

Noto dizer-me o indicado escriptor compilador portuguez, fundado nos seus exames e investigações, que em 1525 andava o piloto lusitano Gomes de Sequeira n'uma caravela pelas ilhas Celébes do archipelago das Molucas, e que a

¹ Lobo de Bulhões, *Colonias portuguezas*.

trezentas leguas a leste tinha descoberto outra ilha, á qual se poz o seu nome.

Como este ousado navegante portuguez outros andariam em largas navegações e pesquisas então por outras d'essas paragens, e aqui deixo apontado esse exemplo.

Agrupando todos esses dados não pretendi deixar desde logo resolvida a questão, como outros a não resolveram ainda definitivamente, porém mostrar a grande probabilidade da mais antiga descoberta dos lusitanos, navegando em diversas direcções por aquellas paragens da Oceania, entretanto o mesmo alludido escriptor compilador refere na sua obra outras particularidades, dizendo positivamente: Que os portuguezes descobriram «em 1526» a terra que depois foi denominada «a Nova Hollanda» e sabe-se que esta fica situada na Oceania e é tida como propriamente da Australia, por onde outr'ora até possuímos o vasto archipelago das ilhas Solores e a grande ilha de Timor, aquellas e parte d'esta sendo actualmente dos hollandezes, restando-nos de tudo isso apenas cerca de metade da ilha de Timor. E aquelle escriptor, aliás serio e entendido, tambem diz ter sido no mesmo anno de 1526 que D. Jorge de Menezes, arrojado por um temporal, veiu surgir proximo á ilha dos papúas e communicou com os da terra, facto a que egualmente allude Gaspar Corrêa; e, sem mais esforço, ousou já lavar os seguintes itens, pela mesma ordem porque puz ao principio os das successivas diferentes opiniões do outro auctor estrangeiro contemporaneo, sobre tal assumpto, a saber:

1.º Que antes de 1531 teriam os portuguezes descoberto a Australia.

2.º Tambem de accordo quanto a parecer terem-n'a descoberto entre os annos de 1511 a 1529, e «com certeza» antes do anno de 1542.

3.º Com isso porém, e com o mais que expuz, ficaria prejudicada a opinião de que fosse feito o descobrimento

por francezes, e principalmente por homens da Provença no anno de 1531 «ou antes» (em termos vagos).

De accordo quanto a não poder ser reputado descobridor da Australia o portuguez Manuel Godinho Heredia, que se suppunha tel-o sido em 1601, sobretudo pelo motivo de parecer que outros portuguezes o tinham precedido n'essa descoberta, e não por algumas coisas que d'elle diz acrimoniosamente o indicado auctor estrangeiro.

E ainda se pôde tirar outra consequencia de valia, qual é de não ser o navegador hespanhol Sávedra o descobridor da ilha dos papúas, porque parece que lhe precedeu o capitão portuguez D. Jorge de Menezes, communicando com os d'essa ilha no dito anno de 1526, um anno antes d'aquelle outro navegador, onde Menezes foi ter com a sua embarcação, tanto que por muito tempo lhe chamámos «Ilha de D. Jorge» e por esse nome era conhecida, além da grande probabilidade, ou quasi certeza, de terem por ali andado muito antes outros portuguezes.

Se dei algum contingente util para a resolução da questão da descoberta da Australia, os mais que ajuizem d'elle e dos meus motivos, mas persuado-me que, auxiliado pelos auctores a que me referi, e pela analyse dos factos, mais alguma coisa pude avançar, sendo portuguezes e não francezes os descobridores da Australia, como penso.

Ainda uma pequena observação a este respeito.

O continente da Australia pertence á Oceania central, mais vulgarisado pelo nome de «Nova Hollanda» e o nome de Australia se estendia antigamente á Nova Guiné (a grande ilha dos papúas), á Nova Bretanha e a outras ilhas. Mesmo alguns geographos comprehenderam sob a denominação de Australia o continente e ilhas «de toda a Oceania». Esse continente, o mais pequeno de todos, não é ainda bem conhecido.

Até aos primeiros annos do seculo em que estamos tambem se chamou Australasia «a todas as ilhas do mar do

sul» que eram consideradas como adjuntas á Asia austral. Formando-se comtudo uma 3.^a parte do mundo comprehenderam-se n'ella todas essas innumeradas ilhas.

A Nova Guiné, a Nova Bretanha e outras ilhas, formam hoje a Melanesia, parte da Oceania habitada por indigenas da raça negra. Ha mais por ali os dois grandes grupos de terras que se denominam Malasia e Polynesia, de gente de côr baça, etc.

Ou seja pois como Australasia ou como Australia é certo que cedo foram descobertas e visitadas pelos portuguezes varias das suas ilhas, chegando juntamente ao que se chama Nova Hollanda (*Australia*) no anno de 1526, como deixei dito, se não foi antes.

Na Oceania são presentemente os hollandezes os possuidores das ilhas Java, Sumatra, Molucas, e de parte de Bornéo, assim como das Celébes e do archipelago de Sumbava — Timor.

Tinha-me compromettido sómente á confrontação das *Lendas da India* com o poema dos *Lusiadas*, não obstante ter-se-ha observado que mais algumas obras consultei e li de varios auctores, pelo que vou dizendo que na *Ulysséa*, de Gabriel Pereira de Castro, primeiro outro livro que abri e poema épico como o de Camões, e em que egualmente se trata das nossas colonias, se encontra da mesma fórma que nas *Lendas da India* ter sido o governador Nuno da Cunha quem erguen a fortaleza de Dio, e sobre tal objecto, ou ácerca da licença para isso se effectuar, não falla em Martim Affonso de Sousa e nem sequer a elle allude, e já se viu quando tratei d'este, como governador, qual o procedimento a que recorreu, sendo ainda capitão mór do mar ou da armada da India, e que daria motivo á opinião contraria, pelo que se me afigura estar descoberta e explicada a razão d'isso. E n'este logar direi que tambem consultei algumas passagens da *Historia* de Fernão Lopes de Castanheda, por signal que nem sempre acordes, como succedeu com a no-

ticia do combate de D. Vasco da Gama com os mouros na costa de Cananor na volta da sua segunda viagem á India, dando Castanheda menos embarcações inimigas do que as referidas por Gaspar Corrêa, tendo aliás sido uma refrega temivel, e omittindo alguns pormenores.

Naquelle mesmo poema *Ulysséa* não se faz a minima allusão á pessoa de Bartholomeu Dias, o que me admira.

Considero ser de algum melindre esse e outros casos, como o de Martim Affonso de Sousa e os dos outros por mim nomeados que tiveram na India um comportamento irregular, mas, repito, n'este meu trabalho só procurei achar a verdade, ou pelo menos aproximar-me d'ella, expondo os prós e os contras sem encobrir uns á custa de outros, tanto quanto pude descortinal-os. Não fiz mais do que tirar dos factos as consequencias n'algumas reflexões que apresento, segundo a minha humilde intelligencia e o que me suggeriu a leitura de alguns livros e manuscripts. Os obstaculos e os compromettimentos são, como se usa dizer, os ossos do officio, e sobre alguns casos vendo que falhava a sciencia, e restando-me a duvida, tive de lançar mão das conjecturas.

Sabe-se que tenho a Gaspar Corrêa por um auctor verdadeiro, sendo ao mesmo tempo muito noticioso, para o que houve circumstancias excepçionaes em que a principio fallei, que o favoreceram.

Outros brilhem com a sublimidade e o fulgor de altas concepções e pelas fôrmas bellas de um estylo fascinador e inebriante, que tanto captiva! Conceda-se-lhe porém aquellas qualidades, reconhecendo-se pertencerem a um homem bom e serio, cujo nome para ser estimado e tido em consideração basta que nos recorde o apreciavel legado da sua obra das *Lendas da India Portuguesa*. Quanto a mim, sem abdicar o meu raciocinio nem desistir do meu criterio, já confessei logo no principio a minha modesta aspiração a ser util a uns mais novos e menos experientes do que eu,

apesar do pouco que posso valer; e se é possível sirva-me isto a um tempo de desculpa e de alguma recommendação.

A proposito, e como documento ponderoso de sisudeza e de probidade litteraria, não terminarei sem transcrever do final de um prologo da obra de Gaspar Corrêa as seguintes tocantes palavras... «*A só Deos me encomendo me queyra ajudar... e da sua santa misericordia alcance meus dias acabar em seu santo seruiço... e esta obra na inteyra verdade, sem algum defeyto de mynha consciencia escrever e acabar, porque se dos mortos algũa má falsidade se escreuesse, seria grande encargo meu, e acusação ante o Senhor Deos.*»

Ao fallecido meu amigo Felner tambem causaram impressão essas palavras solemnes do honrado Gaspar Corrêa, como se vê da *Noticia preliminar*, e d'esta arte succederá a outros, por quanto é a probidade e a religião dando-se as mãos, e affirmando-se assim n'uma união respeitavel e sympathica.

Sabe-se que antes de 1620 já tinha sido recordado o nome de Gaspar Corrêa pelo chronista mór Francisco de Andrade e por fr. Luiz de Sousa, este invocando-lhe a auctoridade com relação a successos do Oriente, e aquelle quanto a dever-lhe obrigações, servindo-lhe de subsidio varios esclarecimentos das suas *Lendas da India* para escrever a chronica de D. João III, como declara. Não sei se se irá fazendo silencio sobre a obra de Gaspar Corrêa, por alguma d'aquellas fatalidades de que nem sempre se pôde dar a explicação, o que sei é que me sobram desejos de, não obstante a minha insufficiencia, contribuir pelo meu lado um pouco para não cair o seu nome em esquecimento, abonando á mocidade honesta e curiosa, como sendo sã e interessante, a indicada obra das *Lendas da India*.

Pelo que toca a Luiz de Camões direi que ninguém respeita nem admira mais do que eu as obras do illustre vate, comtudo todos sabem que na poesia ha licenças e liberda-

des, não de certo para tudo, mas é que as ha, e que uns se aproveitam d'ellas mais do que outros; e quanto ao que parece inferir-se do poema dos *Lusiadas* sobre a passagem do Cabo da Boa Esperança por Vasco da Gama e os seus companheiros, na primeira viagem, se isso foi uma liberdade, licença, ou figura empregada pelo grande Luiz de Camões, fingindo divisar-se o Cabo, que Gaspar Corrêa diz que não foi visto d'essa vez pelos nossos navegantes, e outros dizem que o foi, feliz expediente aquelle! que concorreu para o sublime quadro, admirado de nacionaes e de estrangeiros, da subita apparição do «ingente gigante Adamastor», comprehendendo, como é notorio, um bocadinho de bonita mythologia antiga e o soberbo monologo do Adamastor, dirigido arrogante e fatidicamente, com tanta mestria de Camões, aos celebres argonautas portuguezes.

Disse e expuz o resultado da confrontação e exame a que procedi pelo que respeita aos principaes e mais curiosos successos das navegações, descobertas e conquistas, de que tenho tratado, dando ao mesmo tempo uma segunida noticia das armadas expedidas do reino para a India até certa epoca. Resumi muito os assumptos dos meus apontamentos. Contento ficarei, se ao menos este meu *Resumo historico* aproveitar a alguns dos mancebos a quem mais particularmente o dirijo. Se não acertei em todas as minhas apreciações não foi por mal, nem por falta de bons desejos; e ahí fica exarado o que consta dos dois auctores comparados, Gaspar Corrêa e Luiz de Camões, e de mais alguns, e o que de boa fé a tal respeito me occorreu dizer.

Apesar da actual decadencia vae germinando entre nós uma idéa fecunda. Pensam alguns no poderoso auxilio para a rehabilitação da patria (no que toca aos seus haveres e ás suas abatidas finanças) pela melhor administração das nossas colonias e possessões ultramarinas, ainda de grandissimo valor. Será assim? Aproveitará a idéa? Oxalá que se resolva felizmente o problema!

CONCLUSÕES FINAES

Abstraindo das divergencias ou duvidas que encontrei, persuado-me ter chegado ao ponto de poder concluir-se da mais exposiçãõ:

1.º Uma razoavel conformidade, salvas poucas excepções, dos dois referidos auctores comparados, Gaspar Corrêa e Luiz de Camões, comprovando-se assim, quanto possivel, um pelo outro.

2.º A grandeza, a utilidade, o vastissimo alcance das descobertas e conquistas dos lusitanos no Oriente, quer pelo lado religioso quer pelo profano.

3.º A actividade e valentia, o ardor civico, o immenso patriotismo e amor da gloria de muitos d'aquelles antigos portuguezes, apesar de todos os obstaculos, perigos e trabalhos, varões esses que bem serviram a patria, enriquecendo e illustrando o mundo com as suas ditas descobertas, pelo que, e não obstante quaesquer vicissitudes, nunca a sua fama será extincta, e a historia fiel sempre a transmittirá aos vindouros na proporção devida aos seus merecimentos.

APPENDICE

Explicação e uns traços biographicos

Viu-se que, como documento importante, introduzi na minha obra o teor de uma carta do marquez, depois duque d'Avila e de Bolama.¹ De governador civil a parlamentar e a ministro de estado pela primeira vez, que elle foi, não mediou muito tempo, em attenção aos seus dotes e qualidades.

Por uma força de attracção inexplicavel, de sympathia, de magnetismo, ou como melhor se deva dizer, fitei-o logo com predilecção desde que me appareceu na scena politica em Lisboa, sem elle me conhecer. Algumas vezes que podia, n'aquella já um tanto afastada epoca, ia ouvir-lhe em côrtes o seu orar abundante, e por vezes veheamente e incisivo.

Cá por fóra, mais tarde, ao enconral-o a pé nas ruas, como andava quasi sempre, apesar da sua já avançada idade e de alguns incommodos de saude que soffria, gostava de ver-lhe o aprumo do seu vultó e o ar serio e meditativo, costumando trajar com simplicidade. Eu instinctivamente parava para o contemplar.

¹ Falleceu em 3 de maio de 1881.

Alludi ao seu apparecimento em Lisboa como politico, porque é natural e veiu da ilha do Fayal. Elle era para mim um astro fulgurante, e eu me suppunha um seu pequeno satellite, seguindo-o então fantasticamente. Era o meu homem, o meu ideal de ministro recto, probó e intelligente. Depois, estando elle ministro da fazenda (1849 para 1850), chama-me um dia, e faz-me partir com tanta pressa em commissão a um sorvedouro ou alfandega das sete casas, que veiu a ser incorporada na chamada alfandega de consummo, que nem me deixou recolher os papeis que tinha sobre a minha carteira... (commissão aquella que me ia custando a vida, a qual tive por um fio ao pé do hospital da marinha, n'uma noite memoravel). Era eu 1.º official do ministerio da fazenda. Memoravel foi tambem o que se passou com a dita commissão, movendo-se gente grada e influente, civil e militar, para acudir a uns compromettidos, e causando não pequeno alvoroço o acontecimento.

O duque não podia ter se esquecido de tudo isso, e se recordaria mais de uma vez das importunações dos protectores valiosos que se acotovellavam no seu gabinete e nos corredores do ministerio da fazenda n'aquelle tempo. O que semelhantemente se passava em particular commigo é facil calcular-se, e deixou-o reservado. Datam d'essa quadra para mim as fortes inimisades e os graves embarços.

Antonio José d'Avila, como então singelamente se denominava, distinguui-me, é verdade, com elogios publicos, e até me apresentou no seu gabinete a individuos taes como Rodrigo da Fonseca Magalhães, José da Silva Carvalho, D. Carlos Mascarenhas, D. José de Lacerda, e outros, repetindo-lhe a meu respeito palavras que chegavam a vexar-me; e n'outra occasião, pondo-me a mão no hombro, proferiu umas palavras de animação que nunca olvidarei. Estas ultimas foram antes do referido ataque que tive por um scelerado desconhecido, dizendo eu então, pouco mais ou menos «...que ia começar a ter o premio dos meus ser-

viços, e depois accrescentando, que, por motivos, dispensava as indagações da policia, ás quaes sempre me oppuz.»

É certo que nunca lhe pedi recompensa alguma, mas di-rei constantemente, que estando na calamitosa epoca da febre amarella em Lisboa (1857), em que me achava graduado chefe de repartição, servindo não só n'este logar de uma das repartições superiores do ministerio da fazenda, mas fazendo de director pela doença do proprietario, quanto ao ramo da despeza, elle muito espontaneamente me deu em mão o decreto da effectiva nomeação para o indicado logar de chefe de repartição, sem eu lhe pedir coisa alguma, nem ninguem ter intercedido por mim, acto que muito me penhorou e sempre honrará a sua memoria, desfazendo com firmeza e independencia notaveis a opposição e as surdas machinações dos meus inimigos, o que outros seus proximos antecessores no ministerio, com quanto reputados boas pessoas, nunca fizeram, apesar das minhas representações e dos meus esclarecimentos, contentando-se com me conservarem na interinidade, isto é, exposto á perda de uns meus direitos, ou á contingencia de vir a ser suplantado por algum protegido e pretendente ao dito logar...

A vida publica para alguns tem d'estes contrastes e inconvenientes!

Mas aprazendo-me pantentear o que ia dizendo d'aquella excellente acção para comigo praticada, como já o tenho manifestado gostosamente outras vezes, sinto de ter de referir ao mesmo tempo, que havendo tomado a presidencia do ministerio, e valendo ahi tudo, nada então me fez para uma reparação que precisava e lhe pedi com instancia, por envolver um ponto de honra, deixando-me debaixo do stygma illegal e injustissimo que me lançou o ministerio Fontes pelo seu orgão e membro Serpa, e não obstante dizer-me na sua carta: «...Em todo o caso, esteja certo de que farei o que puder para o obsequiar, porque sou, etc.»

Imagino as pêquices e inexactidões que alguns individuos

lhe dissessem ao ouvido, segundo já em outra epoca lhe faziam, e lamento se acaso o illudiram, como n'outro tempo o enganaram dois, um que morreu, do ministerio da fazenda, e outro que vive, e foi ultimamente aposentado pelo ministerio das obras publicas.

Depois de quarenta e seis annos de arduos serviços no ministerio da fazenda, e em varias commissões difficeis, dentro e fóra de Lisboa, o que chegou a confessar publicamente n'um folheto um visconde e habil jurisconsulto que á ultima hora se tornou meu contrario, e que tambem já falleceu, triumphou até ao presente uma conhecida cabala, e sou desconsiderado n'um documento pelo ex-ministro da fazenda Serpa, assim como desconsideração foi a aposentação que se me deu, em momento e circumstancias inadmissiveis, para livrar um intruso que se me antepôz, e incompetente a todos os respeitos, com quem tive um conflicto.

Fizeram-me d'essa vez, quanto ao provimento do logar de director, em que já estava graduado e tinha servido em diversas occasiões, como me tinham querido fazer com referencia ao logar de chefe, seguindo-se a isto o mais procedimento irregular e indecoroso que disse. Ainda assim se pratica á vista de todos em Portugal n'este allumiado seculo, e quando se blasona «de se fundarem templos á virtude e cavarem masmorras ao vicio», e tendo eu esclarecido a questão sobejamente em alguns folhetos consecutivos, documentados, que publiquei, e a que não se pôde replicar nem responder uma só palavra! Hypocritas!

Primeiro o ataque aos haveres e ao pundonor de cada um, e depois d'esta perseguição a perseguição secca, fria, acintosa, incessante, do desdem e do silencio, predilecto expediente penitenciario de requintada perfidia n'esta quadra de umas certas esbanjadoras instituições penitenciarias, etc. Para outros ha então o sabido «elogio mutuo» com todas as suas facéis e agradaveis consequencias. Hypocritas tres vezes!...

Assim falseaes e estropeaes os nomes e as coisas; vêde mais... Em vez da corôa de galardão que eu julgava merecer, que sem duvida merecia, no fim da minha longa carreira publica, pelo meu regular comportamento e pelos meus serviços feitos ao paiz, serviços até declarados «relevantes» em plena sessão de côrtes por um distincto deputado, roubam-me sem pejo nos meus legitimôs interesses, intentando além d'isso, mas debaldê, vilmente manchar o meu antigo bom nome!...

Em muitas pessoas que me conhecem não soffreu a menor quebra a confiança que em mim depositavam; comtudo sempre e em toda occasião procurarei mostrar que não desmereci nem desmereço o seu favor.

Dou portanto aqui esta minha explicação necessaria e suplementar, relevando-se-me dos termos em que a apresento, e concluo, sobre objecto que me diz respeito, não me alargando como podia alargar com uma especie de pormenores para não tomar aqui demasiado espaço, mas que se poderão ver mencionados nos sobreditos meus folhetos publicados, tributando agora juntamente a devida homenagem publica á honradez e a outras qualidades apreciaveis d'aquelle homem de estado de que ia fallando, predicados esses que sempre lhe reconheci, ao qual lealmente ajudei, e com quem tratei muito de perto por diferentes vezes, a proposito da execução de commissões e de outros serviços importantes.

É morto, finalmente! e é quando mais me apraz elogial-o; accrescentando que se vivesse não deixaria de, n'uma oportunidade que elle tinha em vista, se desempenhar da palavra que me deu de desaggravar-me publicamente do que me fizeram; mas por fim (consideravel dadiva providencial!) persuado-me ainda valer mais do que aquella promettida reparação uma outra carta que alguns mezes antes do seu fallecimento me enviou por um proprio, que emmoldurada conservo com particular consideração, e que

d'este modo transmittirei aos meus descendentes, com uma especial recommendação testamentaria, tal é a importancia que attribuo a esse documento.

D'este gozo não me podem privar os meus adversarios, «que todavia dizem respeitar a virtude e escarmentar o vício», segundo as ostentosas palavras por mim já citadas, ou de qualquer outra proveniencia.

Descance porém em paz o despojo mortal do digno duque d'Avila e de Bolama! Esse meu propicio astro, como figuradamente lhe chamei, infelizmente apagou-se, sumiu-se! mas durará a memoria de Antonio José d'Avila. . . Quem tratou da reivindicacão da valiosa ilha de Bolama, já em poder dos inglezes, como elle a tratou, e como costumava tratar todos os negocios de estado em que se interessava, o que faria, se vivesse, na grave questão pendente relativa ao Zaire? Mas está defuncto! Tambem eu morri para as funcões da minha antiga vida publica, declarando por esta occasião que esse modo de vida não teve para mim encantos, e que em vez de sympathia e de saudade sómente me deixou por ultimo agras recordações.



Indice

	PAG.
Advertencia e convite.....	5
Introdução.....	11
Pedro da Covilhã e Gonçalo de Pavia, e João Infante.....	17
Armada de Vasco da Gama.....	29
Armada de Pedro Alvares Cabral.....	31
Armada de João da Nova.....	61
Armada de Vasco da Gama, na sua segunda viagem.....	65
Armada dos Albuquerque.....	75
Armada de Lopo Soares d'Albergaria.....	85
Vice-rei D. Francisco d'Almeida, com armada.....	91
Armada de Pedro de Anhaya.....	97
Armada de Tristão da Cunha.....	105
Armada sem capitão mór.....	119
Armada de Jorge d'Aguiar.....	125
Governador Affonso d'Albuquerque.....	133
Armada de Gonçalo de Sequeira.....	141
Armada de D. Garcia de Noronha.....	148
Armada de D. Jorge de Mello Pereira.....	157
Armada de João de Sousa Lima.....	165
Armada de Christovão de Brito.....	167
Governador Lopo Soares d'Albergaria, com armada.....	173
Armada de João da Silveira.....	177
Armada de Antonio de Saldanha.....	185
Governador Diogo Lopes de Sequeira, com armada.....	191
Armada sem capitão mór.....	195
Armada sem capitão mór.....	207
Governador D. Duarte de Menezes, com armada.....	219

	PAG.
Armada sem capitão môr.....	223
Armada de Diogo da Silveira.....	235
Vice-rei D. Vasco da Gama, com a sua terceira armada....	243
Governador D. Henrique de Menezes.....	249
Armada de Philippe de Castro.....	257
Governador Pedro Mascarenhas.....	263
Armada sem capitão môr.....	277
Armada de Manuel de Lacerda.....	281
Governador Lopo Vaz de Sampaio.....	283
Governador Nuno da Cunha, com armada.....	291
Armada de Diogo da Silveira.....	295
Armada sem capitão môr.....	305
Armada sem capitão môr.....	315
Armada sem capitão môr.....	319
Armada sem capitão môr.....	321
Armada de Martim Affonso de Sousa.....	325
Armada de Fernão Peres de Andrade.....	335
Armada de Jorge Cabral.....	341
Armada sem capitão môr.....	349
Vice-rei D. Garcia de Noronha, com armada.....	353
Armada de Pedro Lopes de Sousa.....	359
Governador D. Estevão da Gama.....	363
Armada de Francisco de Sousa Tavares.....	365
Armada sem capitão môr.....	377
Governador Martim Affonso de Sousa, com armada.....	379
Armada sem capitão môr.....	381
Armada de Diogo da Silveira.....	391
Armada de Fernão Peres de Andrade.....	397
Governador D. João de Castro, com armada.....	405
Armada de Lourenço Pires de Tavora.....	413
Armada sem capitão môr.....	425
Governador Garcia de Sá.....	429
Armada sem capitão môr.....	431
Governador Jorge Cabral.....	435
Armada sem capitão môr.....	437
Vice-rei D. Affonso de Noronha, com armada.....	449
Conclusões finaes.....	473
Appendice. Explicações e uns traços biographicos.....	475



ERRATAS

- Pag. 82 Está zonida, em vez de zonido.
- » 227 » da grande parte, em vez de grande parte.
- » 257 » utro auctor, em vez de outro auctor.
- » 276 » injura, em vez de injuria.
- » 299 » para poder, em vez de para o poder.
- » 354 » com que se diz, em vez de com quem se diz.
- » 399 » destingo, em vez de distingo.



RÓ
MU
LO



CENTRO DE FÍSICA VVA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1329725133

